

SÓNIA FIGUEIRA JARDIM

**PRÁTICAS DE ANIMAÇÃO DO LIVRO E DA
BIBLIOTECA NUMA PERSPETIVA
DE COOPERAÇÃO ENTRE BIBLIOTECAS
ESCOLARES E MUNICIPAIS**

Orientadora: Professora Doutora Gisélia Felício

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

ECATI-Departamento de Ciências da Comunicação

Lisboa

2013

SÓNIA FIGUEIRA JARDIM

**PRÁTICAS DE ANIMAÇÃO DO LIVRO E DA
BIBLIOTECA NUMA PERSPETIVA
DE COOPERAÇÃO ENTRE BIBLIOTECAS
ESCOLARES E MUNICIPAIS**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Documentais no Curso de Mestrado em Ciências Documentais, Variante Bibliotecas e Centros de Documentação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Gisélia Felício

Co-Orientadora: Mestre e Professora Especialista Ana da Silva

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

ECATI-Departamento de Ciências da Comunicação

Lisboa

2013

EPÍGRAFE

O desejo de transformar a biblioteca em local de vida, de recriar uma casa coletiva. Essa vontade se afirma através de uma inquietação por originalidade, que suscitou, a partir de fórmulas tradicionais, práticas inovadoras, que respondem a este duplo objetivo; familiarizar e motivar.

PARMEGIANI, 1985, p.19

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Rodrigo por ser a pessoa que mais amo
Aos meus pais, pela construção de valores adquiridos ao longo da minha vida
Aos meus 4 irmãos, por nós querermos tanto
Ao meu companheiro, pelos momentos de incentivo, dedicação, apoio e compreensão
Aos meus avós, estrelas brilhantes do céu
À Ana da Silva que soube despertar em mim o gosto pela procura, na certeza de que haverá
sempre novos e aliciantes caminhos a percorrer
À Mónica Santos pela amizade e pelo apoio incondicional
A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho
Por tudo isto, este trabalho também é vosso

AGRADECIMENTOS

Ao Álvaro e à Maria de Fátima, minha mãe e meu pai, por estarem sempre comigo
Ao Rodrigo, meu filho, por ser a minha vida
Ao Filipe, meu companheiro, pelo sorriso, apoio incondicional, respeito, dedicação e amor
À Eliza, minha irmã mais velha, por ser a minha melhor companheira
Ao Guilherme, meu sobrinho, por ser o meu herói
Ao meu irmão David, pelo orgulho, força e bonança de ventos calmos
À Jéssica, por ser minha irmãzinha
Ao Edmundo, meu irmão mais novo, por ser sempre o meu pequenino já grande
À Dona Marta e ao Senhor Carlos, pelo seu carinho e cuidado
À minha prima Sónia, por ser forte e me transmitir sempre a sua força com conselhos práticos
À minha prima Janette, por espalhar tanta alegria
À Teresa e à Idália, pela sua amizade de sempre, carinho e gargalhadas
Ao Zé Abreu, à Mónica Santos e à Joana Costa, e outros amigos e amigas com quem posso sempre contar
À Lusofona, por me ter dado a possibilidade de me tornar bibliotecária e arquivista
À professora Ana da Silva, minha co-orientadora, por ser como é, por toda a sua exigência, apoio, orientação e pela força incondicional que representa em todas as pessoas que estão à sua volta e em mim
À professora Gisélia, minha orientadora, por acreditar que eu conseguiria à distância, desde a ilha da Madeira, o meu curso em ciências documentais
A todos os docentes do meu curso, pelo apoio e compreensão, com quem aprendi
À SREC e BPRM, por apoiar os meus estágios e acreditar no meu trabalho
À Isabel Medeiros, à Dina Figueira, à Mariela Brito e à Alexandra Marques, por prontamente colaborarem nas entrevistas e por dizerem que têm saudades minhas como profissional de animação de bibliotecas
A todas as pessoas do meu serviço, Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Santo António, pelo apoio na minha dissertação, pela amizade e estima
À Paula Flauzino, minha colega de turma, que sem me conhecer bem, disponibilizou desde o início, livros, apontamentos, fotocópias e explicações para a realização deste curso
A toda a minha turma de mestrado, pela amizade e camaradagem
A todas as pessoas da Lusófona e da Madeira, que mudaram a minha vida para melhor, com este projeto de espaços com livros, vida e pessoas animadas
Às pessoas da ESES que deixaram em mim o espírito da animação em cada ato de mim
E a todas as pessoas que passaram por mim ao longo da minha caminhada, deixando luz e inspiração
A todos e todas, OBRIGADA

RESUMO

Tem sido difícil alcançar posições consensuais na definição da importância do papel da animação sociocultural e do seu contributo para o desenvolvimento de toda uma comunidade, através das suas práticas e metodologias específicas.

A cooperação, entre bibliotecas escolares e municipais, tem sido pouco explorada, estudada e até valorizada. Os problemas de desenvolvimento de práticas de animação dentro destas bibliotecas é uma questão que merece toda a atenção em proveito do aumento da coadjuvação ativa entre estas instituições documentais, onde urge cada vez mais não só o trabalho de tratamento documental, mas também o trabalho para os utilizadores numa ótica de desenvolvimento de atividades e projetos de diversos tipos de animação, em contextos específicos onde estes espaços se inserem.

Este trabalho de investigação sobre práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais incide no estudo de caso de três bibliotecas escolares e uma biblioteca municipal, no Município de Câmara de Lobos, ilha da Madeira, local onde a mestrandia desempenhou, no passado, funções de animadora sociocultural como licenciada na área, tendo desenvolvido, através de metodologias e práticas de animação, competências sociais, culturais e educativas, nos espaços bibliotecários e seus respetivos utilizadores. Assim, com esta investigação, pretende-se apurar se existem práticas de cooperação desenvolvidas nas bibliotecas em estudo e qualificá-las; recolher informação pertinente relativa à investigação levada a cabo e obter opiniões sobre o papel dos profissionais de animação de bibliotecas; conhecer o impacto do trabalho desenvolvido pela investigadora no passado, nestes espaços de biblioteca.

A metodologia de investigação consistiu na realização de entrevistas orais semiestruturadas e na análise dos planos de atividades e relatórios anuais das bibliotecas de objeto de estudo.

As principais conclusões/resultados verificam-se no sentido amplo da cooperação entre bibliotecas municipais e escolares, baseadas basicamente, na existência das práticas de animação, deixando estas muito ainda por desenvolver e explorar nos espaços em estudo.

Palavras-chave: animação sociocultural, animação do livro e das bibliotecas, cooperação institucional.

ABSTRACT

It has been difficult to reach a consense in defining the importance of the library sociocultural community development role and its contribution to the development of an entire community, through specific practices and methodologies.

Cooperation between school and municipal libraries has been little explored, studied and even valued. The problems of developing sociocultural community work practices within these libraries is an issue that deserves attention in favor of active collaboration increase among these institutions, in which it urges to develop better use of this service, through activities and projects of various types of sociocultural work, taking into account the specific contexts where these libraries are located.

This research focuses on practices of sociocultural community development in a perspective of cooperation between school and municipal libraries, through the case study of three school libraries and the municipal library in the municipality of Câmara de Lobos, Madeira, a context where we developed community work in the past. The purpose of this study is to determine whether there are cooperation practices between those libraries and to qualify them; to collect relevant information to the research carried out and get librarian opinions on the role of professional community workers in libraries; to evaluate the impact of the work that we carried out in the past, as a community worker, in these particular library spaces.

The research methodology consisted of semi-structured oral interviews and analysis of the annual plans and reports of these libraries.

The main conclusions/results was found in the broad sense of cooperation between municipal and school libraries, based primarily on the existence of practices of animation, making these much yet to develop and explore the spaces under study.

Keywords: Sociocultural animation, animation books and libraries, institutional cooperation.

SIGLAS

AC – Animação Cultural

ASC – Animação Sociocultural

ASE – Animação Socioeducativa

ANASC - Associação Nacional de Animadores Socioculturais

BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

BE – Biblioteca Escolar

BM – Biblioteca Municipal

BP – Biblioteca Pública

CCECL – Centro Cívico do Estreito de Câmara de Lobos

CL – Câmara de Lobos

CMCL – Câmara Municipal de Câmara de Lobos

EB1/PE – Escola Básica do 1.ºCiclo e Pré-Escolar

ECL - Estreito de Câmara de Lobos

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

IQF – Instituto para a Qualidade na Formação

PB – Professor Bibliotecário

RAM – Região Autónoma da Madeira

SREC - Secretaria Regional de Educação e Cultura

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	- 14 -
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 17 -
1. Animação Sociocultural e Desenvolvimento Cultural, Educativo e Comunitário	- 18 -
1.1. Animação sociocultural (ASC)	- 18 -
1.2. Animação socioeducativa (ASE)	- 22 -
1.3. Animação cultural (AC)	- 24 -
2. Biblioteca Pública, Municipal e Escolares no Âmbito Social, meio Cultural e Lúdico	- 25 -
2.1. Bibliotecas	- 25 -
2.2. As Bibliotecas e o âmbito social	- 27 -
2.3. O Bibliotecário	- 28 -
2.4. Biblioteca pública (BP)	- 30 -
2.5. Biblioteca escolar (BE)	- 33 -
2.5.1. A Biblioteca escolar, meio cultural e lúdico	- 35 -
2.5.2. Professor bibliotecário (PB)	- 37 -
3. Cooperação Inter-bibliotecas (CI)	- 39 -
4. Animação de Bibliotecas	- 41 -
5. A Animação e as suas Práticas	- 43 -
6. O Animador	- 45 -
7. O 1.º Ciclo e a Animação Sociocultural	- 47 -
8. Ler - Método de aprendizagem	- 48 -
8.1. Animação do livro e da leitura	- 50 -
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	- 55 -
1. Metodologia	- 56 -
2. Paradigma e Método de Abordagem	- 61 -
3. Tipo de Estudo	- 63 -
4. Fases do Estudo	- 64 -
5. Sujeitos da Investigação	- 64 -
6. Opções Instrumentais na Recolha de Dados	- 64 -
7. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	- 65 -
8. Pesquisa Documental	- 66 -
9. Inquérito por Entrevista	- 67 -
10. Tratamento e Análise de Dados	- 70 -
11. Questão de Partida	- 71 -
12. Objetivos Gerais	- 71 -
13. Delimitação do Problema	- 72 -
	- 9 -

13.1. Justificação do problema	73 -
14. Limitações do Estudo	74 -
15. Procedimentos Formais e Éticos	75 -
16. Cronograma da Execução do Projeto Organizado em Tarefas x Meses	76 -
CAPÍTULO III – CARATERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS	80 -
1. Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos	81 -
1.1. O Espaço	81 -
1.2. História.....	82 -
1.3. Projetos.....	84 -
1.4. Serviços	85 -
2. EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos.....	86 -
3. EB1/PE da Vargem.....	87 -
4. EB1/PE da Marinheira	89 -
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS -	90 -
1. Análise das Entrevistas	92 -
1.1. Análise e discussão de resultados	94 -
CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS PLANOS/RELATÓRIOS	121 -
1. Análise Geral - Planos e Relatórios	122 -
1.1. Escola Básica do 1.º Ciclo do Estreito de Câmara de Lobos.....	123 -
1.2. Escola Básica do 1.º Ciclo da Vargem	129 -
1.3. Escola Básica do 1.º Ciclo da Marinheira	139 -
1.4. Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos.....	146 -
CONCLUSÕES	153
BIBLIOGRAFIA.....	160
APÊNDICES	i
Apêndice I – carta de autorização das entrevistas às escolas do 1.º Ciclo	ii
Apêndice II - carta de autorização para a realização de entrevistas à delegada escolar de CL	iii
Apêndice III - e-mail de autorização da realização das entrevistas à delegação escolar de CL	iv
Apêndice IV – autorização das entrevistas pela SREC - I	v
Apêndice V – autorização das entrevistas pela SREC - II	vi
Apêndice VI – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 do Estreito	vii
Apêndice VII - e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Marinheira	viii
Apêndice VIII – e-mail de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Marinheira	ix
Apêndice IX – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Vargem.....	x
Apêndice X – resposta de e-mail com autorização para a realização da entrevista na EB1 da Vargem ..	xi
Apêndice XI – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na BMCL.....	xii

Apêndice XII – pergunta e resposta de e-mail com pedido e autorização para a realização da entrevista na BMCL.....	xiii
Apêndice XIII - carta de apresentação da investigadora – introdução às entrevistas.....	xiv
Apêndice XIV - guião das entrevistas às EB1 da Marinheira/Estreito/Vargem	xvii
Apêndice XV – guião da entrevista BMCL	xxiii
Apêndice XVI - entrevista EB1 ECL	xxx
Apêndice XVII – entrevista à EB1 da Vargem	xliv
Apêndice XVIII - entrevista à EB1 da Marinheira	lviii
Apêndice IXX – entrevista à BMCL	lxvii
Apêndice XX entrevistas – tabela de descrição comparativa	lxxxv

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 1 O Bibliotecário e o Leitor	- 30 -
FIG. 2 Nova Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos	- 81 -
FIG. 3 Sala de Leitura Geral.....	- 81 -
FIG. 4 Primeira Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, na rua São João de Deus.....	- 82 -
FIG. 5 Segunda Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos na Casa da Cultura	- 83 -
FIG. 6 Biblioteca Municipal do Curral das Freiras	- 83 -
FIG. 7 Atual Biblioteca Municipal do Estreito de Câmara de Lobos (pólo)	- 84 -
FIG. 8 EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos.....	- 86 -
FIG. 9 Biblioteca Escolar da EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos.....	- 86 -
FIG. 10 EB1/PE da Vargem	- 87 -
FIG. 11 Biblioteca da EB1/PE da Vargem.....	- 87 -
FIG. 12 EB1/PE da Vargem	- 88 -
FIG. 13 EB1/PE da Marinheira	- 89 -

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 Animação Sociocultural.....	- 22 -
TABELA 2 Animação da Leitura e o Animador.....	- 52 -
TABELA 3 Cronograma de Tarefas x Meses.....	- 76 -
TABELA 4 Atividades da BE do Estreito – 1.º período	- 123 -
TABELA 5 Atividades da BE do Estreito – 2.º período	- 124 -
TABELA 6 Atividades da BE do Estreito – 3.º período	- 125 -
TABELA 7 Atividades da BE da Vargem – 1.º período	- 130 -
TABELA 8 Atividades da BE da Vargem – 2.º período	- 132 -
TABELA 9 Atividades da BE da Vargem – 3.º período	- 134 -
TABELA 10 Atividades de Animação.....	- 140 -
TABELA 11 Atividades Temporárias	- 148 -
TABELA 12 Atividades – Efemérides.....	- 150 -

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado assenta no estudo das práticas de animação do livro e da biblioteca, numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais, incidindo sobre três bibliotecas escolares do Município de Câmara de Lobos e a Biblioteca Municipal do mesmo município, local onde a mestrande desenvolveu entre 2005 e 2010, como animadora sociocultural, trabalho de animação de bibliotecas.

O estudo consistiu na análise de quatro casos específicos, através de entrevistas orais semi-estruturadas a três técnicas superiores de bibliotecas escolares e à diretora de uma biblioteca municipal, a fim de identificar, descrever e compreender as práticas de animação e estratégias de cooperação atuais destas bibliotecas. Complementou-se o estudo com a análise dos planos e relatórios anuais das referidas bibliotecas.

Optou-se por este projeto de investigação que nasceu da necessidade que a investigadora sentiu em aprofundar o conhecimento da realidade do local onde desenvolveu a sua atividade como profissional de animação, conhecer a repercussão do seu trabalho e refletir sobre a área da animação sociocultural em bibliotecas, âmbito que continua a desenvolver, mas noutro município da ilha (Funchal).

No parecer da investigadora, conforme a sua experiência no terreno há quase uma década, pela reflexão, tentativa de compreensão deste papel, busca de fontes, projetos e exemplos de trabalho em animação de bibliotecas e, também graças ao estudo/investigação de toda a informação disponível acerca da animação em bibliotecas, surge cada vez mais a urgência de espaços de biblioteca mais adequados a um público exigente, mais profissionais atendendo aos diversos públicos de várias faixas etárias, espaços de convivência mais atualizados, mais dinâmicos e apelativos, mais animados e alegres.

Esta dissertação poderá contribuir de forma significativa para o conhecimento desta área – a animação em bibliotecas, seja para profissionais da área específicos, outros profissionais envolvidos perifericamente, curiosos ou novos profissionais da área que possam advir, ou até, contribuir positivamente para esclarecer dúvidas acerca desta área ainda por explorar.

Definimos as seguintes perguntas de base para este estudo: existem práticas de animação do livro e da biblioteca, centradas numa perspetiva de e na vertente de cooperação entre as bibliotecas escolares e a biblioteca municipal em estudo?; O que distingue estes dois tipos de biblioteca?; Existem profissionais de animação nestes espaços?; Valorizam o papel

dos profissionais de animação? Os recursos físicos e humanos existentes serão os mais adequados às necessidades?

Os objetivos propostos nesta dissertação estão relacionados com a resolução do problema em estudo, que de uma forma geral, culmina na necessidade ou não de implementar práticas de animação nas bibliotecas e de cooperação entre elas.

As metodologias utilizadas foram: 1. A **pesquisa e análise documental** (documentos escritos e eletrónicos) para o enquadramento teórico e 2. A realização de **entrevistas semiestruturadas** a três bibliotecas escolares e à Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, mas com um grau de interação quase-diálogo, baseado num grande número de perguntas abertas, segundo uma ordenação rigorosa, focadas nos conhecimentos e opiniões das entrevistadas, de forma a poder proceder a uma análise qualitativa. Por fim, foram analisados também os **planos anuais** das bibliotecas e os **relatórios finais** das mesmas (cedidos pelas instituições em estudo).

A dissertação divide-se em seis capítulos. O **primeiro capítulo** corresponde ao enquadramento teórico, abordando-se temas como a animação sociocultural (ASC) e desenvolvimento cultural, educativo e comunitário; as bibliotecas públicas, municipais e escolares no âmbito social, meio cultural e lúdico; a cooperação entre bibliotecas; a animação de bibliotecas e suas práticas; o animador; o 1.º Ciclo de Educação Básica e a ASC; a leitura.

O **segundo capítulo** refere-se ao enquadramento metodológico, descrevendo-se o projeto de investigação a implementar, a problemática e questão de partida, bem como os objetivos e a metodologia, o paradigma, tipo e fases do estudo, as opções, técnicas e instrumentos de recolha de dados, as limitações das fases do estudo, procedimentos e cronograma de execução do projeto.

No **terceiro capítulo**, procede-se à caracterização do contexto em estudo, nomeadamente, as quatro instituições sobre as quais incidiu a pesquisa.

O **capítulo quarto** diz respeito à apresentação, análise e discussão das entrevistas realizadas nas bibliotecas em estudo. Considerando que esta pesquisa constitui um estudo de caso, os campos de investigação elegidos foram três Bibliotecas Escolares e a Biblioteca Municipal do Município de Câmara de Lobos. O universo conteve quatro técnicas superiores de biblioteca (4 mulheres).

Por fim, o **capítulo quinto** compreende a análise e discussão dos planos e relatórios de atividades das bibliotecas em estudo, cedidos pelas escolas.

No final, são apresentados os resultados da investigação de todo o trabalho, com a ajuda da análise de tabelas das entrevistas, relatórios e planificações anuais, serão apresentadas as conclusões deste trabalho.

Foi utilizada a norma portuguesa 405, no que respeita às referências bibliográficas e citações. Quanto à forma de apresentação segue as Normas para a Elaboração e Apresentação de Teses e Dissertações da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Animação Sociocultural e Desenvolvimento Cultural, Educativo e Comunitário

1.1. Animação sociocultural (ASC)

O conceito de Animação Sociocultural é um conceito que sobreveio nos anos sessenta, na Europa, e não é de toda tarefa fácil caracterizá-lo, pois não tem uma origem precisa, e têm sido desenvolvidas muitas definições, segundo a perspetiva adotada por cada autor.

Desde a década de 70, foram apresentadas várias propostas de estatutos profissionais da animação sociocultural, sem que nenhuma tenha ainda sido reconhecida oficialmente. Em 1999, em Coimbra, o Estatuto dos Animadores Socioculturais foi aprovado em assembleia-geral pela Associação Nacional de Animadores Socioculturais (ANASC), mas foi apresentada nova proposta pela Associação para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural (APDASC), no V Congresso de Animação Sociocultural, em 2010, depois de mais de uma década de trabalhos.

Durante todo este período surgiram mudanças profundas a nível da formação, do mercado de trabalho, emprego e sobre a carreira dos animadores. A nível do ensino superior, público universitário, público politécnico e privado, são quase 20 instituições que lecionam cursos de ASC. Ao nível do ensino secundário e profissional (equivalência ao 12.º ano) são mais de uma centena, os estabelecimentos que oferecem cursos na área. Assim, todos os anos são inseridos animadores no mercado de trabalho, com diferentes níveis de formação e competência, principalmente em Autarquias, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), Misericórdias e Instituições de Ensino. Um mercado de trabalho que oferece ainda emprego de forma muito indefinida. Porém, Portugal é o país que mais animadores forma. (COSTA, 2010, p.9-12)

Segundo o CET (cursos de especialização tecnológica), existem em a nível superior, em Portugal, cerca de 13 cursos em animação homologados. (GGES, 2013)

Ana da Silva defende, que a formação de animadores socioculturais em Portugal envolve a formação destes numa perspetiva histórica do desenvolvimento de diferentes tipos de ensino de nível secundário, pós-secundário e ensino superior, desde o surgimento da animação e da criação de formação em animação e animadores em Portugal. O início da animação em Portugal, que se manifestou através de uma intervenção voluntária, com

preocupações humanitárias, tem gradualmente conduzido ao surgimento de uma consciência da necessidade de formação especializada e profissionalização em animação. Diplomas emitidos em estudos que abrangem agora diferentes níveis e correntes do sistema nacional de qualificações em Portugal, necessária em vários níveis de ensino.

1. Formação Profissional (Nível 4, Nível Secundário);
2. Formação em Especialização Tecnológica (Nível 5, o nível de pós-secundária, não superior);
3. Formação Superior, 1.º Ciclo (Nível 6, secundário 3 + anos);
4. Formação Superior, 2.º Ciclo (Nível 7, Master);
5. Outros Formação (vários níveis). (SILVA, 2013, p. 13-14)

Herdeira dos movimentos de educação popular do séc. XIX (GILLET, 2005), a ASC, segundo Ander-Egg (2001, p. 27-31), surgiu nos anos 60, nalguns países industrializados e urbanizados da Europa, especialmente em França, desenvolvendo-se em formas de intervenção social, tendo em conta i) a necessidade de resolução de vários problemas decorrentes das mudanças sociais que se foram acentuando depois dos anos 50; ii) a necessidade de desenvolver a formação permanente e de corrigir e atenuar brechas a nível cultural de diversos grupos sociais. As novas preocupações centraram-se em encontrar métodos de ação educativa, cultural e social, que ajudassem a reequilibrar o fosso cultural entre diferentes setores sociais.

O grande desenvolvimento da tecnologia comunicacional, acentuando-se mais fortemente nos anos 80, fez com que se desenvolvessem também as indústrias culturais e a animação institucionalizada, realizada por profissionais, surgindo assim os primeiros programas de animação. Em Portugal, segundo Silva, foram sobretudo o FAOJ (Fundo de Apoio às Organizações Juvenis), com a sua Divisão de Formação Técnica e Animação, e a APAC (Associação Portuguesa de Animadores Culturais) que, no final dos anos 70, princípio dos anos 80, começaram a desenvolver os primeiros programas de formação para animadores, nomeadamente a trabalhar nas casas da cultura (2005: 12-14), e apenas cerca de uma década depois surgiram as preocupações com a formação académica superior de animadores socioculturais. (SILVA, 2005, p.14-15)

Besnard, em 1980, deu uma primeira definição de ASC como um conjunto de práticas, atividades e relações - integradoras dos interesses de pessoas e grupos e suas necessidades de formação e ação -, de carácter voluntário e associativo, aberto (idade, sexo,

origem, profissão), e que não visam a obtenção de um grau, mas são enquadradas institucionalmente e desenvolvidas com o apoio do animador (BESNARD, 1980, p.21-22)

As práticas desenvolvidas pela ASC direcionaram-se num âmbito integrador das práticas educativas, sendo um dos seus principais objetivos criar âmbitos de encontro e relação que permitam formar um tecido social, onde se facilitem as relações interpessoais e a comunicação. Importa ainda referir que se acentuou também a preocupação de desenvolver, nos tempos livres, o crescimento de pessoas e grupos na comunidade, surgindo assim a ASC como forma de intervenção social mais alargada, com estratégias de ação sociopedagógicas que tentam assegurar: i) a transformação do tempo livre, em que as pessoas são meras espectadoras e consumidoras, numa cultura em que elas se tornam participantes ativas em tudo o que concerne as suas vidas pessoais e sociais; ii) a participação e autorrealização pessoal e a formação de valores culturais e sociais.

O conceito de ASC surge como sendo o processo que dirige a organização das pessoas para realizar projetos e iniciativas desde a cultura, para o desenvolvimento social. Completando-se este processo com 4 finalidades fundamentais: 1. a cultura; 2. a organização das pessoas; 3. os projetos fundamentais; 4. o desenvolvimento social. (CEMBRANOS, 2003, p.12)

Dentro dos conteúdos da ASC, a animação e o animador são “agentes de desenvolvimento, de indivíduos, de grupos e de comunidades”, no âmbito da intervenção num dado território, procurando diagnosticar problemas e encontrando soluções, “promovendo, assim, a mudança, entendida como melhoria das condições de vida das pessoas”. (PALMA, 2001, p. 21)

Segundo Peres, a ASC deve ser adotada como um estratagema cultural e educativo de libertação individual e coletiva, ajustada num conjunto de práticas de investigação social, participação e ação comprometida:

“Um processo fundamentalmente centrado na pedagogia da proximidade e na promoção da participação consciente e crítica de pessoas e grupos na vida sócio-política e cultural em que estão inseridos, criando espaços de ação e comunicação interpessoal e comunitária. Uma cultura colaborativa e participada, ou seja, uma vivência colectiva, plasmada na co-responsabilidade de todos.” (PERES, 2007, p.17)

Já Ander-Egg afirma que quando:

“La animación sociocultural es un conjunto de técnicas sociales que, basadas en una pedagogía participativa, tiene por finalidad promover prácticas y actividades voluntarias que con la participación activa de la gente, se desarrollan en el seno de un grupo o comunidad determinada, y se manifiestan en los diferentes ámbitos de las actividades socioculturales que procuran el desarrollo de la calidad de vida.” (ANDER-EGG, 2001, p.100)

Quintana refere que a ASC responde a uma reação frente ao carácter inaceitável de uma cultura cuja produção e transmissão estão reservadas a uma minoria privilegiada intelectualmente e/ou economicamente, e a um projeto que possibilita às pessoas a sua intervenção direta numa cultura própria, onde estas podem e devem participar na criação e integração do seu desenvolvimento geral (apud ANDER-EGG, 2001, p.26). Bento acrescenta que a ASC usa um método de ação eficaz, que garante um desenvolvimento sociocultural local e regional mais rentabilizado, se for assegurado por uma ação e conteúdo que privilegiem novas dinâmicas de participação e inovação. (BENTO, 2003, p.121).

A perspetiva de Cembranos vai também neste sentido, uma vez que a ASC é o processo de organização das pessoas para realizar projetos e iniciativas, desde a cultura ao progresso social, dentro de quatro âmbitos de atuação: a cultura, a organização das pessoas, os projetos/iniciativas e o desenvolvimento social (BENTO, 2003, p.13-14). Quintas refere alguns dos âmbitos profissionais da ASC, tais como o âmbito comunitário, rural, juvenil, sanitário, hospitalar, da terceira idade, turístico, comercial, educativo, entre outros (QUINTAS, 1995, p.16-19).

Segundo Silva, surgiram outras definições de ASC, nomeadamente como praxis, na linha de pensamento de Gillet, ou seja “uma determinada maneira de estar (ser) nesse agir por parte do animador, ou seja, uma inteligência estratégica das situações sociais”, podendo tornar-se numa praxeologia, ou seja, uma “ciência social e cultural na interface da teoria e da prática”. É para o desenvolvimento desta praxeologia que contribuem, de alguma forma, investigações como as que se apresenta aqui. (SILVA, 2005, p.11)

“Diversos autores, embora usando uma terminologia diferente, consideram que existem três grandes modalidades da ASC: socioeducativa, cultural e comunitária.” (TRILLA, 2004, p.84-85). É precisamente as modalidades de ASC da intervenção da mestranda na dissertação que apresenta.

José Pereira (2011, p.115), apresenta a seguinte tabela sobre a ASC:

TABELA 1 Animação Sociocultural

Animação Sociocultural	
Conceito	Metodologia da intervenção, de carácter intencional e propositivo, que promove a participação, o desenvolvimento de valores sociais e culturais, orientada para a promoção individual e à transformação comunitária.
Objeto	Estimulação, participação e dinamização de indivíduos e grupos no decorrer da vida.
Método	Métodos e técnicas participativas.
Âmbito	Todas as formas de participação do indivíduo na construção do seu próprio futuro e da comunidade.

Ainda segundo José Pereira, a ASC é um conceito polissémico e multifacetado, diverso nas suas designações e empiricamente diverso no que concerne às suas práticas e ostentações. ASC “enquanto uma estratégia, uma metodologia, um modelo de intervenção”, diferencia-se de outras atuações sociais, culturais e educativas, outros tipos de intervenção, mais pelo modo e atitude como é feita, assim, pelos processos e metas que utiliza do que especificamente pelos conteúdos e objetivos que pretende conseguir. (PEREIRA, 2011, p.150)

Já Mario Viché, e a título de conclusão, podemos afirmar que a ASC:

“es una corriente socioeducativa contemporánea que se ha desarrollado durante el siglo XX. Una corriente que tiene como objetivo la transformación social en la búsqueda de un desarrollo humano solidario y sostenible a través de la educación permanente, la autonomía de los individuos, la cultura libre y la participación en la toma de decisión y la gestión de las comunidades humanas. Una corriente que tiene sus antecedentes en el siglo XIX pero que se desarrolla en el XX. Una corriente educativa que basa su acción en la puesta en funcionamiento de proyectos y equipamientos colectivos no institucionalizados y que se desarrolla a través de una metodología dialógica, interativa y participativa.” (VICHÉ, 2012, p.12)

1.2. Animação socioeducativa (ASE)

Segundo Marcelino Lopes, “Na educação formal, a estratégia da Animação Sociocultural é operar como um meio para motivar, complementar, articular saberes e

potenciar aprendizagens envolventes. A educação não formal corresponde à esfera de actuação da ASC, entendida como um conjunto de práticas que se realizam fora do espaço escolar, portanto, associada à ideia de uma educação em sentido permanentemente e atinente com o ciclo da vida da pessoa.”. (LOPES, 2006:395)

O termo educação designa todo o ato ou ação intencional, sistemática e metódica que o educador realiza sobre o educando para apoiar o progresso das qualidades morais, intelectuais ou físicas que toda a pessoa possui em estado potencial. (ANDER-EGG, 1999, p.31)

Com efeito, numa perspetiva mais generalista, o ser humano distingue-se dos outros animais pela cultura que foi e é capaz de criar, sendo a criação um ato de cultura continuado, que pressupõe uma grande capacidade de aprendizagem. A faculdade de transmissão dessa aprendizagem cria novas formas de ler e de agir sobre o real (BASTO, 1993, p.6-7).

Dentro da animação, Trilla defende que o universo educativo se divide em três áreas, nomeadamente a formal, a não formal e a informal, adequando-se habitualmente a ASC à educação não formal. Com efeito, as atividades de animação podem ser instrumentos que desenvolvem metodicamente o carácter educativo, tendo-se insistido em interligar estes três setores educativos alargando as suas fronteiras. Assim, a ASC pode colaborar nesta tomada de consciência ou atitude. (TRILLA, 2004, p.27-28)

A animação socioeducativa tem duas vertentes - social e educativa -, necessariamente interligadas. Ainda segundo Trilla, a animação socioeducativa é centrada no desenvolvimento da formação permanente, na dinamização de recursos pessoais e no educar no tempo livre, sendo a sua metodologia centrada no desenvolvimento da pessoa e do grupo (2004, p.85). O projeto de intervenção da estagiária, aquando da sua licenciatura centrou-se precisamente na partilha de afetos, conhecimentos e experiências entre grupos de diferentes gerações, ou seja, no desenvolvimento pessoal e grupal numa perspetiva de socialização e de valorização de pessoas de uma freguesia, de forma a levar as pessoas a sair do seu anonimato e a transformem-se em sujeitos ativos do seu meio, a relacionarem-se, integrarem-se e desenvolverem-se socialmente (Carbó apud QUINTAS, 1995, p.15).

Segundo Escarbajal, apud Quintas, a ASE, como uma atividade social que desenvolve as pessoas e a sua transformação social, como base para uma melhor qualidade de vida dos membros de uma comunidade, sendo esta geradora de processos de participação nos grupos e comunidades, usando uma metodologia que estimule, implique e responsabilize os

cidadãos para uma pluralidade cultural e social, desenvolvendo a capacidade de análise, organização, criação e expressão. (QUINTAS, 1995, p.16)

Na perspetiva de Caride, o âmbito da animação, numa finalidade eminentemente educativa, faz explícitos os seus objetivos de forma livre, participativa e na linha da democratização cultural, da inovação social, da transformação social, da identidade cultural, da criatividade coletiva e do desenvolvimento autónomo e integrado dos indivíduos (apud QUINTAS, 1995, p.32).

1.3. Animação cultural (AC)

A animação cultural assenta na criatividade e na metodologia centrada na atividade, estando a sua prática inserida na intervenção em espaços e infraestruturas artístico-culturais e a sua tipologia coincidindo com o trabalho artístico e/ou cultural (GOMES, 2002, p.45).

Segundo Victor Ventosa Perez, citado por Pereira, a animação cultural é uma modalidade de animação que centralizada metodologicamente na concretização de determinadas atividades artístico-culturais (teatro, música, plástica,...), com o propósito de fortalecer a expressão, a criatividade e a formação cultural através da prática e implicação ativa dos seus recetores. Exemplos desta modalidade são a animação teatral, a animação da leitura e a animação musical. (Pereira, 2011, p.164)

A ASC está associada ao elemento dinamizador dos projetos, tomada a cultura num sentido amplo, como meio de incidir nas pessoas e nos grupos sociais. Para além de um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, artes, direitos, moral, costumes, hábitos e aptidões que a pessoa adquire enquanto membro de uma comunidade, cultura também é a consciência de como se quer ser, o que se quer aprender, que atitudes se querem tomar perante a vida. Cultura em ASC é uma cultura nascida na comunidade, recreativa, pluralista, comprometida e com capacidade de dar respostas aos problemas que a sociedade suporta. Os grupos sociais devem ser criadores de cultura e transformadores dos seus contextos, sendo o processo cultural de uma sociedade um ato de capacitação dos indivíduos e grupos que a compõem, para serem criadores solidários e participativos de uma cultura dinamizadora de todas as realidades sociais. (QUINTAS, 1995, p.14-15)

Ander-Egg define a difusão cultural como diversas formas ou modalidades de transmissão e representação de bens e obras culturais, criando as condições para que possíveis usuários entrem em proximidade com o bem ou serviço cultural, através das livrarias,

bibliotecas, museus, etc., ou seja, lugares onde, gratuitamente, ou por empréstimo, se alcança a proximidade entre o bem cultural e o consumidor (1999, p.28). Porém, Trilla alerta para a necessidade de não se tomar as pessoas e comunidades como meras recetoras-consumidoras da cultura, mas de as tornar agentes ativas dessa cultura (2004, p.16), numa lógica mais próxima da dinamização cultural do que da mera difusão cultural.

2. Biblioteca Pública, Municipal e Escolares no Âmbito Social, meio Cultural e Lúdico

2.1. Bibliotecas

Segundo Helena Correia, a palavra biblioteca vem do grego «*bibliothéke*», que se definia como “depósito de livros”. Nos dias de hoje uma biblioteca é mais do que “depósito de livros”, é uma coleção de livros ordenados convenientemente, justificando a sua existência quando o conhecimento aí existente se encontra alcançável a todos.

Nos últimos tempos tem-se vindo a verificar uma transformação do lugar biblioteca e, assiste-se hoje, a uma salutar existência de recursos tecnológicos e informáticos num espaço que era por excelência abnegado somente aos livros. A biblioteca tornou-se num centro de documentação acessível aos utilizadores, através do seu acervo, mas também num centro social e cultural pelas atividades de animação aí promovidas. (CORREIA, 2010, p.2)

Manuel Gútiez, defende que a biblioteca não é, apesar do seu significado epistemológico, um móvel ou edifício para guardar livros. É uma coleção de livros devidamente organizados para seu respetivo uso. Há três palavras para o conceito de biblioteca segundo este autor: “colección, organización y disponibilidad para el uso”. A biblioteca assumida como corrente criativa da comunicação. (GÚTIEZ, 1993, p. 23)

Segundo a definição de uma enciclopédia, Mercè Escardo i Bas (2003, p.35), afirma que uma biblioteca é um “serviço cultural que organiza e mantém o depósito, a classificação, a conservação e a consulta de livros ou outros materiais gráficos (...)” ou segundo a UNESCO, “uma força viva ao serviço da cultura e da informação, um instrumento indispensável para o fomento da paz e da compreensão internacional.”

Já A. Toffler (1970), referido por Silva (2002), diz que a biblioteca é uma porta aberta para o mundo, permite um doseamento individualizado dos saberes, institui a

diversidade numa aprendizagem que nunca será definitiva e massificada, mas terá de ser cada vez mais personalizada e criativa.

O recurso à leitura, aos livros e à biblioteca permitirá fazer frente a exigências que farão parte do futuro, como a necessidade de lidar com a informação e saber procurá-la e selecioná-la, aplicá-la, rentabilizá-la, de forma a desenvolver o espírito crítico, a capacidade de julgar e decidir, de reagir o imprevisto e à mudança constante. A biblioteca possibilita “aprender factos” enveredando pelo “aprender, desaprender, reaprender”. (SILVA, 2002, p.113).

Ainda segundo J. Peixoto (1967), citado por Lino da Silva, nunca a informação e o conhecimento foram tão importantes, mas ao mesmo tempo tão efémeros como hoje. Isso poderá verificar-se, por exemplo, pela quantidade de publicações científicas e informação em geral que são produzidas anualmente. Se no princípio do séc. XIX havia, em todo o mundo, cerca de uma centena de publicações periódicas no domínio científico, em 1850 esse número subiu para cerca de mil, em 1900 para 10 mil, em 1958 para cerca de 1 milhão, em 1970 para mais de 4 milhões, publicando-se hoje para um número incontável de documentos científicos e técnicos.

Sem dúvida, a biblioteca “enquanto fundo do saber”, os livros “enquanto veículos do saber e fazendo parte indissociável da biblioteca” e a leitura “enquanto via para assimilar o saber, a vários níveis” ganharam com tudo isto inquestionável relevância. É preciso despertar para o valor dos livros, saber ler e ganhar motivação para a biblioteca. (SILVA, 2002, p.113-114)

Maria Luísa Cabral refere que a UNESCO garante que uma das funções das bibliotecas é a promoção do livro. A autora sustenta que poderá ser uma perspetiva, um tanto desatualizada, não sendo adjacente a sua discussão e propagação do princípio, nos dias que correm. Cabral defende, na sua perspetiva que, se o desejo pelo livro e pela leitura representa uma procura de informação, instantaneamente, essa necessidade levará a admissão do audiovisual com o seu potencial informativo. “Não importa, pois, “se na biblioteca se lê, se ouve ou se vê. O que importa mesmo é que isso aconteça num espaço concebido para esse fim, obedecendo a certas regras, arquitetónicas e técnicas, com o objetivo maior de facultar o acesso à informação” (Cabral, 1996, p.31). Contudo, embora existam vários tipos de bibliotecas dirigidas a públicos bem distintos e com objetivos diferentes, em todas elas se associa um ponto comum: a organização tendo em foco a disponibilização e divulgação. (CABRAL, 1996, p.33)

Para Carrión Gútiez,

“A biblioteca, apesar da sua etimologia, não pode ser considerada um edifício onde se guardam livros – uma biblioteca é sim, uma coleção de documentos organizada para ser usada. Tem-se, então, inerentes três notas básicas do conceito de biblioteca: coleção, organização e disponibilidade para o seu uso.” (GÚTIEZ, 1993, p.23)

Para Calmeiro, o vocábulo biblioteca, não se pode achar uma palavra descomplicada. “Resulta da difusão de dois elementos gregos «*biblion*» livro e «*thékê*», caixa, armário, lugar onde se guarda alguma coisa”. Pois, sob este ponto de vista etimológico, e na sua essência, “biblioteca significa sala ou lugar onde se guardam livros” (Vaian Mario Gonçalves-s.d) Com o decorrer dos tempos, o vocábulo começou a aplicar-se, por extensão a outras ideias:

- “- Edifício onde se encontram, devidamente classificados, e à disposição do público, os mais variados livros e revistas.
- Coleção de obras publicadas por uma casa editora ou por qualquer entidade publica ou privada, em obediência a um determinado objetivo. Nesta perspetiva, este tipo de biblioteca, poderá estar relacionada com o estudo de um determinado tipo de problema, ou direcionada para um determinado tipo de publico especial.
- Armário onde se arrumam livros. No entanto, este último significado, n tem aceitação unânime por todos os autores, havendo quem recomende, de preferência, a palavra estante.” (CALMEIRO, 2000, p.36-37)

2.2. As Bibliotecas e o âmbito social

Na perspetiva de Grazia Asta, a biblioteca que se pretende será aquela que possa satisfazer as complexas expectativas da educação humana. No passado a biblioteca respondia a estas necessidades em contínuo crescimento de todos os campos do saber. A biblioteca deve por sua vez satisfazer não só estas necessidades educativas mas também necessidades pessoais, diferentes dependendo do nível educativo, do local, da criatividade produtiva, do idioma, etc. de cada um. Evidentemente que a biblioteca não pode modificar a condição de uma pessoa mas sim encontrar formas de satisfazer as suas necessidades, reais e potencias, de cada pessoa.

Uma biblioteca que atenda às demandas da sociedade de forma integral e dedicada a todas as faixas etárias e a todas as populações não só abrangendo as próximas de residência. Proporcionar recursos necessários para a educação de todos e para a possibilidade de leitura permanente e universal. (ASTA, 1997, p.20-21)

Segundo Manuel Gútiez, não sabemos dizer quando a biblioteca é o motor ou quando é só o espelho de uma sociedade. Para este autor, a democratização é o ensinamento. A proliferação dos estudos não formalizados, os estudos insuficientes na escola, a civilização do ócio, o incremento da componente intelectual do trabalho, a presença cada vez maior da terceira idade ou dos marginais sociais, a juventude despreocupada, as drogas e o aborrecimento, o perigo das culturas de massa, todos estes e outros aspetos fazem da biblioteca um lugar imprescindível e importantíssimo, cada vez mais, principalmente nos dias que correm. (GÚTIEZ, 1993, p.49)

Para João Ventura, a Biblioteca Pública (BP) é o organismo primordial melhor colocado para responder aos estímulos da sociedade contemporânea, conciliando os valores de cada indivíduo, compartilhados e o “interesse comum” do âmbito público burguês com os apelos da variedade e da heterogeneidade sociocultural, reedificando no espaço cada vez mais ambíguo da biblioteca, uma nova ideia de “esfera pública” adequada à experiência do “homem contemporâneo”. (VENTURA, 2001, p.62)

As Bibliotecas Públicas formam, num 1.º nível, um espaço imparcial onde pessoas ou organizações podem alcançar de livre vontade a informação contida nas coleções que disponibilizam, permutar ideias, repartir objetivos e expectativas e investigar contestações para dilemas e impulsos locais comuns. Já num segundo nível, através de colóquios, conferências, encontros, exposições, workshops, recitais ou de outras formas de animação sociocultural, a infraestrutura da rede de bibliotecas públicas acomodada a uma espécie de “agora” contemporâneo, polarizada à escala nacional, apta a propagar o debate de ideias e temas de importância social e cultural entre delegados cívicos, instituições culturais e universitárias, artistas, escritores ou indivíduos. (VENTURA, 2001, p.62)

Ventura (2001, p. 69-70) afirma também que, “na génese das BP, se encontra o princípio de que a informação constitui um direito que pertence a todos e não uma mercadoria privada e exclusiva de alguns. Por isso, a informação deve ser disponibilizada livremente e sem encargos para aqueles que lhe desejem aceder”.

2.3. O Bibliotecário

Segundo a Associação Portuguesa de bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD):

“Os **bibliotecários-documentalistas** são os profissionais que concebem, organizam e administram estruturas de documentação e informação. Para tal, estabelecem e aplicam os critérios de organização e funcionamento dessas estruturas (por exemplo bibliotecas e centros de informação e documentação). No âmbito das suas tarefas avaliam, adquirem e tratam os diversos suportes documentais (tais como livros, revistas, jornais, manuscritos, CD-ROM, etc.) com o objectivo de facilitar o acesso à informação; concebem e planeiam serviços e sistemas de informação; seleccionam e analisam informação com o objetivo de a racionalizar, isto é, gerem a informação; inventariam as necessidades dos utilizadores a fim de objetivamente lhes responder; definem os processos de recuperação e exploração da informação; recuperam a informação a partir de fundos documentais próprios, através do intercâmbio entre bibliotecas e/ou serviços de informação; mantêm atualizados os fundos bibliográficos documentais, perspetivando as necessidades futuras; procedem à análise e avaliam a qualidade dos serviços e produtos documentais; produzem e difundem informação adequada aos interesses dos seus utilizadores; organizam e realizam atividades de promoção do livro e da leitura e de animação cultural.” (BAD, 2011)

Ainda segundo o site da BAD, nas unidades documentais de maior proporção, estes profissionais podem cumprir exercícios em áreas específicas, como no apoio direto aos utilizadores, ajudando a definir estratégias de pesquisa em bases de dados, proporcionando formação aos utilizadores e acreditando o acesso mais rápido e fiável à informação pretendida. Fazem a gestão documental, desde a política de aquisições ao tratamento técnico da mesma (inventariação, catalogação, indexação, etc.) Os profissionais na gestão integrada da unidade documental estão confiados, particularmente, de administrar os recursos humanos da unidade documental, como por exemplo, os técnicos-adjuntos de biblioteca e documentação, bem como de gerir os recursos financeiros, através da organização de orçamentos, podendo ainda estar responsabilizados da administração de outras atividades, tais como ações de divulgação. (BAD, 2011)

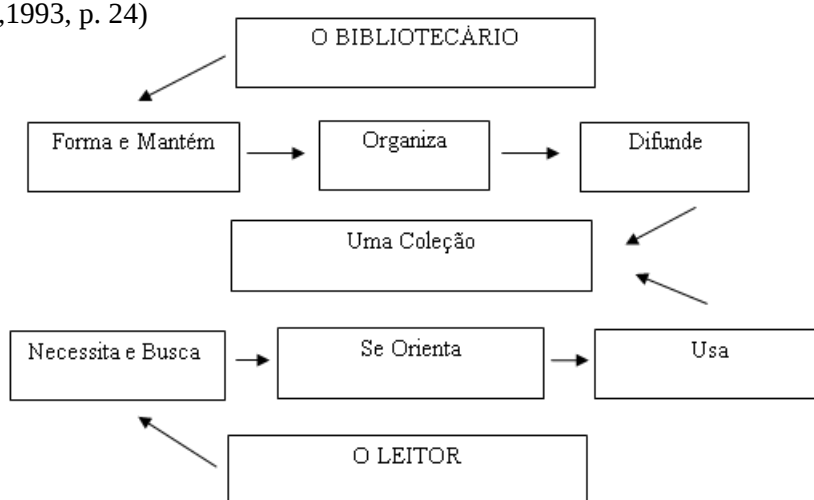
Na perspetiva de Manuel Gútiez, não é possível existirem bibliotecas sem bibliotecários e não é praticável existir bibliotecários sem organização. O bibliotecário é um sujeito que trabalha numa biblioteca e que tem formação específica. A função da biblioteca define o trabalho do bibliotecário, a qualidade das atividades necessárias para que a biblioteca realize a sua função e determine o nível profissional do bibliotecário. Ser bibliotecário em poucas palavras “consiste en ejercer una actividad encaminada a que una biblioteca sea una biblioteca” (1993, p.513). A ação do bibliotecário (e por extensão todos aqueles que trabalham numa biblioteca) é a força vital pela qual a instituição social toma movimento e orientação, eficácia e sentido.

A biblioteca como um corpo inerte, carente de circulação, sem a presença nela de pessoal adequado, em quantidade suficiente e devidamente organizada.

As principais tarefas do bibliotecário são: a formação, a preparação, o mantimento, a organização, o armazenamento, a recuperação, a interpretação e o uso da coleção; a circulação; a administração bibliotecária: planeamento, gestão económica e de pessoal, relações públicas, recursos físicos como edifício, mobiliário, instalações e equipamentos. (GÚTIEZ,1993, p. 512-513)

FIG. 1 O Bibliotecário e o Leitor

(GÚTIEZ,1993, p. 24)



2.4. Biblioteca pública (BP)

Calixto afirma, segundo a UNESCO, que as bibliotecas públicas são consideradas como uma “força viva para a educação, cultura e informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres”. (2007, p.7)

Segundo o Manifesto da UNESCO apud Carrión Gútiez, sobre bibliotecas públicas,

“A biblioteca pública, sendo porta de acesso local ao conhecimento, fornece condições para uma aprendizagem contínua, para tomadas de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e de grupos sociais. A biblioteca é um centro de informação que deve disponibilizar aos seus utilizadores

conhecimento e informação de todos os géneros, em todos os suportes”. (Gútiéz, 1993, p.23)

A IFLA/UNESCO define BP como uma organização que proporciona acesso ao conhecimento, à informação e às obras criativas criadas através de variados recursos e serviços, e encontra-se à disposição de todos os membros da comunidade, sem exceção, independentemente da cultura, etnia, nacionalidade, idade, sexo, religião, língua, condição económica e laboral e qualificações académicas. (IFLA, 2001, p.19-20)

Mais recentemente, tem-se admitido que as BP servem um determinado tipo de leitores e leitura, pelas suas características públicas, devendo estar sempre abertas a todo o público em geral, até às crianças mesmo antes da aprendizagem formal da leitura. É importante que haja um trabalho de trás, seja de casa ou da BE, para que a BP se tornem um espaço assente para os melhores e mais satisfeitos convívios com os livros e os leitores de todas as idades. Tal como nas BE, nas BP já se começa a implementar espaços e atividades dedicados à comunidade infanto-juvenil. É necessário existir uma organização agradável do espaço para que, em pequenos ou grandes grupos, se oiçam, contem ou leiam histórias. “Ouvir contar, ouvir ler” são ordenações muitas vezes raras, mas que a BP pode promover assiduamente e em colaboração com as escolas, as BE, os professores, os pais, os escritores, etc. Nesta ordem de ideias, também se programa outro tipo de atividades como exposições de livros, trabalhos de crianças, obras de arte, concursos, encontros com escritores, etc. (SEQUEIRA, 2000, P. 68-69)

“Livros de histórias, informação, poesia, teatro, publicações periódicas, mapas, discos, gravações, diapositivos, coleções de imagens, enfim, toda a riqueza de suportes de informação tem o seu lugar na biblioteca. (...) É no frequentar a biblioteca pública que a leitura revela imediatamente a sua dimensão social. É muito importante para os pequeninos fazer como os grandes. Escolher ir a um local dirigido a todos, adultos e crianças.” (SEQUEIRA, 2000, p. 68-69)

Um meio escolar em ligação com uma boa BP que trabalhem com um objetivo comum, na conceção de bons leitores, naturalmente com o apoio de pessoal específico e animação de biblioteca, são fundamentais. Contudo, para além da formação técnica, é elementar, como já acontece nalgumas BP, que estes espaços, que colaboram para a criação do bom leitor, sejam dinamizados por pessoal técnico e pedagogicamente preparado para tão melindrosa tarefa. (SEQUEIRA, 2000, p.69)

A biblioteca pública, como instituição pública, é ao mesmo tempo causa e consequência da sua sociedade. Isto é, à medida que as sociedades se alteram, as bibliotecas também têm de se alterar. As bibliotecas e os bibliotecários também têm o poder de provocar transformações na sociedade. O autor acredita que a informação e as ideias são necessidades humanas básicas e, que todas as pessoas, independentemente da sua cultura, religião ou disposição económica, a elas devem ter acesso livre e igualitário. (BOB USHERWOOD, 1999, p. 19-21)

As funções da BP, como um departamento da administração local, são em parte as da autarquia. O Public Library Research Group descreveu a BP como instituição

“(...) que contribui para a preservação da qualidade de vida em todos os aspetos – educativo, económico, industrial, científico e cultural – e promover o conceito de uma sociedade democrática em que todos têm igual oportunidade de se tornarem verdadeiros cidadãos, cujas personalidades plenas e equilibradas conduzirão ao aumento da felicidade do homem e da sua consciência de si, dos seus semelhantes e do seu ambiente. Tal contributo efetiva-se através da biblioteca pública enquanto agência multifacetada da formação-educação-cultura.” (BOB USHERWOOD, 1999, p. 21)

“Os serviços da biblioteca pública, segundo IFLA, pautas 1, apud Manuel Gútiérrez são os seguintes:

I- Empréstimo e referência:

1. Coleção de livros, revistas e de audiovisuais para o empréstimo individual ou coletivo.
2. Coleção de obras básicas e de audiovisuais para a referência e consulta na sala.
3. Coleção de obras e ficheiros para referência rápida.
4. Catálogos para identificar e localizar os materiais, bibliografias para a busca de recursos mais amplos, relação dos livros sobre matérias especiais.
5. Possibilidade de fazer reservas de livros temporalmente não disponíveis e de expressar sobre livros não pertencentes à coleção.
6. Equipas necessárias para o uso dos materiais impressos e audiovisuais, assim como a sua consulta prolongada nos casos necessário

II. Informação:

1. Respostas breves, baseadas fundamentalmente obras de consulta rápida.
2. Introdução ou primeiros passos em consultas que mereçam maior atenção.
3. Informação sobre o funcionamento e recurso da própria biblioteca.
4. Informação permanente sobre novas aquisições.
5. Informações sobre o que está relacionado com a localidade.
6. Acesso remoto a outras fontes de informação através de computadores.

III. Serviços Especiais

1. Atividades com crianças para animar o uso da biblioteca.

2. Atividades culturais (que sejam necessárias na comunidade, que não suponham duplicação ou esforços e que resultem em benefício para a biblioteca).
3. Serviços a impedidos ou pessoas marginalizadas socialmente (deficientes, hospitais, residências, prisões, etc.)
4. Serviços de minorias étnicas ou linguísticas.
5. Serviços às escolas. ”

(GÚTIEZ,1993, p.557-558)

2.5. Biblioteca escolar (BE)

Na perspetiva de Bairrão e Gouveia, a BE, como “espaço do imaginário e do fantástico, apela à participação de toda a comunidade escolar, sendo um palco de visitas de escritores e contadores de histórias como complemento da formação escolar, entra num Mundo do Sonho e transforma a leitura num jogo de prazer de ler e de reencontro com os heróis preferidos da Banda Desenhada, do Romance e da Aventura”. (BAIRRÃO E GOUVEIA, 2007:149)

O manifesto da UNESCO refere que a BE tem como objetivo facultar “informação e ideias fundamentais para sermos bem-sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento”. A BE fortalece aptidões nos alunos para a “aprendizagem ao longo da vida”. É função da BE disponibilizar ocupações de aprendizagem, livros e utensílios que possibilitem, aos alunos e a toda a comunidade escolar, “tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação”. (BRAGA, 2010, p.21)

Segundo Lino da Silva, “a escola não pode lançar os alunos na vida ativa sem incutir neles essas necessidades e as respetivas competências”. Passa por aí a edificação de sucesso educacional, que é ocupação da escola, através de tudo aquilo que os livros, a leitura, as bibliotecas representam para a vida presente, mas sobretudo futura, dos alunos, diferenciando-o do simples sucesso escolar e realçando a necessidade de educação e de cultura, como resposta aos desafios do mundo de hoje. Mais do que transmitir conhecimentos, importa permitir o desenvolvimento de aptidões para desenvolver conhecimentos e para os utilizar criteriosamente, pondo-se em destaque a leitura, os livros e a biblioteca, enquanto meios poderosos que a escola deve considerar para dar resposta aos propósitos educativos que lhe estão entregues. (SILVA, 2002, p.113)

Ainda segundo Silva (2002, p.198), citando C.V. Pena (1970, p.33), as BE são bibliotecas “que dependem de intuições de ensino de qualquer categoria abaixo do Ensino Superior”. Embora possam estar abertas à comunidade, são sobretudo destinadas a alunos e docentes.

Assim, uma BE é impensável sem comunidade educativa, sem professores e sem alunos, sem sessões contínuas de dinamização e de trabalho, e a sua frequência deve estar estreitamente integrada no sistema de ensino e aprendizagem. (C.V. Pena, 1970, p.33, apud SILVA, 2002, p.198)

As BE encontram-se na escola. Sem deixarem de ser bibliotecas, também não deixam de ser uma parte da escola, forçosamente circundada por tudo e em tudo o que a escola é. A sua especificidade decorre do facto de serem ao mesmo tempo biblioteca e escola. Estas duas características combinadas conferem à biblioteca escolar um modo de ser muito especial. Esta deverá colocar-se, em firme cooperação com todos os outros tipos de bibliotecas, mas sem se misturar com eles. Às bibliotecas não escolares caberá a responsabilidade de dinamizar atividades culturais, envolvendo o livro e a leitura, bem como organizar programas sobre o uso das coleções que possuem e sobre os serviços que oferecem.

À BE caberá expressamente a função formativa de capacitar nos alunos hábitos de leitura e estudo, orientá-los na consulta de obras de referência, fortalecer competências no setor da informação e da investigação. (M. Silva, 1993, sp, referido por SILVA, 2002, p. 198-199)

Em nenhuma circunstância a BE poderá ser considerada em oposição a qualquer outra biblioteca, como as públicas/municipais, mas antes deverá instituir ligações com elas, já que um dos seus principais objetivos será preparar leitores para elas. Ainda durante o período de escolaridade, mas sobretudo uma vez deixada a escola, o sujeito deverá encontrar-se apto e motivado, em todos os aspetos, para frequentar bibliotecas públicas/municipais que não disporão de condições, por mais que o desejem, para formar cada leitor, acompanhá-lo e orientá-lo nas suas necessidades.

As BE deverão dar resposta ao seguinte:

- “- Satisfazer as exigências do sistema educativo;
 - Ajudar na construção do sucesso educativo;
 - Ajudar na preparação para a vida;
 - Ajudar a instituir pluralidade na escola;
 - Ensinar a ler;
 - Enraizar o gosto pela leitura;
 - Apoiar o trabalho de projeto;
 - Abrir acesso a outras bibliotecas;
 - Criar um espaço específico de aprendizagem;
 - Estimular os mais dotados e os mais carenciados;
 - Servir de apoio às atividades letivas;
 - Individualizar o atendimento”.
- (SILVA, 2002, p.199-203)

Em suma, a BE, ainda segundo Silva, por estar integrada na escola, é uma biblioteca especial. A sua grande finalidade é servir a comunidade educativa e, servindo-a, está a ajudar na construção do sucesso educativo, de quem é a principal razão de ser da escola: os alunos. A biblioteca escolar, ao servir, de modo motivador e o mais possível individualizado, a pesquisa documental, o empréstimo, a ocupação de tempos livres, a animação e a difusão de trabalhos, situar-se-á, como se deseja, entre a atividade discente dos alunos e a sua preparação para a vida. (M. Araújo, 1993, p.91-92, apud SILVA, 2002, p.204)

Na perspetiva de Maria Huelves e Maria Múgica, apud Calixto, conclui-se que a convergência entre os objetivos da biblioteca escolar e os programas educativos fornecem à criança as destrezas para o aprendizado, que deverá desenvolver nas etapas seguintes, capacitando-o na busca e análise da informação e conhecimento ao longo da vida. (CALIXTO, 2010, p.565)

Canário (1994), apud Maria Sequeira, assegura que a BE deixa ter um papel assistente e periférico nas atividades escolares (curriculares ou lúdicas) para se adotar como parte fortificante, como meio estruturador e aglutinador, do projeto educativo da escola, podendo ser como uma modernização pedagógica dos estabelecimentos de ensino. (SEQUEIRA, 2000, p.28)

2.5.1. A Biblioteca escolar, meio cultural e lúdico

Na ótica de Calixto (2007), citando Silva (2002, p.206), as bibliotecas escolares são pois um espaço favorecido para a composição do êxito educativo, facultando formação, educação, informação, ocupação dos tempos livres e cultura, sendo consideradas como “os verdadeiros centros de saber”.

Já Lino da Silva defende que é importante que estabeleçamos uma escola de tempo inteiro, habitando boa parte do dia da criança ou do jovem, comportando atividades diversas (letivas e curriculares, mas também extracurriculares e de ocupação dos tempos livres), que confluam para que a criança ou jovem tire da escola o maior proveito e atinja, através dela, o seu pleno progresso afetivo, intelectual e social. (SILVA, 2002, p.63)

Como fragmento integrante e fundamental da escola que é, e posta ao seu serviço, a BE bem deverá chefiar um agrupado de iniciativas, que se unam espontaneamente à leitura (de informação e formação), mas também à dimensão lúdica e de ocupação dos tempos livres (J. Gascuel, 1987, referido por SILVA, 2002, p.287), até porque, e como lembra a Associação

Internacional para o Direito de Brincar (IPA), “brincar também faz parte da educação e cria predisposições para aprender” (I.A.C., 1992, p.567 in SILVA, 2002, p. 287). Algumas dessas iniciativas poderão ser:

- “- Sessões de leitura (em grupo, segundo metodologias diversificadas e criativas) de testes variados (histórias, poesia, testes formativos, etc.);
- Sessões de dramatização e animação, de modo adequado, desses textos;
- Sessões de ilustração desses textos (convívios, audiovisuais vários, meios informáticos, etc.);
- Sessões de justificação de livros abandonados (o objetivo é retomar a leitura do livro que não foi lido);
- Promoção de jogos educativos, relevantes em pedagogia, com objetivos bem determinados;
- Atividades, ligadas ao texto e ao livro, com a participação de escritores, editores, distribuidores e livreiros, autores de outras áreas culturais, exposições, etc.;
- Projeções de filmes, sobretudo com correspondência a livros, seguidas de sessões de debate e crítica, etc. (J.H. Chaves, 1994, p.16-19, apud SILVA, 2002, p.287-288)

Por realizações como estas deverá passar a animação da biblioteca, que será o encontro com o escritor, a exposição, a música, o teatro, mas também e principalmente a participação, a aventura, a descoberta, a viagem que nos leva a ouvir ou a contar histórias, a pintar com todas as cores do arco-íris, a modelar todos os sonhos, a olhar maravilhado o colorido do brinquedo, o segredo do jogo, as imagens que magicamente se soltam das páginas dos livros e participam nas nossas aventuras.” (SILVA, 2002, p.288)

Conquanto, algumas iniciativas já são exequíveis, boa parte das BE não têm espaços previstos para dinamizações culturais e lúdicas paralelas às atividades letivas e curriculares normais, e sobretudo, não estão moldadas a realizá-las. Poderão inclusivamente, estabelecer-se interações com as bibliotecas públicas/municipais que, particularmente as de constituição mais nova, já vão estando preparadas e estimuladas para tirar outro proveito da biblioteca (JN, 26.02.1995, apud Silva, 2002, p.289), com a adequação de espaços, nomeadamente, jardins e zonas verdes, o apelo à leitura presencial ou domiciliária com objetivos lúdicos, a promoção de atividades de entretenimento, a utilização informal de certos setores da biblioteca (V. Silva, 1992, p.557 referido por SILVA, 2002, p.289). Essas interações permitirão aos alunos favorecer a experiência obtida por essas bibliotecas e até integrar ações por elas realizadas.

Em sùmula, é fundamental que as escolas se comprometam numa boa organização, a todos os degraus da biblioteca escolar.

“A BE empenhada e interativa, como um espaço que deverá ser cada vez mais o centro da atividade da escola (em ligação com o projeto educativo e o plano de atividades da escola), por ela passando muito do que diz respeito à informação,

formação, dinamização cultural e ocupação dos tempos livres dos alunos, visando a sua formação para a vida – a sua realização como indivíduos e sua integração na sociedade”. (SILVA, 2002, p.286-289)

2.5.2. Professor bibliotecário (PB)

Segundo linhas orientadoras da UNESCO, apud Calixto:

“Em cada escola deve haver pelo menos um bibliotecário escolar profissional especialista em média, a tempo inteiro. Para ser significativo, o programa da biblioteca escolar deve ocupar todo o horário de abertura da escola, e requer pessoal a tempo inteiro. Com pessoal adequado, os serviços crescem. A presença de um bibliotecário escolar especialista em média a tempo inteiro conduz a um aumento significativo do uso da biblioteca escolar e ao uso mais completo possível dos materiais. Deverão ser feitos planos para empregar mais um bibliotecário escolar profissional especialista em média. Escolas maiores podem determinar mais lugares de acordo com a inscrição de estudantes e a natureza do programa de média.” (CALIXTO, 1996, p.137)

Ainda segundo o mesmo autor, o papel do bibliotecário escolar é primeiramente o de um educador, tanto nos aspetos formais como informais da instrução. Contudo, não está numa sala de aula, mas é ainda assim um professor. Planeia situações de aprendizagem na biblioteca escolar, apoia os alunos na aprendizagem, escolhe recursos de informação relacionados com as aulas e mostra aos professores e alunos como usar estes utensílios de ensino e aprendizagem. (CALIXTO, 1996, p.139)

Os bibliotecários escolares em Portugal são, na maior parte, professores da escola destacados para estas ocupações. Uma grande parte destes não possui quaisquer conhecimentos, nem tempo suficiente para o desempenho de tal tarefa. Assim, torna-se cada vez mais necessário e imprescindível a formação daqueles que têm na sua incumbência a biblioteca e/ou legislação que permitiria a existência de lugares, no quadro de escolas, que tornassem exequível o acesso à função dos licenciados com cursos de biblioteconomia, que se conciliassem a adquirir formação pedagógica. (CALIXTO, 2007, p. 63)

Destaca-se o papel do PB, ou do bibliotecário escolar, enquanto semelhante na evolução do curriculum, perito em aprendizagem e em informação e documentação, pois a BE é adotada como um sítio de informação e de entendimento, onde se cuida “aprender para ler e ler para aprender”. (TODD, 2006, p.69-70)

O papel do PB é fundamental na escola. Ele tem a ocupação de orientar o andamento da biblioteca escolar, dinamizá-la, difundir iniciativas e atividades, valer apoios a projetos da

escola e atividades letivas, induzir e aderir a cooperações diversas para levar a cabo os seus exercícios. Principalmente, ele deve estimular e produzir nos leitores que procuram a biblioteca objetivos determinados, e estar no seu lugar “para ajudar o jovem leitor a selecionar os seus livros e para fazê-lo evoluir da leitura infanto-juvenil para a leitura de adulto. (M.AE.Payen, 1979, p.63, apud SILVA, 2002, p.280)

O PB deve também “ir ao encontro de quem não procura a biblioteca, ou quando a não procura” (SILVA, 2002, p.280). Ele deve facultar condições para que os que não frequentam a biblioteca escolar passem a fazê-lo.

É por ter este encargo numa escola que o PB não pode ser encontrado de qualquer maneira. De facto, e numa tradição com muitos anos, nas escolas o PB é muitas vezes escolhido entre os professores elegidos tardiamente, os carecidos de completar horário, os que têm redução do elemento letivo, os que revelam dificuldades no desempenho do serviço docente. Isto reflete a visão de que a BE é um espaço menor, existe porque tem que ser, porque é de polidez existir livros numa escola e um espaço para os albergar, e muitas vezes só isso. O que habitualmente acontece é a atribuição a esse professor do tempo de redução de duas horas semanais. Assim, vê-se como não é abarcada nem reconhecida nas escolas, a importância da BE. (SILVA, 2002, p.281)

Para o efeito, ou a escola dispõe, para colocar na BE, de um professor dinâmico, determinado a empregar o seu tempo e as suas energias ao serviço da comunidade, ou a BE não resulta. Impõe-se elevar o cargo de PB (remunerado, exercido por um professor a tempo inteiro, selecionado por métodos reconhecidos ou eleito na base de critérios exigentes) e dotado de formação apropriada (formação em biblioteconomia, mas também formação em educação e sobretudo formação humana) para que ele esteja à altura das suas importantes funções e realize um trabalho de raiz na escola.

O PB, como aliás um bibliotecário em geral, deverá ser culto, aberto e ativo, e mostrar “tendência natural que o faça apreciar e acarinhar qualquer livro, do mais valioso ao mais modesto.” (M.A.A. Sousa, 1985, p.328, referido por SILVA, 2002, p.282)

Assim, as funções de um PB poderão ser:

- “- Superintender à aquisição tratamento e arquivo de documentos e à atualização dos fundos e dos catálogos;
- Divulgar as existências e as novidades junto da comunidade educativa e disponibilizá-las fazendo da BE, cada vez mais, centro de conhecimento;
- Organizar e tornar funcional o espaço e o tempo da BE;
- Estabelecer conexões entre a BE e a lecionação das várias disciplinas curriculares de todos os anos e de todas as turmas da escola;
- Promover interações com outras escolas e outras bibliotecas;

- Promover, junto da comunidade educativa, a competência de leitura, hábitos de pesquisa, gosto pelos livros, formação para o acesso a essa e a outras bibliotecas e ao aprender a aprender, que é cada vez mais importante;
 - Promover a realização de iniciativas culturais (ser animador cultural) na escola;
 - Colocar a BE ao serviço da persecução dos objetivos a que a escola se propõe através do projeto educativo da escola / plano anual de atividades e projetos vários;
 - Criar nos utentes da biblioteca hábitos de responsabilidade, autonomia e organização, a par do enraizamento de valores humanos e de formação;
 - Ajudar a fazer frente ao analfabetismo funcional, não só dos utentes da biblioteca, mas de toda a comunidade educativa;
 - Elaborar relatórios periódicos sobre o funcionamento da BE e divulga-los.”
- (SILVA, 2002, p. 280-283)

3. Cooperação Inter-bibliotecas (CI)

Segundo Miguel Carvalho (2004, p. XI), apud Maria Cochito a educação ou é intercultural ou não é democrática. Esta deve, por sua vez, ser consciente e deliberadamente cooperativa ou não será intercultural e assim, democrática. A cooperação em pedagogia não é fácil e espontânea, senão seria um ensino individual, elitista e unidirecional. Menos se forma cidadãos participantes e responsáveis.

Cochito sublinha que a aprendizagem é considerada um dos instrumentos mais importantes no combate à discriminação social e fator de motivação para a aprendizagem e para a melhoria do rendimento académico de todos os alunos. (COCHITO, 2004, p.4)

Segundo Manuel Gútiez, a organização das bibliotecas em redes, mais ou menos unidas entre si, é a forma mais habitual de realizar o que se denomina por cooperação inter-bibliotecas. A sua aplicação prática permite o surgimento de realidades.

Como uma rede, será pois, um sistema cooperativo entre bibliotecas relacionadas pela matéria, por proximidade ou outras razões, para partilhar os seus meios técnicos, humanos e informativos, encaminhados para a realização de um maior e melhor serviço.

Por sua vez, este sistema de rede poderá ser um conjunto de meios bibliotecários capazes de prestar um serviço completo. É pois uma forma de cooperação relativamente institucionalizada, podendo haver, contudo, formas de cooperação sem que as bibliotecas constituam redes.

A cooperação inter-bibliotecas é o conceito mais genérico e menos forte que rede de bibliotecas. A CI não precisa obrigatoriamente da intervenção de uma biblioteca central nem hierarquia de participantes. Um sistema de bibliotecas que estabelece uma forma estável de

cooperação entre outras, facilmente se pode converter num sistema de sistemas, até mesmo a nível nacional. (GÚTIEZ, 1993, p. 591)

Segundo António Calixto, a relação entre as bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares é muito próxima, embora de formas distintas, “o desenvolvimento de umas está intimamente relacionado com o das outras”. (CALIXTO, 1996, p.135)

As BP em Portugal revelam uma grande inovação e até acompanham as melhores tendências das bibliotecas públicas de outros países. Existem setores reservados a crianças e jovens, projetados com espaços e recursos próprios; fundos documentais, selecionados conforme os interesses das faixas etárias; pessoal especializado, com formação específica. Atividades de animação cultural, muitas vezes destinadas especialmente para as escolas, procurando encaminhar os jovens para a leitura e para a propensão da informação. E programas de cooperação com as escolas, visando a biblioteca escolar.

As atividades das BP, inevitavelmente acabaram por influenciar o trabalho nas escolas, pois tateando uma faixa comum de utilizadores a busca de um ser serviço idêntico, aumentou também nas escolas. A organização da BP, a sua prática, a sua tecnologia e os seus fundos documentais, aumentaram as exigências dos alunos, que começaram a fazer perguntas, como por exemplo: por que é que a biblioteca pública empresta livros para levar para casa e a a escola não? Por que a biblioteca da escola às vezes está fechada e a pública não?

Depressa as BP começaram a ser solicitadas pelas escolas de distintas formas: para a aquisição de obras que não existem na escola e que são muito importantes; para a realização de atividades em colaboração com as escolas; para o fornecimento de livros às escolas, seja a título de oferta ou empréstimo; para o empréstimo de vídeos para as aulas; para o apoio na organização e arrumação da biblioteca escolar, na formação dos professores e técnicos auxiliares de ação educativa; para o apoio na concretização de projetos; para o apoio técnico na aquisição de obras e sua catalogação; e para o aconselhamento e apoio em informática.

Convém referir que estas solicitações não foram as mesmas em todo o país, não havendo uma política nacional definida para estas atividades, pelo que as reações das BP dependem muito da vontade política das autarquias e das susceptibilidades dos técnicos por esta questão, não estando muitas destas bibliotecas muito equiparadas a nível de recursos humanos, físicos e materiais para todas as solicitações necessárias. (CALIXTO, 1996, p.135-137)

Contudo, cada vez mais urge a necessidade de que

“as bibliotecas públicas deverão ser consideradas para o desenvolvimento das bibliotecas escolares, e no seu seio deve ser considerado o desenvolvimento do Serviço de Apoio as Bibliotecas Escolares. (...) parece-me ser a de que é necessário planeamento estratégico, definição de políticas, fins e objectivos. Sem este planeamento correremos o sério risco de lançar ao mar um barco que mais não fará do que passar algum tempo a deriva antes de naufragar.” (CALIXTO, 1996, p.137)

4. Animação de Bibliotecas

Segundo Helena Correia, podemos encarar a animação como um agrupado de práticas que, neste contexto bibliotecário, se ocupam da valorização do património da biblioteca que pretende atingir, mas também da valorização da pessoa, da educação permanente e do desenvolvimento da vida cultural das sociedades. Nesta vertente, o grande objetivo do animador é o de quebrar o estigma social de que as bibliotecas se destinam apenas a um determinado público. O animador em circunstância de biblioteca procura propagar o livre acesso de todos os leitores àquele espaço e à informação nele disponível. Procura promover-se o contacto com o documento, tornar o conhecimento participativo: “é então estabelecida uma relação simbiótica entre a comunidade e o espaço biblioteca.” (CORREIA, 2010, p.2-3)

Mais precisamente, dentro da animação das bibliotecas, segundo Bas, desde há alguns anos, a animação foi como uma palavra mágica, capaz de resolver e converter as bibliotecas em espaços utilizados, desejados e valorizados, numa perspetiva de encantamento e atração de novos e assíduos leitores. A animação nas bibliotecas veio trazer uma lufada de ar fresco dinâmica a bibliotecários, professores, editores e leitores.

Na perspetiva da Animação Sociocultural, tão ou talvez mais importante que os recursos de uma biblioteca, por muito numerosos que sejam, são as pessoas (bibliotecários, animadores, equipas de trabalho, utilizadores) que as dinamizam, desenvolvendo-se através de atividades muito diversificadas e projetos a explorar por potencialidades de e para os utilizadores.

As atividades/projetos de animação, pela experiência da autora, fazem parte de um fortalecimento instrumental para as bibliotecas. A animação, um trabalho de biblioteca atualizada e inter-geracional que engloba bibliotecas escolares/municipais e outros espaços que podem e devem fazer parte destes espaços do livro e seus suportes. (BAS, 2003, p.67)

Ainda segundo Bas, a animação nas bibliotecas atua sempre em dois sentidos: “de dentro para fora e de fora para dentro”. A animação, sobretudo nesta área da animação de bibliotecas, só é animação um trabalho aberto que leva à comunidade e traz para a biblioteca oportunidades de dinamização cultural/democracia cultural. (BAS, 2003, p.71)

São as pessoas que fazem parte de uma biblioteca que dinamizam atividades e desenham projetos potenciais. Neste caso, falamos de técnicos de biblioteca, professores, administrativos, educadores, pessoal técnico auxiliar dos diversos departamentos/setores, e até mesmo utilizadores mais ativos, etc.

Falando ainda dos recursos humanos responsáveis pela parte da dinamização lúdico/pedagógica dos espaços bibliotecários. Os animadores tornam as bibliotecas espaços modernos de prazer, espaços estes onde não se fazem unicamente leituras e pesquisas, ou se requisitam livros para casa, mas se acede ao conhecimento através de métodos de educação não formal, que promovem a participação, a cooperação, a escuta, o contar, o cantar, o divertir, o rir, o dançar, o brincar, etc., como um ato natural que também pode acontecer numa biblioteca e não apenas em casa ou num jardim. (BAS, 2003, p.71)

Conforme Cármen, os animadores são profissionais muito importantes para o processo de hábitos de utilização dos espaços bibliotecários, facilitando e promovendo a ligação das pessoas aos livros e outros recursos da biblioteca, assim como a própria comunicação das pessoas entre elas, desenvolvendo conhecimentos e explorando emoções de forma inovadora indo ao encontro das necessidades e interesses ou passatempos dos utilizadores. (DOMECH, 2003, p.36-37)

A BE, segundo Gimeno, citado por Linuesa, “não devia encontrar-se subordinada à escrita ou ser um anexo da mesma, devendo antes construir o eixo de uma revisão em profundidade das suas práticas de leitura, de avaliação e seleção do mundo da escrita”. A existência de BE é um fator fundamental para a criação de hábitos de leitura, facultando um trabalho mais ativo na escola, no qual os alunos, sob orientação dos professores, poderá aprender a procurar informação, a integrá-la no conhecimento escolar de forma produtiva. A BE tem como públicos as crianças e jovens que têm uma necessidade fundamental: “a de melhorar os seus conhecimentos, os seus modos de trabalho e, em suma, o seu rendimento na própria instituição escolar; e têm, para além disso, e noutros casos havendo a necessidade de criá-lo: o de fazer leitores (...) de facto, não é raro encontrar na falta de hábitos de leitores, uma das explicações do fracasso escolar”. (LINUESA, 2007, p.169-170)

Segundo Castán, apud Linuesa, tem-se desenvolvido um interesse crescente pelas BE, devido a dois motivos: o fracasso escolar e os baixos índices de leitura entre os jovens. Podendo acrescentar a necessidade dos professores na realização de práticas escolares mais ativas, no seguimento de que estes possam buscar informação de forma orientada, fazer trabalhos de grupo e participar na edificação do conhecimento e, no caso da literatura, procurando acima de tudo, construir leitores.

Seja nas BP ou nas BE, a animação sociocultural desempenha um papel de responsabilidade de dinamização da biblioteca, promotor de iniciativas divulgadoras, de incentivo à utilização dos espaços, formação de utilizadores, etc.

As atividades que são desenvolvidas nas bibliotecas, por norma, são as horas do conto e os ateliês de leitura ou de escrita. No novo conceito de biblioteca, que integrem a animação sociocultural, as bibliotecas são muito mais do que as atividades acima referidas. Atividades que podem integrar a dança, o canto, o desenho, a pintura, a música, o teatro, o uso de fantoches, ralis de contadores de histórias, workshops, convite a escritores, jogos diversos de interior e de rua, ateliês de escrita criativa, decoração participativa da biblioteca, concursos, karaoke, atividades ambientais, baús de leitura, tertúlias de poesia, utilização de suportes áudio visuais, troca de correspondência, restauração de material livro, visionamento de filmes/séries, utilização de jogos didáticos diversos, dramatizações, acesso à internet de forma educativa e apelativa, intercâmbio de atividades/projetos entre outras bibliotecas, escolas e instituições diversas, comemoração das efemérides/escritores/livros, visitas guiadas entre mil e outras atividades de animação, onde as bibliotecas formam, sejam nas públicas, municipais, universitárias e nas escolares, uma ponte de ligação dinâmica imprescindível entre os seus espaços, suportes e seus utilizadores. Sendo estas sempre atividades direcionadas para todas as idades (desde bebés a idosos). (LINUESA, 2007, p.170)

5. A Animação e as suas Práticas

A animação pode ser descrita como o “modo de fazer” e não como o “realizar de ações” sem um propósito ou sem uma ótica formativo-cultural. Trata-se de desenvolver atividades que germinam vida nova, sentido e esperança, através da participação consciente e ativa da sociedade. (Jardim, 2002, p.19). A Animação Sociocultural “é um conjunto de práticas sociais que tem como finalidade estimular a iniciativa e a participação das

comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integradas”. (UNESCO, 1982, citado por Anabela Fernandes, 2010, p. 44)

Segundo Pereira, a maior parte das atividades e técnicas realizadas na ASC (como o teatro, os jogos, a música, o desporto, as expressões plásticas, a dinâmica de grupos e as suas técnicas, etc.) são similarmente usadas noutras disciplinas e por diversos profissionais. O que realmente faz diferença entre atividades de animação e atividades de outro tipo não radica no que faz, mas na forma como se faz, na forma de levar a cabo a atividade, assim, a forma de usar a atividade no sentido de incrementar a autonomia, independência pessoal e promover auto-organização coletiva dos grupos ou sociedade.

Específico e exclusivo da ASC é, desta forma, a busca de despertar as pessoas de uma comunidade, para que a partir de um determinado momento sejam elas as promotoras dos seus destinos. Segundo Serrano (2007), citada por Pereira, “um dos grandes objetivos da animação sociocultural é a participação do ser humano na construção do seu próprio futuro e no da comunidade:” (PEREIRA, 2011, p.150-151)

Para se compreender o autêntico valor da ASC no processo de desenvolvimento do ser humano, enquanto prática de animação ativa, acrescente-se ainda que:

“Animação Sociocultural é um conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. Animação Sociocultural é um instrumento decisivo para um desenvolvimento multidisciplinar integrado (social, económico, cultural, educacional, etc.) dos indivíduos e dos grupos.” (ANASC, 1999, citado por LOPES, 2006, p. 148)

A animação nesta dissertação segue várias linhas, sendo uma delas a vertente cultural, isto é, uma das modalidades de intervenção utilizadas nas escolas ou bibliotecas é a cultural, tendo como objetivos a orientação e desenvolvimento da criatividade, a expressão e a criação cultural. Metodologicamente centrada na atividade e o resultado como ponto organizador dos projetos de animação com seus espaços e suportes de intervenção característicos. (TRILLA, 2004, p.84)

Segundo Quintana, (Viché, 2008, p.4), a animação tem uma função educadora, que oferece um meio a quem deseja trabalhar na melhoria e em prol da comunidade.

Segundo Mario Viché, a animação desenvolve práticas socioculturais que diferem de outras atividades educacionais de natureza institucional e regrada, culturalmente administrada

pela especulação de fatores de mercado, ou de assistência social. A animação de grupos tem gerado práticas diferenciadas, que se caracterizam por ações não-institucionais, atividades de educação não formal, pelo sistema formal em atividades de lazer, associações ou ações específicas, chamadas abertas e dirigidas a um público mais amplo. Ações de construção de interatividade das atividades culturais gerenciadas em índole participativa. Apesar da diversidade de definições e práticas, a prática da ASC gera claramente ações identificáveis como próprias da animação. (VICHÉ, 2012, p.4-10)

6. O Animador

Vistas as definições do conceito de ASC resta-nos ainda referir o que entendemos por animador sociocultural, suas funções, características, baseando-nos no pressuposto de que “a finalidade transformadora que se espera da Animação Sociocultural, só é possível na medida em que esta intervenha e facilite o animador sociocultural” (Badesa, Cit. por Cid *et al*, 2007:624).

O animador deverá ser um exemplo, não a imitar, mas que encoraja à alteração de hábitos em várias direções: 1. nas relações entre as pessoas, na coesão do grupo e na inserção de grupo na vida social; 2. no desenvolvimento e valorização de talentos, competências e qualidades particulares, podendo ser utilizadas em prol do grupo; 3. na promoção de uma autonomia interior (desenvolvendo a consciência das capacidades), exterior (aceitando tomar responsabilidades, tomando o seu lugar na vida do grupo e da comunidade), individual (motivando e enaltecendo os valores pessoais) e coletiva (adotando esta autonomia para que os indivíduos se insiram no desenvolvimento da humanidade, participando ativamente na vida dos grupos que ajam nessa direção); 4. no apoio a participante no sentido de tomar uma responsabilidade no grupo, de interagir com ele em atividades que o grupo considera necessárias para a sua própria existência. (MACCIO, 1977, p.81-82)

Segundo o Grupo de Trabalho/Seminário sobre a formação de Animadores (1984), apud Marcelino Lopes: “O animador é um organizador ou difusor de atividades: por uma vida mais livre, mais ativa, mais criativa, acompanhando a evolução; comunicando melhor entre eles, participando no conjunto, desenvolvendo a personalidade e a autonomia.” (LOPES, 2006, p.527)

Cecília Jesus (1988), apud Marcelino Lopes: “A função do animador não é a de mero transmissor. Ele suscitará a tomada de consciência por um conjunto de pessoas, sensibilizando-as para o conhecimento de uma realidade que as rodeia promovendo o relacionamento e provocando a expressão criativa” (LOPES, 2006, p.527)

Já Trilla afirma que o animador é um agente social que trabalha com grupos e pessoas, o que implica uma ação conjunta, desde as situações mais simples às mais complexas. É um educador, um dinamizador, um mobilizador, um relacionador, capaz de estabelecer comunicação entre indivíduos, grupos e comunidades e mais, com instituições sociais, educativas e culturais. Este animador/educador pretende, na sua essência, provocar mudanças nas atitudes, desde a passividade à atividade ativa. (TRILLA, 2004, p.123)

Já na perspetiva de Jardim, a ação e o dinamismo que o animador realiza podem não estar tão orientados para a transformação da realidade social, mas incidem mais sobre as relações sociais, principalmente naquelas onde os sistemas de relação estão desorganizados. Expressam-se prioritariamente em três vertentes: “como uma metodologia de intervenção social, como uma das formas de ação da política cultural e como uma função educativa”. (JARDIM, 2002, p.13)

Segundo IQF (2005), apud Carlos Costa, “o animador sociocultural tem a missão alargada de promover o desenvolvimento sociocultural de grupos e comunidades, organizando, coordenando e/ou desenvolvendo atividades facilitadoras da animação.” Assim, a animação é tão ampla, tem um espaço de intervenção tão grande quanto o âmbito de aplicação dos projetos. Cada projeto de ASC é ímpar e ajustado à sua realidade, especialmente ao tipo de público e devidas circunstâncias existenciais. (COSTA, 2010, p.118)

Segundo Carlos Azevedo, “da mesma forma que o Animador é o principal encenador e ator das práticas de animação, também podemos dizer que não há empreendedorismo sem pessoas com capacidade de sonhar, planear e agir, isto é, pessoas empreendedoras e pessoas animadas.” (AZEVEDO, 2009, p.1)

Para terminar, segundo as palavras de Anabela Fernandes, podemos afirmar que:

“Animação Sociocultural e o animador enquanto agente de animação são peças fundamentais deste laborioso puzzle, já que o animador é um Educador Social que trabalha nos campos Social, Cultural e Educativo. O animador, ao centrar-se no produto e não no processo, promove a envolvimento no sentido de levar as pessoas a

participar, a interagir, a ultrapassar medos e inibições, daí o cruzamento entre a educação formal, não formal e informal.” (FERNANDES, 2010, p. 50)

Nas características que definem o animador sociocultural, verificamos que o objetivo principal do animador é levar o público a ter uma postura participativa, ser comunicativo, desenvolver a criatividade, ser um elemento autónomo do grupo a que corresponde.

7. O 1.º Ciclo e a Animação Sociocultural

Segundo Filipe Gomes, as escolas de 1.º Ciclo do Ensino Básico só recentemente começaram a agregar, nos seus quadros, técnicos com formação em Animação Sociocultural, e talvez por essa razão ainda existam escolas que não contemplam a ação do animador, sendo essencial saber se serão mesmo os animadores a desempenhar o seu papel ou se serão os professores a colmatar estas lacunas.

O animador sociocultural pode, através das suas atividades, encontrar nas crianças a motivação responsável pelo crescimento do seu potencial de criatividade, memorização e socialização, sendo que as aprendizagens na escola se tornam mais agradáveis quando agregadas a processos lúdicos.

A idade das crianças que frequentam o ensino básico está compreendida entre os 6 e os 10 anos, a atividade lúdica tem uma importância preponderante na sua evolução. Na dinâmica educativa com as crianças, a animação é um utensílio extraordinariamente útil para alicerçar as suas aprendizagens.

O animador tem como uma das ferramentas de trabalho o jogo, harmonizando inúmeras aprendizagens e a integração grupal. Através do jogo, as crianças fortalecem o seu espírito de iniciativa, a integração, a autonomia e o poder de decisão em firme interação com o meio sociocultural. O jogo desenvolve nas crianças um método de socialização e uma exploração do mundo que as circunda. Poderão ser desenvolvidas dinâmicas de colaboração e cooperação, de acordo com regras e normas que as ajudarão a crescer e ter outra perspetiva da envolvente social da sociedade de pertença. O animador pode colaborar neste tipo de aprendizagens, sendo uma estratégia de animação que pode ser desencadeada ao nível de outras práticas de aprendizagem.

O animador afigura-se, cada vez mais, como um motivador de socialização que pode desenvolver inúmeros exercícios de carácter lúdico, recreativo e educacional. De realçar que a

animação sociocultural tem vindo a assumir na nossa sociedade uma importância crescente ao longo dos tempos. Para as crianças urge a necessidade de uma intervenção infantil. No 1.º Ciclo do Ensino Básico, as crianças adquirem aprendizagens vitais para o seu desenvolvimento em sociedade. O jogo contextualizado, através da dramatização no domínio da educação artística, poderá ser um instrumento de trabalho do animador, com vista à socialização da criança, fortalecendo as suas atitudes e comportamentos, de acordo com modelos sociais e culturais. (GOMES, 2007, p.1-3.)

8. Ler - Método de aprendizagem

Segundo Azevedo, "(...) ler é uma experiência social que, estimulando e desenvolvendo a curiosidade, nos torna argutamente atentos às emoções, permitindo-nos reencontrar o Homem na pluralidade dos seus aspectos e vivências" (AZEVEDO, 2007, p.150). Neste sentido, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do ser humano na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura (SILVA, 1998).

Segundo R. Dofs (1966) referido por Silva, "ler" é o método de obtenção de técnicas que levam a pessoa a ser capaz de articular, decifrar com correnteza caracteres impressos da palavra escrita e a estabelecer conexão entre sinais gráficos e sons, "traduzindo um código gráfico no código fonético que é a língua". (SILVA, 2002, p.114)

Etimologicamente "ler" resulta do verbo latino *legere*, expressando, antes de mais, juntar, reunir, colher sinais gráficos traduzíveis em sons, em palavras. (SILVA, 2002, p.113)

Segundo Isabel Alçada (2005, p.1), "a leitura é um bem essencial. Graças a esse maravilhoso poder, tão simples para quem o consegue dominar e tão complexo e misterioso para quem ainda não o adquiriu, a pessoa tem acesso às mais estimulantes e saborosas viagens pelo universo da ciência, da cultura e da fantasia."

Já para Anabela Fernandes,

"Ensinar a ler, motivar para a leitura terá de ser algo em que se acredite. Cabe ao professor e ao animador, enquanto principais agentes de ação, estar preparados cientificamente e pedagogicamente, estar atentos às grandes mutações sociais, de modo a poder preparar os alunos/cidadãos a serem pessoas reflexivas, livres e felizes." (FERNANDES, 2012, p. 50)

Segundo Teresa Calçada, apud Fernando Azevedo, a leitura do séc. XXI coloca-nos desafios diversos onde a escola e a biblioteca têm de solucionar as respostas corretas no tempo e na forma. (AZEVEDO, 2007, p. XI)

Ainda segundo o mesmo autor, entender o papel, a relevância e as ocupações da leitura nas sociedades atuais, orientando com eficiência o dia de hoje e antecipando o futuro, será o grande desafio da biblioteca escolar e das bibliotecas em geral. As alterações dos modelos e formas de leitura deram origem a outras formas de leitura, a leitura digital. Esta veio modificar a estrutura lógica tradicional, trazendo uma estrutura e pensamento também digital.

O problema de literacia é cada vez mais pertencente às escolas e às bibliotecas, encontrando estas estratégias e formas, no tempo e espaço, para que se integre bem a leitura digital nesse novo mecanismo que poderá ser uma “fratura digital” de “exclusão individual, profissional e individual”. Hoje em dia, ensinar a ler é um projeto muito mais ambicioso: “O leitor só se tornará leitor se desenvolver um comportamento de leitor. Para isso terá de fazer da leitura um projeto de vida”. (AZEVEDO, 2007, p. 6)

Sobretudo será a escola básica que irá incutir nas crianças o gosto e prazer pela leitura, em conjunto com outros parceiros sociais, descobrir mais espaços de diálogo para a promoção da leitura. A leitura por prazer será muito mais eficaz, contribuindo para a aquisição de mais conhecimentos e vocabulário. (AZEVEDO, 2007, p. 35)

O desenvolvimento da leitura pode ser identificado por seis fases, desde a fase zero, a pré-leitura, onde a criança desenvolve comportamentos emergentes de leitora. As fases um e dois correspondem à aprendizagem da leitura. Nas fases três a cinco, as crianças começam a ler para aprender. Na quarta e quinta fases, a aprendizagem é mais elaborada, compreendendo múltiplos pontos de vista e construindo-se o conhecimento abstrato. Na sexta e última fase, o leitor é capaz de sintetizar criticamente o trabalho dos outros e construir diversos conhecimentos.

A criação da aprendizagem da leitura como um processo constituído por fases qualitativamente distintas pode e deve colocar em prisma as práticas da sala de aula. Aprender a ler não é um processo uniforme desde o início até a uma leitura sazoadada e eficiente, mas um processo qualitativo diferente, à medida que o leitor se torna mais hábil e competente. (AZEVEDO, 2007, p. 46-47)

Piaget, apud Azevedo, defende que se constrói conhecimento através da interação entre o que já percebemos (conhecimento prévio) e o conhecimento novo. Movimentamos o

conhecimento adquirido anteriormente para compreender a informação nova: “O aluno parte do que já sabe para procurar compreender a informação nova”. (AZEVEDO, 2007, p.47)

Ensinar a identificar o essencial da leitura é importantíssimo para a escola e para a vida. Em busca de competências literárias na escola, tornam-se fundamentais as atividades da pré-leitura, durante a leitura e após leitura. (AZEVEDO, 2007, p. 49-71)

8.1. Animação do livro e da leitura

A leitura entendida como fonte de prazer e de sabedoria, para além de começar na escola, não pode todavia limitar-se a esta. A leitura deve constituir-se como um projeto de vida.

A definição de animação da leitura é passível de múltiplos significados. Torna-se inconfundível o papel significativo que diversos escritores lhe conferem, como Rodriguez (cit. por Castellano) que a considera “Acción realizada para despertar en otras personas la curiosidad afetiva y intelectual hacia los libros para conseguir que de forma libre y espontánea abran un libro y lean y descubran el placer que hay en ello”. (CASTELLANO, 2007, p.15)

A relevância da animação da leitura para Elena Sarmiento, citada por Daniel Castellano, assenta no importante papel da motivação para a leitura como “Una manera de enseñar a los niños y niñas a expresarse de manera diferente, a que vivan los libros y sientan lo que leen, a que les guste la lectura, a que se lo pasen bien mediante la lectura y escritura, a ver los cuentos de otra manera, analizarlos, a sentirse protagonistas de las historias”. (CASTELLANO, 2003, p.15)

Segundo Carlos Costa, pelas linhas orientadoras deixadas por José Q. Díaz (2000), o animador tem um papel importante em todo o processo de animação da leitura. “(...) podemos entender que o papel desenvolvido pelo animador será mais de mediação, como favorecer o contacto da criança com o livro”. Mas, quando se fala em favorecer o contacto da criança com o livro, não significa que o animador seja alguém devidamente treinado para estar à entrada de uma biblioteca, e mal a criança coloque os pés no hall de entrada este a leve ao espaço infanto-juvenil e lhe coloque um livro nas mãos. Há todo um trabalho que é expandido previamente, durante e depois da convivência com um determinado livro. (COSTA, 2007, p.6)

Os projetos de animação da leitura são projetos de desenvolvimento pessoal e social, alicerçados para o desenvolvimento pleno do ser humano do século XXI. Quando se criam projetos de animação da leitura, concebe-se toda uma disposição complexa mas eficaz que, exige determinadas atitudes e particularidades por parte do animador:

TABELA 2 Animação da Leitura e o Animador

(COSTA, 2007, p.6-8)

Paciência	Prudência	Persistência	Confiança	Rigor	Criador de ambientes	Planificação	Criatividade
A criação de hábitos de leitura não é uma consequência produzida da noite para o dia.	O importante não é ensinar as crianças a consumirem muitos livros e a escreverem diversos textos, mas a lerem e a escreverem com prazer.	Ao longo do processo de formação de leitores existirão momentos de euforia mas também ápices de crise, pelo que o animador não se deve dar por vencido.	Autoconfiança de que os hábitos de leitura podem adquirir-se em qualquer idade e em qualquer contexto sociocultural por muito contrário que possa pareça.	É preciso trabalhar em equipa, experienciar, investigar, avaliar, e proceder à autocrítica das próprias atitudes e métodos.	Não só de ambientes físicos, mas sobretudo de atmosferas afetivas e apelativas.	Devem ser fixados objetivos reais, ações, estratégias, livros utilizados, etc. mas de forma alguma deve ser criado um modelo tão rígido que a criança, o jovem, o adulto ou o idoso se sintam dirigidos, presos, amestrados.	Fantasia, imaginação, espírito inovador e crítico.

Respeito	Coerência	Modéstia	Sensibilidade	Profissionalismo	Psicologia	Persuasão
Mostrar respeito pelos interesses, nível de maturação e competência leitora de todos e de cada um dos leitores, entendidos como seres únicos e irrepetíveis.	Agir em conformidade com aquilo que se diz e que se aconselha aos outros.	O autêntico protagonismo deve ser exclusivo dos destinatários dos projetos de animação da leitura e não do animador.	É necessário um sexto sentido, uma aptidão especial para alcançar as necessidades e inclinações de cada leitor e para aceitar que também o animador está envolvido numa constante dinâmica de aprendizagem.	Preocupação em estar a par das inovações em termos de literatura, materiais e suportes para a leitura. Se possível participar e/ou visitar feiras, exposições, congressos...etc. Contatar instituições e consultar revistas especializadas.	Conhecer os rasgos psicológicos, vantagens, inquietudes, preocupações e experiências de leitura das pessoas para quem se concebe projetos de animação, bem como os seus diversos contextos socioculturais;	Perito em marketing, em sedução para ganhar a confiança e implicar nos projetos de animação da leitura os distintos agentes da educação para a leitura: professores, pais, bibliotecários, animadores, autores, etc.

Por fim, e ainda segundo Carlos Costa (2007),

“Podemos começar por concluir que é indubitável o valor da Animação da Leitura quando se trata de gerar processos promotores do ato de ler, e sobretudo, de o fazer com prazer. Existem autores e profissionais da área que avançam mesmo com alguns princípios básicos essenciais a uma correta Animação da Leitura (Fernández, Juan J. L. 2006), outros evidenciam a necessidade do animador possuir um conjunto de atitudes e qualidades para promover tais projetos (Osoro, 2005). Contributos que nos parecem essenciais para assumir a Animação da Leitura como algo de grande responsabilidade, que exige dos seus agentes um trabalho prévio e póstumo em torno da mesma.” (COSTA, 2007, p.6-8)

Uma vez mais diremos que a aprendizagem da leitura não se confina aos primeiros anos do ensino básico. Aprender a ler é um processo que se prolonga por toda a vida (Sim-Sim, 1993; Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997). Assim, a escola, mais do que ensinar a ler, tem de criar leitores

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Depois de apresentarmos o capítulo I relativo ao enquadramento teórico que envolve a temática em estudo, apresentamos agora no capítulo II o respetivo enquadramento metodológico.

1. Metodologia

Segundo Quivy, “os nossos conhecimentos constroem-se com o apoio de quadros teóricos e metodológicos explícitos, lentamente elaborados, que constituem um campo de pelo menos parcialmente estruturado, e esses conhecimentos são apoiados por uma observação dos factos concretos”. (QUIVY, 1995, p.20)

Uma metodologia é usada sempre que ambicionamos estudar opiniões, atitudes e pensamentos de uma dada população. (SOUSA, 2005, p.153)

A metodologia de investigação é um agente importante para qualquer estudo, de forma a se atingirem os objetivos propostos. Como objetivos, interessa saber o que se vai fazer, quando e como vai ser feito e junto de quem será feito, ou como vão ser os resultados avaliados. (ALMEIDA & FREIRE, 2008)

Na sequência das escolhas metodológicas para este estudo de caso, realçamos o interesse nos métodos de recolha de informação a eleger, relacionados com o carácter do estudo e com o paradigma de informação que se deseja adquirir. (BELL, 2004).

A metodologia adotada neste projeto enquadra-se no paradigma de natureza qualitativa de inquérito por entrevista, fazendo-se a recolha, a transcrição, a reflexão, análise de cada entrevista e análise comparativa do conjunto.

Quando iniciamos este procedimento de produção de um conhecimento mais sistemático, em benefício de um “conhecimento prático, que se transmite diretamente de uns para os outros e que se manifesta, em parte, pela cultura” (ARNAL *et al*, 1992, p. 2), não iniciamos do nada, mas pelo contrário, estávamos enquadrados epistemologicamente pela área científica das Ciências Documentais, particularmente no contexto da investigação na intervenção da Animação Sociocultural.

Neste sentido, é no âmbito científico desta área que tem lógica enquadrar, o nosso trabalho de pesquisa, através de um capítulo onde abordaremos as questões epistemológicas relacionadas com as Ciências Documentais, na medida em que “o conhecimento científico constitui uma forma específica de conhecer o mundo que se situa num conjunto muito alargado de outras modalidades de conhecimento [caracterizado por] duas características

essenciais (...): a primeira característica consiste no primado da teoria e a segunda na existência de um método consciente, explicitado e permanentemente sujeito a revisão crítica” (CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 2003, p. 2), e ainda “toda a ciência necessita de estruturar seus conhecimentos, relacioná-los e configurá-los numa estrutura ou sistema que se designa por teoria” (Arnal *et al*, 1992, p.12) através de “uma metodologia rigorosa [com] aplicação de planos elaborados cuidadosamente para dar resposta às perguntas ou problemas” (ARNAL *et al*, 1992, p. 5).

Distinguindo-o dos conhecimentos popular, filosófico e religioso, marcados fortemente pelo carácter valorativo, Lakatos e Marconi (1992) caracterizam o *conhecimento científico* como sendo *factual* (real), porque lida com factos, *contingente*, porque as suas proposições obtêm da experimentação a sua validade, *sistemático*, já que é formado por um sistema de ideias ordenadas logicamente (teoria); o conhecimento científico possui ainda as características da *verificabilidade* e *falibilidade*, já que trata de hipóteses que podem ser comprovadas mas não reclama o título de saber definitivo, absoluto ou final.

Uma investigação empírica é uma investigação em que se fazem observações, no seu sentido mais lato, para melhor compreender determinado fenómeno.

Almeida e Pinto (1976) alertam-nos para os riscos do senso comum ao considerarem que o avanço do conhecimento implica desmontar as pressuposições espontâneas que tendem a impor-se como evidência na representação das relações imaginárias dos indivíduos com as suas condições reais de existência, demolindo as falsas transparências do senso comum mais ou menos elaborado que se autodesignam como conhecimentos.

A *epistemologia* tem precisamente por objeto as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos, enunciando e denunciando os obstáculos que tendem constantemente a reintroduzir o ideológico no científico; para o conseguir, localiza-se simultaneamente no interior e no exterior dos processos específicos da produção de conhecimentos pela reflexão e pela mediação de todas as operações e etapas das práticas que se pretendem científicas e, em particular, sobre a *metodologia*. Esta última é definida como “a arte de aprender a descobrir e analisar os pressupostos e processos lógicos implícitos da investigação, de forma a pô-los em evidência e a sistematizá-los” (BOUDON & LAZARSFELD, 1965, p. 4).

Ao passo que o método consiste em fazer a seleção das técnicas de pesquisa a aplicar por referência ao objeto e à teoria que o constrói, em definir-lhes os limites e as condições úteis de exercício e em relacionar e integrar os resultados obtidos, a teoria assume-se como

enformadora de todo o processo, no que ela tem de internamente instrumental, ou seja, na sua faculdade para mobilizar os outros elementos da prática científica. Esclarecidos os conceitos, Almeida e Pinto (1976) concluem que tanto a epistemologia como a metodologia abordam, portanto, criticamente as práticas concretas de investigação à medida que estas se desenrolam, pois a metodologia, enquanto prática crítica de investigação, “só pode existir articulada com uma teoria de referência, que comanda o desenrolar dos processos de produção de conhecimentos. E essa articulação define-se portanto numa hierarquia, atribuindo prioridade ao momento teórico” (ALMEIDA & PINTO, 1976, p. 52).

Enquanto elemento de indispensável contributo, quer para o processo de pesquisa científica, quer para a efetiva prática científica, os autores reforçam a importância da teoria, ou matriz teórica, enquanto “conjunto organizado de conceitos e relações entre conceitos substantivos, isto é, referidos direta ou indiretamente ao real” (*ibidem*, p. 55). Também a teoria, entendida como património acumulado de interpretações provisoriamente validadas e construtoras do objeto a investigar, assume importante papel ao constituir-se como adequado ponto de partida para a pesquisa. Iniciar uma pesquisa implica seguir um código de leitura da realidade, “transcender os limites da percepção corrente, indicando os núcleos problemáticos cruciais a investigar e um modo plausível de os equacionar” (ALMEIDA & PINTO, 1999, p. 57).

Para Eco (1988), uma pesquisa é científica se cumpre um conjunto de requisitos que podemos resumir da seguinte forma: debruça-se sobre um objeto reconhecível pelos outros; diz coisas novas sobre este objeto ou revê com uma ótica diferente coisas que já foram ditas; deve ser útil, ao acrescentar alguma coisa àquilo que a comunidade já sabia; deve fornecer elementos para a confirmação e para a rejeição das hipóteses que apresenta. Em resumo, não deve fazer perder tempo aos outros.

Sobre o caminho a percorrer na pesquisa científica, afirma que a dissertação pode ser vivida como um jogo, como uma aposta, como uma caça ao tesouro.

Tomámos estas palavras como incentivo à permanente ponderação de todos os passos da investigação, com especial ênfase na coerência do método que, de acordo com Arruda (2008), será o conjunto de passos sistemáticos, guiados por uma teoria, que conduzirão aos objetivos preestabelecidos.

Lessard-Hébert *et al.* (1994) propõem um meta-ponto de vista para o processo de investigação através de um modelo topológico que se articula em volta de quatro polos metodológicos, cuja interação constitui o aspeto dinâmico da investigação – trata-se dos polos

epistemológico, teórico, morfológico e técnico: o plano epistemológico constitui o “motor de pesquisa» do investigador, sendo ao nível dessa instância que se realizam a delimitação da problemática e a estruturação do objecto científico. O plano teórico diz respeito à esfera da formulação sistemática dos objetos científicos, correspondendo à instância metodológica em que as hipóteses se organizam e em que os conceitos se definem. Propõe regras de interpretação dos factos, de especificação e de definição das soluções provisoriamente dadas às problemáticas. O plano morfológico relaciona-se com a estruturação do objeto científico, estruturação essa que se exprime através de três características fundamentais – pela exposição do objeto de conhecimento, pelo estilo através do qual o investigador exprime os resultados e pela construção de modelos.

O plano técnico estabelece a relação entre a construção do objeto científico e o universo dos factos. É a dimensão em que são recolhidas as informações sobre o mundo real e em que essas informações são convertidas em dados pertinentes face à problemática da investigação. A esta instância de tomada de contacto «instrumentada» do investigador com o real correspondem operações técnicas de recolha de dados.

Grande parte das vezes, uma investigação tem as suas raízes no cerne das experiências individuais do investigador, inspirando-se geralmente numa angústia pessoal. A formulação da pergunta de partida ocupa uma posição chave entre os fundamentos teóricos e a prática científica, condiciona a metodologia a adotar e convida a delimitar o ambiente da investigação. Os primeiros recursos de quem se coloca na posição de investigar são as suas próprias inclinações intelectuais, cognitivas e afetivas. Sob esta perspectiva, o presente trabalho não será exceção: de facto, buscamos as respostas para as nossas interrogações tanto em nós próprios como na realidade objetiva que nos serve de referência.

É neste ponto que se colocam as questões epistemológicas e metodológicas. A epistemologia respeita ao sujeito no seu esforço de conhecimento do objeto num movimento de vaivém entre o eu pensante e o pensamento socialmente organizado. Já a metodologia tem a ver com os meios a utilizar para alcançar determinado fim, visando o objeto pelos instrumentos particulares de cada disciplina.

O processo de investigação não é só um processo de aplicação de conhecimentos mas também um processo de planificação e criatividade controlada onde “importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho” (QUIVY & CAMPENHOUD, 2005, p. 15).

Segundo Cembranos (2003, p. 31), a finalidade da investigação em animação sociocultural cujo objeto será o conhecimento em si mesmo, é que sirva para atuar sobre a realidade. Uma metodologia que se determine com a “participação” dos causadores sociais, sobre a sua realidade. Tornar acessível à comunidade que cria a informação, um tipo de análise para a “criatividade social”, onde seja possível desenhar o tipo de realidade que se pretende viver.

No caso da utilização de entrevistas, método utilizado, convém referir que estas exigem, ainda segundo o mesmo autor, uma técnica específica de entrevistas semiestruturadas, mas será tanto mais frutuosa quanto mais bem formulada estiver a pergunta de partida, permitindo ao estudioso delimitar com precisão o que de facto lhe interessa. Neste caso, as entrevistas são realizadas a pessoas responsáveis, internas que estão diretamente relacionadas com as bibliotecas.

No que concerne às metodologias de investigação, dentro da área da animação, Trilla (2004, p.101-102) defende que a investigação supõe como fator de elaboração e reelaboração do conhecimento, independentemente das perspetivas que enfrentam. Assim, tenta “qualificar” a animação de forma direta e indireta, introduz “racionalidade” nas práticas e exprime o seu entusiasmo em conhecer as características dessa realidade, e por fim, contribui para “sintetizar” o processo de aplicação da mesma, orientando para dar contorno à ação e para seu desenvolvimento.

Neste estudo de caso, são utilizadas as metodologias qualitativas. Segundo Trilla (2004, p. 109), a investigação qualitativa segue um processo de investigação que procura compreender os fenómenos e situações que estuda. Utiliza a via indutiva para elaborar o conhecimento e tenta compreender, experimentar e construir os significados intersubjetivos, obtendo-se um conhecimento direto da realidade social.

Deste modo, recorreremos à aplicação de questões abertas, uma vez que estas não preveem as respostas e deixam aos inquiridos autonomia para se expressarem livremente, podendo facultar informações imprevistas, que permitem conhecer com mais clareza a problemática em estudo. (Mucchielli, 1979). Contudo, estas respostas têm que ser interpretadas e a análise requer muito tempo. A escolha do método qualitativo deve-se ao facto de que “a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais [são] ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 16).

Na abordagem qualitativa preocupamo-nos em perceber o contexto em que decorre a ação, pela sua importância na Caracterização do estudo. (ibidem)

Uma das formas mais diretas para encontrar informação sobre determinado fenómeno, baseia-se em expor questões às pessoas que estão abrangidas pelo fenómeno estudado. (TUCKMAN, 2000)

2. Paradigma e Método de Abordagem

A metodologia, no sentido mais filosófico, refere-se à abordagem ou paradigma que se encontra subjacente à investigação e, necessariamente, terá forte impacto no tipo de conhecimento por ela produzido. Como referem Blaxter, Hughes e Tight (2006), a utilidade do termo paradigma é oferecer uma maneira de evidenciar um corpo de crenças e cosmovisões complexas.

Embora outros possam ser tomados em conta, os paradigmas quantitativo e qualitativo oferecem um quadro básico para a divisão dos campos de conhecimento. Uma pesquisa quantitativa é uma pesquisa empírica em que os dados estão numa forma numérica enquanto numa pesquisa qualitativa os dados não estão numa forma numérica. Geralmente, a primeira tende a envolver conjuntos de dados representativos em larga escala e a segunda está interessada em recolher e analisar dados em diversas formas, principalmente não numéricas.

Dito de outra forma, a investigação qualitativa refere-se a qualquer tipo de investigação que produz achados não obtidos por procedimentos estatísticos ou outros métodos de quantificação. Pode referir-se a investigações sobre a vida das pessoas, experiências de vida, comportamentos, emoções, e sentimentos bem como sobre o funcionamento de organizações, movimentos sociais, fenómenos culturais, e interações entre nações. Num estudo qualitativo, a natureza da análise é predominantemente interpretativa. Uma razão válida para a aplicação de métodos qualitativos é a natureza do problema em investigação, em que se pretendem conhecer pensamentos, expectativas, emoções e sentimentos, enfim, intrincados detalhes dificilmente obtidos através de outros métodos mais convencionais (STRAUSS & CORBIN, 1998).

A pesquisa qualitativa dá profundidade aos dados, à dispersão, à riqueza interpretativa, à contextualização do ambiente, aos detalhes e às experiências únicas. Também

oferece flexibilidade e um ponto de vista “recente, natural e holístico dos fenómenos” (SAMPIERI, COLLADO & LUCIO, 2006, p. 15).

Na nossa pesquisa, procuramos compreender o comportamento dos indivíduos através dos seus próprios quadros de referência e não relações entre factos e causas dos fenómenos. Para tal, iremos interrogar, com o máximo detalhe possível, um determinado número de instâncias ou casos que consideramos interessantes ou esclarecedores; procuramos alcançar profundidade ao invés de amplitude.

Um motivo que também tomámos em consideração, e referido por Bardin (1977), é o facto de a abordagem qualitativa corresponder a procedimentos mais intuitivos mas também mais maleáveis e mais adaptáveis, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Temos que admitir, no entanto, que a ponderação deste motivo, em particular, surge associada a razões de natureza diversa: muito certamente, a razões de ordem objetiva relacionadas com os propósitos da investigação e a busca racional de um dispositivo apropriado para os alcançar; mas também a razões não tão objetivas, mais ligadas à atração que representam a subjetividade, ainda que controlada, e a intuição ou o «*insight*», a alguém, como é o nosso caso, com uma formação académica predominantemente nas denominadas ciências «puras e duras».

Em conformidade com os argumentos expostos, parece já clara a nossa opção de situar o nosso trabalho na família das investigações de *natureza qualitativa*. Há, agora, que o caracterizar noutra dimensão do processo de investigação – o método, ou tipo de abordagem em sentido mais restrito. Dadas as características da investigação, fomos levados a preferir uma abordagem que se apoia em muitas das características intrínsecas do *estudo de caso*.

A primeira condição para diferenciar as várias estratégias de pesquisa é identificar o tipo de questão da pesquisa; Yin (2005) refere que o estudo de caso é a estratégia preferida quando se colocam questões de tipo “como” e “por que”, quando não é exigido controlo sobre comportamentos relevantes e quando focaliza fenómenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Para o autor, a investigação de estudo de caso “enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados” (YIN, p. 33), baseando-se em várias fontes de evidência e beneficiando do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a recolha e análise de dados. Refere ainda que o estudo de caso inclui tanto estudo de caso único quanto de *casos múltiplos* e que, a partir destes últimos, são possíveis amplas *generalizações* baseadas em evidências de estudos de caso.

Segundo Stake (1995), quando temos uma questão em investigação, uma necessidade de compreensão geral, o estudo de caso é instrumental para alcançar a compreensão de algo mais do que aquele caso particular, podendo-se afirmar que se trata de um *estudo instrumental de caso*; quando optamos por vários estudos instrumentais de caso para atingir os nossos objetivos, estamos perante um trabalho que poderemos denominar *estudo coletivo de caso*.

3. Tipo de Estudo

Nesta investigação, será realizado um estudo de quatro casos específicos de forma a verificar se existem práticas de animação sociocultural nas instituições bibliotecárias referidas anteriormente, se sim, averiguar quais são e qual a importância concedida às mesmas e verificar também se existe trabalho de cooperação entre a BM e as BE do concelho em estudo.

Considerando o desígnio desta investigação, o tipo de estudo adotado enquadra-se num estudo de caso, assente no método qualitativo. Para Yin (2005, p.19) “o estudo de caso é apenas uma das muitas maneiras de fazer pesquisa (...) tem como objetivo coletar, apresentar e analisar os dados de forma imparcial.”

Já Bell (2004, p.23) defende que um estudo de caso trata-se de “muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância (...) um estudo de caso interessa-se sobretudo pela interação de fatores e acontecimentos.” Por sua vez, Lessard-Hébert (1996, p.77) afirma que a expressão *estudo de caso* denomina “um estudo aprofundado de um caso particular (...) [e que] tem por fim a exploração, a descrição, ou a avaliação da situação de um indivíduo, de um grupo ou de uma organização.”

Entre as vantagens do estudo de caso, pode-se citar a possibilidade de estudar o fenómeno em seu cenário natural e gerar teoria relevante e significativa por meio da observação da realidade. Além disso, o estudo de caso permite responder a questões com uma compreensão relativamente ampla da natureza e da complexidade do fenómeno. O estudo de caso pode ser utilizado para diferentes tipos de propósitos de pesquisa, como exploração, construção de teoria, teste de teoria ou extensão e refinamento de teoria.

Ao realizar um estudo de caso, deve-se ter especial atenção com a confiabilidade e a validade durante a coleta e análise de dados.

4. Fases do Estudo

Neste estudo, foram realizadas reuniões presenciais de tutoria com as orientadoras da investigação dentro e fora da universidade, tendo havido também um acompanhamento a distância do trabalho, já que foi realizado na Madeira.

Realizou-se para este estudo: o planeamento do projeto; a pesquisa bibliográfica; a análise bibliográfica; a definição das metodologias de investigação; os objetivos; as questões de investigação; a elaboração do enquadramento teórico; a definição dos participantes; os instrumentos, a realização e transcrição das entrevistas; a recolha e tratamento de dados; a entrega da 1ª versão do enquadramento teórico; a entrega do plano de investigação; a apresentação do plano de investigação; a recolha de informação junto das orientadoras, o desenvolvimento da dissertação; a análise e tratamento dos dados recolhidos; a escrita dos processos de estudo/resultados obtidos; a escrita das conclusões; a revisão final e a dissertação; a entrega final da mesma e respetiva discussão pública.

5. Sujeitos da Investigação

Ao conjunto total dos casos sobre os quais se pretende retirar conclusões dá-se o nome de *população* ou *universo*. Ao apresentarmos as questões da investigação, identificámos já o objeto e ainda que vagamente, os sujeitos da pesquisa (profissionais das BE e da BM).

Certos de que é o objetivo da investigação que determina a natureza e a dimensão do universo, temos também consciência de que outros fatores podem condicionar esta opção de fundo, como, por exemplo, a experiência da investigadora ou os recursos disponíveis para o trabalho de campo.

A disponibilidade dos indivíduos e a sua capacidade de verbalização foram também critérios considerados importantes.

6. Opções Instrumentais na Recolha de Dados

A observação indireta, adotada nesta investigação, solicita à investigadora que se dirija aos sujeitos para obter a informação pretendida. O primeiro instrumento de recolha de dados é, portanto, a própria investigadora. Como referem Quivy e Campenhoud (2005),

existem dois intermediários entre a informação procurada e a informação obtida: o sujeito, a quem a investigadora pede resposta, e o instrumento constituído pelas perguntas a colocar. Estas são duas fontes de deformações e de erros que a investigadora terá de controlar para que a informação não seja adulterada.

O planeamento dos métodos de recolha de dados da presente investigação, como parte de um mais amplo dispositivo concebido e posto em prática para a desejada elucidação do real, inclui, para além da análise documental, o inquérito na sua forma oral – a entrevista.

7. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Hernando (1998, p.180-181) assegura que o investigador é o “instrumento” de recolha de dados, a validade e fiabilidade dos dados depende muito da sensibilidade, do conhecimento e da experiência. A questão da objetividade do investigador constitui o principal problema da investigação qualitativa. A investigação qualitativa é “descritiva”. A descrição deve ser rigorosa e porvir diretamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos, gravações, etc. Os investigadores estudam e analisam os dados recolhidos, respeitando a forma como foram registados ou transcritos.

A investigação qualitativa de investigação à participação avaliativa será realizada através de entrevistas de perguntas abertas, entrevistas que serão de registo oral e gravadas em suporte áudio com a respetiva autorização das entrevistadas e entidades superiores responsáveis pelas instituições.

Efetuámos uma investigação no sentido de tomar conhecimento das práticas de animação utilizadas dentro dos locais bibliotecários em estudo e dos resultados que estas práticas representam.

Para o efeito, utilizar-se-ão duas técnicas: a **recolha de dados** através das entrevistas realizadas às inquiridas e a **análise documental** dos planos e dos relatórios anuais concedidos pelas bibliotecas em estudo. Cruzando os dados recolhidos. A periodicidade, inovação, participação e resposta positiva ou não das práticas desenvolvidas serão a base de estudo deste cruzamento de informações.

Ainda para reforçar, segundo Quivy (1995, p.19), o método da entrevista permite a aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Os dados bem

processados permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão ricos e variados.

8. Pesquisa Documental

No que se refere aos instrumentos de recolha de dados, destacamos a pesquisa documental, uma vez que permite conhecer vários estudos sobre esta temática. Já Bell (2004, p.51) menciona que “qualquer investigação, seja qual for a sua dimensão, implica a leitura do que outras pessoas já escreveram sobre a área do seu interesse, recolha de informações que fundamentem ou refutem os seus argumentos e redação das suas conclusões”.

Segundo Quintas (1995, p.99), a investigação da realidade consiste numa série de dados que são conclusões analíticas e não uma simples repetição de cifras. Este período de investigação sobre as práticas de animação do livro e das bibliotecas em cooperação entre biblioteca escolar e municipal, no Município de Câmara de Lobos, que conduziu à elaboração deste trabalho.

As metodologias a utilizar, para proceder neste estudo: 1. A **pesquisa e análise documental** (documentos escritos e eletrónicos) para o enquadramento teórico e 2. A realização de **entrevistas semiestruturadas** a três bibliotecas escolares e à Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, mas com um grau de interação quase-diálogo, baseado num grande número de perguntas abertas, segundo uma ordenação rigorosa, focadas nos conhecimentos e opiniões das entrevistadas, de forma a poder proceder a uma análise qualitativa. (CARMO, 1998, p.130-131)

Foi feita uma pesquisa prévia em monografias, em estudos académicos, em artigos e em sites da Internet para a realização do enquadramento teórico como base de fundamento deste trabalho, com informação relativa aos tipos de animação e tipos de bibliotecas considerados nesta investigação.

Foi no início da investigação que efetuamos a maior parte das nossas leituras, a fim de conhecermos o estado em que se encontra a investigação desta temática. Todavia a leitura de obras, documentos e artigos foi contínua e regular ao longo de todo o processo de investigação

Achámos necessário estabelecer um período de tempo para efetuar a recolha do material, uma vez que esta prática exigiu mais tempo do que o que fora traçado. Posto isto,

fomos selecionando as fontes através dos materiais que consideramos mais pertinentes e apropriados para esta investigação. Atendendo à forma como este estudo foi ocorrendo, utilizamos a pesquisa documental de modo regular, quer pela necessidade constante de clarificar ideias, quer por necessidade de complementar conceitos e opiniões.

Foram analisados também os **planos anuais** das bibliotecas e os **relatórios finais** das mesmas (cedidos pelas instituições em estudo). Os planos e relatórios anuais se encontram nos anexos em poder da mestranda. Deve-se ao fato de, serem muito mais de 1000 páginas, os planos e relatórios de 2 anos das 4 instituições em estudo.

9. Inquérito por Entrevista

Ao arquitetar as operações técnicas de recolha de dados, podemos distinguir os três modos principais de recolha em ciências humanas, tal como propostos por Lessard-Hébert *et al.* (1994): **o inquérito, a observação e a análise documental.**

A técnica de **inquérito por entrevista** consiste num procedimento de recolha de informação que utiliza a forma da comunicação verbal; segundo Almeida e Pinto (1976) ela é centrada na pessoa do entrevistado e dificilmente generalizável em termos de explicação de um problema global teoricamente definido. A estas entrevistas do tipo *intensivo* contrapõem-se as de tipo *extensivo* – mais estruturadas, mais curtas, geralmente não repetidas, dando origem a informações mais superficiais, mas com um objeto de análise muito superior em extensão; são por vezes utilizadas para proporcionar complementos de informação em investigações.

Segundo Stake (1995), os investigadores qualitativos devem não só descobrir mas igualmente retratar as descrições e interpretações de outros, sendo a entrevista a principal via para alcançar essas múltiplas realidades.

Para minimizar as limitações do método científico, há que, antes de tudo, deles ter consciência. Como qualquer outro instrumento, a entrevista deve submeter-se às regras do método científico, uma das quais é a busca de objetividade, ou seja, a tentativa de leitura do real, sem contaminações indesejáveis. Como refere Haguette (1978), mesmo sendo a objetividade um ideal inatingível, o investigador deve tentar a aproximação. Na entrevista, as fontes pode localizar-se tanto nos fatores externos ao observador (o roteiro e o entrevistado) como no entrevistador e na sua interação com o entrevistado.

Dado que pretendemos interrogar e discutir certos tópicos com as pessoas selecionadas, e tendo a expectativa de que os pontos de vista dos entrevistados poderiam ser expressos de forma mais plausível numa entrevista relativamente aberta, optámos pela **entrevista semiestruturada**, em que prevalecem as questões abertas, recorrendo a questões fechadas apenas quando forçoso (HAGUETTE, 1987; FLICK, 1998).

Tomámos em conta as recomendações de Mucchielli (1978) e de Guerra (2006) no que respeita à intenção autêntica de compreender o outro, de pensar em seus termos e descobrir o seu universo e, do ponto de vista relacional, a exigência do estabelecimento de uma relação de confiança, o que exige confidencialidade, neutralidade, atitude de não-julgamento e controlo dos juízos de valor.

Uma das decisões básicas que se nos colocaram foi a gravação ou a tomada de notas; uma vez obtida a concordância dos entrevistados, optámos pela gravação evitando, assim, a inevitável perda ou deturpação de informações relevantes para a investigação.

Cada entrevista decorreu de maneira fácil e natural, aproximando-se de uma conversação, e procurando uma comunicação harmoniosa, ou *rapport*, entre o entrevistador e o informante (GOODE & HATT, 1979).

Partilhando da mesma opinião de Fortin (1999, p.263), escolhemos a entrevista, por considerarmos que esta “é o instrumento privilegiado nos estudos exploratório-descritivos em que o investigador utiliza uma abordagem qualitativa”. Selecionámos a entrevista semi-estruturada, composta por perguntas abertas com o intuito de abordar todos os assuntos em estudo, e, permitir ao mesmo tempo que o entrevistado não se afaste do objetivo da entrevista.

Segundo Quivy (1998, p.79), as entrevistas permitem “(...) abrir pistas de reflexão, alargar e precisar os horizontes de leitura, tomar consciência das dimensões e dos aspetos de um dado problema”, ao mesmo tempo que podem “(...) ajudar o investigador a colocar o problema da forma mais correta possível”.

A entrevista foi elaborada por nós. Entrevistaram-se quatro pessoas individualmente, que faziam parte de instituições bibliotecárias do Município de Câmara de Lobos, procedeu-se à transcrição das respostas (Apêndice XVI,XVII,XVIII e IXX) e posteriormente à análise geral das respostas das entrevistas de cada instituição. Para facilitar a investigação, realizou-se uma tabela comparativa com toda a informação das 4 entrevistas, ficando assim uma visão mais clara dos dados recolhidos (Apêndice XX).

O **guião da entrevista** era composto por **cinco blocos**: 1) caracterização da entrevistada; 2) caracterização da biblioteca escolar (BE) ou biblioteca Municipal (BM); 3)

caracterização das práticas de animação da BE ou da BM; 4) caracterização de práticas de cooperação entre bibliotecas e a comunidade local; 5) opiniões/sugestões (Apêndice XIV, XV).

“As entrevistas, assumem a forma de um questionário ... [e permitem] estabelecer uma conversa agradável, durante a qual foi possível registar pensamentos, atitudes e representações” (Seltiz, 1965, cit. Sousa, 2005; Albarello *et al*, 1997)

Optou-se pela realização de entrevistas porque, como afirmam Carmo e Ferreira, o objetivo de uma entrevista é “abrir a área livre” de interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo por consequência, a *área secreta* das pessoas entrevistadas e a *área cega* da pessoa que entrevista (1998, p.126). Realizaram-se entrevistas a instituições específicas porque, permitindo uma interação direta, no sentido de dar a conhecer a importância de uma intervenção em ASC e, simultaneamente sondar o interesse e disponibilidade por parte das instituições em colaborar nessa intervenção.

Importa salientar que o conhecimento que a investigadora já possuía do meio local permitiu-lhe propor, às escolas primárias e à BMCL, uma investigação na área da animação do livro e das bibliotecas, consistindo na realização da sua investigação na variante de bibliotecas.

Para o efeito, foi realizada uma entrevista à escola EB1/PE da Vargem, à técnica de biblioteca Dina Jardim; uma entrevista à escola EB1/PE da Marinheira, à técnica de biblioteca Mariela Brito; uma entrevista à escola EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos, à técnica de biblioteca Isabel Medeiros; e por fim, outra à Diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, Alexandra Marques. Estas entrevistas realizaram-se nas respetivas bibliotecas, deslocando-se a mestrand a estas para a realização das mesmas.

As entrevistas são constituídas por grandes **blocos** de informações a que correspondem objetivos e perguntas a colocar às inquiridas: **I. Identificação da entrevistada** (Nome, formação profissional, experiência, cargo, duração do(s) cargo(s) formação profissional, cargo que desempenha); **II. Identificação da instituição** (nome e tipo de instituição, público-alvo, parcerias, dificuldades e potencialidades); **III. Caracterização das Práticas de Animação da BM/BE** (Caracterizar as práticas de animação, etc.); **IV. Caracterização de práticas de cooperação entre bibliotecas e a comunidade local** (no caso das Bibliotecas Escolares: tipo de atividades de animação, atividades extracurriculares, projetos direcionados à leitura e outras atividades, serviços, projetos educativos, etc.; no caso da Biblioteca Municipal: nome, tipo de instituição, recursos, parcerias, projetos socioculturais,

público-alvo, etc.) E por fim **V. Opiniões/sugestões** por parte da entrevistada em relação a informação adicional relativa à investigação levada a cabo e opiniões suplementares sobre o papel do professor bibliotecário.

A aplicação das entrevistas decorreu de 5 a 12 de junho de 2012, com uma duração de aproximadamente uma hora e meia cada. A forma de contacto para a realização destas entrevistas foi, em primeiro lugar, através de telefone, tendo-se explicado os passos a tomar. Primeiro, a investigadora redigiu uma carta à Direção Regional de Educação (DRE), a fim de solicitar autorização para realizar as entrevistas às três bibliotecas escolares no Município de Câmara de Lobos (Apêndice I). A DRE, por sua vez, concedeu a autorização (Apêndice IV e V), mas solicitou por parte da investigadora uma autorização também da Delegação Escolar do Município de Câmara de Lobos.

Assim, realizou-se o pedido à Delegação (Apêndice II), o qual foi também autorizado (Apêndice III) e, por fim, o pedido por telefone às escolas, seguido de um e-mail contendo em Anexo o ofício de autorização por parte da DRE e da Delegação Escolar. Depois de receberem o pedido por e-mail para a realização das respetivas entrevistas (Apêndice VI, VII, XI) estas foram autorizadas (Apêndice VIII e X), combinou-se assim, o dia, hora e local da entrevista.

A possibilidade da entrevista à Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos também foi feita através de telefone, depois concluída formalmente por e-mail, tendo-se enviado, em Anexo, a carta de pedido de autorização para a realização da entrevista (Apêndice XI). A entrevista foi autorizada também e combinou-se seguidamente a hora e o local (Apêndice XII).

Convém referir que todas as solicitações de pedido de entrevista, continham em anexo, uma carta de apresentação da investigadora (Apêndice XIII).

10. Tratamento e Análise de Dados

A nossa investigação começou com questões, e o seu objetivo final é compreender. Para informar as questões recolhemos *dados*. Os dados são como blocos construtivos, quando agrupados segundo padrões, tornam-se *informação*, que, por sua vez, quando aplicados ou utilizados, se tornam *conhecimento*. O desafio da análise qualitativa reside em obter o significado de largas quantidades de dados – reduzindo os dados em bruto, identificando o

que é significativo, e construindo um quadro para comunicar a essência do que os dados revelam.

Em investigação qualitativa, esforçamo-nos por estar abertos à realidade dos outros e por compreender realidades diferentes. “Devemos ouvir antes de compreender.” (BLOOMBERG & VOLPE, 2008, p. 127) O significado e alcance podem vir de olhar para diferenças e afinidades, de inquirir e interpretar causas, consequências e relações.

Na pesquisa qualitativa a tarefa fundamental é a interpretação e “a dificuldade em interpretar dados qualitativos não está em saber como criar interpretações mas em saber como escapar a interpretações pré-estabelecidas” (FELDMAN, 1995, p. 64).

11. Questão de Partida

De acordo com a caracterização feita anteriormente relativamente à investigação, é tempo de nos inclinarmos sobre a problemática a que nos referenciamos e àquilo a que nos propomos.

Como tal, esta investigação foi desenvolvida com base na pergunta: existem práticas de animação do livro e da leitura, centradas em estratégias de cooperação entre as bibliotecas escolares e biblioteca Municipal em estudo?

12. Objetivos Gerais

Depois de arremessada a pergunta de partida, foi através dela que a investigação se fortaleceu. Para dar resposta a esta questão, foi necessário pesquisar e encontrar as atividades e projetos de animação realizados nas bibliotecas em estudo. A cooperação entre elas foi a base de estudo deste trabalho.

Uma das formas mais diretas para encontrar informação sobre determinado fenómeno, baseia-se em expor questões às pessoas que estão abrangidas pelo fenómeno estudado. (TUCKMAN, 2000)

Para alcançar os dados desejados, dirigimo-nos ao contexto em estudo e a nossa principal preocupação foi procurar obter respostas às questões incluídas na investigação.

Assim, na construção dos inquéritos por entrevista, tivemos como prioridade a utilização de questões relevantes, de modo a adquirirmos um conjunto de respostas decisivas e necessárias para o estudo.

Para tal, optou-se por entrevistar várias técnicas superiores de biblioteca que trabalham no Município de Câmara de Lobos, com o objetivo de conhecer os espaços existentes, os recursos humanos e físicos de que dispõem; saber o que se faz, o que não se faz ou se gostaria de fazer nestas bibliotecas; perceber se, em teoria e na prática, dão importância à animação sociocultural no trabalho que elas próprias (técnicas das BE e técnica da BM) desenvolvem; conhecem e utilizam práticas de animação dentro e fora das bibliotecas; se existe cooperação ou não entre elas; que estratégias usam e que importâncias dão à cooperação; entre outros aspetos de carácter mais geral.

13. Delimitação do Problema

Segundo Quivy, no início de uma investigação, sabemos vagamente o que queremos estudar ou qual o problema, mas não sabemos muito bem como abordar a questão. Desejamos que o trabalho seja útil e resulte em proposições concretas. Este “caos original” não deve ser motivo de inquietação, pelo contrário, é a “marca de um espírito que não se alimenta de simplismos e de certezas estabelecidas. O problema consiste em sair dele sem demorar demasiado e em fazê-lo em nosso proveito.” (QUIVY, 1998, p.20-21)

A delimitação do problema consiste na especificação, na delimitação geográfica e espacial do tema em questão. Tendo a animação diversas áreas, esta dissertação. Trata das práticas da animação do livro e de bibliotecas e sua cooperação. O estudo incide sobre três bibliotecas escolares e a Municipal, que fazem parte do Município de Câmara de Lobos, onde a mestrandia no passado desenvolveu projetos de animação e dirigiu a biblioteca Municipal. Em suma, a investigação assenta também na experiência da mesma até os dias de hoje, já que continua a desempenhar, noutros espaços atividades diversas de animação do livro e das bibliotecas.

Quanto mais estruturada e objetiva for a entrevista melhores serão os resultados, dependendo do tipo de entrevista efetuada, tornando-se mais útil e apenas se emprega o tempo necessário à sua realização.

Correu-se o risco de a entrevistada mencionar assuntos que não importam para o estudo, mas têm um proveito ou preocupação pessoal elevada e uma grande necessidade de

transmitir à entrevistadora esse interesse ou preocupação, por outro lado, a informação recolhida é mais ampla e inclusiva, proporcionando um nível mais complicado no tratamento da informação (interpretar), a forma das perguntas e o modo como são apresentadas poderá influenciar as respostas.

Importou analisar se o discurso das bibliotecárias fazia referência ao conceito da ASC, se tinham a perceção de se envolver em práticas de animação próprias, se pensavam que o faziam (tendo em conta o que afirmavam)?

Importou delinear se existiam práticas de animação semelhantes nas BE e na BM? Se existiam práticas de animação conjuntas? Em cooperação?

13.1. Justificação do problema

A fim de realizar este estudo sobre as práticas de animação do livro e da biblioteca, foi preciso adquirir informação acerca do que se quer das novas ou necessárias bibliotecas de dinamização cultural e das técnicas que se fazem. Por tudo o que se afirmou nos pontos acima referidos do enquadramento teórico, faria sentido que as técnicas utilizassem práticas de animação do livro, da escrita, da leitura, esperar-se-ia da biblioteca e dos bibliotecários a perceção do papel de animador que é deixado à responsabilidade do bibliotecário, que relativamente às BE, na maioria dos casos, são professores e não animadores socioculturais. E, mesmo no caso da BP, onde são mais frequentes os animadores, muitas vezes estas funções são desempenhadas por profissionais de outras áreas, normalmente profissionais de educação formal, de vários níveis de ensino.

Assim, importou saber se há ou não há animadores nas bibliotecas em estudo, se as técnicas e técnicas das BE e BM têm alguma formação em ASC (mesmo que seja de curta duração), o que sabem da ASC, se o seu discurso sobre as suas práticas tem como base as metodologias da ASC, se têm consciência da importância de práticas de ASC nas bibliotecas, e eventualmente se julgam que faria sentido profissionais da ASC (licenciaturas e cursos profissionais) integrarem as equipas de BE e BM (e porquê).

Este estudo poderá ser um contributo para avaliar se, na perspetiva das responsáveis pelas BE e BM, se desenvolvem práticas de animação e se tal se faz em cooperação, tentando refletir-se sobre o sentido de as políticas públicas se abrirem à integração, ao vínculo de profissionais da ASC nas bibliotecas.

Procuramos confirmar se existe esta nova realidade de espaços, ao qual poderíamos chamar, para reforçar a ideia, “bibliotecas animadas de gente viva”. Tentámos auscultar o que estes espaços em estudo estão a realizar neste momento dentro das práticas da animação, comparámos dados através de entrevistas que foram realizadas às responsáveis das bibliotecas em estudo e através dos dados recolhidos em suporte escrito (relatórios, planos e atividades das bibliotecas). A junção, o cruzamento de informação e respetiva análise levou à realização do estudo de investigação, averiguando o ponto de situação do papel da animação nestes espaços.

14. Limitações do Estudo

As limitações do tempo a que estamos sujeitos numa investigação deste tipo são condicionantes relevantes. Se houvesse mais tempo, poderíamos aprofundar esta área pouco explorada, das práticas da animação em bibliotecas escolares e municipais.

O estudo foi realizado com base no trabalho e locais onde a investigadora desenvolveu a sua atividade profissional, o que facilitou os contactos e a rapidez de conhecimentos, mas fechou o estudo com outras bibliotecas existentes na área geográfica em estudo (também por limitação de tempo). As entrevistas poderiam ter abrangido um maior número de técnicas bibliotecárias, abrindo um universo mais alargado de respostas se fossem implementadas em todas as bibliotecas escolares do município.

A nossa investigação foi delineada de modo a ser realizada, com rigor e disciplina. Todavia, ocorreram situações contrárias à investigação que, por vezes, alteraram as linhas do plano de ação inicial e, por sua vez, interpuseram-se na finalização da mesma. Na aplicação dos inquéritos por entrevista às inquiridas, confrontámo-nos com uma situação imprevista. O número de inquiridas aptas a responder ao inquérito por entrevista foi limitado, devido ao facto de o concelho de C.L. conter inúmeras escolas e o tempo de realização da investigação ter sido reduzido, daí termos selecionado as escolas (Marinheira, Estreito e Vargem), onde a investigadora já havia desenvolvido um projeto, intitulado: *Histórias de Passagem*, na passagem da investigadora no seu estágio curricular da licenciatura em Animação Cultural e Educação Comunitária. Outro sítio selecionado pela investigadora foi a Biblioteca Municipal de C.L., onde a investigadora exerceu no passado a função de diretora. É de ressaltar que um

trabalho mais moroso de observação permitiria comparar os discursos sobre as práticas efetivas das responsáveis pelas bibliotecas em estudo.

Consideramos que o facto de a investigadora ser já conhecida pelas entrevistadas não condicionou as respostas dos inquiridos por entrevista e que, ao invés, foi vantajoso pois possibilitou estabelecer um contacto menos formal e obter respostas mais intimistas. Contudo, mantivemos sempre uma postura imparcial em relação às inquiridas de modo a que estas se concentrassem apenas nas questões colocadas.

15. Procedimentos Formais e Éticos

Quando se empreende qualquer tipo de investigação que abranja a participação do ser humano, deve-se garantir aos colaboradores, a **confidencialidade** e o **anonimato** das informações fornecidas, que não serão tornados públicos sem o seu consentimento. Esta caução ficou bem evidente na carta de pedido de autorização que enviámos à Direção Regional de Educação (DRE). A investigação presente teve o consentimento das entrevistadas.

Todo o investigador deve considerar estes princípios quando faz investigação, pois os colaboradores não podem sofrer qualquer dano. A participação dos inquiridos deve ser voluntária e consciente, facto que é suportado pelo princípio da autonomia. Aos investigadores incumbe tratar os colaboradores com seriedade e respeito, conforme impõem os princípios de justiça.

Consideramos fundamental referir que, no ato do inquérito por entrevista, esclarecemos oralmente às inquiridas que este estudo faz parte de uma investigação académica e comunicámos os objetivos e as razões que nos conduziram a fazê-lo. Informámos que os dados facultados não seriam impropriamente publicados. Solicitámos a sua cooperação para a entrevista. Esta abordagem favoreceu a recolha de dados.

16. Cronograma da Execução do Projeto Organizado em Tarefas x Meses

Quintas e Sánchez (1995:105) referem que o cronograma das atividades permite uma configuração da distribuição temporal ou a calendarização da intervenção. Eis assim, em forma de tabela, a calendarização das tarefas para a realização desta dissertação de mestrado.

TABELA 3 Cronograma de Tarefas x Meses

Tarefas	Meses																				
	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun
Primeiras reuniões de tutoria dentro e fora da universidade com a orientadora Professora Doutora Gisélia Felício e com a coorientadora Mestre e Professora Especialista Ana	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●							

da Silva																				
Planeamento do projeto		●	●																	
Pesquisa bibliográfica e revisão da literatura técnica e científica sobre a animação de bibliotecas			●	●	●															
Leitura de obras sobre metodologias de investigação					●	●														
Análise bibliográfica						●	●													
Definição de perguntas de partida e questões da investigação						●														
Construção a problemática da dissertação						●														
Definição de objetivos							●													
Definição das metodologias de investigação e dos								●												

objetivos gerais e questões de investigação																						
Elaboração da estrutura do enquadramento teórico							•	•														
Definição dos participantes na investigação								•														
Recolha de Instrumentos e tratamento dos mesmos								•	•													
Redação do enquadramento teórico									•	•	•											
Entrega da 1. ^a versão do enquadramento teórico											•											
Entrega do plano de investigação										•	•											
Reunião com as orientadoras da dissertação							•															
Reuniões de orientação com a coorientadora da dissertação	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•

Orientação junto da orientadora Doutora Gisellia Felicio, via e-mail e telefone											•	•	•								
Construção dos guiões das entrevistas							•	•													
Revisão dos guiões pela coorientadora da investigação e reformulação									•	•											
Entrevistas – trabalho de campo									•												
Tratamento dos dados das entrevistas									•	•	•										
Definição do corpo do trabalho											•	•									
Redação da dissertação											•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Revisão da dissertação																•	•	•	•	•	•
Entrega da dissertação																					•
Defesa da dissertação																					•

CAPÍTULO III – CARATERIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS

Depois do enquadramento metodológico que foi acima apresentado, neste III capítulo descrevemos a caracterização das bibliotecas que fazem parte deste estudo, neste caso: 3 bibliotecas escolares e 1 biblioteca municipal.

1. Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos

(Câmara Municipal de Câmara de Lobos, [CMCL], 2013)

1.1. O Espaço

A Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos foi concebida de modo a possuir espaços diversificados para todos, tendo ainda outras valências, para além da leitura, o visionamento de filmes e televisão, acesso à Internet e audição de música. Das zonas apresentadas, apenas o piso 0 e o 1 são de acesso ao público.



FIG. 2 Nova Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos

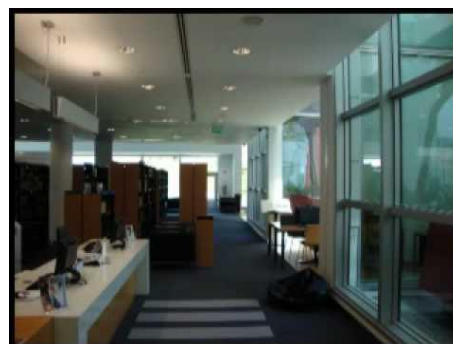


FIG. 3 Sala de Leitura Geral

As áreas, num total de 2400 m², são as seguintes:

- Piso -1:

- Garagem;
- Sala de receção e triagem de documentos;
- Depósito definitivo;
- Sala da 1ª fase do tratamento documental.

- Piso 0

- Átrio - receção/acolhimento do utilizador;
- Sala de adultos;
- Sala de crianças.

- Piso 1

- Sala de adultos – zona de estudo;
- Gabinetes técnicos;
- Cafetaria e esplanada.

1.2. História

da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos é recente, contudo, há um percurso histórico anterior, delineador do que veio a ser a Biblioteca atual.

O trabalho ampliado em Câmara de Lobos no âmbito das Bibliotecas remonta às Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) que, desde os anos 60 até 1980, serviram o concelho com uma frequência mensal. Graças a uma colaboração entre a Fundação e a Câmara Municipal de Câmara de Lobos, foi inaugurada, a 1 de outubro de 1980, a primeira Biblioteca fixa, na Rua São João de Deus, n.º 5, junto ao edifício da Junta de Freguesia, onde funcionou durante 24 anos. Nesta fase inicial, os fundos documentais e materiais de apoio eram doados pela Fundação Calouste Gulbenkian. Já o espaço e os recursos humanos foram disponibilizados pela CMCL.



FIG. 4 Primeira Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, na rua São João de Deus

O horário de funcionamento delimitava-se à parte da manhã. Depois, devido à enorme afluência, tornou-se fundamental aumentar o horário, encerrando apenas para hora do almoço. De início, quando surgiu, a Biblioteca foi considerada uma das melhores da ilha, quer devido às conjunturas do seu espaço, quer pelos atributos do seu espólio, a verdade é que o tempo passou e o espaço da Biblioteca degradou-se de forma irremediável, tornando-se

necessária a mudança. Procurou-se, assim, um espaço mais digno, transferindo-se a Biblioteca para o n.º 14 da mesma rua, no primeiro piso da Casa da Cultura de Câmara de Lobos, em abril de 2004.



FIG. 5 Segunda Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos na Casa da Cultura

A Biblioteca trabalhou neste espaço durante 5 anos, dando-se início ao procedimento de informatização do catálogo de forma gradativa, apenas do material livro. Enquanto isso, preparavam-se os planos para uma nova Biblioteca.

Biblioteca construída de raiz, o único projeto aprovado na RAM no contorno da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, com o apoio da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, o atual edifício voltado para o mar que fora pensado para o Ilhéu, mas que veio a ser fabricado na margem direita da Ribeira do Vigário, no centro da cidade, num local onde se supõe ter existido a Capela de Nossa Senhora de Belém. Foi inaugurada a 3 de maio de 2009. Convém referir que a BM é composta por mais dois espaços, pelo polo do Curral das Freiras e pelo polo do Estreito de Câmara de Lobos.



FIG. 6 Biblioteca Municipal do Curral das Freiras (pólo)



FIG. 7 Atual Biblioteca Municipal do Estreito de Câmara de Lobos (pólo)

1.3. Projetos

Exposições itinerantes

Leituras e aventuras

Programa de atividades de promoção da leitura e do conhecimento para estabelecimentos de ensino, centros de dia e outras instituições.

Saboreando palavras

As sessões decorrem periodicamente de dois em dois meses, no Polo do Estreito de Câmara de Lobos, e inclui a leitura partilhada de um dos dois livros selecionados para que se possa participar no debate de opiniões e descoberta de outras leituras.

7 Dias, 7 Histórias

Para o efeito, as sacolas com os 7 livros organizados por faixas etárias (0-3, 4-6, 7-10) são entregues na casa de famílias no concelho com um diário, para registo dos momentos, e livro de atividades, bem como um guia de apoio à leitura. As sacolas estão disponíveis para empréstimo por um prazo de 15 dias, sem possibilidade de renovação.

Dar voz à leitura

O projeto visa juntar grupos de idosos em várias sessões (quinzenais), num trabalho conjunto com a Divisão de Intervenção Social e Habitação da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, através do grupo Conviver com Alegria, procedendo-se à leitura em voz alta de uma obra literária.

1.4. Serviços

- Consulta de presença (jornais, revistas, livros...);
- Serviço de empréstimo domiciliário;
- Serviço de apoio à informação;
- Acesso a PC de trabalho e acesso à Internet;
- Visionamento de filmes e televisão por cabo;
- Audição de música;
- Serviço de fotocópias (documentos da BMCL) e impressões;
- Acesso ao catálogo informatizado;
- Atividades e dinamização cultural:
 - Ateliês,
 - Sessões de cinema,
 - Hora do estudo,
 - Hora do conto,
 - Troca de livros,
 - Encontros com escritores.

2. EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos

(EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos, 2013)



FIG. 8 EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos

A EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos, situa-se no centro da freguesia do Estreito de Câmara de Lobos e foi inaugurada a 14 de novembro de 1982.

O edifício é constituído por dois pisos. No primeiro piso, existem seis salas: três para atividades curriculares e três para o pré-escolar. Dois salões ao centro (polivalente e refeitório), uma sala para professores, uma cozinha, quatro arrecadações e ainda dois hall, funcionando um deles para o apoio educativo.

No segundo piso, existem mais seis salas: três para atividades curriculares, e três para atividades de enriquecimento curricular, há dois hall, um da expressão plástica e outro do apoio educativo.

No espaço exterior, há um campo desportivo em cimento e um jardim.



FIG. 9 Biblioteca Escolar da EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos

3. EB1/PE da Vargem

(EB1/PE da Vargem, 2013)



FIG. 10 EB1/PE da Vargem

Construída em 1983, a EB1/PE da Vargem é um edifício de tipologia U3, tendo sido sujeito a obras de redimensionamento em 2002.

Em março de 2003, depois de terminadas as obras, passou a funcionar a tempo inteiro. Situado na rua António Prócoro Macedo Júnior, este edifício é composto por dois pisos:

O rés do chão consta de:

- Duas salas para o pré-escolar
- Uma para Expressão Plástica;
- Uma para Atividades de Enriquecimento do Currículo;
- Um Polivalente funcionando não apenas como espaço destinado à:
 - Biblioteca
 - Expressão Musical e Dramática mas também sala de reuniões e de festas.
- Três arrecadações:
 - Uma para material de Música;
 - Uma para material de Educação Física;
 - Outra para material de limpeza.
- Uma sala para o Pessoal Auxiliar
- Instalações sanitárias para:
 - Professores;
 - Rapazes;
 - Raparigas;
 - Crianças da Pré.



FIG. 11 Biblioteca da EB1/PE da Vargem

Na **parte exterior**, existem:

- Uma área coberta onde as crianças brincam durante os recreios. O restante espaço é descoberto e está igualmente destinado aos recreios.
- Um Jardim.



O **1.º piso** inclui:

- Três salas de aula destinadas ao 1.º Ciclo;
- Uma sala de Informática completamente equipada;
- Um gabinete para o Conselho Diretivo;
- Uma sala para professores;
- Uma sala para apoios;
- Um refeitório amplo, onde tanto as crianças como o pessoal docente podem almoçar ou lanchar;
- Uma cozinha completamente equipada;
- Uma dispensa;
- Instalações sanitárias para:
 - Professores;
 - Pessoal Auxiliar.
- Uma área coberta em frente à cozinha;
- Um campo de jogos onde são praticadas várias modalidades de desporto.

FIG. 12 EB1/PE da Vargem

Este estabelecimento escolar oferece as condições físicas necessárias para a realização das atividades de enriquecimento do currículo, verificando-se porém a inexistência de equipamento no exterior do edifício escolar, adequado ao desenvolvimento/entretenimento das crianças em idade pré-escolar.

As atividades de enriquecimento do currículo desenvolvidas neste estabelecimento de ensino, ao longo do ano letivo findo, foram fundamentadas para o pleno desenvolvimento da personalidade, da formação de carácter, e a socialização dos alunos na comunidade.

4. EB1/PE da Marinheira

(EB1/PE da Marinheira, 2013)



FIG. 13 EB1/PE da Marinheira

A escola da Marinheira possui um edifício próprio, novo e moderno que foi inaugurado a junho de 1999, para desenvolver funções de escola a tempo inteiro aos alunos do núcleo escolar, isto é, dos sítios da Marinheira, Casa Caída, Fontes e Fajã das Galinhas.

Detém no rés-do-chão uma sala de expressão plástica, duas salas de ensino pré-escolar, o gabinete administrativo, casas de banho de alunos e de professores, refeitório, cozinha, bar e uma pequena sala de apoio.

No primeiro andar, possui quatro salas de aula curriculares, uma sala de música, sala de professores, duas salas para atividades de complemento curricular (estudo e inglês), biblioteca, a sala TIC e duas arrecadações.

No exterior, possui amplos espaços para recreio, um pequeno jardim e um campo polivalente para as aulas de educação física. Uma das deficiências prende-se com a falta de um recreio coberto, capaz de albergar os alunos durante o recreio em dias de chuva.

A escola pertence à freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, que dista cerca de 15 km da cidade do Funchal e 8 Km de Câmara de Lobos. De acordo com os Censos de 2001, a população residente nesta freguesia atingia os 10236 habitantes distribuídos por 2714 famílias e 3605 alojamentos.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Depois da caracterização das bibliotecas em análise no III capítulo, mostramos de seguida no IV capítulo a apresentação, análise e discussão das entrevistas realizadas às inquiridas neste estudo.

Convém referir que os dados sumariamente das entrevistas realizadas às técnicas de biblioteca dos locais do Município de Câmara de Lobos se encontram numa tabela, no Apêndice XX. Nesse Apêndice, pretende-se apresentar a informação de forma comparativa, entre as quatro bibliotecas. Convém referir que a transcrição da coluna referente à BM está desigual do das colunas das BE, em algumas situações. Isto deve-se ao facto de algumas perguntas serem diferentes entre os dois tipos de instituições bibliotecárias (BM e BE), por serem espaços diferentes na sua essência geral.

A escolha dos cinco blocos e respetivas perguntas implementadas teve em conta o conhecimento que a mestrande já tinha destas bibliotecas, do tempo em que trabalhou, como animadora nestas instituições (entre 2005 a 2010). A seleção das perguntas teve assim em conta, de uma forma geral, as características dos espaços e dos públicos, características, de práticas de animação utilizadas, a cooperação entre bibliotecas ou outros espaços e entidades locais de opiniões e sugestões gerais sobre a área em estudo, parecer acerca da animação, dos animadores e dos profissionais de biblioteca no futuro.

Para além do volume de dados produzidos, o núcleo das transcrições tem múltiplos sentidos e diferentes interpretações. Existindo diferentes assunções e princípios de análise (sistematização, verificação, acessibilidade), torna-se imperativo que a análise seja tão focada quanto possível nas questões-chave ou primárias, num processo de procura das declarações significantes e fazendo a comparação entre o que foi dito em diferentes entrevistas.

A recolha de dados e a sua análise foram processos que ocorreram simultaneamente. Recorremos a um procedimento geralmente utilizado para interpretar e organizar os dados, a *codificação* (*conceptualizando e reduzindo os dados, elaborando categorias em termos das suas propriedades e dimensões, e estabelecendo relações*), tal como proposto por Strauss e Corbin (1998). Por *categoria*, deve entender-se uma rubrica significativa que aglomera elementos do discurso. Tomando em consideração o que a esse respeito refere Guerra (2006), procedemos à «análise categorial», o reconhecimento das variáveis cuja dinâmica potencialmente possa explicar determinado fenómeno.

As diferentes etapas da análise das entrevistas contemplam processos de análise de conteúdo (como a indexação ou caracterização das respostas), de sistematização e verificação,

bem como procura das declarações significantes e comparação entre o que foi dito em diferentes entrevistas, como referido por Blaxter *et al.* (2006).

Pretende-se, neste capítulo, dar uma visão geral do que se realizou nesta investigação. A realização e avaliação da mesma serão aqui apresentados.

Na análise de dados, o investigador concebe informação na forma de conclusões. (HILL & HILL, 2000, p. 191)

Este capítulo reserva-se à apresentação, a análise e a discussão dos resultados obtidos através das entrevistas aplicadas às inquiridas, que serão tratados à luz da análise de conteúdo. Para o tratamento estatístico dos dados recorreu-se à análise descritiva.

Após a descrição detalhada dos casos, o primeiro passo é a análise de dados de cada caso. Uma ferramenta muito útil neste ponto inicial é a construção de uma sequência de acontecimentos que possa ser facilmente visualizada, com informações apresentadas de forma sistemática, para permitir à investigadora tirar conclusões válidas (MILES & HUBERMAN, 1994).

Em seguida procederemos a uma análise cruzada, em que a busca por padrões entre múltiplos casos é um passo-chave no estudo de caso. Podemos verificar se as conclusões são generalizáveis, tentando explicar situações similares ou divergentes.

Apresentamos assim, para cada entrevista, as respostas por questão e a respetiva análise da informação recolhida. “Uma vez manipulados os dados e obtidos os resultados, o passo seguinte é a análise e interpretação destes constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa.” (LAKATOS E MARCONI, 1999, p. 36).

Como resultado desta pesquisa, pretendemos demonstrar que as práticas de animação dentro das bibliotecas sejam elas municipais e/ou escolares são fundamentais e imprescindíveis.

1. Análise das Entrevistas

As entrevistas do nosso estudo realizaram-se no mês de junho de 2012, tendo decorrido no concelho de Câmara de Lobos, numa localidade com características mais fortemente marcadas pela esfera rural e por um certo isolamento nada citadino, como é o caso do Estreito de Câmara de Lobos, Marinheira e Vargem - escolas entrevistadas.

Dentro da homogeneidade patente num grupo de pessoas com a mesma profissão, assim, entrevistámos mulheres, com similares graus académicos, de diferentes licenciaturas.

Denominámos de E1 a E4 às quatro profissionais das BE e BM. Nomeadamente, E01 - Isabel Medeiros; E02 - Dina Figueira; E03 - Mariela Brito das BE e da BM a E04 - Alexandra Marques.

No nosso estudo, entrevistámos 4 mulheres, em quadros individuais, apresentamos os dados pessoais e profissionais das 4 participantes no nosso estudo.

Para não nos alongarmos, apresentamos um conjunto de tabelas que resumem essas características. (vide tabela do Apêndice XX)

As entrevistas realizaram-se face-a-face, envolvendo apenas entrevistadas e investigadora, e decorreram nos locais de trabalho das profissionais em estudo. Como já referido, o modelo adotado foi o da entrevista semiestruturada, deixando espaço para uma ampla discussão das questões abordadas.

Ficámos com a forte convicção de que todas as entrevistadas se exprimiram espontânea e sinceramente, relatando vivências, expectativas e opiniões, com riqueza de pormenores e fazendo emergir novos tópicos, não obstante tenhamos também detetado situações em que os entrevistadas se refugiavam em generalidades. Sempre que necessário, pedimos esclarecimentos adicionais recorrendo a diferentes formas e meios de comunicação; em certos casos e em diferentes momentos, refletimos e abertamente discutimos as nossas dúvidas e interpretações provisórias com as entrevistadas.

Posteriormente, transcrevemos tudo o que imediata ou potencialmente pudesse interessar ao nosso estudo. Procurámos também deixar registo de emoções e outras manifestações de comunicação não-verbal. Partindo dos registos áudio e das respetivas transcrições, procurámos extrair a essência de cada uma das entrevistas. Por outro lado, através de um sistemático processo de fragmentação e organização, procedemos à *análise categorial e descritiva* dos dados.

As operações de classificação das unidades de registo envolveram *diferenciação* e, seguidamente, *reagrupamento*, com predominância do *critério semântico*.

Os procedimentos que acabámos de descrever configuram uma *análise transversal*, já que as entrevistas foram recortadas em redor de cada tema objeto, independentemente do momento em que as afirmações tenham tido lugar (BARDIN, 1977).

Convém notar que a análise final se apoia no exame e na interpretação integral dos dados recolhidos, englobando a essência de cada uma das entrevistas.

A inclusão, de todos os dados recolhidos, bem como dos documentos que resultam de tratamentos intermédios, poderá ser útil, se não necessária, a investigadores que desejem analisar criticamente o nosso trabalho e, eventualmente, a outros que se interessem pela nossa recolha mas optem por diferentes metodologias de tratamento e análise.

1.1. Análise e discussão de resultados

Tal como referem os especialistas em investigação qualitativa, por exemplo Bloomberg e Volpe (2008), quando se trata de interpretação, estamos inevitavelmente lidando com a subjetividade humana, sendo o humano, enquanto instrumento na pesquisa qualitativa, simultaneamente a sua maior força e a sua maior fraqueza. Conscientes, pois, desta inevitabilidade, procurámos em todos os níveis de análise e interpretação atingir a máxima objetividade. Pretendemos minimizar a subjetividade das interpretações mas, claramente, temos a noção que ela tem uma presença simultaneamente indeclinável e inerente às metodologias em questão.

As secções seguintes abrangem a apresentação das informações mais relevantes da nossa investigação.

Através da análise de dados, podemos depreender que todas as inquiridas (sejam elas profissionais das BE ou da BM) possuem formação específica na área das bibliotecas ou especialização em animação sociocultural, sendo que a E01, (Isabel Medeiros, técnica superior de animação de Biblioteca Escolar – EB 1.º Ciclo Estreito), possui licenciatura em línguas e literaturas modernas, variante estudos portugueses, com especialização em animação sociocultural de bibliotecas escolares. Já a E02, (Dina Figueira, técnica superior de animação de Biblioteca Escolar – EB 1.º Ciclo Vargem), possui licenciatura em línguas e literaturas anglo-germanísticas, vertente científica. Posteriormente realizou uma especialização em animação sociocultural de bibliotecas escolares. Relativamente à E03, (Mariela Brito, técnica superior de animação de Biblioteca Escolar – EB 1.º Ciclo Marinheira), detém licenciatura em românicas, variante estudos portugueses e franceses, e possui especialização em animação de bibliotecas, enquanto a (E4), (Alexandra Marques, Coordenadora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos), é licenciada em literaturas modernas, na variante inglês/francês e detém pós-graduação em biblioteconomia e ciências documentais.

O tempo de serviço das profissionais destas instituições varia entre os 3 e os 9 anos. As três profissionais das BE possuem 9 anos de serviço nas respetivas escolas, à exceção da

E03, que possui 7 anos de experiência profissional na EB1.º/PE do Jardim da Serra e 2 anos na EB1.º/PE da Marinheira. A profissional da BM trabalha na instituição há 3 anos.

Através da análise de dados, comprovamos que a situação profissional das inquiridas está essencialmente direcionada para a profissão de técnica superior de biblioteca, à exceção de uma profissional, da BM que desempenha a função de coordenadora na instituição.

Relativamente à segunda parte do inquérito por entrevista, constatámos que, relativamente à questão ***Qual o papel do profissional de biblioteca escolar e municipal?***, a E01 aludiu que o papel do profissional de biblioteca é bastante importante, sendo um trabalho de parceria com a escola, pois a biblioteca vai ao encontro da escola e vice-versa. Já E02 e E03 referiram que o papel principal do profissional de biblioteca escolar é incentivar nos alunos o gosto pela leitura, despertando o prazer pela mesma, numa ótica lúdica e pedagógica e também dinamizar a biblioteca. E04 mencionou que o papel do profissional de biblioteca municipal é muito mais que proporcionar um momento de leitura, o trabalho do profissional de biblioteca municipal enquadra-se em toda a organização do conhecimento, englobando áreas como gestão, marketing e animação.

No que se refere à questão ***Que tipo de formação diferente tem um profissional de biblioteca escolar ou municipal de outros professores?***, as entrevistadas E01, E02 e E04 partilham da opinião que os professores que estão nas escolas do 1.º Ciclo têm exclusivamente formação em 1.º Ciclo, ao contrario do profissional de biblioteca, que possui uma licenciatura seja ela em Estudos Portugueses, em Português/Francês, Português/Inglês, maioritariamente em línguas, variante de português. Já a E03 refere que o tipo de formação que difere um profissional de biblioteca escolar ou municipal de outro professor é essencialmente a especialização em animação sociocultural de biblioteca.

Relativamente à questão levantada à E04 ***Existem animadores especializados na BM?*** Esta entrevistada respondeu negativamente a esta questão.

Quando questionamos as entrevistadas quanto às suas opiniões relativamente à existência de um animador sociocultural nas BE e na BM, as opiniões de todas as entrevistadas foi unânime, concordando que será importante o papel de um animador sociocultural, tanto nas BE como nas BM. As entrevistadas E01, E02 e E03 alegaram que até então as bibliotecas escolares eram apenas um espaço de sala de aula, com estantes de livros desorganizados, e onde decorriam aulas de biblioteca, dirigidas por um professor de 1.º Ciclo, que não usava técnicas, nem seguia metodologias de animação sociocultural. Centrava-se

essencialmente no ensino da escrita e da leitura. Atualmente, os livros não são postos de lado, têm tratamento documental e estão organizados por temas. Já E04 refere que um animador sociocultural nas BM é muito importante e pertinente, uma vez que a formação em animação é fundamental para o desenvolvimento de atividades dentro destas instituições.

Quando questionamos as entrevistadas se ***gostariam de ter um animador na sua equipa***, as entrevistadas E01, E02 e E03 partilham da opinião que, de momento, não é necessário um animador na sua equipa, argumentando que os seus serviços são suficientes para as escolas. Outro facto é que as escolas em estudo possuem um número reduzido de alunos, pois existem poucas turmas do 1.º Ciclo, pelo que não será necessário colocar um outro animador, segundo as entrevistadas, sendo evidente que se percecionam a si próprias como animadoras. E04 mencionou que, de momento, não possuem um animador sociocultural na BM, mas que já tiveram (a investigadora) e que realmente foi uma mais-valia para a biblioteca, pois esta desenvolveu um trabalho de grande qualidade na área da animação. Atualmente, devido à falta de verbas, a BM não possui um animador sociocultural, redistribuindo-se o trabalho pelos três técnicos profissionais de biblioteca que trabalham na instituição.

Relativamente à questão ***A vossa equipa de animação de biblioteca está afeta ao serviço? Quantos elementos possuem? Usufruem de pessoal estagiário, pessoal do fundo desemprego, destacamentos de outros serviços ou outro programa a nível temporário? Quantos elementos e que duração de tempo tem o seu serviço?*** E04 afirmou que de momento possuem dois estagiários do fundo desemprego em ciências da cultura e outro em ciências da educação, com a duração de 12 meses.

Questionámos ainda E04 se ***Julga pertinente a mudança de profissionais ou equipas de trabalho? Ou acha que o trabalho fixo/contínuo é mais rentável e produtivo a longo do prazo?*** Esta entrevistada respondeu que ter estagiários é muito bom porque têm um apoio, só que depois é muito complicado, porque há uma fase de adaptação tanto da equipa que integra a BM como das outras que entram, e depois não há uma continuidade.

Em relação à questão ***se a Biblioteca Escolar/Biblioteca Municipal faz parte da rede das Bibliotecas Escolares/Bibliotecas Públicas? E se sim, desde quando?***, E01 e E03 responderam que as BE onde trabalham não fazem parte da Rede de Bibliotecas Escolares. E02 referiu que a Biblioteca Escolar do 1.º Ciclo da Vargem faz parte da Rede, mas não soube responder-nos desde quando. E04 mencionou que a Biblioteca Municipal faz parte da Rede de Bibliotecas Públicas desde o ano de 2009.

Quando questionamos as entrevistadas em relação *Quem mais frequenta a Biblioteca Escolar para além dos alunos, professores, encarregados de educação? Pessoas da comunidade? Em que circunstâncias é que procuram as bibliotecas escolares?* Apuramos que as entrevistadas E01, E02 e E03 partilham da opinião segundo a qual quem frequenta a Biblioteca Escolar são sobretudo os alunos e os encarregados de educação, que recorrem à biblioteca para consultar e requisitar obras, os professores, para fazer requisição de livros e material didático para as suas aulas, e também os funcionários, que trabalham nas escolas, que eventualmente surgem na biblioteca no sentido de solicitar uma opinião à técnica relativamente a sugestões de livros para seus familiares.

Relativamente à questão apresentada à E04, *Qual é o público alvo mais assíduo da BM? Quais são as idades mais frequentes? E de onde são?* A entrevistada referiu que inicialmente, quando a BM possuía uma técnica na animação sociocultural, o público mais assíduo da BM eram as crianças. Porém, têm notado uma grande diferença atualmente, que pode estar eventualmente relacionada com o trabalho das bibliotecas escolares, que têm vindo a desenvolver um trabalho muito bom de dinamização, e as crianças estão muito atraídas para esse espaço.

E04 referiu igualmente que se tem notado uma diminuição do público que frequenta a BM. Todavia, segundo a entrevistada, tem-se observado um aumento de público na sala de adultos, principalmente estudantes universitários.

Questionámos ainda a E04 relativamente à questão *Qual o espaço mais frequentado pelos vossos utilizadores? Qual é a atividade de animação mais solicitada?* Na opinião da entrevistada, o espaço mais frequentado ultimamente é o espaço dos adultos, onde as atividades de momento são mais solicitadas. A entrevistada referiu que possuem também um espaço destinado para as consolas, que também está a ser muito solicitado pelo público juvenil. Para poderem usufruir da consola, têm que fazer a leitura e resumo de um livro. Neste momento, segundo a entrevistada, a BM possui um dossiê cheio de resumos, o que é bom sinal. As escolas gostam de participar e têm procurado muito a BM por este motivo.

Quando questionamos *Que alunos frequentam as BE? De que idades? E para quê? Se não frequentam a BE, porquê?* Averiguamos que todas as entrevistadas referiram que os alunos que frequentam as BE são todos os alunos do 1.º Ciclo, que são crianças dos seis aos dez anos, pois as bibliotecas têm horas de animação, em que os alunos podem fazer o que quiserem. As técnicas podem desenvolver algum tema, mas sempre partindo de algum livro, a partir do qual os alunos poderão realizar um cartaz relacionado com a história e podem

realizar pinturas, tudo isto em subordinação à área de animação. Referem igualmente que as bibliotecas escolares disponibilizam um tempo de hora e meia de clube leitura, dedicado aos alunos dos 3.º e 4.º anos, em que os alunos leem obras mais extensas para eles se habituarem a um certo ritmo de leitura, para estarem mais bem preparados quando transitarem para o 5.º ano. As entrevistadas referem que os alunos que não frequentam as BE são os alunos da educação pré-escolar, uma vez que as técnicas possuem formação exclusivamente no 1.º Ciclo.

Relativamente à questão ***Que tipo de leitores frequentam a BM? Que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BM, porquê?*** E04 referiu que os leitores que frequentam a BM são leitores a partir dos 16/17 anos até aos 21/22 anos e podem ser leitores que estejam incluídos no projeto que a BM tem com a Fundação Calouste Gulbenkian, que está direcionado para os jovens, a BM possui também mp3 e consola de jogos. A BM oferece palestras, tem o jornal e revistas ao dispor do leitor. Os que não frequentam a BM, segundo E04, são pessoas que nunca tiveram o hábito de frequentar bibliotecas, daí ser fundamental cativar e trabalhar o público infantil e juvenil, de forma que, no futuro, esse público já adulto se torne um público frequentador de bibliotecas, sendo que agora é um pouco difícil o público adulto frequentar a BM.

Questionámos ainda E04 sobre ***Qual o número de participantes, consoante a atividade? Qual a média?*** Segundo a entrevistada, têm por média 30 a 49 pessoas que participam nas atividades.

No que concerne à questão ***Quem integra a equipa das BE e da BM e quais as respetivas funções?***, podemos constatar, através da leitura e análise das respostas das nossas entrevistadas das BE, que quem integra a equipa são unicamente elas próprias, ou seja, não há equipa. Em relação à BM, E04 mencionou que ela fica responsável pela coordenação, têm três técnicos profissionais, responsáveis pelo desenvolvimento de atividades para crianças, adolescentes, adultos e idosos, que desenvolvem atividades interessantes para cada público em específico, sendo também uma forma de dinamizar o espaço.

Questionamos a E04 sobre se ***a equipa da BM está distribuída por setores? Para quem e que tarefas desempenham? Trabalham em equipa ou distribuem as tarefas isoladamente?*** Segundo esta entrevistada, a BM possui o espaço das crianças e dos adultos, e cada profissional está destinado a esse respetivo espaço. Costumam reunir-se e trabalhar em equipa de forma que não haja sobreposição de atividades. A BM possui uma lista das

efemérides. Neste caso, os profissionais de todas as salas trabalham em conjunto sobre determinada efeméride, desenvolvendo uma atividade infantil, juvenil e sénior.

Quanto à questão ***Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam atividades em conjunto?*** Verificamos que as respostas das entrevistadas E01 e E02 foram idênticas, porquanto todas elas interagem e planificam atividades com os professores da escola, existe um trabalho em parceria com estes. Podendo concluir-se que, embora não havendo equipa da BE, existe um esforço de trabalho de colaboração com os professores. Estes tendem a pedir auxílio das técnicas de biblioteca para estimularem os alunos a ler determinadas obras e as técnicas incentivam-nos a isso. Alguns dos trabalhos das técnicas são independentes, porém fazem parte do Conselho Escolar, onde cada pessoa dá a sua opinião. Já E03 refere que trabalha só e que planifica atividades anuais e mensais, em que planifica, organiza e executa projetos. Segundo E04, a BM realiza uma reunião pelo menos de três em três meses, para preparar o trimestre seguinte, e tem também uma reunião de avaliação mensal, com a finalidade de verificar se os objetivos estão a ser cumpridos, se as atividades desenvolvidas estão ou não a correr bem e determinar assim os pontos altos e baixos de cada mês, no sentido de melhorar as suas competências.

Quanto à questão ***Que tipo de atividades realizam mais com os alunos no início e final do 1.º Ciclo?*** Constatamos que todas as profissionais das BE preferem trabalhar com os alunos dos 3.º e 4.º anos. Nos 1.º e 2.º anos, são desenvolvidas atividades mais simples ao passo que, nos 3.º e 4.º anos, são desenvolvidas atividades mais complexas destinadas a estas idades e relativas aos conteúdos que estão a desenvolver na parte curricular, com o respetivo professor. Com os mais velhos, já é possível realizar trabalhos de investigação e dramatizações. E02 chegou mesmo a mencionar que prefere trabalhar com os alunos mais velhos, uma vez que estes já dominam a leitura e a escrita. Referiu também que sente dificuldade em trabalhar com os alunos mais novos, por estes estarem a começar a ler. Assim, a atividade que desenvolve com mais frequência para os alunos mais novos é sobretudo a hora do conto e faz outras atividades relacionadas com o conto (pinturas, colagens e jogos). A história é contada a partir de um livro de conto, por vezes com recurso a videoprojeção em power point e por vezes visionada na televisão.

No que concerne à questão apresentada à E04 ***Que atividades de animação bibliotecária têm no vosso plano anual de animação de 2012?*** A entrevistada referiu as efemérides, referiu que a BM possui as atividades de animação fixas, como o bibliotecário por um dia, a sacola, 7 dias 7 histórias, a consola, atividades de leitura que estão mais centradas

no verão, em que o período de empréstimo está mais alargado. A entrevistada referiu também que a BM possui também atividades temporárias, que são mais a nível de palestras, exposições que vão variando. Realizaram uma sessão de fado destinado à elevação do fado a património da humanidade e tiveram a semana da arte e da cultura. Atualmente, estão a trabalhar o projeto da Gulbenkian e a semana da juventude, procurando um espaço mais especificamente dedicado aos jovens. Questionámos ainda E04 sobre ***Qual o horário fixo das atividades de animação e os horários das pontuais / temporárias? Quais têm melhores resultados finais?*** A entrevistada mencionou que isso varia muito, pois quando é um programa de atividades para as escolas é consoante as necessidades das escolas, as escolas escolhem o dia que pretendem e a BM prepara-se para a questão do transporte. Normalmente, segundo a entrevistada, as atividades são realizadas no período da tarde, pois é o período em que a BM é mais solicitada pelo público, depois têm horários muito variados, dependendo de cada atividade.

No que respeita à questão ***De que atividades os alunos mais gostam? E os professores?*** Todas as entrevistadas das BE referiram que as atividades mais apreciadas pelos alunos são sobretudo os jogos de leitura, a hora do conto (que é apreciada desde as crianças mais pequenas às maiores), gostam de explorar os contos, de dar outros finais aos contos, de selecionar os momentos preferidos e/ou os menos apreciados e justificarem as suas escolhas. Gostam de ilustrar os contos e de os dramatizar. Quanto aos professores, ficam mais centrados na sala de estudo, e as atividades desenvolvidas estão destacadas para o curricular, pedindo por vezes a colaboração das técnicas para trabalhar determinada matéria com os alunos.

Relativamente à questão colocada à coordenadora da BM, ***Que tipo de atividades realizam com os diversos públicos? Qual/quais a/as atividades que mais gostam? E que atividades os técnicos gostam mais de implementar?*** A E04 referiu que a BM está bem organizada no sentido que tem técnicos distribuídos para trabalhar com diferentes faixas etárias. Tem uma técnica responsável pela apresentação de propostas para as crianças e para as escolas de 1.º Ciclo. A própria entrevistada realiza atividades para as escolas. Outro técnico trabalha com os jovens, que é o público que menos frequenta a BM. A outra técnica fica responsável por desenvolver atividades para seniores, tendo surgido atividades muito interessantes e apelativas para esta população. Segundo esta entrevistada, já houve sessões de fado, culinária, reciclagem de roupa, que são atividades originais e que permite à BM chegar a outros públicos. Na opinião de E04, a BM está a conseguir captar a atenção dos diferentes públicos. Todavia a Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos possui tipologias de atividades

diversas, para diferentes públicos-alvo. Para as crianças, recorrem às Horas do Conto, Oficinas, atividades com novas tecnologias (iPad), jogos educativos; para os mais jovens, possuem o projeto “Espaço jovem, espaço de irreverência: lugar de leituras radicais” com uma série de valências apelativas a esta faixa etária – BD, novas tecnologias, ações de sensibilização, peddy-papers, formações de utilizadores; para o público sénior, têm tido uma aposta muito forte através das exposições, ações de sensibilização, partilha de conhecimento “Nunca é tarde para aprender”, gastronomia “Saberes e sabores”. Em acréscimo, destacou o Programa de Promoção da Leitura e do Conhecimento para Escolas e outras Instituições “Leituras e aventuras”. São estas atividades que dão visibilidade à Biblioteca e revelam a importância que espaços culturais como este têm na promoção da leitura, da educação e, em última instância, da cidadania, segundo a entrevistada.

Tendo em conta a análise das respostas das entrevistadas à questão ***Que tipo de livros há na vossa BE/BM? Estão todos classificados/catalogados?*** E01 referiu que na BE existem muitos contos tradicionais e em várias versões, têm livros de escritores atuais, de escritores madeirenses, de outros escritores portugueses e não só. Referiu todavia que esses livros não estão classificados, mas estão registados e separados de acordo com os campos do saber, falta catalogar a nível individual. Já E02 mencionou que os livros estão classificados e que a BE possui livros desde enciclopédias, livros sobre natureza, artes, história de Portugal, literatura portuguesa até manuais escolares que estão separados. E03 afirmou que a BE possui todas as áreas do saber, exceto filosofia. Os livros que possuem em maior número são as enciclopédias e os livros de literatura, nomeadamente a literatura infantil e todos estão classificados segundo a CDU, estando a entrevistada a organizar os mesmos a nível de cores e etiquetas. No que respeita à E04, referiu que, sendo a BM uma biblioteca universal e generalista, possui livros de todas as classes e de todas as áreas. Porém, a BM tem um acervo um pouco mais alargado nas literaturas (romances, ficção) e livros infantis. A BM estabelece prioridade nas suas compras e nas ofertas que lhe são cedidas à catalogação das literaturas infantis e de adultos. A nível de aquisições, a BM tem sofrido uma grande quebra. Este ano, a BM não registou nenhuma aquisição, mas tem muitas ofertas de instituições, da embaixada da Venezuela e de bibliotecas particulares (herança familiar).

Relativamente à questão *Os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola? Trazem livros de casa para a escola? Trocam os livros da escola com os de outra(s) escola(s)?* E01 referiu que os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola, a biblioteca tem um horário para a biblioteca aberta, para tratamento documental, e nas horas de

biblioteca aberta (hora de almoço), os alunos têm a possibilidade e facilidade de se dirigirem à biblioteca. Quanto a trazerem livros de casa, isso também já aconteceu. Quando é trabalhado um determinado tema na biblioteca, alguns alunos dizem ter em casa livros que abordam esse mesmo tema, e a entrevistada pede então a esses alunos que tragam esses livros, porque assim proporciona um espírito de pesquisa e incentivo pela leitura, onde são retirados 5 a 10 minutos da aula para explorar os livros dos colegas. A entrevistada mencionou que também já aconteceu uma colega de outra BE pedir emprestado algum livro, sendo que a escola empresta sem qualquer problema, mas não é uma prática recorrente. E02 mencionou que os alunos podem requisitar livros da biblioteca, mas que não trazem livros de casa para a biblioteca. Nesta BE, os alunos levam os livros, fazem uma requisição de uma semana, e na semana seguinte trocam esse livro por outro. A BE dispõe de CD de áudio e DVD, que podem ser requisitados pelos professores, para apoio nas aulas. Para além destes materiais, existem outros, tais como cartazes e jogos didático - pedagógicos. A entrevistada afirmou que a BE não tem por norma trocar livros com outras BE. E03 informou que, na BE, os alunos podem recorrer à requisição de livros, tendo inclusive testemunhado que alguns alunos oferecem livros à escola. Quanto à troca de livros, só mesmo no projeto Baú de Leitura, em que trocam livros de escola para escola.

No que concerne à questão feita à inquirida da BM, ***Costumam utilizar o serviço de empréstimo de livros com outras instituições? Quais? Utilizam o serviço de empréstimo inter – bibliotecas? É muito solicitado?*** E04 referiu que nunca aconteceu. Mas a BM tem um polo no Estreito e no Curral e, quando não têm determinado livro na BM, têm ou no Estreito ou no Curral, mas com bibliotecas externas nunca aconteceu. Segundo a própria entrevistada, já aconteceu os próprios profissionais da BM consultarem outros catálogos, e costumam frequentar a Biblioteca Pública Regional. Na opinião da entrevistada, na região não faz muito sentido o empréstimo interno das bibliotecas, só no caso de algum livro que exista a nível nacional.

Quanto à questão ***Que parcerias tem a BE/BM com outras instituições?*** E01 referiu que atualmente as BE podem trabalhar com a BM, podem trabalhar com o Centro de Dia e podem também desenvolver projetos com outras escolas, tendo já sido desenvolvido um projeto sobre lendas. Há alguns anos, a BE desenvolveu com a investigadora o Projeto *Histórias de Passagem*. Sempre que possível, a BE entra e participa com todo o gosto em projetos que partem de fora, e a BE por sua vez também lança projetos para fora, que normalmente são bem aceites. Atualmente a BE tem um projeto regional onde todos os

técnicos superiores exploram temas diversificados, nomeadamente Lendas da Madeira, do qual tem um livro lançado em 2011. E02 mencionou que a BE tem uma parceria com a BM, às vezes fazem atividades em conjunto, embora este ano não o tenham feito. A BM já emprestou livros para a escola trabalhar: a BE elaborava trabalhos para expor na BM. A BE tem parcerias com outras escolas também, o que permite desenvolver atividades em conjunto. Atualmente têm um projeto que consiste em enviar uma carta a um amigo e fazer troca de correspondência. Este projeto está a manter-se ao longo do ano letivo. Por vezes também fazem trocas de postais, cartas em forma de avião ou barquinho, ou algo que esteja relacionado com o Município. A BE trabalha fora e dentro do concelho. Já E03 afirmou que a BE não faz intercâmbios com outras bibliotecas. E04 referiu que a BM tem estado a trabalhar com as BE do concelho num projeto de leitura. Em relação ao projeto da Gulbenkian no espaço jovem, a BM tem uma parceria com a editora Nova Delti, no âmbito do qual têm feito palestras, falado sobre novas tecnologias (iPad e ebooks), tendo como objetivo apontar novas formas de ler. A FNAC é também uma parceira da BM, no espaço jovem. Mediante as aquisições de livros que a BM vai fazendo, a FNAC oferece descontos (DVD e livros). Recentemente ofereceram à BM uma consola e um jogo.

Relativamente à questão **Qual o horário da BE?** E01 referiu que a BE tem o horário que a técnica superior de biblioteca tem, neste caso 35 horas. Mas regra geral, a biblioteca está aberta 25 horas por semana. E02 mencionou, por sua vez, que o horário da BE está muito bem dividido. Possuem uma hora e meia para desenvolver atividades para cada turma, uma hora e meia de animação de biblioteca e uma hora e meia de clube de leitura para cada turma a partir dos 3.º e 4.º anos. No total, são seis turmas. A entrevistada referiu ainda que possui uma planificação anual e que prepara as atividades semanalmente. O horário da técnica superior é de 35 horas semanais, mas só 25 horas são obrigatoriamente presenciais, as restantes dez podem ser presenciais ou não. E03 afirmou que o horário é de categoria mista, pode ser de manhã ou de tarde. É consoante as turmas.

No que concerne à questão apresentada à coordenadora da BM, **Qual o horário da BM? Abre aos sábados como a Biblioteca Pública Regional da Madeira? Ou abrangem o horário pós-laboral?** E04 afirmou que a BM possui dois horários distintos, um durante o ano letivo e outro no verão. No horário de verão, a BM abre às 10h e encerra às 13h. Volta a abrir pelas 14h e encerra às 18h. Durante o ano letivo, o horário é contínuo, abrindo às 10h e encerrando às 18h, sem fechar para a hora de almoço, com exceção das quartas-feiras, em que a BM só abre às 13h30, estando encerrada no período da manhã para tratamento técnico.

Relativamente aos sábados, a entrevistada referiu que estão a analisar primeiramente a situação da Biblioteca do Estreito, que esta está aberta aos sábados atualmente, e servirá como referência para avaliar a situação e perceber se fará sentido ou não a BM abrir aos sábados.

Quando questionamos as profissionais das BE sobre ***Qual é o sistema de classificação documental***. Todas as entrevistadas E01, E02 e E03 referiram que o sistema de classificação documental é a CDU.

Em relação à questão *Que áreas e subáreas existem na BE?* E01 respondeu que a BE detém um espaço para a literatura infantil e juvenil, um espaço para livros de geografia, história, que não estão catalogados. E02 mencionou que o material da BE está dividido e organizado de acordo com as diferentes temáticas. A BE possui diferentes subáreas como por exemplo a leitura/escrita, viver em conjunto/ciências sociais, criar/divertir/jogar, povos/países/costumes, dicionários/enciclopédias e observar a natureza. Já E03 referiu que existem áreas do 0 ao 9, possuindo a BE todas as áreas, à exceção da Filosofia.

Levantámos como questão à E04 ***Que espaços a BM possui?*** Obtivemos como resposta que a BM possui um espaço infantil, um espaço destinado aos adultos e ainda um espaço aberto (átrio), uma esplanada, uma sala de estudo e espaços destinados a áreas de trabalho.

Quanto à questão ***Que recursos financeiros dispõe a BE/BM?*** E01 afirmou que os únicos recursos financeiros de que a BE dispõe vêm de receitas da feira do livro, sendo uma oportunidade para adquirir novas obras. E02 mencionou que a BE sempre vai conseguindo dinheiro para comprar algum livro, ou acabar alguma coleção que está por acabar, através da realização de uma pequena feira do livro na escola todos os anos, embora a feira seja pequena, os pais gostam de levar sempre algum livro para casa. A BE já trabalhou com a livraria Planeta Azul da Ponta do Sol, mas este ano uma outra livraria (Colégio) deu uma percentagem maior para a escola, tendo a biblioteca adquirido muitos livros em conta, que foram os que se venderam muito. A BE conseguiu um orçamento de 600€, que para uma escola pequena foi um balanço muito positivo. E03 referiu que os recursos financeiros da BE são muito escassos. Algumas instituições tendem a oferecer alguns livros. Todavia, a BE organiza a feira do livro todos os anos para ganhar alguns livros. A entrevistada acrescentou que este ano a venda de livros foi inferior ao ano passado. E04 mencionou que a BM não possui autonomia financeira, pois as BM estão muito dependentes do trabalho das câmaras. Quando a BM precisa de alguma coisa, a coordenadora da BM apresenta à Dra. Dulce Luís (vereadora), podendo ser aceite ou não.

No que respeita à questão ***O que é para si uma BE? Quais são as diferenças em relação a uma Biblioteca Pública?*** Segundo E01, a BE é o centro da escola, pois é a partir da biblioteca que se conhece a escola e vice-versa. É como uma família. A BE é um espaço diferente, podemos encontrar tudo aquilo que é desenvolvido dentro da escola nas diferentes áreas. Ainda na opinião da entrevistada, as BE são muito importantes, sobretudo na fase do pré-escolar e do 1.º Ciclo, em que os animadores socioculturais desenvolvem atividades com diferentes técnicas e metodologias e incentivam o gosto e o prazer pela leitura. Quanto às diferenças existentes entre uma BE e uma BP, na opinião da entrevistada, são várias, pois a BP como o próprio nome indica é mais direcionada para o público em geral. A BE incide mais nas crianças e no público infantil, que é o público-alvo da BE. A BE desenvolve a maior parte dos seus trabalhos para a escola, mas sempre com o cuidado de trazer outras pessoas para a escola, como os encarregados de educação e a comunidade envolvente. Quanto à BP, esta é mais generalista, os alunos frequentam a biblioteca no caso de leitores da biblioteca, são leitores de passagem. Os da BE são mais assíduos e mais frequentes. No parecer de E02, a BE é um espaço onde estão os livros, os materiais didáticos. É um espaço onde o aluno pode terminar um trabalho e onde pode ler. Em suma, a BE é o espaço cultural da escola, onde tudo acontece a nível escolar. Os frequentadores de uma BE são frequentemente os alunos da escola, é um público “familiar”. Já o público de uma BP é um público mais formal e de diferentes idades. E03 considera que a BE é um espaço onde os alunos podem consultar livros, ler e estudar. A entrevistada considera a BE como um espaço de culto de leitura. É um espaço livre e lúdico. Ao contrário de uma BP, na BE, os alunos podem ser livres, podem fazer aqueles trabalhos de que mais gostam e é um espaço mais concorrido que a BP, e é muito mais acolhedor e mais informal.

Quanto à questão apresentada à E04 ***O que é para si uma BM? Quais são as diferenças em relação a uma BE ou outra?*** Esta entrevistada referiu que a BM tem um carácter muito mais abrangente e generalista, para públicos diversificados de uma comunidade local, acabando por ser uma forma de centro cívico, como um espaço que é também de lazer.

Em relação à questão ***Para si o que são práticas de animação da BE/BM?*** E01 referiu que as práticas de animação da BE são o que os técnicos superiores fazem para promover o gosto e o prazer pela leitura. E02 mencionou que práticas de animação é proporcionar aos alunos pequenos teatros, dramatizar contos, fazer cartazes e expor, é ler e cantar, fazer jogos e outras atividades afins. E03 mencionou que as práticas de animação de

uma BE são estratégias, atividades realizadas para motivar os alunos para a leitura de uma forma mais lúdica e mais criativa. E04 afirmou que as práticas de animação é precisamente proporcionar um lado cultural, educativo e de lazer ao espaço de biblioteca.

Relativamente à questão ***O que entende por animação de biblioteca?*** E01 mencionou que a animação de biblioteca é basicamente o que a entrevistada faz na BE, tendo como ponto de partida o livro, desenvolver atividades de motivação para a leitura. E02 referiu que a animação de biblioteca é fazer com que os alunos gostem de ler, utilizando formas lúdicas que os conduzam às práticas de leitura. Para E03, a animação de biblioteca torna a biblioteca um espaço mais dinâmico. Já E04 afirmou que a animação de biblioteca é um meio para construir cidadãos que tenham capacidade para adquirir conhecimentos e se tornarem pessoas mais participativas e ativas.

Quanto à questão ***Como avalia a importância das práticas de animação?*** Todas as entrevistadas das BE referiram que as práticas de animação são muito importantes. E01 acrescentou que a BE é o centro da escola, pois promove diferentes atividades nas várias áreas curriculares. E02 mencionou que as práticas são muito importantes até para educar em matéria de comportamento, tendo referido que, quando chegou à escola, os alunos não sabiam comportar-se numa biblioteca. A BE oferece-lhes a oportunidade de ler, porque as famílias compram sobretudo jogos para a Playstation. Já para E04, é importante haver práticas de animação. A biblioteca pode proporcionar o prazer da animação, mostrando aos cidadãos que ler, aprender e adquirir novos conhecimentos pode ser feito através de formas divertidas e animadas. Segundo a entrevistada, os técnicos deverão estar atentos e avaliar se o público gosta ou não gosta das práticas de animação desenvolvidas.

No que concerne à questão ***Que atividades realizam fora da BE/BM?*** E01 referiu que a BE desenvolve projetos que são propostos pelas câmaras municipais, ou até mesmo por instituições. Referiu que profissionais da área do ambiente vão muitas vezes à biblioteca e promovem conferências, encontros, partilhas, experiências tais como plantar uma árvore e cuidar de uma planta e os técnicos superiores de biblioteca ajudam a desenvolver esses projetos. E02 referiu que, fora da escola, participam quando há teatros, feiras do livro, quando há poesias a declamar, e até mesmo quando são convidados por outras escolas, quando estas realizam a feira do livro. A entrevistada mencionou ainda que tem um projeto com a paróquia da Encarnação, que funciona como Centro de dia, em que há trocas de experiências. Os idosos contam como era o Natal de antigamente, há então uma troca de informações e experiências. Ainda segundo esta entrevistada, houve um projeto realizado há dois anos atrás, um projeto

concelhio em CL, que consistia em realizar intercâmbios entre as escolas, os alunos faziam a hora do conto, até mesmo sem livro. No ano passado, tiveram uma atividade comum a toda a região, a criação de um livro: *Meninos de hoje histórias para sempre*, cujo objetivo era escrever histórias (nos concelhos maiores, escreviam duas histórias e, nos mais pequenos, uma). Era contada uma lenda e, a partir dela, os alunos criavam uma história completamente diferente, e passava de escola para escola. E03 afirmou que as atividades que realizam fora da BE são essencialmente os projetos de baú de leitura, que fazem todos os anos, tendo inclusive chegado a realizar uma parceria com a BM de CL. Já realizaram um sarau de histórias, que tinha como objetivo escolher o melhor contador de histórias e depois reuniam todos os participantes num sarau na biblioteca de CL. Este ano, como referiu a entrevistada, realizaram um projeto com todos os técnicos da RAM, “bookzania”, que tratava o livro, a evolução do livro, tendo cada concelho uma época, desde a antiguidade até o renascimento. No ano passado, editaram um livro *Lendas de hoje e história para sempre*. Segundo a entrevistada, todos os anos têm um projeto diferente. Já E04 mencionou que a BM não consegue fazer muitas atividades fora da biblioteca. Só mesmo uma atividade que realizam no Estreito e no Curral, que consiste em realizar atividades com o público sénior, dar voz à leitura, como forma de recuperar peças radiofónicas que faziam antigamente. Fazem também leituras encenadas para rir.

Relativamente à questão ***Que tipos de atividades de animação são realizadas com os alunos dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes?*** E01 referiu que a BE trabalha muito as efemérides, em torno de temas como o outono, o Pão por Deus, que é uma tradição da Madeira bastante explorada. Tem como atividades a feira do livro, que é um projeto anual, uma das atividades mais importantes, a atividade do encontro com o escritor, e a atividade de encontro de gerações, que consiste em trazer uma avó à escola para contar uma história. Todas estas atividades são muito importantes, pois qualquer uma delas tem o seu lugar e o seu objetivo, que é o contacto da criança com o livro, e também a promoção do livro e da leitura. E02 mencionou que as atividades desenvolvidas com os alunos são dramatizações, leituras, pequenos teatros de fantoches, ilustrações, visualizações de filmes, desenhos, hora do conto, audições de histórias em CD, assim como trabalhos de pesquisa. Segundo a entrevistada, o que dificulta a realização desta última atividade, é o facto de a biblioteca não possuir um computador. No caso de os alunos trabalharem determinado tema e fazerem pesquisa na internet para um trabalho, a entrevistada tem que solicitar a autorização do professor de informática. Na

opinião da entrevistada, tem de haver diversidade de atividades, de modo a que não se tornem cansativas para os alunos. E03 referiu que as atividades de animação são a hora do conto, concursos de leitura, criação de histórias e a feira do livro, sendo esta a mais importante, apesar de não compensar a nível monetário, compensa pela felicidade dos alunos ao adquirirem livros, nem que seja por 1 euro. Já E04 não elegeu qualquer atividade como mais importante, considerando todas as atividades como relevantes e necessárias: atividades de animação e educação, palestras e ações de formação, exposições, o programa de atividades da escola e o conjunto geral de atividades dentro do projeto da Fundação Gulbenkian, “ Espaço Jovem”, espaço de irreverência para lugar de leituras radicais.

Em relação à questão ***Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições? Se sim, qual/quais? Se não, porquê?*** E01 referiu que a BE já participou em vários projetos, recordando-se especialmente, pelo seu interesse, do que foi desenvolvido pela investigadora, em 2005, *Histórias de passagem*. Lembrou que um sábado por mês, a BE se dirigia ao Centro de Dia Local, que contava com a presença de um escritor e havia uma interação entre as crianças, neste caso os leitores e o escritor, e ainda vinham os encarregados de educação. Era um projeto muito interessante e aliciante, porque uma coisa é conhecerem o livro, outra é poderem conhecer o escritor desse livro, verem a postura do escritor, poderem conversar com ele e partilhar experiências. E02 afirmou que todos os anos, com a BM e com outras escolas, o grupo de técnicos superiores desenvolve um projeto em conjunto, como por exemplo a criação do livro já acima referido *Meninos de hoje...histórias para sempre*. E03 referiu que a BE já participou em projetos por exemplo com a Câmara, tendo referido que a BE participava mais em atividades deste género na altura em que a investigadora trabalhava na BM, altura em que, para além das histórias, foram ao cinema e a algumas peças de teatro. Atualmente, a entrevistada mencionou que estão um pouco limitados em termos de transporte. E04 afirmou que a BM já participou e participa em outros projetos, como é o caso do baú de leitura, que desenvolvem agora com as BE e trabalham com o serviço social da Câmara, a preparar o dia dos avós.

Questionamos ainda a E04 sobre se ***as atividades de animação precisam de ser anunciadas às instituições participantes ou elas por si próprias procuram inscrever-se na vossa programação anual? Por e-mail, via telefone ou através de ficha de inscrição em suporte papel, na própria BM?*** A entrevistada referiu que a BM faz sempre publicação mensalmente através de um panfleto, através do site da câmara, sendo divulgado o programa de atividades, que é enviado também por e-mail. É hábito a BM divulgar o que está a

acontecer nessa semana na biblioteca. Antigamente, a BM tinha que ir atrás das escolas e comunicar às escolas que iam ter tal atividade e perguntar se a escola estava interessada em participar. Atualmente, logo que a BM lança o e-mail, a própria escola comunica com a BM e refere se está ou não interessada em participar. São assim mais as escolas que procuram a BM.

No que concerne à questão ***Existem pequenas bibliotecas ou estantes com livros nas salas de aula? Os professores fazem atividades de animação com esses suportes?*** E01 mencionou que existem muito poucos, que a biblioteca é que tem todos os livros. E relativamente aos professores fazerem atividades de animação com esses suportes, na opinião da entrevistada, depende do professor, há alguns que desenvolvem muitas atividades na área da leitura e fazem por exemplo uma biblioteca de sala, em que cada aluno é desafiado a trazer livros de casa, que vão rodando de semana para semana entre os alunos e, no final do ano, cada aluno deu a possibilidade de o seu livro ser lido por todos os colegas, mas também teve a possibilidade de ler todos os livros dos seus colegas. E02 indicou que existe um armário com uma biblioteca de turma, com livros que os alunos trazem. Como também têm uma biblioteca de turma de inglês, a professora requisita na BE livros de inglês para a sala de aula. A entrevistada referiu também que a SREC (Secretaria Regional de Educação e Cultura) aconselha os alunos a ter uma hora de leitura na parte curricular, e esse papel passou para o técnico superior de biblioteca, eventualmente, no quadro de um clube da leitura, uma vez que os professores não têm tempo. Já E03 afirmou que há sempre uma sala ou outra que possui uma biblioteca pequena e desconhece se os professores desenvolvem atividades de animação com esses suportes.

Quando questionamos E04 relativamente à questão ***Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na vossa BM? Porquê? Gostaria de ter na sua equipa um ou mais animador/es sociocultural/ais?*** Esta referiu que é muito importante a existência de vários animadores socioculturais na BM, porque deve haver atividades direcionadas para determinadas faixas etárias e públicos diferenciados, pois têm necessidades distintas. Foi pertinente dividir a equipa da BM por vários públicos-alvo. O ideal é ter um animador sociocultural para as atividades das crianças, um animador sociocultural para jovens e outro para idosos.

E quando questionamos ***Se existe uma equipa de animação na BM e se aplicam as respetivas práticas regulares e sistemáticas?*** E04 referiu que possui apenas algumas bases de animação do curso que teve, mas que a equipa da BM não possui formação em animação.

Fazem atividades por gosto, embora não tenham conhecimentos técnicos e não desenvolvam as práticas como deveria ser, mas a entrevistada afirmou que está a trabalhar para isso.

Quanto à questão ***Que tipo de atividades ou jogos de animação da leitura/do livro fazem os professores na biblioteca na sala de aula e/ou em outros espaços da escola?*** E01 referiu que os professores fazem muito poucas atividades ou jogos de animação da leitura/do livro e, quando muito, fazem um trabalho dentro da sala e expõem no hall de acesso às salas de aula e outras turmas têm oportunidade de ver. Todavia, não é um trabalho muito visível, segundo a opinião da entrevistada. E02 referiu que os professores costumam realizar atividades ou jogos de animação da leitura/do livro, fazem dramatizações de livros. A entrevistada relatou que costuma participar com um professor da curricular em pequenas dramatizações. Comentou também que tem uma colega que faz requisição de livros para uma turma que dirige e os alunos posteriormente têm que apresentar, em dias diferentes, aos restantes colegas. Contam a história, aconselham a história e dizem porque gostaram ou não gostaram. Já E03 mencionou que normalmente quem realiza as atividades ou jogos de animação da leitura/de livro é a própria entrevistada.

Quando questionamos as entrevistadas em relação à questão ***E fora da escola, que atividades desenvolvem as BE? Com alunos? Professores? Encarregados de educação? Outros?*** E01 afirmou que a feira do livro é o maior projeto e o que abrange maior público. Referiu ainda que a BM também tem atividades que podem abraçar as turmas da escola, sendo normalmente combinado e agendado com a pessoa responsável pela atividade. A entrevistada ressalta a lembrança de uma sessão de poesia, realizada no ano passado, sobre a primavera: os pais foram convidados a assistir e vieram à escola, num final de tarde. Foi pedida a colaboração dos pais, quando necessária, para elaborar alguns trabalhos, como a confeção de flores e construção de placares alusivos à mãe. E02 afirmou que, fora da escola, a BE costuma fazer as festas da escola no Salão Paroquial: levam histórias, pequenos teatros e declamação de poesia. Já E03 indicou que, fora da escola, há intercâmbios que a BE vai fazendo com outros colegas das outras 16 escolas do concelho e também de outros concelhos.

Quanto à questão levantada à E04 ***Que atividades realizam fora da BM? Que práticas de animação utilizam? Acha que são importantes para o funcionamento de uma biblioteca da atualidade?*** A entrevistada comentou que, fora da biblioteca, não têm nada, pois não têm capacidade de desenvolver atividades fora da BM.

Relativamente à questão ***Há frequência da BE regular e sistemática por parte de professores com as turmas?*** E01 referiu que, por norma, na região, as turmas têm a biblioteca

como extracurricular. Nalgumas escolas, nas cinco horas da curricular, também têm 45 minutos para um bloco de biblioteca, e é aí que os técnicos de biblioteca vão às salas de aula, no horário letivo. Há também a ida das turmas às bibliotecas, mas isso é mais nas horas extracurriculares. E02 mencionou que normalmente os professores dirigem-se à biblioteca, à procura de material, mas não vão com as turmas. Os alunos, por sua vez, vão à biblioteca porque têm a hora de biblioteca e a hora do clube de leitura. A entrevistada afirmou que não há uma frequência regular e sistemática por parte dos alunos, com as turmas na BE, só mesmo quando há a feira do livro: os professores trazem os alunos para visitarem a feira e verem os livros. E03 mencionou também que não há muita frequência por parte dos professores com as turmas na BE, não é habitual. Na opinião da entrevistada, estes devem ter um programa para cumprir e devem tratar a criação de texto e de leitura na curricular.

Outra questão levantada às técnicas bibliotecárias foi ***Trabalham com todas as turmas da escola? Quantas horas por semana dedicam a cada turma? Que anos/turmas frequentam mais a BE? Que anos/ turmas lhes parecem mostrar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE?*** E01 informou que a BE trabalha com todas as turmas da escola, só na educação pré-escolar é que só trabalham quando o horário dos técnicos superiores de biblioteca ainda tem horas livres. Nesse caso, as educadoras são convidadas e geralmente aceitam muito bem. Segundo as entrevistadas E01, E02 e E03 os técnicos dedicam 1h30 por turma, mas depende sempre do número de turmas da escola. Atualmente, as escolas detêm 2 turmas em cada ano, logo a capacidade de carga horária de cada turma aumenta, sendo que todas frequentam por igual. Quanto aos anos/turmas que parecem revelar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE, E01 pensa que geralmente é uma turma do primeiro ano, que tem características diferentes, aceita muito bem as atividades de biblioteca e, quando as crianças encontram a entrevistada no corredor, perguntam qual é o tema da semana, mostrando interesse. E02 referiu que a BE trabalha com todas as turmas, exceto com o pré-escolar. Os anos que frequentam mais são essencialmente os 3.º e 4.º anos. Frequentam a biblioteca na hora de almoço, na hora de biblioteca aberta. Os mais pequenos gostam mais de ficar no pátio a brincar, mas os maiores gostam de vir para a biblioteca, sendo os mais motivados. E03 afirmou que todas as turmas frequentam a BE, exceto o pré-escolar e possuem cerca de uma hora e meia para cada turma. Ainda segundo a entrevistada, a BE possui outras atividades relacionadas com a área da biblioteca, como é o caso do clube de teatro e o clube de leitura. Na sua opinião, os alunos que frequentam mais a BE são os do 4.º ano, porém os do 2.º ano também já começam a frequentar.

No que concerne à questão apresentada à E04 ***Trabalham com públicos de que idades?*** Esta afirmou que a BM trabalha com público dos 0 aos 80/90 anos. Com a Bebeteca, alguns pais já trazem os bebés, mas é com os seniores que são desenvolvidas mais atividades na BM.

Outra questão levantada a esta entrevistada foi ***As vossas atividades de animação são dirigidas à comunidade envolvente, o concelho de Câmara de Lobos? Ou para fora deste também? Se é dirigido para o exterior, para quem? A procura é relevante?*** E04 referiu que a BM trabalha prioritariamente para a comunidade de CL, todavia há pessoas que procuram a BM, como é o caso do ginásio de São Martinho, a Escola da Ribeira Brava, que vêm porque as atividades desenvolvidas são para o público em geral.

Em relação à questão ***Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?*** Segundo E01, a BE tem reuniões na escola e as atas são feitas na hora da reunião. Rotativamente pelos 30 professores. A entrevistada referiu que também faz atas. A quinta-feira à tarde é-lhe destinada para a realização de reuniões, que são feitas fora da escola, normalmente em espaços municipais. Continuam às terças-feiras, de quinze em quinze dias, pois às terças reúnem-se todos os técnicos de Câmara de Lobos, e nos outros quinze dias, fazem discussões de projetos e trocam ideias. Todas as terças à tarde, os técnicos superiores de biblioteca de toda a região têm no seu horário um espaço destinado para realização de reuniões. Todavia, segundo a entrevistada, a escola também tem as reuniões administrativas, as reuniões de grupo, nas quais os técnicos superiores de biblioteca também participam. As respostas das entrevistadas E02 e E03 estão em consonância com o que foi descrito pela E01. E02 referiu que faz parte do conselho escolar e que vai à reunião do conselho escolar, uma vez por mês e a ata é rotativa. Faz também reuniões com todos os técnicos do concelho, de quinze em quinze dias (a reunião de concelhia). Nas outras semanas, realizam reuniões de minigrupo, para troca e elaboração de materiais novos, troca de ideias. Fazem reuniões gerais com todos os técnicos superiores da RAM, realizadas no início e no final do ano, nas quais dois representantes falam do que é esperado, do que vão fazer no ano letivo seguinte, o que aconselham fazer, o que espera a secretaria dos técnicos. No final do ano, o representante faz um balanço final do ano. E03 mencionou que a escola realiza, por sua vez, reuniões todas as semanas com os colegas de escola, têm reuniões de minigrupo de quinze em quinze dias, e as de concelhia também de quinze em quinze. A escola também possui reuniões de conselho escolar. Já E04 referiu que a BM reúne com a equipa de animação mensalmente.

Relativamente à questão ***Fazem plana anual das atividades de animação? Quem os faz? Os professores da escola participam?*** E01 respondeu afirmativamente: no início de cada ano letivo, a BE apresenta um plano anual de atividades a desenvolver, com todas as turmas e esse plano deverá seguir os conteúdos curriculares do 1.º Ciclo. E02 afirmou que quem faz a planificação é a própria entrevistada e pergunta aos professores se querem incluir alguma obra em especial. E03 referiu igualmente ser a própria que desenvolve as planificações, anuais e mensais. O plano mensal está relacionado com algumas áreas curriculares.

Quando questionamos a E04 sobre se a BM ***Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem participa na elaboração? Quem os avalia e como? Planifica atividades com a sua equipa de trabalho? De quem é a última palavra?*** A entrevistada indicou que a BM faz planos anuais das atividades de animação. No ano passado, os planos estavam mais centrados na própria entrevistada, mas este ano toda a equipa participou na elaboração dos planos. O relatório final também é a entrevistada que o realiza, mas com o contributo dos colegas, sendo depois entregue à vereação.

Relativamente à questão ***Fazem avaliação das atividades?*** Através da análise das respostas das nossas entrevistadas podemos depreender que todas as entrevistadas revelaram que tanto as BE como a BM fazem avaliação das atividades. No final de cada período, fazem um relatório desse período. Segundo E01, entregam esse relatório à direção da escola e outro igual ao professor da curricular, relativamente à sua turma. E02 acrescentou que costuma fazer uma espécie de avaliação com os alunos, de forma a identificar o que gostaram mais de fazer e o que gostaram mais de trabalhar. Já E04 referiu que existe internamente um relatório final do ano, tendo todos os colegas que fazer esse relatório, até porque faz parte das avaliações de desempenho.

Já a questão ***A vossa BE possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os alunos/professores ou outros técnicos possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano letivo em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes?*** E01 indicou que a BE já teve anteriormente uma caixa de sugestões, mas de momento não tem nada, sendo a própria entrevistada que faz uma autoavaliação do que há a melhorar no próximo ano letivo. E02 e E03 mencionaram que a BE não possui qualquer ficha de sugestões/melhoramento, mas que é uma boa ideia a implementar, tendo E02 referido que costuma falar com os professores para avaliar o trabalho realizado. Já E04 mencionou que a BM possui uma ficha de sugestões, que muitas vezes é dada a conhecer à vereação, pois se há alguma coisa internamente que

deverá ser mudada, a BM envia a sugestão para a vereação, de forma a obter autorização superior.

No que respeita à questão ***Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem da equipa participa na elaboração do relatório? Mais alguém do exterior à equipa ou à escola participa?*** Todas as entrevistadas mencionaram que a elaboração do relatório anual das atividades desenvolvidas é da responsabilidade das próprias entrevistadas, tendo E02 acrescentado que, na última reunião, a diretora escolar pediu-lhe que fizesse um pequeno resumo do relatório para toda as pessoas que estavam presentes pudessem ouvir. E04 referiu que apenas elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas no âmbito da animação e do serviço em geral, sendo um relatório mais abrangente. Referiu ainda que o relatório é realizado pela própria entrevistada. Quanto a sugestões do exterior, mencionou que, quando as escolas visitam a BM, podem deixar sugestões.

Em relação à questão ***No passado ano letivo, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?*** Segundo E01, no passado ano letivo, a BE concretizou as atividades propostas no plano de atividades e foi positivo. Foram alcançados os objetivos propostos inicialmente. A entrevistada referiu que, quando se elabora um plano anual de atividades, é preciso colocar uma nota, de modo que se justifique, pode-se eventualmente alterar parte do plano. Este ano, por exemplo, a entrevistada fez uma adenda ao plano inicial, de modo a introduzir o tema do fado como património. De um modo geral, o balanço foi positivo. E02 mencionou que nem todas as atividades propostas no plano de atividades do passado ano letivo se concretizaram, havendo sempre alterações. Na opinião da entrevistada, o balanço foi positivo, tendo-se alcançado os objetivos propostos inicialmente e estando-se este ano também no bom caminho. E03 referiu que nem todas as atividades propostas no plano de atividades se concretizaram no passado ano letivo, pois foi um ano de adaptação para a técnica, mas que o balanço foi positivo e que este ano está a correr de melhor forma. Já na opinião de E04, o ano passado resultou ser mais positivo, porque acabaram por fazer mais atividades que nem não estavam no plano.

No que respeita à questão ***Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades?*** Na opinião da E01, as principais dificuldades são monetárias, por exemplo para comprar obras de que precisam. Para E02, as grandes dificuldades relacionam-se com a falta de espaço, pois gostaria que a sala fosse só dela. Outro obstáculo apontado por E02 foi a falta de verbas, embora tivesse mencionado que a feira do

livro é uma grande ajuda para comprar livros e materiais. E03 mencionou que as principais dificuldades são a capacidade de adaptação às situações e circunstâncias, aos colegas, aos gostos dos alunos, pois, por vezes, estes não estão muito inclinados para fazer uma atividade que a entrevistada planeou. Tal como as outras duas entrevistadas, E03 referiu também a falta de verba. Já E04 mencionou como dificuldades/obstáculos a gestão de recursos humanos (por vezes, têm uma atividade programada e, nesse período, falta algum profissional devido a baixa ou período de férias) e a limitação financeira.

Também nas BE, de um modo geral, não possuem recursos financeiros para aumentar o espólio. A única estratégia utilizada é a estereotipada feira do livro, não havendo o cuidado de utilizar outros métodos para aquisição de novos recursos. O animador é o fomentador da criação e implementação de projetos que resolve estas e outras falhas através de métodos e estratégias. A BM também tem muitas dificuldades financeiras, dependendo da CMCL, limitam-se a um espólio reduzido e a recursos humanos precários.

No que concerne à questão ***Julgou pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto Histórias de Passagem, desenvolvido pela investigadora, aquando do seu estágio curricular, em 2005?*** E01 referiu que o projeto foi muito interessante e estimulante, pela sua vertente de histórias e contos tradicionais, mas também outro tipo de histórias inventadas pelos alunos. Desenvolveu-se a partilha de experiências entre crianças e seniores, os alunos ficaram a conhecer valores, escritores e aspetos da cultura local. E02 referiu também que este projeto foi sem dúvida uma mais-valia para as escolas que participaram, viram-se integradas num projeto comunitário, que saiu para fora da escola. Já E03 e E04 indicaram que não acompanharam o projeto, pois eram outros profissionais que se encontravam no momento, tanto na BE como na BM.

Relativamente à questão ***E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de CL, considera que o trabalho desenvolvido pela investigadora foi pertinente, diferente e inovador? Porquê?*** Na opinião da E01, o trabalho desenvolvido tem sido diferente, pois os animadores têm o seu próprio trabalho, têm as suas técnicas e a sua metodologia, que são diferentes, porque fizeram uma formação diferente de um professor. Atualmente continuam a ter atividades, mas em pequeno número, porque já não têm uma pessoa com competências naquela área específica, o que se torna mais difícil e com menos qualidade. Para E01, foi muito pertinente o trabalho desenvolvido pela investigadora, pois trabalhava como animadora com as escolas e tinham transporte disponível, o que é uma condicionante que as escolas têm, sendo um problema gravíssimo do Município. E02

mencionou que foi bastante pertinente e inovador, sempre que a entrevistada necessitava de alguma coisa ou alguma ideia, contactava com a investigadora, que esta estava sempre disponível. E02 lembrou que a BE foi por diversas vezes à BM, onde a investigadora os recebeu sempre muito bem, realizando sempre atividades de excelência com os alunos, tendo ainda referido que adorou trabalhar com a BMCL nesse período. E03 referiu também que o projeto foi muito pertinente, uma vez que a investigadora tentou sempre abranger todas as escolas e isso tem faltado ultimamente. E04 mencionou que o trabalho desenvolvido pela investigadora foi muito pertinente, pois era muito mais específico e era uma pessoa que podia dar uma vivacidade e uma animação muito maiores, porque tinha as bases para o fazer. No parecer da entrevistada, atualmente o mesmo não acontece, pois os profissionais têm que fazer catalogação, indexação e gestão de todo o funcionamento, muitas coisas ficam para trás.

Quando questionamos as entrevistadas relativamente à questão ***Lembra-se de algumas atividades/projetos realizados nesses anos? Quais?*** E01 mencionou que se recordava de algumas atividades, tais como a hora do conto, jogos de leitura, puzzles, estafetas literárias e também sessões de cinema. E02 referiu que gostou muito do projeto aprender com o cinema, do encontro com escritores e da atividade de animação e ilustração do livro em cartolinas, para colocar em exposição na biblioteca. E03 mencionou a hora do conto. E04, por sua vez, referiu um projeto de verão, em que criaram folhetos para divulgação, o clube dos lobinhos, faziam-se uns ateliês de escrita com as crianças, que ainda hoje a BM continua a desenvolver, tendo ainda indicado as atividades realizadas semanalmente com as escolas, que eram de grande qualidade.

Questionamos E04 sobre se ***Pensa que o leque de atividades desenvolvido para todas as escolas básicas e secundárias e outras instituições do Município foi uma mais-valia para o Município em geral e para as bibliotecas?*** A entrevistada referiu que foi sem dúvida uma mais-valia, pois a investigadora na época tinha mesmo um programa com atividades pelas quais as escolas podiam optar. Com o programa enviado por fax para as escolas, era uma forma de trazer mais público à biblioteca e dá-la a conhecer. A entrevistada afirmou que as atividades desenvolvidas serviram de exemplo, de como é importante o papel da animação e dos profissionais de animação dentro de uma biblioteca moderna e atualizada.

No que concerne à questão ***Trabalham com outras BE/bibliotecas ou com outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual / quais? Se não, porquê? Gostariam de o fazer?*** E01 mencionou que a BE trabalha com outras escolas, com a BM e com o Centro de Dia. No caso das escolas, a entrevistada referiu o projeto “Pequenos leitores,

grandes escritores”, em que participaram as escolas do concelho e não só. Nas escolas, os técnicos superiores contavam lendas, os alunos ouviam e a partir das mesmas (sempre com a cooperação de adultos e pesquisas) construíram contos e criaram dramatizações, tendo tudo dado origem a um livro. Este projeto foi desenvolvido em cooperação com outras escolas e eram feitas reuniões para acompanhar o desenvolvimento do projeto. No fim, juntaram-se todos os concelhos para o lançamento do livro, tendo havido uma exposição de trabalhos de todas as escolas envolvidas e dramatizações de algumas lendas. E02 mencionou que a escola trabalha com outras BE do concelho e com outras fora do concelho, partilhando projetos. E03 também referiu que a escola trabalha com outras BE, fazem atividades, trabalhos e projetos com ajuda de colegas, tendo destacado um projeto de histórias com chapéu, no Natal, em que fizeram uma história e ofereceram a outra escola. Atualmente estão a fazer um projeto de baú de leitura concelhio sobre fábulas, consistindo em idas de turmas de uma escola a outras escolas contar uma fábula. E04 referiu que a BM trabalha com outras BE do município e a cooperação consiste no baú de leitura. Na opinião da entrevistada, seria interessante trabalharem também com outras bibliotecas municipais. A entrevistada referiu que, para além das escolas, a BM trabalha com outras entidades não escolares (locais e regionais), nomeadamente, os centros de dia e o ginásio de São Martinho, que procuram por si só os serviços de animação da BM.

Quanto à questão ***Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE, BM e BP?*** E01 afirmou que a cooperação é bastante importante, porque quem está na BM, na parte da animação, precisa dos seus clientes que são os alunos, as crianças. Por isso, o município precisa muito das escolas e as escolas também, para poderem sair, de modo a poder desenvolver atividades diferentes. E02 e E03 referiram que é importante, tendo E02 referido todavia que a BE nunca conseguiu ir à BM, por falta de transporte. Para E04, é muito pertinente o trabalho em cooperação, pois tem que haver uma colaboração para que não haja sobreposição de tarefas, porque senão acabam todos por fazer o mesmo e parece que estão a puxar públicos de um lado para outro.

Relativamente à questão ***Que tipo de cooperação existe entre a BE e a BM de CL?*** Na opinião da E01, existe muito pouca cooperação. E02 mencionou que ultimamente a BE não tem conseguido ir à BM quando há animação, pois os horários não são compatíveis e nunca há transporte disponível. A entrevistada salientou que, desde que a investigadora foi embora da BM, não têm feito cooperação com a BM, têm feito é parcerias com outras

bibliotecas escolares. Já E03 e E04 referiram que a BM neste momento está a participar no projeto baú temático, que vai rodando de escola em escola.

Quando questionamos as entrevistadas sobre se ***Existe algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional/Nacional ou outras)?*** E01 respondeu que há cooperação com o Arquivo Regional da Madeira, que tem algumas atividades como a hora do conto, mas o problema é a falta de transporte. E02 mencionou, por sua vez, que não existe cooperação com outras bibliotecas, só mesmo com outras BE. Já E03 e E04 referiram que não existe nenhum tipo de cooperação com outras bibliotecas, sejam elas a nível regional ou até mesmo nacionais.

No que respeita à questão ***Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas?*** Na perceção de E01, a principal dificuldade é mesmo a nível de transporte, O leque de atividades a oferecer depende sempre das pessoas que lá estão. A entrevistada referiu que quando a investigadora estava na BM, havia um maior leque de atividades e atualmente é um menor número de atividades. Sublinhou que, com o problema a nível do transporte, tudo piorou. E02 mencionou que não há dificuldades, pois quando é para as bibliotecas se encontrarem e fazerem alguma coisa, a cooperação sai sempre muito bem. E03 referiu que as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas centram-se essencialmente nas dificuldades monetárias e na falta de transporte. Por sua vez, E04 referiu que a BM não tem forma de trabalhar internamente com as entidades de fora e trabalhar assim em cooperação, havendo falta de recursos humanos.

No que respeita à questão ***Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação?*** E01 considera que deveria haver mais diálogo, haver algumas reuniões para discutirem, para lançarem desafios, de forma a se aperceberem das carências de cada escola, pois cada escola tem o seu meio, tem as suas dificuldades e tem diferentes objetivos. E02 mencionou que a BM poderia promover atividades como promovia anteriormente. A entrevistada referiu que gostava que desenvolvessem mais atividades. Antigamente, convidavam e havia mais cooperação e possuíam autocarro. E03 e E04 não responderam a esta pergunta, tendo sublinhado a falta de verbas e recursos. As entrevistadas nas escolas, de maneira geral, constatarem que, aquando da presença da investigadora como membro da equipa de trabalho, seja como estagiária curricular ou profissional, ou como diretora das bibliotecas do município de Câmara de Lobos, havia muito mais cooperação entre instituições

bibliotecárias, mais atividades de animação, mais projetos desenvolvidos, mais transportes, mais recursos financeiros – mais práticas de animação.

Quanto questionamos as entrevistadas sobre ***Com que instituições a BE/BM faria mais sentido cooperar?*** E01 mencionou que faria sentido cooperar com a Câmara Municipal, pois é sempre uma instituição que vale a pena. E02 considera que faria mais sentido cooperar com a BM, com o Centro de Dia e com as BE. E03 referiu as casas do povo, juntas de freguesia, a BM e outras BP. Por sua vez, E04 afirmou que faria sentido cooperar com as bibliotecas municipais, pois os técnicos de animação podiam partilhar as atividades que fazem, como exemplo, as BE irem à BM mostrar o que fazem e, por sua vez, as BM irem às BE mostrar o que fazem.

Questionamos ainda E04 acerca de ***Que tipo de biblioteca considera ser a BM de CL?*** A entrevistada considera que as pessoas têm a visão de que a BM está a dar o seu melhor e o seu máximo, que é uma biblioteca dinâmica e bastante divertida, com um espaço aberto. A entrevistada referiu que não há quase mês nenhum em que a BM não tenha eventos, há sempre qualquer coisa de dinâmico a acontecer, e o feedback das outras bibliotecas tem sido muito bom. Referiu que recentemente receberam colegas da biblioteca do Funchal, que ficaram surpreendidos com o que a BM de CL faz e com tão poucos membros de equipa.

Finalizámos a entrevista com a seguinte questão ***Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a técnica bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional.*** E01 referiu que é muito importante, que os técnicos superiores de biblioteca deveriam estar cada vez mais juntos, de forma a cooperar, juntar, unir e desenvolver tudo em prol dos alunos e do sucesso da animação, pois um professor é um professor e um animador é um animador, são trabalhos diferentes. Na opinião da entrevistada, esta dissertação poderá iluminar as mentes, precisa de ser escrito, mas é necessário também haver do outro lado boa vontade, haver um leitor, mas um leitor atento. Para a entrevistada, a animação é um trabalho sério e julga que esta investigação deve ser lida com muita atenção e muito respeito, pois a animação é uma área que tem um longo caminho pela frente. A entrevistada referiu que o papel do técnico superior de biblioteca está cada vez mais a ser bem aceite pela escola. Há dez anos atrás, quando os técnicos superiores de biblioteca chegaram às escolas eram “mal vistos”, porque eram rotulados como palhaços, a entrevistada reforçou a ideia de que os técnicos superiores são também animadores, mas não estão na biblioteca para divertir as pessoas, mas sim para fazer de conta que um livro tem asas, porque entram num mundo

mágico, de fantasia. A área de animação tende a melhorar, ser mais respeitada, mas é um longo caminho e durará mais uma, duas ou três décadas, pois é um problema de mentalidade também. No futuro, a entrevistada espera continuar a ter dificuldades, porque só assim é que a poderá evoluir no seu trabalho, referiu que na parte da animação sabe muito pouco e há muito por se explorar, para se aprender, e sobretudo para se oferecer aos outros, neste caso, aos alunos do 1.º Ciclo. E02 referiu que o tema é sugestivo e faz todo o sentido: práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais. A entrevistada mencionou que, numa biblioteca fechada, não se aprende nada, não traz nada de novo aos alunos, os alunos ficam mais empenhados quando sabem que é para mostrar algo para fora, quando vão conhecer outros alunos, outro local, outras pessoas. A entrevistada referiu ainda que antigamente a biblioteca era um espaço onde não se podia fazer barulho, era uma área com um espaço fechado, um espaço onde não se transmitia nada lá para fora, uma vez que o saber estava somente dentro da biblioteca. Hoje em dia é tudo diferente, nas atividades, os alunos podem fazer barulho, falar, rir, partilhar ideias com os outros e com outras escolas. E03 referiu que acha muito bem que se estude e se explore esta área, devendo-se tentar estabelecer intercâmbios com outros países, tentar promover a animação, verificar que tipo de atividades realizam e promovem. Por sua vez, E04 mencionou que não tem muitos conhecimentos a este nível. Na opinião da entrevistada, os bibliotecários hoje em dia fazem de tudo. Antigamente a biblioteca estava muito mais concentrada nos livros, era uma profissão considerada “chata”. Hoje em dia, se a Biblioteca não for dinâmica, as pessoas nem querem lá aparecer. Quanto à investigação, a entrevistada acrescentou que considera que a temática levantada pela presente investigação é deveras atual, pois a cooperação entre instituições é fundamental em tempos de crise, sobretudo entre bibliotecas públicas e escolares, que têm a mesma missão. Os profissionais têm que deixar de se fechar nos seus mundos (professores-bibliotecários para um lado e bibliotecários para outro) e trabalhar em prol da comunidade, criando raízes para que esta se torne mais sólida, crítica, informada e interventiva. Aliás, a entrevistada não entende a existência das duas carreiras, pois todos são profissionais da informação, educação e do conhecimento. Para além disso, há toda uma vertente social que acredita ser o futuro/rumo da sua profissão.

CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS PLANOS/RELATÓRIOS

Depois do capítulo IV sobre a apresentação, análise e discussão das entrevistas orais realizadas às quatro inquiridas pela mestrandia, apresentamos nas páginas que se seguem o capítulo V, que trata a apresentação, análise e discussão dos planos/relatórios das instituições em estudo.

1. Análise Geral - Planos e Relatórios

A análise que se segue foi realizada com base na documentação cedida pelas quatro instituições em estudo (planos e relatórios da BM e das BE).

Análise Geral dos Planos Anuais e Reflexão Crítica sobre as atividades das BE e da BM

A documentação interna da BE do Estreito mostra que esta BE tem um projeto de animação, contemplando um conjunto de conteúdos programáticos que visam, essencialmente, motivar para a leitura e promover o encontro e o contacto da criança com o objeto livro, como forma de aquisição de competências e desenvolvimento de potencialidades dos alunos.

Sempre com o livro como base da sua atuação, procura-se implementar uma metodologia de aprendizagem centrada na criança, incentivando a autoaprendizagem e a busca autónoma de informação com objetivos recreativos e de educação permanente, procurando educar/ensinar através de atividades lúdicas, recorrendo à criatividade, participação, envolvimento e satisfação da criança, numa perspetiva de valorização dos seus gostos, interesses e necessidades.

Os temas e atividades propostas para o ano de 2011/2012 procuraram ir ao encontro do imaginário das crianças e, em termos metodológicos, assentam na evidência de que, para fazer a criança ler, é necessário criar estratégias de animação que a estimulem para o gosto pela leitura e a façam aproximar-se do livro por necessidade pessoal, por curiosidade ou pelo simples prazer de ler, mostrando a pertinência da biblioteca no contexto escolar.

A BE do Estreito pretende divulgar o trabalho desenvolvido na biblioteca, através de exposições, panfletos e cartazes e pretende também envolver a comunidade escolar nas atividades de dinamização da biblioteca. Acresce referir que o plano anual desta BE se assume como um documento "aberto", no qual poderão ser inscritas, ao longo do ano, atividades não

previstas e cuja realização seja considerada de interesse pela sua pertinência, atualidade ou oportunidade.

1.1. Escola Básica do 1.º Ciclo do Estreito de Câmara de Lobos

Análise dos planos de atividades relativos a 2010/2011 e 2011/2012 e do relatório de atividades anual de 2011/12

Plano Anual das Atividades da BE do Estreito

TABELA 4 Atividades da BE do Estreito – 1.º período

1.º Período	
setembro	✓ Regras e Adaptação
outubro	✓ Alimentação e Leitura
novembro	✓ Interculturalidade
dezembro	✓ Natal

No que respeita aos objetivos das atividades do mês de setembro, a BE teve como prioridade formular e respeitar regras; proporcionar leituras livres e orientadas; dar a conhecer a orgânica funcional da Biblioteca; valorizar o espaço Biblioteca, fomentar o encontro da criança com o livro; criar hábitos de frequência da biblioteca e promover o empréstimo e a leitura domiciliárias.

Relativamente ao mês de outubro, a BE quis incidir num conto sobre alimentação; na criação de frases/textos individuais, treinando assim a escuta ativa, sensibilizando os alunos para a boa alimentação. Pretenderam sensibilizar os alunos para a biblioteca escolar, valorizando o espaço biblioteca; organizar um concurso e frases de turma, para expor posteriormente, motivando os alunos para a participação em concursos e incentivando-os para a leitura e a escrita. A BE comemorou o dia Internacional da Biblioteca Escolar, no dia 24 de outubro.

Quanto ao mês de novembro, a BE pretendeu centrar-se na leitura, no conto e reconto de contos do mundo; na (re)criação de contos, trabalhando o imaginário das crianças, mostrar aos alunos a importância da transmissão oral das histórias e conhecer o património

cultural de diversos países. A BE pretendeu desenvolver o “Baralho de Histórias”, que tinha como objetivo treinar a escuta ativa entre os alunos e identificar géneros narrativos.

No mês de dezembro, a BE propôs trabalhar as tradições de natal, através de contos e receitas atípicas, de forma a viver o espírito natalício, integrar os alunos nas comemorações realizadas pela escola, incentivando-os para o espírito de partilha e promovendo também o conhecimento da cultura e tradições.

TABELA 5 Atividades da BE do Estreito – 2.º período

2.º Período		
janeiro	✓	Contos Tradicionais
fevereiro	✓	Feira do Livro
março	✓	Poesia

No que concerne às atividades planeadas para o 2.º período, no mês de janeiro, a BE decidiu trabalhar o conto e reconto de alguns contos tradicionais; elaborar um livro de contos ilustrado, trabalhando o imaginário das crianças e treinando a escuta ativa; organizar uma atividade intitulada “Fábrica das Histórias”, tendo como objetivos, para os alunos, conhecer o património cultural e identificar géneros narrativos.

No mês de fevereiro, a BE pretendeu trabalhar a apresentação, leitura e exploração de uma obra de um escritor convidado e preparação de atividades inerentes à realização da Feira do Livro, a fim de estimular o gosto pela leitura, mostrar a importância dos livros; conhecer e divulgar obras portuguesas; valorizar a cultura e a literatura portuguesa e valorizar também o contacto direto com o livro.

Quanto ao mês de março, a BE quis trabalhar a audição de poemas, a leitura de poemas com enfoque com variações de entoação, fomentando assim a consciência do ritmo e sonoridade da Língua Portuguesa; quis trabalhar também a relação entre poesia/música/pintura; e tencionou elaborar poemas gráficos e praticar jogos de palavras, tendo como objetivos descobrir aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua e desenvolver competências de expressão oral e escrita, bem como a interpretação de texto. Durante o mês de março, a BE decidiu comemorar o dia mundial da poesia (21 de março).

TABELA 6 Atividades da BE do Estreito – 3.º período

3.º Período	
abril	Provérbios e Lengalengas
maio	Fábulas
junho	Banda Desenhada

No mês de abril, a escola determinou centrar-se na aprendizagem de lengalengas, trava-línguas e provérbios, estabelecer diferenças entre lengalengas, trava-línguas e provérbios e realizar jogos com lengalengas e trava-línguas, tendo como objetivos, desenvolver a oralidade aproximando-a da escrita; melhorar a articulação verbal; trabalhar a memória/concentração; treinar o jogo das assonâncias e de forma que os alunos saibam aplicar os provérbios. Durante este mês, a BE comemorou o dia Mundial do Livro (3 de abril).

No mês de maio, a BE incidiu sobre a introdução às fábulas; na leitura, conto e reconto; na recriação de fábulas e nas Fábulas *Baralhadas*, tendo como objetivos, trabalhar o imaginário da criança; identificar géneros narrativos; conhecer autores como Esopo, La Fontaine e fabulistas modernos, assim como veicular valores morais.

Já no mês de junho, a BE pretendeu trabalhar a leitura de livros em BD; elaborar histórias em BD; legendar histórias em BD; realizar atividades como: “Põe palavras na minha boca” e “Quadrinhos fora de série”, tendo como objetivos contactar com diversos tipos de textos e histórias; reconstituir sequências de histórias, trabalhando o pensamento lógico, a observação e a imaginação; mostrar a banda desenhada como texto representativo de outras linguagens e conhecer termos específicos e particularidades deste tipo de texto.

Todavia, para além destas atividades, a BE incidiu sobre outras áreas de intervenção ao longo do ano, tais como: a biblioteconomia, neste campo, a biblioteca tem em vista a realização das tarefas biblioteconómicas, nomeadamente: gestão dos recursos e espaços, a recuperação e conservação do fundo documental; a aquisição de novos materiais e a classificação, organização e gestão do fundo documental.

A Biblioteca Aberta, à comunidade discente e docente, funciona em horários em que não estejam a decorrer atividades de complemento curricular. Nestes períodos, os alunos têm oportunidade de realizar leituras e atividades de livre escolha, que visam proporcionar

momentos de lazer e recreação, e outros projetos, uma vez que a biblioteca não pode ser um espaço isolado e alheio ao que se passa ao nível da escola, a biblioteca procurou, ao longo do ano letivo, intervir noutros projetos, quer internamente (ao nível da escola), quer a nível externo (promovidos por outras entidades), nomeadamente através da participação em projetos concelhios e concursos literários de âmbito regional ou outros. Os objetivos destas atividades são organizar a biblioteca como um centro de recursos e documentação funcional e eficaz; mostrar a importância da biblioteca no contexto escolar; criar hábitos de frequência da biblioteca e articular as atividades da biblioteca com outras áreas curriculares e não curriculares.

Através da análise do relatório anual das atividades da BE do Estreito, podemos verificar que as atividades de animação desenvolvidas tiveram como ponto de partida o livro, com a finalidade de despertar ou desenvolver nos alunos, que são já leitores interessados, o gosto pela leitura, não apenas como uma porta que se abre para o mundo dos sonhos e da fantasia, mas também como uma importante fonte de conhecimento e saber.

As metodologias utilizadas na dinamização da Biblioteca e na transmissão dos saberes foram diversificadas e adequadas às características das diferentes turmas assim como às capacidades e limitações individuais dos alunos, despertando-lhes ou reforçando-lhes a sua motivação para a leitura e para o livro, sem carácter obrigatório, incentivando a autoaprendizagem e a busca autónoma de informação, oferecendo à criança a possibilidade de aprender e divertir-se experimentando, observando, pesquisando, descobrindo, imaginando e criando outros saberes e outras experiências.

Relativamente às temáticas abordadas ao longo do ano, estas foram selecionadas de modo a respeitar o Projeto Educativo de Escola (Crescer com Qualidade), tendo também em linha de conta as épocas festivas e os dias comemorativos, sempre relevantes na relação escola / meio. Inicialmente, foram propostos temas para serem desenvolvidos durante uma ou duas ou mais semanas; esta foi uma boa decisão visto as turmas terem uma hora e trinta minutos por semana e alguns temas necessitarem mais tempo.

Refira-se ainda a necessidade de alterar alguns temas devido a convites/projetos que surgiram após a elaboração da Plano Anual de Atividades e que apresentavam interesse.

A concretização das atividades materializou-se através de diferentes modalidades e técnicas, todas elas promotoras do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, das quais podemos referir a dramatização, a mímica, o jogo, a ilustração, a pesquisa, a leitura (silenciosa, expressiva ...), a escrita (recreativa, descodificação de textos), entre outras.

No âmbito do plano anual de atividades destacam-se algumas atividades/projetos desenvolvidos que me parecem ter sido muito relevantes na medida em que envolveu toda a comunidade escolar e educativa.

O ano letivo foi iniciado com a exploração da obra: *A que sabe a lua?*. Com ela, pretendia-se explorar as diferentes morais e transportá-las para a importância do cumprimento de regras bem como da relevância do trabalho em equipa como chaves para o alcance de objetivos, do sucesso e do sonho.

Para comemorar o dia das bibliotecas escolares, optou-se por lançar um concurso de frases, em que não só participaram os alunos que frequentam a biblioteca por iniciativa própria, mas também alargou-se às curriculares, às turmas em geral. Cada turma preparou (coletivamente) uma frase alusiva à leitura e no final premiou-se a melhor frase individual e a melhor frase coletiva. Foi notório o interesse do corpo discente e resultou bem.

O intercâmbio de contos de Natal foi também bastante relevante na medida em que os alunos puderam criar contos de natal e enviá-los para outras escolas da região. Seguidamente, receberam os contos dessas escolas e tiveram a tarefa de ouvir, explorar e ilustrar dentro de moldes de motivos natalícios para, no final, preparar o placar de natal denominado: “Conta-me um conto, troca-me um conto”. Foi um projeto que envolveu quatro escolas de diferentes concelhos e que deixou bem vincado o trabalho em equipa entre os diferentes técnicos superiores e seus alunos.

Já no decorrer do segundo período foram trabalhadas as fábulas, os contos tradicionais portugueses e os escritores portugueses, tendo sido visível a motivação dos na exploração e preparação de trabalhos práticos, nos quais revelaram muita criatividade quer a nível da escrita, quer da ilustração. Os trabalhos foram expostos em diferentes espaços da escola, sempre com vista a serem apreciados pelos alunos, pelos professores e por todos os que circulavam naqueles espaços.

Foi realizado ainda o projeto anual dos técnicos superiores de biblioteca, que decidiram desenvolver trabalhos escritos no âmbito de lendas e tradições da Madeira, “Pequenos leitores, grandes escritores”, com vista ao lançamento de um livro no final do ano letivo. Os alunos de 4.º ano foram selecionados para esta tarefa de exploração da *Lenda de Bandemoiro* e criar parte da história que outras escolas ajudariam a escrever. Foi um trabalho que desenvolveu motivação e empenho nos intervenientes e deu origem ao texto: “Os lendários e o tesouro perdido”. A cooperação e participação do grupo de técnicos também foi positiva, todos abraçaram e desenvolveram o projeto com os seus alunos de forma positiva.

A Feira do Livro foi outro projeto realizado pela sétima vez na escola, tendo-se neste ano, juntado a outro projeto: Eco-Escolas. Neste sentido, foi preparada uma dramatização que englobava o tema do ambiente que também foi ao encontro das temáticas das obras dos escritores convidados. Todas as turmas prepararam um trabalho prático (na biblioteca), conforme o escritor atribuído e a cada turma foi lançado um desafio acerca da obra do escritor (selecionado por cada ano ou pré-escolar). Todos os docentes e educadoras se envolveram na elaboração desses trabalhos, sempre com ideias originais, que deram origem a uma exposição aberta a toda a comunidade escolar e educativa.

Com o terceiro período a decorrer, continuou-se a trabalhar diferentes temas, destacando-se atividades como o minuto do Gil (um projeto da SREC que permitiu sensibilizar um pouco mais as crianças através de diferentes temas - exposição solar, perigos em casa, bombeiros...): a mascote do Gil ajudava os alunos a compreender melhor os temas e a naturalmente nutrir o carinho por esta figura que faz parte do projeto da fundação do Gil que agora está na Madeira a desenvolver os seus trabalhos no âmbito da solidariedade.

O dia de Portugal foi também trabalhado, sobretudo com os alunos dos 3.º e 4.º anos. Após a exploração deste dia (10 de junho), foi feita uma “bandeira humana” no campo da escola que cativou todos os alunos. Cada um veio vestido com as cores da bandeira e com ajuda e colaboração de todos os professores, ao som do hino nacional, foi possível realizar esta atividade e comemorar o dia de Portugal, de Camões e das comunidades portuguesas.

Como anteriormente referido resta lembrar o projeto regional e dizer que os técnicos superiores de biblioteca prepararam um evento na Casa da Cultura de Câmara de Lobos com o intuito de explorar as lendas do concelho que fizeram parte da obra: *Meninos de hoje, Histórias para sempre* e apresentaram dramatizações a alguns alunos das escolas que fizeram parte deste projeto que envolveu catorze escolas do concelho. Revelou ser uma atividade produtiva, fruto de muito trabalho entre as diferentes escolas.

Ao longo do ano, procurou-se relevar as dinâmicas de grupo, potenciais promotoras da socialização, interação e integração da criança num grupo, levando-a a interiorizar valores como os da cooperação e da solidariedade, fomentando atitudes de tolerância, compreensão e respeito pelas diversidades humanas e culturais que compõem um grupo, fazendo da biblioteca um espaço de encontro, de valorização e de partilha de experiências.

No que concerne ao tratamento documental, optou-se por continuar o registo. A catalogação do acervo não está realizada, pareceu-lhes mais importante avançar o registo e proceder a outras atividades que ao longo do ano vão surgindo e, obviamente carecem de

algum tempo que não pode ser retirado às sessões de animação. Muitas vezes escolheram avançar outros trabalhos, nomeadamente ensaios de dramatizações, preparação de cenários, acessórios e placares alusivos a temas em estudo. Ao longo deste ano letivo foi-lhes difícil avançar a parte biblioteconómica, coube-lhes substituir algumas vezes turmas que se encontraram sem docente (faltas justificadas) e como tinham tratamento documental era-lhes pedida colaboração nestas situações.

Por todo o exposto, podemos inferir que a Biblioteca escolar reúne duas vertentes deveras importantes: a informativa, que possibilita o fácil acesso à informação e ao conhecimento e a vertente lúdica.

No que se refere à análise do plano anual das atividades da BE da Vargem, constatámos que este plano pretende ser uma proposta de atuação no âmbito da animação de BE, visando o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de cada aluno, pretendendo despertar e/ou reforçar o interesse e motivação dos mesmos para a leitura e para o livro, a partir de um vasto leque de técnicas, e divertir-se experimentando, observando, manuseando, partilhando, pesquisando, refletindo, discutindo, descobrindo, imaginando, criando, adquirindo e construindo os seus próprios saberes.

As atividades propostas, planificadas sempre de forma flexível e ajustada às diferentes turmas, procuram proporcionar abordagens divertidas e atrativas dos diversos temas, permitindo aprender e consolidar conhecimentos de forma menos convencional e mais dinâmica.

Cabe ainda aqui referir que toda a ação, embora consentânea com a especificidade da função e dos objetivos, está integrada num projeto comum ao estabelecimento de ensino no qual a biblioteca se insere, beneficiando dos recursos disponíveis e contando, sempre que possível, com a colaboração do restante pessoal da comunidade escolar e da comunidade adjacente, especialmente as famílias dos educandos.

1.2. Escola Básica do 1.º Ciclo da Vargem

Análise dos planos de atividades relativos a 2010/2011 e 2011/2012 e do relatório de atividades anual de 2011/12

Plano Anual das Atividades da BE da Vargem

TABELA 7 Atividades da BE da Vargem – 1.º período

1.º Período		
setembro	✓	Regras e Adaptação/Hora do conto/Reconto oral
outubro	✓	Banda Desenhada/Hora do Conto e leitura de contos
novembro	✓	Fábulas/Hora do Conto/ A tradição do São Martinho na Madeira/Atividades de Natal
dezembro	✓	Hora do Conto/Atividades de Natal

No mês de setembro, a BE teve como principais atividades jogos de apresentação, (jogo do novelo e vem apresentar um amigo); a hora do conto contou com obras como: A história do *Pato Patareco*, de Daniel Adalberto; *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, de Luísa Ducla Soares; História do livro ativo; *O Menino que não gostava de Ler* de Susanna Tamaro; *A Branca de Neve e os Sete Anões* e *Hansel e Gretel*, dos Irmãos Grimm; *A Cidade dos Cães*, *A Mosca Atrevida do Livro*, *A Cidade dos Cães e outras histórias*, de Luísa Ducla Soares; e *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos). Através da hora do conto, surgiram atividades secundárias a esta atividade: jogos, pinturas de desenhos alusivos a cada uma das histórias; cartazes informativos com as biografias dos autores; marcadores para livros e um cartão da biblioteca diálogos com os alunos acerca dos livros; reconto oral das histórias.

Através destas atividades, a BE tinha como objetivos incutir regras e normas de civismo, criar laços afetivos com a biblioteca, desenvolver a escuta ativa, desenvolver capacidades criativas e pictóricas, desenvolver capacidades de organização mental e fomentar o gosto pela leitura, assim como dar a conhecer aos alunos os contos tradicionais, desenvolver a escuta ativa, dar a conhecer uma escritora de literatura infantil.

No mês de outubro, a BE continuou com algumas das atividades iniciadas em setembro: a hora do conto, com *O Capuchinho Vermelho*, *O pescador e a sua Mulher*, *A Bela Adormecida* e *O Rei Barba Velha e Rumpel-Stilts-Kin* dos Irmãos Grimm; *O Macaco e vou ali e já volto* e *O caçador caçado e Mestre grilo cantor* do livro *A Cidade dos Cães e outras histórias*, de Luísa Ducla Soares; *A Ovelhinha que veio para o jantar* e *A Cesta da Dona Maricota* (em suporte digital); e continuação com o conto *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos). Durante este mês, a BE pretendeu proporcionar aos alunos um momento de videoteca, com *A Branca de Neve e os Sete anões*

dos Irmãos Grimm; e de história de Portugal com a leitura de alguns capítulos do livro *Portugal História e Lendas*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, assim como leitura do livro digital *Era uma vez um rei... D. Afonso Henriques, o conquistador*, do Instituto Camões.

Como atividades secundárias, a BE pretendeu desenvolver a elaboração e ordenação de uma banda desenhada; o resumo oral e escrito de cada uma das histórias e ainda o diálogo com os alunos acerca da importância de ter uma alimentação saudável; a elaboração de cartazes; a ilustração dos contos; assim como desenvolver jogos: O jogo dos paladares; Procurar objetos relacionados com o conto para adivinhar o mesmo.

Como objetivos a BE pretendeu dar a conhecer os contos tradicionais, desenvolver a escuta ativa; desenvolver capacidades criativas e pictóricas; desenvolver capacidades de organização mental; fomentar o gosto pela leitura; fomentar a aprendizagem lúdico-didática; desenvolver capacidades de resumo escrito, mostrar a importância de uma alimentação saudável, dar início à história de Portugal e dar a conhecer a Biblioteca Pública Regional.

Quanto ao mês de novembro, a BE quis centrar-se na apresentação do título de uma fábula em linguagem de pictogramas para os alunos adivinharem a mesma. No que se refere à atividade da hora do conto, a BE incidiu na leitura interativa das fábulas de La Fontaine, *A Lebre e a Tartaruga* e *A Cigarra e a Formiga*; continuação com a história de Portugal com a leitura de alguns capítulos do livro, *Portugal História e Lendas* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; leitura dos livros digitais, *A Aventura dos Descobrimentos*, *Madeira Terra à vista*, *Açores*, *as Nove Ilhas do Atlântico* e *Os Donos do Mundo* do Instituto Camões; continuação com o conto: *A Fada Oriana* de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos); *A lenda de São Martinho*; leitura extensiva do livro *A Cidade do Funcho*; e início do conto *A Noite de Natal*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos).

Como atividades secundárias a esta atividade, a BE pretendeu trabalhar o diálogo com os alunos acerca da moral das fábulas ouvidas; efetuar algumas dramatizações das histórias; ilustrar as fábulas para decoração da biblioteca e permitir o visionamento do DVD com as mesmas histórias; dar a conhecer aos alunos a tradição do São Martinho na Madeira, desenvolvendo a ilustração de desenhos alusivos ao tema; proporcionar a leitura de provérbios e adivinhas de São Martinho e escrita de quadras de São Martinho. Durante este mês, os alunos poderiam desenvolver conhecimentos em torno da breve biografia de Maria Aurora Carvalho Homem e elaborar trabalhos acerca da escritora e da história contada. Os alunos

iriam também escrever e ilustrar cartas para o Pai Natal e elaborar postais natalícios para troca de correspondência com outras escolas da RAM. Como objetivos, a BE quis desenvolver capacidades psicomotoras; fomentar a escuta ativa; fomentar o gosto pela leitura; desenvolver a capacidade de escrita, leitura, criatividade e organização mental; dar a conhecer a história de Portugal; conhecer as tradições do São Martinho; desenvolver capacidades psicomotoras; dar a conhecer uma escritora de literatura infanto-juvenil e fomentar o espírito natalício.

No mês de dezembro, a BE pretendeu incidir em atividades como a hora do conto: *As mais belas Histórias de Natal*; *O Pai Natal Preguiçoso e a Rena Rodolfa!* de Ana Saldanha, *Uma escadinha para o Menino Jesus* de Maria Aurora Carvalho Homem; continuação e finalização do conto: *A Noite de Natal* de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos). Como atividades secundárias, a BE pretendeu desenvolver atividades como: dialogar com os alunos acerca das histórias contadas; ilustrar desenhos natalícios; decorar a biblioteca; elaborar e escrever postais natalícios; visitar o Centro de Dia da Encarnação para intercâmbio com os idosos acerca do Natal de antigamente (inserido no projeto, Natal de outros tempos); proporcionar aos alunos momentos de Videoteca: *O Natal Mágico do Mickey* e realizar jogos de mímica com imagens natalícias. Como objetivos a BE desejou fomentar o espírito natalício; fomentar a escuta ativa; desenvolver capacidades pictóricas e de criatividade, desenvolver a imaginação; fomentar a aprendizagem lúdico-didática; dar a conhecer a realidade natalícia de outras épocas e fomentar a partilha de ideias com outras gerações.

TABELA 8 Atividades da BE da Vargem – 2.º período

2.º Período		
janeiro	✓	Atividades relacionadas com os Reis/Hora do conto/Projeto uma aventura literária 2012/Jogos
fevereiro	✓	Hora do Conto/Atividades relacionadas com os contos/ Jogos
março	✓	Contos Tradicionais/Hora do conto/Atividades relacionadas com os contos/Jogos

No mês de janeiro, a BE quis incidir em atividades como dialogar com os alunos sobre as férias do Natal; ouvir a canção *Nós somos os três reis* do livro *Uma canção por*

semana, consistindo em preencher lacunas da letra da canção; realizar ilustrações sobre a época; fazer uma leitura livre. No que se refere à hora do conto, início do conto *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner Andresen; *Uma Aventura na Ilha de Timor*, de Ana M.^a Magalhães e Isabel Alçada (clube de leitura do 3.º e 4.º anos); *A que sabe a Lua?*; *Os Primos e a Fada Atarantada* e *Os Primos e a Bruxa Cartuxa* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; *O Macaco de Rabo Cortado* e *Caracóis de Ouro e os Três Ursos* do livro *Histórias de encantar* (em suporte digital); e Audição da fábula de La Fontaine *O Rato do Campo e o Rato da Cidade e O velho, o Rapaz e o Burro*.

Como atividades secundárias, a BE propôs o diálogo com os alunos acerca do conto; atividades de interpretação da história e sua representação pictórica; participação no projeto *Uma aventura literária 2012*; reconto oral; audição da canção *Na toca da Dona Raposa* e preenchimento de lacunas na letra da canção; Cartões com a fábula contada para alunos ordenarem e jogos (jogo dos animais e jogo das perguntas e respostas). Como objetivos, a BE quis fomentar a escuta ativa; fomentar o gosto pela leitura; fomentar a aprendizagem lúdico-didática, desenvolver as capacidades psíquicas e de interpretação textual; desenvolver capacidades de organização mental,

No mês de fevereiro, a BE estabeleceu atividades como a videoteca: *A Pequena Sereia*, *As Aventuras de Peter Pan e Nanny McPhee* *A Ama Mágica* de Hans Christian Andersen, em que os alunos teriam que efetuar ilustrações de imagens relacionadas com o vídeo. Quanto à hora do conto, pretendiam iniciar o conto *A Floresta*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e *Uma Aventura na Ilha de Timor*, de Ana M.^a Magalhães e Isabel Alçada (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos), *O Patinho Feio e As Roupas novas do Imperador*, de Hans Christian Andersen; assim como a leitura extensiva do conto *A pequena Sereia* e *O Guardador de Porcos*, *O Patinho Feio* (em suporte digital) e *O Valente Soldadinho de Chumbo* (em suporte digital), de Hans Christian Andersen, do livro *Os Melhores Contos de Andersen*.

Como atividades secundárias relacionadas com as atividades anteriores, os alunos teriam que realizar pinturas de um desenho alusivo ao conto, realizar resumos do conto e sua ilustração e jogar o jogo *Aqui há gato!*

A realização destas atividades teria como objetivos: fomentar a escuta ativa; desenvolver capacidades de organização mental; fomentar o gosto pela leitura; desenvolver as capacidades psíquicas e de interpretação textual; fomentar a aprendizagem lúdico-didática.

No mês de março, a biblioteca quis incidir em atividades como: iniciar a sessão de contos tradicionais: *A Gata Borralheira*, *João e o Pé de Feijão*, *O Feiticeiro de Oz*, *Os Três Porquinhos* e *O Coelho Branco*; audição de um dos contos em suporte digital; leitura extensiva do conto *A Pastora e o Limpa-chaminés* (em suporte digital) de Hans Christian Andersen in *Os Melhores Contos de Andersen*, finalização do conto: *A Floresta* de Sophia de Mello Breyner Andresen e *Uma Aventura na Ilha de Timor* da Ana M^a Magalhães e Isabel Alçada (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos) e início do conto: *O Rapaz de Bronze* de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos). Leitura interativa do conto: *Encontros na floresta* in *Há fogo na Floresta* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Como atividades secundárias as atividades anteriores, a biblioteca quis que os alunos realizassem pinturas alusivas aos contos; que elaborassem cartazes e resumos do conto e sua ilustração; quisessem proporcionar também aos alunos leitura livre e ludoteca livre. Durante este mês os alunos teriam que elaborar, escrita e pintura de um postal para o dia do pai; apresentar um powerpoint acerca da prevenção de incêndios na floresta, elaborar um cartaz alusivo ao tema da proteção da floresta e jogar ao jogo das perguntas e respostas.

Como objetivos adjacentes a estas atividades a escola pretendeu fomentar a escuta ativa; desenvolver capacidades de organização mental; fomentar o gosto pela leitura; desenvolver as capacidades psíquicas e pictóricas; dar a conhecer um escritor de literatura infantil; fomentar a aprendizagem lúdico-didática, sensibilizar para a importância da figura paterna ao longo da vida; elaborar um postal para o dia do pai e sensibilizar para a importância da proteção da floresta.

TABELA 9 Atividades da BE da Vargem – 3.º período

3.º Período		
abril	✓	Hora do Conto/ Atividades relacionadas com os contos/ Provérbios
maio	✓	Atividades relacionadas com o dia da Mãe/Hora do conto/ Atividades relacionadas com os contos
junho	✓	Hora do conto e Análise da evolução individual e dos colegas ao longo do ano

No mês de abril, as atividades programadas passam desde a hora do conto: continuação do conto *O Rapaz de Bronze*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.ºs e 4.ºs anos); *Os Ovos Misteriosos*, *Uns Óculos para a Rita* e *O Soldado João*, Pedro das Malasartes, *Os Três Desejos* e *O Troca-tintas*, de Luísa Ducla Soares; e videoteca com *Peter Pan em A Terra do Nunca*.

Como atividades secundárias, a biblioteca pretendeu que os alunos ilustrassem imagens relacionadas com os contos, pinturas de desenhos alusivos aos temas, que os alunos efetuassem resumos de cada uma das histórias, assim como realizassem uma ficha com perguntas de escolha múltipla acerca da história e elaborassem alguns cartazes.

Durante este mês, a BE pretendeu apresentar *O Livro dos Provérbios*; dialogar com os alunos acerca do significado de cada um dos provérbios estudados; jogar o jogo com cartões em que os alunos tinham de encontrar a parte correspondente a cada provérbio. A BE pretendeu desenvolver durante este mês a leitura livre e a ludoteca livre.

Como objetivos, a BE quis fomentar a aprendizagem lúdico-didática, fomentar o gosto pela leitura; desenvolver capacidades auditivas e criativas; dar a conhecer alguns provérbios portugueses, dar a conhecer obras infanto-juvenis; desenvolver capacidades de resumo e desenvolver capacidades pictóricas.

Já no mês de maio, as atividades previstas da BE da Vargem passam pela audição da canção Dia da Mãe do livro *Uma canção por semana*, com preenchimento de lacunas com a letra da canção e elaboração de um postal para o dia da Mãe; hora do conto, com início do conto *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (clube de leitura dos 3.º e 4.º anos); continuação das atividades relacionadas com os contos *Uns Óculos para a Rita*, *O Soldado João*, *O criado esperto*, *O céu está a cair*, *As galinhas faladoras* e *O Príncipe com orelhas de burro*, do livro *Contos para Rir*, de Luísa Ducla Soares, e *Joca Aprende a Lição*, *O Dragão Rabugento* e *O Dragão das Mil Flores* do livro *Biblioteca de Valores*; Sessão de videoteca: *Os Robinsons* e *Shrek*.

Como atividades secundárias a estas atividades, a biblioteca pretendeu que os alunos fizessem um resumo de cada uma das histórias; um acróstico com o título de cada uma das histórias; dialogar com os alunos acerca dos valores sobre a bondade, sobre a amizade e sobre ser diferente. A biblioteca pretendeu que os alunos efetuassem também um reconto oral das histórias, assim como realizassem atividades de interpretação da história e sua representação pictórica segundo critérios definidos, pinturas de desenhos alusivos às histórias e finalmente fichas de leitura.

Como objetivos, a BE pretendeu sensibilizar para a importância da figura maternal ao longo da vida; elaborar um postal para o dia da mãe; dar a conhecer obras infanto-juvenis; fomentar o gosto pela leitura; desenvolver capacidades de resumo; desenvolver capacidades pictóricas, desenvolver capacidades de organização mental; desenvolver a escuta ativa e fomentar a aprendizagem lúdico-didática.

Já no mês de junho, as atividades que a BE propôs desenvolver são: início da leitura do livro *Uma aventura na Serra da Estrela*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; ludoteca e a leitura livre; sessão de videoteca, com *Uma aventura na Casa Assombrada* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; e realização de jogos. Durante este mês, pretendia-se efetuar uma análise da evolução individual de cada aluno ao longo do ano letivo e comentário dos conhecimentos adquiridos. Como objetivos, a BE quis fomentar a aprendizagem lúdico-didática; fomentar o gosto pela leitura; fomentar o espírito crítico e de equipa; e estimular a autoavaliação e crítica pela positiva.

Tendo em conta a análise do relatório das atividades desenvolvidas no ano letivo de 2011/2012, nas atividades de Animação de Biblioteca e de Clube de Leitura, da Escola Básica de 1.º Ciclo com Pré-Escolar da Vargem, Estreito de Câmara de Lobos, constatámos que as atividades realizadas tiveram como suporte o plano anual de atividades apresentado e aprovado no início do ano letivo corrente. A ação da Técnica Superior centrou-se fundamentalmente em quatro vertentes: sessões de animação de biblioteca, sessões de clube de leitura, biblioteca aberta e biblioteconomia (tratamento documental).

As sessões de animação abrangeram as seis turmas do 1.º Ciclo, uma do 1.º ano (1.º A), uma do 2.º ano (2.º A), duas do 3.º ano (3.º A e 3.º B) e duas turmas de 4.º ano (4.º A e 4.º B), cada uma com duração de uma hora e trinta minutos semanais. Todas as sessões decorreram na sala de biblioteca, em horário de componente de enriquecimento curricular. O facto de estas sessões terem decorrido na sala anteriormente referida permitiu, segundo a autora do relatório, um aprofundamento da relação afetiva técnica/aluno, assim como um maior envolvimento por parte dos alunos nas atividades desenvolvidas, visto permitir o contacto direto com o livro.

No que concerne à concretização das propostas de animação, a técnica superior, procurou fomentar atividades dinâmicas, atrativas e diversificadas promovendo uma aprendizagem de carácter lúdico - didático. Para esse fim recorreu a diversas técnicas e modalidades de animação tais como: Leitura silenciosa, expressiva, interativa, extensiva e hora do conto (tendo em conta as listas do Plano Nacional de Leitura); Escrita recreativa,

texto codificado, projetos de pesquisa, elaboração de postais e cartas, elaboração de cartazes, construção de livros de histórias e fichas de leitura; Audição de histórias, audição de canções, dramatizações, visualização de filmes, concursos de mímica, ludoteca e jogos tradicionais, exposições dos trabalhos realizados, desenho e decoração.

As turmas do 3.º A e 3.º B participaram no projeto desenvolvido pela EB1/PE da Vargem, Estreito de Câmara de Lobos, EB1/PE de Santa Cruz e EB1/PE das Figueirinhas, intitulado “Enviar uma carta...receber um amigo”, que teve como objetivo a troca de correspondência entre as escolas participantes, criando desta forma uma rede de amizades reativando assim esta antiga forma de ligação. Através deste pequeno projeto, de valorização do papel dos correios, foi desenvolvida a criatividade e a capacidade de redação dos alunos.

As turmas do 3.ºA, 3.ºB, 4.ºA e 4.ºB participaram no concurso *Uma aventura Literária 2012*, lançado pela *Editorial Caminho*. No âmbito deste concurso, todos os alunos participantes receberam um diploma de participação da *Editorial Caminho*.

As turmas do 4.ºA e 4.ºB participaram no projeto *Aprender com o cinema*, em parceria com o docente de TIC, recebendo um filme por período, enviado pela Educamedia. Os alunos puderam ver os filmes nas horas de animação de biblioteca e depois desenvolveram vários trabalhos relacionados com diversas temáticas.

Tendo como objetivo primordial o sucesso escolar dos alunos e incentivar a leitura de lazer e de estudo dando a conhecer escritores de literatura infanto-juvenil, surgiu o projeto *Ler+*, em cooperação entre as docentes da curricular dos 3.ºs anos e a Técnica Superior de Biblioteca.

Desta forma, durante as horas de enriquecimento de Clube de Leitura, os alunos do 3.º ano desenvolveram a escuta ativa através da leitura extensiva das obras propostas (*A Fada Oriana*, *A Noite de Natal*, *A Floresta*, *O Cavaleiro da Dinamarca*, *O Rapaz de Bronze*, *A Menina do Mar*) de Sophia de Mello Breyner Andresen; e os alunos do 4.º ano fizeram a leitura de alguns títulos da coleção *Uma Aventura* (*Uma Aventura no Pulo do Lobo* e *Uma Aventura nas Ilhas de Cabo Verde*), fazendo ainda pequenos exercícios de compreensão (fichas de leitura). Além destas atividades, fizeram ainda pesquisa, elaboração de cartazes, recontos orais, desenho e pintura.

Em paralelo, desenvolveram outras atividades nas aulas curriculares. No âmbito da semana temática dedicada ao tema *Familiarte*, que decorreu de 23 a 27 de abril de 2012, na EB1/PE da Vargem, Estreito de Câmara de Lobos, foi organizada a V Feira do Livro, num intercâmbio com a Livraria do Colégio. Foram convidados um escritor de literatura infantil,

Francisco Fernandes, e uma ilustradora de literatura infantil, Anabela Machado, que vieram apresentar o livro *Ogima, o viajante no planeta dos BMQ*. Os convidados dinamizaram ainda um pequeno ateliê de escrita criativa. Estas atividades tiveram como objetivos primordiais incentivar nos alunos o gosto pela leitura e adquirir fundos para compra de livros novos para a biblioteca escolar. As vendas da feira decorreram conforme previsto e tiveram a adesão da parte dos encarregados de educação, alunos, docentes e comunidade escolar em geral. Da venda dos livros, obteve-se um total de 600€, dos quais 71,00€ para a escola. A comunidade escolar no geral aderiu a este projeto, demonstrando-se bastante sensibilizada para a importância deste tipo de evento.

As sessões de Clube de Leitura não abrangeram todas as turmas do 1.º Ciclo. As turmas do 3.ºA, 3.ºB, 4.ºA e 4.ºB usufruíram de uma hora e trinta minutos semanais de Clube de Leitura, ao passo que as turmas do 1.ºA e 2.ºA não foram contempladas com esta atividade nos seus horários de complemento do currículo.

No entender da técnica superior, esta atividade foi bem aproveitada pelos alunos das turmas contempladas, visto esta ser uma mais-valia para a aula curricular. Em relação às restantes turmas, são ainda muito imaturos para se dedicar à leitura durante o espaço de tempo que tinham dedicado àquela atividade. Desta forma, no próximo ano letivo, a Técnica Superior pretende continuar com o Clube de Leitura com as turmas do 3.º e 4.º anos.

Quanto ao período da biblioteca aberta, a biblioteca esteve à disposição da comunidade escolar no geral (alunos, pessoal docente e não docente), durante a hora do almoço, das 12.30 às 13.30 e das 13.30 às 14.30. Durante estas horas, os alunos aproveitaram para fazer leitura, acabar os trabalhos de casa, brincar com os jogos da ludoteca ou fazer requisição domiciliária. Os docentes foram muitas vezes à biblioteca para requisitar material pedagógico para as suas aulas, tanto curriculares como de enriquecimento do currículo.

Já no que respeita à Biblioteconomia, a biblioteca teve em atenção a organização e gestão do espaço biblioteca, no que se refere ao registo, carimbagem, catalogação, classificação e cotação dos livros segundo as normas portuguesas de catalogação e seguindo o sistema de Classificação Decimal Universal.

Em suma, através da análise do relatório, verificámos que a Técnica Superior se mostrou convicta que desenvolveu um trabalho com a população discente, que potencializou um novo olhar sobre o livro e a leitura, em especial, proporcionando através de um conjunto de atividades dinâmicas e diversificadas uma aprendizagem lúdico-didática. Afirma também pretender melhorar os resultados obtidos no seguinte ano letivo.

1.3. Escola Básica do 1.º Ciclo da Marinheira

Análise dos planos de atividades relativos a 2010/2011 e 2011/2012 e do relatório de atividades anual de 2011/12.

Plano anual de Atividades de Biblioteca Escolar da Marinheira

As atividades de animação encontradas no Plano Anual de 2011/2012 terão como destinatários crianças com idades compreendidas entre os seis e doze anos, serão realizadas na sala de biblioteca e dinamizadas por uma Técnica Superior de Bibliotecas Escolares.

O Plano de atividades rege-se pelas seguintes linhas orientadoras: o livro, o Projeto Educativo “A Vida Quotidiana”, as comemorações e/ou efemérides e os valores.

Com o livro, pretende-se alimentar a mente, por isso o lema *Vitamina Livro: Dá saúde e faz crescer*.

A Escola continua a participar no Projeto Baú da Leitura, o que permite às crianças contactar com outros livros e realizar outras atividades.

As atividades vão ao encontro dos objetivos propostos pelo Projeto Educativo “A Vida Quotidiana”. Uma vez que o livro é um instrumento precioso para preparar a criança para a vida. E possibilita também o despertar para a importância de aplicar os valores no dia a dia.

A sensibilização das comemorações e das efemérides tem como objetivo o conhecimento das realidades culturais e religiosas.

Este projeto pretende ser uma proposta de atuação no âmbito da animação sociocultural de bibliotecas escolares, visando o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de cada aluno, pretendendo despertar e/ou reforçar o interesse e motivação dos mesmos para a leitura e para o livro, a partir de um vasto leque de técnicas, e divertir-se experimentando, observando, manuseando, partilhando, pesquisando, refletindo, discutindo, descobrindo, imaginando, criando, adquirindo e construindo os seus próprios saberes.

O Plano de atividades pretende desenvolver, como competências essenciais, Compreender a importância do papel da Biblioteca na Escola; Tornar a Biblioteca um centro de recursos vivo e dinâmico (estímulo cultural indispensável na comunidade); Promover a reflexão da importância do livro e da leitura no sucesso escolar das crianças; Criar hábitos de

manuseamento, de responsabilidade e de respeito para com os livros; Fazer das crianças leitores assíduos, leitores que leiam para aprender, explorar e descobrir, mas sempre com prazer; Associar à leitura atividades didáticas e lúdicas que estimulem a curiosidade, criatividade e imaginação contribuindo para a qualidade da aprendizagem; Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança; Proporcionar à criança uma viagem ao mundo das histórias, alimentando sua imaginação e satisfazendo seus desejos e fantasias; Formar na criança o prazer em escutar muitas histórias; Divulgar a Biblioteca para a comunidade; Incentivar a participação da família nas atividades da biblioteca; Tornar a biblioteca um centro de enriquecimento cultural onde se educa para a cidadania e para a integração social; Sensibilizar os educandos para a valorização da nossa cultura e património; Promover a interculturalidade e o respeito pela diferença; Fomentar o gosto pela pesquisa que, por sua vez, desenvolve o processo de auto-formação; Promover o trabalho de equipa; Perspetivar a biblioteca como polo dinamizador de aquisição de conhecimentos e contexto de interdisciplinaridade; Incentivar a leitura de lazer e de estudo; Estimular um maior conhecimento da língua portuguesa, Incentivar a ocupação de tempos livres na biblioteca; Fomentar entre os docentes uma metodologia de trabalho que promova a aprendizagem na construção do sucesso escolar e educativo; Incentivar a cooperação entre os docentes da curricular e das atividades de enriquecimento; aprender a manusear e a pesquisar os diversos materiais de informação; desenvolver a capacidade de compreensão e o espírito crítico.

TABELA 10 Atividades de Animação

Atividades / Modalidades de Animação
✓ Sessões de Leitura
✓ Oralidade
✓ Oficinas de Escrita
✓ Exposições
✓ Ateliês
✓ Sessões de Vídeo
✓ Conferências

- ✓ Concursos e Jogos

- ✓ Dramatizações

- ✓ Pesquisa

- ✓ Avaliação

As sessões de leitura podem ser silenciosas, com acompanhamento musical, coletiva, interativa (ex: “Aqui há gato”), expressiva/ com emoção, extensiva, dramatizada, participada, leituras de imagens e estafetas de leitura.

As atividades destinadas à oralidade poderão estar associadas à hora do Conto; aos espaços destinados a um tempo para falar sobre as leituras/ histórias contadas; na criação de histórias em conjunto; no debate de ideias; no comentário de imagens, textos e jogos; na declamação de poesia; nas dramatizações e nos noticiários.

Já na oficina de escrita, as atividades passam desde o tarot de contos, a (re)criação de histórias; continuação da história de um livro/ filme; comparação com original; criação de histórias a partir de uma imagem e/ou de um título; criação de uma história a partir de objetos, elementos da natureza, alimentos, etc.; criação de bandas desenhadas - preencher os quadradinhos ou fazer os desenhos; transformar um conto em BD ou vice-versa; escrita livre: composições; construção de uma história a partir de um livro sem texto; elaboração de histórias e, no final do ano letivo, criação de um livro com as histórias, que irá fazer parte do acervo da biblioteca; escrita criativa: inventar uma narrativa que possa ser representada por uma imagem; criação de uma letra a partir de um ritmo instrumental, jogos e improvisações de escrita, produção de texto através da visualização de imagens; acróstico/desenho, história com matriz; correspondências com outras escolas, criação de dossiês temáticos; elaboração de catálogos de autores; elaboração de fichas de leitura; invenção de palavras com determinados sons e construção de frases com essas palavras.

No que concerne às exposições, estas envolvem atividades como os trabalhos elaborados pelos alunos que devem ser expostos regularmente, sobre semanas temáticas; sobre comemorações e festividades; sobre temas de conferências, sobre visitas de estudo; sobre livros, autores e coleções.

Nos ateliês, a BE destina um espaço para os mais pequenos, onde cada livro deve ser acompanhado pela realização de trabalhos. Os alunos fazem desenhos da personagem preferida; organizam álbuns de personagens (desenham as personagens e indicam as suas

características e ações); ilustram livros; elaboram cartazes para exposição, utilizando recursos que as crianças podem trazer de casa.

Nas sessões de vídeo, a BE prepara o visionamento de filmes para as crianças, estabelecendo comparações com o livro; parando o filme a meio; as crianças devem dar continuidade à história e só depois acabar de ver o filme, comparando as suas histórias com o final do filme.

Relativamente às conferências, a biblioteca prepara encontros com escritores ou críticos literários.

Já nos concursos e jogos, a biblioteca planeia Jogos tradicionais; Peddy-paper; Caça ao tesouro, Jogos de apresentação: Quem é quem?; “Vamos conhecer-nos melhor”, Trivial Pursuit; Top Leitor; Top Livro; Clube de leitura; Jogos e concursos literários; “Encontre o seu semelhante”; Jogos de confiança/ jogos de elogios; Jogos de quebra-gelo; Jogos de motivação, Surpresa, Jogos de aquecimento e Jogo das palavras – Uma palavra doce?

Na área da dramatização, a biblioteca pretende desenvolver pequenos teatros, Fantoques, Representações pontuais de histórias; Faz-de-conta: interpretação de uma personagem; Mímica: cada aluno apresenta uma situação para os restantes adivinharem; profissões; personagens de histórias, posturas (cansado, admirado, irritado, etc.).

A BE pretende proporcionar um momento de pesquisa para os alunos, podendo ser desenvolvido em casa, na Internet, nos livros, em jornais e revistas.

Para efeitos de avaliação dos alunos, o plano propõe as seguintes metodologias e critérios: Observação direta; Empenho e participação nas atividades propostas; Observação do comportamento em sala de aula na conceção das atividades a desenvolver; Adequação das atitudes artísticas na adaptação das atividades a desenvolver na própria e noutra comunidade educativa; Capacidade de interpretação de textos e imagens; Capacidade de comunicação; Capacidade de resolução de problemas; Criatividade desenvolvida nas atividades propostas; Aplicação dos conhecimentos adquiridos; Espírito crítico; Espírito de iniciativa; Capacidade de trabalhar em equipa; Respeito de compromissos na realização de tarefas; Assiduidade; Apresentação e organização do dossier de Biblioteca e Respeito pelos livros e outros materiais encontrados na Biblioteca.

No que se refere à análise do relatório, a atividade de enriquecimento curricular de Biblioteca realizada ao longo deste ano letivo teve como destinatários crianças com idades compreendidas entre os seis e treze anos, e foi realizada na sala de Biblioteca. As linhas

orientadoras das atividades foram: o livro, os valores, as comemorações, o Projeto Educativo “A Segurança na Escola” e os Projetos Curriculares de Turma.

A escola continuou a participar no Projeto Baú da Leitura. Assim, as crianças tiveram a possibilidade de contactar com outros livros, promover intercâmbios de atividades com alunos das escolas envolvidas neste projeto. Houve a rotação dos baús. As atividades que mais se destacaram no âmbito deste projeto foram: Os Concursos Triatlo Literário e Escrita Criativa. Neste ano letivo, segundo o relatório, o número de requisições dos livros do Baú não foi o desejado, visto que os livros eram pouco atrativos e encontravam-se em mau estado, já não representando uma novidade para os alunos.

No sentido de enriquecer as experiências dos alunos, a escola participou no Projeto Geral dos Técnicos Superiores de Bibliotecas “Pequenos Leitores, Grandes Escritores” e no Seminário de Literatura Infantil, onde se fez o lançamento deste livro (dia 8 de junho no Centro Cultural John dos Passos).

Com o intuito de apresentar e premiar os alunos do concelho de Câmara de Lobos pela sua criatividade, os técnicos superiores desta cidade promoveram a apresentação deste livro, na Casa da Cultura. Alguns alunos do 4.ºA tiveram a oportunidade de assistir a este evento. Isto aconteceu dado que foi esta turma a escolhida para participar na criação de uma das histórias do concelho, intitulada “Os Lendários e o Tesouro perdido”.

Segundo o relatório, as atividades foram sempre ao encontro dos objetivos propostos pelo Projeto Educativo “A Segurança na Escola”. Também foram ao encontro das planificações da parte curricular, para haver uma maior interligação entre as diversas áreas do saber.

Foi uma mais-valia a participação no projeto “Escolas com o Gil - Gota a Gota, Escola a Escola”, desenvolvido ao longo do terceiro período, uma vez que as temáticas abordadas pela personagem Gil serviram para consolidar as metas propostas pelo Projeto Educativo da escola. Os alunos desde o início “simpatizaram com o Gil”, que contribuiu para uma melhor aprendizagem e/ou exploração de temas como a higiene, a alimentação, os perigos em casa, a segurança, a prevenção rodoviária, o ambiente, a amizade, entre outros.

Foi feita sensibilização para as datas comemorativas, permitindo que as crianças conhecessem melhor as realidades culturais e religiosas que as rodeiam.

As atividades destinadas às crianças do 1.º e 2.º anos basearam-se, sobretudo, no conhecimento da Biblioteca, proporcionando a descoberta do livro e da sua importância para aquisição de novos saberes.

As atividades do 3.º e 4.º anos estiveram mais direcionadas para a recolha e seleção da informação pretendida, para que os alunos ganhassem uma maior autonomia, partindo à procura de novos conhecimentos, tendo algumas das atividades realizadas ao longo do ano sido sugeridas e preparadas por estes alunos.

O Clube de Leitura foi uma atividade complementar desenvolvida para colmatar as lacunas de leitura de escrita e para reforçar a ideia de que o livro é um companheiro de aventuras. Este clube, destinado aos alunos dos 3.º e 4.º anos, com uma carga horária semanal de meia hora, constituiu reforço na motivação para prática da leitura. Houve um aprofundar de capacidades de interpretação individual, uma troca de ideias e o desenvolver do sentido crítico. Ao longo das atividades, houve uma maior adequação dos livros às faixas etárias, ao tempo cultural dos alunos, às suas dificuldades, a partir de algumas obras sugeridas pelo Plano Nacional de Leitura. Em relação às leituras, segundo o relatório, houve a preocupação em escolher textos consoante o grau de dificuldade dos alunos, e, para uma maior motivação, a tipologia de textos foi variada: textos narrativos, poéticos, dramático, entre outros. Numa fase inicial, foram feitos trabalhos de pesquisa com os alunos. Depois, sob orientação, fizeram uma investigação individual, quer em livros, quer na Internet.

Uma outra atividade desenvolvida para enriquecer o currículo dos alunos foi o Clube de Teatro, destinado aos alunos dos 4.º anos, que teve uma boa receptividade. Foram feitos alguns exercícios e jogos de expressão corporal, que fomentaram a socialização, a criatividade, a coordenação e memorização. As dramatizações permitiram o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da linguagem vocal e corporal. Alguns alunos realizaram peças de teatro e construíram cenários e adereços para as mesmas. Infelizmente não foi possível contemplar todos os alunos, nem realizar alguns trabalhos previstos no plano, uma vez que coincidia com outras disciplinas, sobretudo, com a Expressão Musical e Dramática. No âmbito deste projeto, foram realizadas as seguintes dramatizações: “O Dentinho”, “A Magia do outono” (Comemoração do Dia Internacional das Bibliotecas Escolares), “O Menino Gordo” (Sessão de Abertura da Feira do Livro), “Os Olhos de minha Mãe” (Comemoração do Dia da Mãe) e “O Lobo Ecológico” (Dia Eco-Escolas).

Dentro da carga horária letiva, a técnica reservou um tempo para observação e leitura de livros. O contacto com os livros teve uma maior solicitação por parte dos mesmos.

Das atividades realizadas ao longo do ano letivo, as que mais se destacaram foram: O Concurso “Triatlo Literário” e O Concurso Escrita Criativa, (desenvolvidos no âmbito do Baú da Leitura); os Correios (Natal, Cupido); Os Concursos: “Histórias de Natal”, “A Corrida da

Centopeia”, “Ler Mais, Ganhar Mais” e o Concurso de Desenho “Escolas com o Gil”; as dramatizações e a Feira do Livro.

Para além das atividades que a técnica mencionou anteriormente, foram realizadas: hora do conto, leituras de vários géneros literários, bandas desenhadas, recriação de histórias, resumos, jogos (dentro da sala e no pátio), construção de jogos, pesquisas, dramatizações, poesias, desenhos, colorir imagens, labirintos, unir pontos, descodificação de texto, sopa de letras, questionários, visionamento de filmes, etc.

Segundo o relatório, as mais apreciadas foram a hora do conto, a leitura, o Correio Cupido, Os Concursos, as Visitas de Estudo, a Feira do Livro, as dramatizações, ludoteca e videoteca.

No que diz respeito à organização da biblioteca, a técnica procedeu ao registo, carimbagem das obras adquiridas durante o ano letivo, iniciou a classificação e criação de novas etiquetas para os livros já existentes; iniciou um projeto em parceria com o professor de Informática Eduardo Soeiro, que consistiu na criação de um site para a biblioteca, que permitirá a divulgação do acervo e das atividades realizadas na Biblioteca Ilha Mágica dos Livros (nome escolhido pelos alunos).

Para realizar as atividades, pesquisou diversas fontes, tais como livros de atividades, manuais escolares, Internet, também fez intercâmbio com outros colegas. Ainda fez a recolha de sugestões propostas pelos alunos. Recorreu à máquina fotográfica digital para registar alguns acontecimentos. Recorreu ainda a fotocópias de textos e atividades para tornar as aulas mais interessantes e para contribuir para o alargamento da cultura geral dos alunos. Colaborou com as atividades festivas e outros eventos realizados na escola. Também participou em outros projetos exteriores à escola que foram surgindo ao longo do ano letivo.

Tendo em consideração os condicionalismos socioeconómicos e culturais dos alunos, fez a avaliação, através da observação direta, do empenho dos alunos nas tarefas propostas, na aquisição de conhecimentos, do espírito de iniciativa, do espírito de equipa, da observação do comportamento em sala de aula, na conceção das atividades a desenvolver, e através da adequação das atitudes artísticas na adaptação das atividades a desenvolver na própria e noutra comunidade educativa.

Cooperou com todos os professores na planificação e organização das festas e outros eventos escolares que constavam no Projeto Curricular Escola: Natal (Auto de Natal), Carnaval, Dia da Mãe, Páscoa, Dia da Criança e o Dia Eco-Escolas, entre outros.

Numa abordagem geral do seu trabalho, a Técnica considera que teve uma repercussão muito positiva, e que os objetivos propostos, de forma geral, foram atingidos na sua maioria: foi estabelecida por parte dos alunos uma boa relação de cumplicidade com os livros, houve número razoável de requisições domiciliárias. O interesse em participar nas atividades propostas foi muito, sobretudo, nos intercâmbios com outras escolas e nos concursos. Apesar de continuar a haver lacunas a nível de escrita, os alunos revelam uma boa expressão a nível oral.

1.4. Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos

Análise dos planos de atividades relativos a 2010/2011 e 2011/2012 e do relatório de atividades anual de 2011/12

Plano Anual da Biblioteca Municipal

A elaboração desta análise visa fazer um diagnóstico do trabalho efetuado na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos (BMCL) e Polos no ano de 2010, sendo, portanto, um instrumento de avaliação, embora seja simultaneamente uma projeção de perspetivas de intervenção de cada serviço para 2011.

Constatámos que a BM definiu como atividade prioritária para 2010 a promoção desta entidade. Segundo a documentação, este objetivo foi bem sucedido, dada a visibilidade que muitas atividades e serviços tiveram na comunicação social e pelo feedback do público. Para o efeito, em muito contribuiu todo o trabalho feito pela BM: folhetos explicativos dos vários serviços existentes; criação de uma *newsletter*/boletim informativo de divulgação por e-mail e em versão papel, embora o projeto tenha ficado em *stand-by*, questão que foi colmatada com a divulgação semanal através do envio das atividades para e-mails de pessoas que se mostraram interessadas em ter conhecimento da agenda da BM; envio de ofícios para editoras e outras instituições para dar a conhecer o espaço da Sala Polivalente; continuação do trabalho de divulgação pelas escolas, através de cartazes e e-mails informativos, através do envio de e-mails informativos e cartazes das atividades; divulgação de cartazes pela comunidade, sobretudo, na Junta de Freguesia, Centro Comunitário Cidade Viva, Casa da Cultura e alguns estabelecimentos comerciais; criação de expositor temporário para colocação em zona externa à Biblioteca, de modo a que se divulguem eventos, conferências e outras

atividades ocasionais, embora o mesmo tenha sido requisitado para outro serviço a partir do verão; participação em redes sociais (Twitter, Facebook, Youtube), divulgando a BMCL pela Internet, sendo o Facebook um caso de sucesso, com grande participação do público, com 1445 seguidores; mais difusão de eventos e atividades na comunicação social e outras entidades (DGLB, livrarias parceiras, bibliotecas), tendo a DGLB feito a divulgação de muitas atividades na Biblioteca no site da Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas, bem como a DRAC.

De acordo com o estabelecido no Regulamento Interno da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, aprovado em reunião de Câmara a 28 de maio de 2009, os seus objetivos gerais são: “Facilitar o acesso da população a toda a informação existente, através do empréstimo domiciliário ou consulta local, sem distinção do suporte em que esta se encontra; fomentar o gosto pela leitura, a educação individual e autoformação; organizar atividades que permitam ocupar e encorajar a participação ativa da população do concelho; criar condições para a fruição de criação literária, científica e artística; consolidar e fortalecer a Rede de Leitura Concelhia, valorizar e divulgar o património cultural do concelho; respeitar os princípios do *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas*; atualizar continuamente os recursos de informação, variando suportes e temas, em prol da função de biblioteca pública, considerando que os recursos audiovisuais e as modernas tecnologias de informação exerçam um papel importante na sociedade; colaborar com instituições semelhantes e outras entidades de âmbito local, regional ou nacional que se localizem em campos de atuação semelhantes como os da cultura e da educação”.

A Biblioteca Municipal faz um levantamento particular do público que frequenta a biblioteca, o que como pudemos verificar nenhuma BE realizou este levantamento.

O ano de 2011 que se encerrou foi marcado por uma diversidade de atividades para todos os públicos na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos e Polos. Sobretudo, o Núcleo Pedagógico viu reforçado o seu papel através do Programa de Promoção de Atividades e do Conhecimento “Leituras e Aventuras”, um programa especialmente preparado para Estabelecimentos de Ensino e Centros de Dia, para que se estabeleça uma relação direta com o exterior e se promova a utilização do espaço. Como seria demasiado exaustivo discriminar todas as atividades realizadas, deixa-se uma listagem do mais significativo: atividades permanentes, dar é receber; Ler+, Navegar+; Bibliotecário por um dia; Hora da História Digital; Palavras tricotadas; Bibliocinema; Clube de Teatro; Hora do Estudo; Os livros também se reciclam.

TABELA 11 ATIVIDADES TEMPORÁRIAS

Atividades Temporárias	
fevereiro	✓ Concurso Mascote para Sala Infantil/ Ação de Sensibilização Internet Segura
março	✓ Comemoração dia da Poesia
abril	✓ Ciclo de Cinema/ Exposição/ Conferências
maio	✓ Atividades inseridas no programa da I Semana da Arte e Cultura de Câmara de Lobos
junho	✓ Dia da Criança/ Dia do Ambiente/Sessão de Esclarecimento
julho	✓ Atividades de verão/Dia da Amizade
setembro	✓ Exposição da personagem BD Mafalda
outubro	✓ Exposições/ Encontro de gerações/Dia das Bruxas/ Início do Programa de Atividades de Promoção da Leitura
novembro	✓ Mostra bibliográfica (aniversário do Rato Mickey)/Sessão de Cinema/Início da Comunidade de Leitores “Saboreando Palavras
dezembro	✓ Palestra/ Ciclo de Cinema/Programa de ocupação de férias “A oficina do Pai Natal”

Durante o mês de fevereiro, a Biblioteca planeou realizar um concurso da mascote para a Sala Infantil, destinado às Escolas; e uma ação de sensibilização “Internet Segura”, com Comissário da Polícia Judiciária. No mês de março, planeou realizar a atividade palavras saboreadas, para a comemoração do Dia da Poesia. No mês de abril, pretendeu-se realizar um ciclo de cinema “Do livro ao filme”; mostrar a bibliográfica de Hans Christian Andersen; realizar uma exposição “Livros da minha vida”; realizar um ciclo de palestras “Mente Sã em corpo são” (todas as quartas-feiras do mês com uma temática diferente: Stress e Depressão, Desporto, Shiatsu e Nutrição).

No mês de maio, as atividades programadas passam pela intervenção de rua com o poeta Policarpo Nóbrega; Parceria com o CAO “Cantando canções, vivendo emoções”; Anúncio dos resultados do concurso da mascote; Exposição “30 anos, BMCL (1980-2010)”; Sessões de cinema; A Biblioteca sai à rua; Dia da Família (abertura ao Sábado), a Hora do Conto Especial com António Castro. Aula de Aeróbica ao ar livre; Palestra “Segredos do Azul” com o mergulhador Cláudio D’Agrella – comemoração do Dia do Mar e Hora do Conto Especial com José Viale Moutinho.

Relativamente ao mês de junho, as atividades da BM pretendem incidir no dia da Criança: jogos tradicionais; no dia do Ambiente: ateliê de reciclagem em parceria com a

Universidade Sénior de Santa Maria Maior e realizar uma sessão de esclarecimento com Psicóloga: “Sexualidade”.

No mês de julho, as atividades da BM estão centradas em atividade de verão: Biblioteca ao ar livre, Uma aventura na Biblioteca e durante este mês a BM pretende comemorar o dia da amizade, em que a biblioteca desejou oferecer livros às novas inscrições.

No mês de outubro, a BM pretendeu realizar uma Exposição do Centenário da República e Peddy-papper sobre a temática; realizar um Encontro de gerações; comemorar o dia das Bruxas, realizar a hora do conto arrepiante e sessão de cinema especial; efetuar uma exposição do personagem Sherlock Holmes, assim como iniciar o Programa de Atividades de Promoção da Leitura e do Conhecimento “Leituras e Aventuras”, destinado aos Estabelecimentos de Ensino.

Quanto ao mês de novembro, a BM pretendeu desenvolver uma mostra bibliográfica no âmbito do aniversário do Rato Mickey; realizar uma sessão de cinema especial Rato Mickey; e pretendeu iniciar a atividade de Comunidade de Leitores “Saboreando Palavras”.

No mês de dezembro, a biblioteca quis incidir em uma palestra em parceria com o Centro de Saúde de Câmara de Lobos “Sida: métodos de prevenção”; no ciclo de cinema sobre o Natal; e no programa de ocupação de férias “A oficina do Pai Natal” (ateliers, hora do conto, cinema).

Note-se que o mês de agosto não teve atividades, visto que a Biblioteca apenas prestou os serviços mínimos nessa altura.

De referir ainda que, tal como mencionado no relatório de estágio, a partir de 2010, também os Polos passaram a beneficiar de uma programação permanente e para todos os públicos (e não apenas para Escolas como se procedia antes). Sobretudo no Polo do Estreito, a Coordenação desafiou a equipa aí existente a preparar a Hora do Conto e a comemoração de efemérides. Segundo o relatório, o desafio foi muito bem aceite e a equipa tem-se suplantado (tendo em consideração que há apenas duas pessoas para realizarem todas as tarefas) com uma preparação aprofundada das atividades e um aumento crescente da participação do público, sobretudo o infantil, que era quase inexistente.

O ano de 2011 perspetiva-se como um ano de abrandamento em termos de atividades, para que a equipa técnica se possa concentrar na organização interna dos documentos recebidos ao longo de 2010. A coordenação, que projetava e realizava algumas das atividades, terá necessidade de prestar apoio e orientação neste procedimento relativo ao fundo documental.

Para além das atividades anteriormente descritas, a BM apresenta um plano de atividades destinadas à comemoração de efemérides.

TABELA 12 Atividades – Efemérides

Efeméride	Atividade	Público
Dia da Mulher	Painéis informativos	Geral
Dia do Pai	Mostra Bibliográfica/Ateliê	Infantil
Dia da Floresta	Painéis informativos/Filme	Infantil e Adultos
Dia do Livro	Mostra bibliográfica de H. C. Andersen	Infantil e Adultos
Dia da Mãe	Mostra Bibliográfica	Infantil
Dia da Família	Ateliê Infantil/Abertura ao Sábado	Geral
Dia Europeu do Mar	Painéis Informativos/Mostra Bibliográfica	Geral
Dia da Criança	Atividades ao ar livre	Infantil
Dia do Ambiente	Ateliê de Reciclagem	Geral
Dia das Bibliotecas	Painéis Informativos	Geral
Dias dos Avós	Mostra Bibliográfica	Geral
Criação da Mafalda	Exposição e mostra bibliográfica	Juvenil
Dia do animal	Ação de Sensibilização SPAD	Geral
Publicação de Sherlock-Holmes	Exposição e mostra Bibliográfica	Juvenil
1.ª Semana de novembro	Palestra/ Sessões de Cinema	Juvenil

Segundo o balanço que se faz no documento analisado, os objetivos propostos para 2010 foram em grande medida alcançados, tendo a resposta por parte dos utilizadores sido muito positiva. Assim, perspetiva-se que 2011 seja um ano de continuidade, devendo ser este um espaço de aposta em termos culturais e de intervenção social.

Convém referir que, na altura da entrevista, o relatório de 2012 não podia ser concedido à investigadora visto que estávamos em junho de 2012, a BM trabalha por ano corrente de janeiro a dezembro e não por ano letivo como as escolas. Assim, só depois de 2012, viria a ser realizado o relatório.

Verificamos que todas as entrevistadas desenvolvem atividades de animação com ou menos ou mais planificação, mas sempre dentro das mesmas atividades, como exemplo, a hora do conto, a feita do livro, pequenas dramatizações, entre outras.

O conjunto de técnicas/estratégias a seguir apresentadas (são algumas das mais selecionadas pelas nossas inquiridas) não pretende ser exaustivo e o animador deverá, com a sua sensibilidade, criatividade e imaginação, adequar cada uma delas aos recursos, ao grupo e ao espaço onde decorre a atividade. O objetivo a alcançar será proporcionar o contacto com o livro, criar e/ou manter leitores e incentivá-los para o prazer de ler.

Leitura em voz alta – ler em voz alta é uma atividade marcante para quem lê e para quem ouve. O texto adquire vida, sonoridade, atenção. Ao emprestarmos a nossa voz às palavras, estas transfiguram-se, ganham novo colorido, musicalidade e encanto. A seleção de textos, a inflexão, o ritmo, a intensidade, o silêncio, a cadência, a emoção, a encenação...podem transforma-se na varinha mágica da sedução e do prazer de novos leitores. Falamos de leitura expressiva e leitura dramatizada.

Relação livros/cinema – promover a comparação do livro com as suas adaptações a filmes de cinema, descobrindo qual deles melhor narra a história e mais favorece a imaginação. Poder-se-á elaborar uma lista de obras cinematográficas que correspondam a obras literárias, ou a vidas de personalidades. Atividade semelhante pode ser feita com os desenhos animados, procurando encontrar similitudes com obras literárias.

O livro/o escritor/o (do mês) - numa tentativa de proporcionar uma aproximação a um livro, escritor, ilustrador, como pessoa próxima, para poder tratar de temas e pontos de vista com ele diretamente e/ou para saber mais sobre ele, a sua obra, a sua vida, e/ou conhecer melhor uma das suas personagens, aventuras, imagens ou histórias. É de referir que esta atividade foi implementada pela investigadora quando trabalhava na BM. Porém, atualmente a BM não realiza esta atividade.

Representação teatral/jogo dramático – o teatro desinibe a pessoa, fá-la interagir, é transmissor de opiniões, valores, ideias. Proporciona o envolvimento, o convívio e a partilha. Poder-se-ia adaptar poesia e/ou contos de tradição popular ou de escritores da região.

Leitura em suportes variados: CD-rom; on-line – proporcionando ao leitor o acesso às novas tecnologias.

Concursos de leitura – leitura de livros previamente selecionados pelos intervenientes, promovendo uma disputa salutar.

Clubes de leitura – proporcionar encontros de leitores onde possam partilhar a sua experiência de leitura.

Visitas à Biblioteca – dado que a grande maioria dos inquiridos não frequenta a biblioteca, seria importante proporcionar-lhes uma visita a este espaço por excelência

vocacionado para o encontro com o material impresso. De momento, após a saída da investigadora da BM, as bibliotecas, seja a BM como as BE não têm efetuado muitas saídas, neste caso específico, visitas a bibliotecas.

Estas atividades, tal como afirma Azevedo (2007), para além da dimensão de alargamento cultural e literário, com benefícios individuais e sociais, podem igualmente potenciar o desenvolvimento de estratégias intelectuais e sociais necessárias à vida complexa em que vivemos.

Por fim, constatámos também que a BM a nível de planos e relatórios tem o cuidado de realizar um trabalho mais profissional, cuidado e minucioso. As técnicas de biblioteca escolar fazem este tipo de registos muito mais simplificado e com pouco conteúdo a nível metodológico e estratégico, dentro das especificidades das metodologias e práticas da animação. Colocam o que vão fazer mas não justificam porquê, não há um estudo prévio das necessidades para colmatar eventuais falhas. Colocam a meta, mas esquecem os procedimentos, estratégias, metodologias e objetivos a ter em conta em qualquer intervenção com e para pessoas, no círculo bibliotecário.

Os relatórios e planos serviram de uma forma geral para perceber tudo o que se faz nas bibliotecas em estudo, o que se planeou, o que realmente se fez e o que ficou por fazer. De fato, quase tudo o que foi planeado foi concretizado, acrescentou-se uma ou outra atividade ou projeto, dependendo da necessidade de mudar algo.

Nas escolas realizaram atividades como Feira do Livro, exposições, ateliers, leituras, horas do conto, atividades nas efemérides, etc. A BM realizou conferências, palestras, ateliers, sessões de cinema, ações concursos, etc. Temos por sua vez, relatórios das atividades muito elaborados e outros menos, nas escolas. Na BM a técnica responsável utiliza sempre tabelas excel, os relatórios são simples, concisos e muito explícitos.

CONCLUSÕES

Esta investigação teve como base e ponto de partida a experiência profissional da investigadora em animação de bibliotecas, na Casa da Cultura de Câmara de Lobos, na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, entre 2005 e 2010; e na BE da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico de Santo António – Funchal, entre 2010 e 2013; e noutros projetos relacionados com a animação do livro e das bibliotecas, assim como o trabalho desenvolvido no Projeto *Histórias de Passagem*, cujos intervenientes foram crianças e idosos do Estreito de Câmara de Lobos.

Este estudo de caso consistiu em analisar as práticas de animação desenvolvidas nesses anos, assim como as atuais práticas de três Bibliotecas Escolares e a Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos.

Os objetivos propostos nesta dissertação estão relacionados com a resolução do problema em estudo, que de uma forma geral, culmina na necessidade ou não de implementar práticas de animação nas bibliotecas e de cooperação entre elas.

Consideramos que os objetivos desta dissertação de mestrado foram alcançados, porque fomos capazes de interpretar as ações desenvolvidas pelas técnicas superiores de biblioteca, de identificar e caracterizar as práticas de animação dentro das bibliotecas em estudo e respetiva cooperação entre elas, através da metodologia e técnicas inicialmente delineadas.

Aquando da chegada ao terreno de investigação e após a análise das entrevistas e dos planos e relatórios das instituições em estudo, percebemos que de um modo geral existe carência nas práticas de animação, de dinamismo e de profissionalismo específico na área de animação.

Verificou-se a falta de cooperação entre a Biblioteca Municipal e Bibliotecas Escolares circundantes do Concelho de Câmara de Lobos, sendo a falta de transporte, a falta de comunicação, de criação de projetos, de metodologias e estratégias de animação, como responsáveis pelo possível insucesso de um trabalho de animação fraco e um pouco limitado seja a nível profissional como a nível relacional entre as pessoas, como parte social de um todo. Contudo, verificamos que havia muita mais cooperação entre as BE do concelho, continuando a ser o local de reuniões o mesmo que a investigadora sugeriu e sugeriu/facultou quando era diretora da BM.

Ainda sobre o assunto acima referido, verificamos também, através das entrevistas, que as BE sentem falta da cooperação ativa da BM, na realização de atividades e convites para participação em atividades. A BM está com poucos recursos financeiros, mas refere que está a espera que sejam as instituições à procura da BM. No entanto, enviam e-mails e realizam o panfleto publicitário. Referem muitas vezes que, na altura da investigadora o transporte não era problema e que sempre se conseguia ir pelo menos a todas as escolas do concelho. Predomina aqui um problema de comunicação que nada que uma conformidade estratégica a realizar entre as instituições, inserido desde o início no plano anual de atividades não possa resolver.

Constatamos que todas as entrevistadas valorizam muito o papel do animador sociocultural e têm consciência que a precariedade económica pela qual o país está a atravessar leva ao corte dos recursos humanos, começando pelo profissional de animação sociocultural, que ainda é visto como um “luxo”, para não dizer secundário.

A investigadora verificou que o seu anterior trabalho enquanto animadora sociocultural no concelho de Câmara de Lobos foi muito valorizado e reconhecido pelas entrevistadas, apesar de ter terminado por razões económicas e políticas.

A investigadora considera todavia a realização desta dissertação como uma oportunidade de abertura de portas que se fecharam aquando de concursos públicos, que foram realizados na altura, e a que esta não pôde concorrer, porque não detinha então o mestrado em ciências documentais.

Pensamos que esta dissertação contribuiu para caracterizar o ofício de animador de bibliotecas, realizado por profissionais que, embora não sejam licenciadas em ASC, possuem especializações na área, que lhes permitem não só valorizar a profissão de animador, mas também procurar fazer um trabalho de intervenção nesta área.

Deparamo-nos também com uma certa “discriminação” do animador, por ser considerado pessoal não docente, em relação ao papel do professor, considerado pessoal docente. Havendo, numa escola, a necessidade de explicar que o animador não é professor, nem faz parte dos quadros desse pessoal, frisando-se que o animador é um técnico e não um professor. O animador não é de facto um professor, mas é decerto um educador e as bibliotecas são espaços de educação não formal, complementar da educação formal que se realiza em sala de aula. O papel do bibliotecário escolar é primeiramente o de um educador, tanto nos aspetos formais como informais da instrução.

Tendo em conta esta perspetiva, o papel e o trabalho do animador de bibliotecas é mesmo o que se afigura mais pertinente e adequado ao contexto educativo de uma biblioteca, seja ela municipal ou escolar.

Nas BE verificamos a importância que dão ao trabalho individual, isto é, referem a não necessidade de mais um animador como elemento formador de uma equipa de trabalho. Expõem também as dificuldades a nível económico, mas sobretudo, porque acham não ser pertinente mais do que um elemento.

A nível das práticas de animação, tema fulcral desta dissertação, as entrevistadas não sabiam muito bem o que eram práticas de animação, ou não sabiam explicar mais tecnicamente a um nível mais adequado e profissional, dentro do trabalho específico da animação. Responderam com frases simples, frase modelo: “incentivar o gosto pela leitura”. Tal como se tentou mostrar no enquadramento teórico desta investigação, as práticas de animação são muito mais.

Como já pudemos constatar, atualmente, a promoção da leitura tornou-se uma preocupação (inter) nacional e toda a sociedade manifesta interesse em fomentá-la, embora continue a delegar-se à escola a sua responsabilidade. Considerando-se que a toda a leitura preside, por mais inibida que seja, o prazer de ler. Há sempre alguma coisa que pode ser feita para proporcionar a descoberta ou o reencontro do referido prazer, seja qual for a idade do indivíduo que não manifesta particular apreço pela leitura, então, é fundamental alimentá-lo, o que poderá ser concretizado através de práticas de promoção de leitura, levadas a cabo com metodologias e técnicas de animação sociocultural, que as nossas inquiridas referem: como leituras, horas do conto, ateliers, etc.

Constatámos que não encontramos muitas informações/fontes sobre práticas de animação e sobre cooperação entre bibliotecas. Sendo talvez esta dissertação uma temática um tanto ou quanto pertinente.

Convém referir que uma das limitações do nosso estudo foi não poder realizar as entrevistas a todas as escolas primárias, centros de dia ou outras instituições do concelho. Podendo ser esta dissertação um estudo muito mais alargado e com conteúdo útil aos seus possíveis leitores. Um dos factos foi a falta de tempo e por existirem cerca de 50 escolas primárias só no concelho de Câmara de Lobos.

Todas as entrevistadas eram licenciadas em línguas (clássicas/modernas/germânicas). As técnicas de biblioteca detinham uma especialização em biblioteca. Verificando-se falhas na formação específica na animação. Verificamos igualmente que as três técnicas de

biblioteca iniciaram as suas carreiras ao mesmo tempo (9 anos atrás). Isto deveu-se ao facto de abrir concurso público a docentes da área das línguas e literaturas que estavam sem colocação e não porque existiu a necessidade de colocar pessoal especializado na área em questão. Optando-se por dar formação de nove meses aos técnicos, como suporte do futuro emprego concedido.

Averiguamos que a BM dedica muito trabalho à parte do tratamento documental, esquecendo um pouco a parte da dinamização sociocultural. A responsável não tem formação em animação específica, referindo que gostaria de ter.

É de ressaltar também que, no que se refere às BE, verificamos uma menor valorização do trabalho extracurricular, sendo o curricular o que de facto “lhes importa”, que são as aulas e não os tempos livres dedicados às ditas atividades extracurriculares.

Verificamos que, na Biblioteca Municipal, adotaram um procedimento segundo o qual os públicos é que devem procurar os serviços da biblioteca. Aquando do trabalho da permanência da investigadora, havia sempre o cuidado de procurar o público, incentivando-o com técnicas de marketing para a participação de mais públicos assíduos nestes espaços. A entrevistada alegou que trabalham mais com adolescentes e adultos (leitores que utilizam a biblioteca espontaneamente), confirmando-se esta opção da BM em não procurar o público.

No que se refere às planificações e relatórios anuais das bibliotecas, os trabalhos realizados no âmbito dos presentes, percorreram as seguintes fases: definição dos objetivos a atingir; levantamento dos métodos e ferramentas de avaliação; escolha dos métodos e ferramentas de avaliação a utilizar; tratamento dos dados recolhidos; análise dos resultados obtidos e discussão dos resultados.

É de ressaltar que as entrevistadas gostam do que fazem e que o fazem com carinho e motivação, tendo-se, desde o início, mostrado muito interessadas em ajudar/participar na nossa investigação. Em termos gerais, consideramos que as técnicas superiores de biblioteca abrangidas pelo estudo não estão alheias à realidade que as circunda: conhecem e utilizam técnicas de animação de uma forma simples e eficaz, podendo contudo ser melhoradas caso possuíssem um profissional com formação de base em animação como parte integrante da equipa.

Dentro da animação das bibliotecas, esta é capaz de resolver e converter as bibliotecas em espaços utilizados, desejados e valorizados, numa perspetiva de encantamento e atração de novos e assíduos leitores. A animação nas bibliotecas veio trazer uma lufada de ar fresco dinâmica a bibliotecários, professores, editores e leitores. Na perspetiva da

Animação Sociocultural, tão ou talvez mais importante que os recursos de uma biblioteca, por muito numerosos que sejam, são as pessoas (bibliotecários, animadores, equipas de trabalho, utilizadores) que as dinamizam, desenvolvendo-se através de atividades muito diversificadas e projetos a explorar por potencialidades de e para os utilizadores.

Em suma, é necessário conhecer e valorizar melhor as práticas de animação sociocultural, tornando-as duradoiras para se alcançar o sucesso, sempre no sentido de cooperar com uma família em harmonia integrante de um todo e para todos.

As BE e BM não são espaços com estantes de livros, mas sim espaços preenchidos de livros para e com pessoas animadas em torno dum objetivo comum: usufruir da melhor forma da leitura, dos seus suportes no geral, das atividades e projetos oferecidos.

A animação como um método de aprendizagem, de alegria, de bem-estar e de lazer sempre trabalhando em equipa para um objetivo paralelo, o bem da sociedade.

Podemos concluir, que existem de facto práticas de animação do livro e da biblioteca sim, mas um pouco pobres e sem conteúdo metodológico, sem inovação ou estratégias de subvalorização, criação ou continuidade. São práticas, pouco centradas numa perspetiva de e na vertente de cooperação entre as bibliotecas escolares e a biblioteca municipal em estudo. As instituições em estudo subsistem independentemente, havendo uma cooperação muito ténue e pouco explorada. Por outro lado, distinguem-se estes dois tipos de biblioteca pelos espaços, recursos humanos/financeiros e públicos, sendo que nutrem um bem comum à exploração da leitura através dos livros e da leitura para públicos específicos. A existência de profissionais com formação de base em animação nestes espaços não foi verificada. Os “animadores” são professoras ou técnicas superiores que têm especializações de curta duração e revelam ter consciência disso e até interesse em desenvolver mais formação na área. Apesar da inexistência de animadores com formação de base em ASC, as instituições em estudo valorizam o papel dos profissionais de animação, julgando que estes são uma mais-valia para o trabalho a desenvolver no mundo bibliotecário. E os recursos físicos e humanos existentes não são os mais adequados às necessidades verificadas. Infelizmente em relação às necessidades encontradas nestes espaços, ainda há muito por fazer, mudar e melhorar, dentro da área específica da animação de bibliotecas.

Definimos no início deste estudo as seguintes perguntas de base: ***existem práticas de animação do livro e da biblioteca, centradas numa perspetiva de e na vertente de cooperação entre as bibliotecas escolares e a biblioteca municipal em estudo?*** Verificamos que existem práticas de animação “retrogradadas”, pouco inovadoras e pouco criativas sendo até

limitadas, sendo utilizadas quase sempre as mesmas (ex: feira do livro) e com pouco profissionalismo/eficácia dentro das práticas específicas da ASC. Em relação à cooperação entre estas instituições, tendo as instituições em estudo a noção de que a cooperação é quase inexistente, verificou-se um trabalho individual sem cooperação entre elas, sendo obviamente um factor fulcral para o funcionamento em rede, o apoio e a parceria dos espaços/recursos e seus utilizadores.

O que distingue estes dois tipos de biblioteca? O que distingue estes dois tipos de biblioteca são os públicos, os espaços, o espólio, recursos físicos e humanos. De uma forma geral são espaços para o mesmo fim e objetivos, com características diferentes.

Existem profissionais de animação nestes espaços? Nas escolas existem professores que detêm de uma especialização de 9 meses sobre animação em bibliotecas e na biblioteca municipal não temos ninguém com formação em ASC, só em ciências documentais.

Valorizam o papel dos profissionais de animação? Todas as instituições valorizam muito os profissionais de animação e o seu trabalho/projetos. A BM assegura a necessidade da existência de uma equipa de animação para a mesma, afirmando que ficam muito pobres a nível das atividades a oferecer aos utilizadores do Concelho e outros. As BE valorizam muito os profissionais de animação mas acham que, elas próprias, as técnicas de bibliotecas, são suficientes para a população escolar da qual fazem parte. Preferindo continuar a trabalhar sozinhas.

Os recursos físicos e humanos existentes serão os mais adequados às necessidades? A BM sendo um edifício inaugurado há pouco tempo, dispõe de recursos físicos inovadores, novo mobiliário, novos materiais de informática, novo espólio. As escolas têm imensas necessidades a nível de recursos, de materiais e de infra-estruturas, sendo escolas com instalações mais antigas e precárias. Em relação aos recursos humanos nas BE, estas acham que são os mais adequados, na BM não, acham que têm falta de pessoal permanente e especializado, tendo quase sempre como reforço: estagiários e pessoal do fundo de desemprego. Nas duas instituições verifica-se a falta de pessoal especializado formado na área da ASC, escasseando a idealização e implementação de projetos de animação para a comunidade envolvente, notando-se inúmeras lacunas a nível do trabalho de animação desenvolvido dentro das bibliotecas.

Considerações Finais

Esta dissertação pretende ser útil à comunidade bibliotecária. Apresenta-se como uma contribuição para que se conheça esta realidade e nela se possa intervir.

Um projeto de investigação não deverá constituir um fim em si mesmo, pelo contrário, deverá contribuir para o desenvolvimento de uma determinada área (ou áreas) de estudo acrescentando saber novo. Consequentemente, o seu êxito deve ser perspetivado na medida em que os seus resultados são úteis para além de servirem os propósitos dos seus autores.

Ao percorrermos os resultados da nossa análise, comprovámos que muito ainda há a fazer nesta área. Consideramos pertinente que os técnicos de biblioteca continuem a refletir sobre as suas práticas como profissionais na área da animação. É importante acompanhar os tempos, saber adaptar-se ao contexto e manifestar uma atitude proativa, desafiando a imaginação, de modo a não perdermos a oportunidade de continuar a criar e a fidelizar leitores e não só.

Neste momento, julgamos, com a cautela devida, que é oportuno, neste contexto, apontar novas pistas de investigação. Pensamos que será conveniente, no futuro:

- Alargar o campo de estudo sobre esta temática a uma população mais abrangente, de modo a podermos chegar a algumas generalizações;
- Aprofundar algumas questões relacionadas com os motivos que levam os técnicos superiores de biblioteca a conhecer e a utilizar com maior ou menor grau as práticas de animação de biblioteca.
- Perceber qual a reação dos alunos e leitores à utilização das práticas de animação de biblioteca;
- Averiguar o impacto das atividades e práticas de animação de biblioteca.

Futuramente desejaríamos alargar o âmbito do presente estudo de investigação, através de estratégias de intervenção ativa, tal como pressupõe a Animação Sociocultural, e implementar as técnicas/estratégias por nós enunciadas junto dos alunos/leitores em bibliotecas diversas.

BIBLIOGRAFIA

ALÇADA, Isabel - **Leitura, literacia e bibliotecas escolares** – Revista Bimensal, Edição 9, [Em linha]. 2005. [Consult. 2012-12-18]. Disponível em http://www.proformar.org/revista/edicao_9/As%20Bibliotecas%20Escolares%20e%20o%20desenvolvimento%20da%20Literacia.pdf.

ALMEIDA, J. F. ; PINTO, J. M. - **A investigação nas ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1976. 163 p. ISBN 972-23-1231-6.

ALMEIDA, L., & FREIRE, T. - **Metodologia da investigação em psicologia e educação**. 5ª ed. Braga: Psiquilibrios Edições, 2008. 221 p. ISBN 972-97388-0-7.

ANDER-EGG, Ezequiel - **Léxico do animador**. ANASC – Associação Nacional de Animadores Socioculturais, 1999. 78 p. ISBN 972-97498-1-7.

ANDER-EGG, Ezequiel - **Metodologia y práctica de la animación sociocultural**. 16ª ed. Madrid: Editorial CCS, 2001. 431 p. ISBN 84-8316-365-9.

ARNAL, Justo [et al.] - **Investigación educativa: fundamentos e metodologia**. Barcelona: Editorial Labor, S.A, 1992. 278 p. ISBN 84-335-3725-3.

ARRUDA, G. C. D. - **Metodologia científica: projectos de pesquisa**. Curitiba: Editora Camões, 2008. 48 p. ISBN 978-85-61568-03-0.

Associação Portuguesa de bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) - **Perfil do profissional de documentação e informação**. [Em linha]. 2011. [Consult. 2012-12-20]. Disponível em http://www.apbad.pt/Profissao_Areas.htm.

ASTA, Grazia; FEDERIGHI, Paolo - **El público e la biblioteca: metodologías para la difusión de la lectura**. Florencia: Ediciones Trea, 1997. 207 p. ISBN 84-95178-84-2.

AZEVEDO, Carlos - **O animador empreendedor**. Revista Práticas da Animação. Ano 2 – Número 2, outubro de 2009. [Em linha]. 2009. [Consult. 2012-09-13]. Disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.

AZEVEDO, Fernando - **Formar leitores: das teorias às práticas**. Lisboa; Porto: Lidel, 2007. 185 p. ISBN 978-972-757-460-5.

BAIRRÃO, M. ; GOUVEIA, L.B. - **Gestão da informação na biblioteca escolar**. 1ª ed. [s.l.]: Edições Gestknowing, 2007. 193 p. ISBN: 978-989-95330-0-4.

BARDIN, L. - **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 281 p. ISBN 978-872-44-1506-2.

BAS, Mercedes Escardo - **La biblioteca, un espacio de convivencia**. Espanha. ANAYA, 2003. 251 p. ISBN 84-667-2718-3.

BASTO, M. Elsa [et al] - **Animação comunitária: cadernos pedagógicos**. 1ª ed. Porto: Edições ASA, 1993. 64 p. ISBN 972-41-1359-0.

BELL, J. - **Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação**. 3ªed. Lisboa: Gradiva, 2004. 245 p. ISBN 972-662-524-6.

BENTO, Avelino - **Teatro e animação: outros percursos do desenvolvimento sócio-cultural no Alto Alentejo**. Lisboa: Colibri, 2003. 324 p. ISBN 972-772-420-5.

BESNARD, Pierre - **L' animation socioculturelle**. Paris: PUF, 1980. ISBN 2-13-039049-8.

BLAXTER, L., HUGHES, C. ; TIGHT, M. - **How to research**. 3rd ed. Berkshire: Open University Press / McGraw-Hill Education, 2008. ISBN 0-335-20903-3.

BLOOMBERG, L. D. ; VOLPE, M. - **Completing your qualitative dissertation: a roadmap from beginning to end**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2008. ISBN 978-141-295-651-2.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. - **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 335 p. ISBN 972-0-34112-2.

BOUDON, R. ; LAZARSFELD, P. - **Le vocabulaire des sciences sociales**. Paris: Mouton, 1965. 309 p.

BRAGA, António Maria - **Organização e funcionalidade do espaço nas bibliotecas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2010. 142 p. ISBN 978-972-674-657-7.

CABRAL, Maria Luísa - **Bibliotecas: acesso sempre**. Lisboa: Colibri, 1996, 131 p. ISBN 972-8288-16-6.

CALIXTO, José António - **A biblioteca escolar e a sociedade de informação**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996. 150 p. ISBN 972-21-1047-0.

CALIXTO, José António - **Bibliotecas para a vida: literacia, conhecimento, cidadania**. Évora. CIDEHUS/EU – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora: Edições Colibri, 2007, 120 p. ISBN 978-972-722-699-8.

CALIXTO, José António - **Ter ou não ter biblioteca escolar: valor do impacto dos recursos humanos nas bibliotecas escolares**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, 120 p. ISBN 978-972-31-1201-6.

CÂMARA DE LOBOS. Câmara Municipal - **Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos**. [Em linha]. Câmara de Lobos: CMCL, 2012. [Consult. 2012-03-12]. Disponível em <http://www.cm-camaradelobos.pt/Default.aspx?ID=1151>.

CARMO, H. ; FERREIRA, M. - **Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. 353 p. ISBN 972-674-231-5.

CASTELLANO, Daniel Martín - **Animación a la lectura y escritura de cuentos através de los sentimientos**. Canarias: Gobierno de Canarias / Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa, 2003. 102 p. ISBN 84-688-3193-X.

CEMBRANOS, Fernando [et al.] - **La animación sociocultural: una propuesta metodológica**. 10.^a ed. Madrid: Editorial Popular, 2003. 238 p. ISBN 84-7884-163-6.

CID, X.M. ; PERES, A. - **Educação social, animação sociocultural e desenvolvimento comunitário**. Volume I. Vigo: Universidade de Vigo; Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007.

COCHITO, Maria Isabel - **Cooperação e aprendizagem**. Lisboa: ACIME, 2004. 180 p. ISBN 972-99316-1-5.

CONGRESSO INTERNACIONAL BIBLIOTECAS PARA A VIDA, 2, Évora, 2009 - **Bibliotecas para a vida: bibliotecas e leitura**. org. José António Calixto. Évora. CIDEHUS/EU – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora: Edições Colibri, 2007, 120 p. ISBN 978-972-772-949-4.

CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 7, Lisboa, 2003 - **O impacto social das ciências da educação: actas**. Lisboa: Educa.

CORREIA, Helena - **Animação em contexto de bibliotecas escolares**. Revista Práticas da Animação. [Em linha]. Ano 4 – Número 3, outubro de 2010 [Consult. 2012-03-12]. Disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.

COSTA, Carlos Alexandre dos Santos - **Animação da leitura em bibliotecas públicas**. Revista Práticas da Animação. [Em linha]. Ano 1 – Número 0, outubro de 2007 [Consult. 2012-10-16]. Disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.

COSTA, Carlos Alexandre dos Santos - **Animação sociocultural: profissão e profissionalização dos animadores**. Porto: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, 2010. 207 p. ISBN 978-989-8148-54-4.

DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR (DGES). [Em linha]. 2013. [Consult. 2012-02-19]. Disponível em <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Instituicoes/InstrucaoProcessos/CET/Registo+de+CET>.

DOMECH, Cármen [et al] - **Animación a la lectura. ¿cuántos cuentos cuentas tú?**. 3.^a ed. Madrid: Editorial Popular, 2003. 224 p. ISBN 978-847-884-140-0.

ECO, U. - **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 4.^a ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988. 231 p. ISBN 972-23-1351-7.

FELDMAN, M. S. - **Strategies for interpreting qualitative data**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc, 1995. 71 p. ISBN 0-8039-5915-X.

FERNANDES, Anabela de Moura - **Animação da leitura no contexto da animação sociocultural**. Chaves: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Escola de Ciências Humanas e Sociais, 2010. 104 f. Dissertação de Mestrado.

FORTIN, M.F. - **O processo de investigação: da concepção à realização**. Loures: Lusociência, 1999. 388 p. ISBN 972-8383-10-X.

GILLET, Jean-Claude - **L'animation socioculturelle**. [Em linha]. 2005. [Consult. 2012-08-05]. Disponível em http://jeanclaudegillet.free.fr/animation_socioculturelle.htm.

GOMES, Filipe - **A importância do animador sociocultural numa escola de 1º ciclo**. *Revista Práticas da Animação*. [Em linha]. Ano 1 – Número 0, outubro de 2007 [Consult. 2012-10-16]. Disponível em <https://sites.google.com/site/revistapraticasdeanimacao/sumario>.

GOMES, Maria Lúcia [et al] - **Crescer em comunidade: estratégias de educação não formal à descoberta de culturas juvenis**. 1ª ed., Lisboa: Ministério da Educação, 2002. 97 p. ISBN 972-783-050-1.

GOODE, W.J. ; HATT, P.K. - **Métodos em pesquisa social**. 7ª ed. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. 386 p.

GUERRA, I. C. - **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Estoril: Príncipe Editora, 2006. 95 p. ISBN 972-8818-66-1.

GÚTIEZ, Manuel Carrión - **Manual de bibliotecas**. 2ª ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. 760 p. ISBN 84-86168-79-1.

HAGUETTE, T. M. F. - **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987. 224 p. ISBN 978-85-326-0854-3.

HERMANO, Carmo; Manuela MALHEIRO - **Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem**. 1ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. 353 p. ISBN 972-674-231-5.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew - **Investigação por questionário**. 1ª ed. Lisboa: Sílabo, 2000. 377 p. ISBN 972-618-223-9.

IFLA; PHILIP, GILL - **Os Serviços da biblioteca pública: directrizes da IFLA/UNESCO**. Caminho das bibliotecas & informação. Lisboa: Caminho, 2001. 311 p. ISBN 972-21-1567-7.

JARDIM, Jacinto - **O Método da animação: manual para o formador**. Porto: Associação de Valentes Empenhados, 2002. 319 p. ISBN 972-8591-05-5.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. A. - **Metodologia científica**. 2ª ed. S. Paulo: Editora Atlas, 1992. 238 p. ISBN 85-224-0083-0.

LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. ; BOUTIN, G. - **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 190 p. ISBN 972-9295-75-1.

LINUESA, María Clemente - **Leitura e cultura escrita**. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda, 2007. 184 p. ISBN 978-972-8980-55-9.

LOPES, Marcelino de Sousa - **Animação sociocultural em Portugal**. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2006. 715 p. ISBN 972-99851-0-3.

MACCIO, Charles - **Animação de grupos**. 4ª ed. Lisboa: Moraes Editores, 1977. 206 p.

MILES, Matthew; HUBERMAN, Michael - **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. 338 p. ISBN 0-8039-5540-5.

MUCCHIELLI, R. - **Entrevista não-directiva**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1979. 171 p. ISBN 2-7101-1608-1.

PALMA, Graça; DIAS, Nelson - **Dar rosto à intervenção: os animadores de desenvolvimento local**. Faro: Associação In Loco, 2001. 87 p.

PARMEGIANI, Claude-Anne - **Livres et bibliothèques pour enfants**. Paris: Cercle de la Librairie, 1985. 191 p. ISBN 2-27654-0328-7.

PEREIRA, José Dantas Lima - **As fronteiras da animação sociocultural**. 1ªed. Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2011. 367. 978-972-99851-9-5.

PERES, Américo Nunes; LOPES, Marcelino Sousa - **Animação sociocultural: novos desafios**. Chaves: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP), 2007. 220 p. ISBN 978-972-99943-1-9.

QUINTAS, Sindo Froufe; SÁNCHEZ, Margarida - **Para comprender la animación sociocultural**. Pamplona: Editorial Verbo Divino, 1995. 157 p. ISBN 84-8169-067-8.

QUIVY, Raymond ; CAMPENHOUDT, L. V. - **Manual de investigação em ciências sociais**. 4ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005. 282 p. SBN 972-662-275-1.

SAMPIERI, Hernández; COLLADO, Carlos; LUCIO María - **Metodologia de pesquisa**. 3ª ed. Madrid: McGraw-Hill, 2006. 583 p. ISBN 85-8680493-2.

SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA (SREC). [Em linha]. Funchal, 2013 [Consult. 2013-07-04]. Disponível em

- EB1/PE Estreito de Câmara de Lobos, em <http://escolas.madeira-edu.pt/eb1peeclobos/In%C3%ADcio/tabid/5598/Default.aspx>

- EB1/PE Marinheira, em <http://escolas.madeira-edu.pt/eb1pemarinhira/AEscola/Hist%C3%B3ria/tabid/504/Default.aspx>

- EB1/PE Vargem, em <http://escolas.madeira-edu.pt/eb1pevargem/AEscola/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o/tabid/5795/Default.aspx>

SEQUEIRA, Maria de Fátima - **Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar**. 1ª ed. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000. 90 p. ISBN 972-783-007-2.

SILVA, Ana da - **La formation des animateurs et animatrices au Portugal**. Journal sociocultural community development and practices. [Em linha]. Lausanne, 2013 [Consult. 2013-06-24]. Disponível em http://www.atps.uqam.ca/numero/ATPS_4_2013_en.php#num4_2.

SILVA, Ana da - **Relatórios de intervenção em animação sociocultural**. Cadernos do Projeto Museológico sobre Educação e Infância. 1ª ed. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém. N.º 130, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da - **Elementos de pedagogia da leitura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Lda, 1998. ISBN 978-853-360-859-7.

SILVA, Lino Moreira da - **Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo**. 1ª ed. Braga. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia: Lusografe, 2002. 535 p. 972-8746-02-4.

SIM-SIM, Inês; DUARTE, Inês; FERRAZ Maria - **A língua materna na educação básica: competências nucleares e níveis de desempenho**. Lisboa: M.E. Departamento de Educação Básica, 1997. 110 p. ISBN 972-742-084-2.

SOUSA, A. - **Investigação em educação: métodos e técnicas**. Livros Horizonte, 2005. 187 p. ISBN 972-8036-30-2.

STAKE, R. E. - **The art of case study research**. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc, 1995. 187 p. 972-31-1187-X.

STRAUSS, A. ; CORBIN, J. - **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 2nd ed. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc, 1998. 333 p. ISBN 978-080-395-939-2.

TODD, R. - **A escolarização da competência informacional**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. [Em linha]. Nova Série, São Paulo, v.2, n.2, dez. 2006. [Consult. 2012-09-06]. Disponível em <http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/18/6>.

TRILLA, Jaume - **Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 2004. 366 p. ISBN ISBN 972-771-763-2.

TUCKMAN, B. W. - **Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação**. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 742 p. ISBN 972-31-0879-8.

USHERWOOD, Bob - **A biblioteca pública como conhecimento público**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999. 212 p. ISBN 972-21-1284-8.

VENTURA, João José Belchior - **As bibliotecas e a esfera pública**. Tese de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa: ISCTE, 2001. 266 f. Dissertação de Mestrado.

VICHÉ, Mario González - **La animación sociocultural: una corriente educativa.** Revista Práticas da Animação. [Em linha]. Ano 6 – Número 5, outubro de 2012 [Consult. 2012-10-05]. Disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.

YIN, R. K. - **Estudo de caso: planeamento e métodos.** 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p. ISBN 85-363-0462-6.

APÊNDICES

Apêndice I – carta de autorização das entrevistas às escolas do 1.º Ciclo

Excelentíssimo Senhor Diretor Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira,

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*, requeiro a V. Ex.^a se digne autorizar a realização de três entrevistas em escolas do 1.º Ciclo do ensino básico do Estreito - Município de Câmara de Lobos: uma na Vargem, uma na Marinheira, uma no Estreito de Câmara de Lobos.

Conforme recomendação da Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, no seguimento de um contacto telefónico realizado no início de abril, junto se anexa o guião da referida entrevista a cada professora bibliotecária das escolas supracitadas. A entrevista incide sobre a temática em estudo (animação do livro, da leitura, do conto, da escrita, assim como da biblioteca em geral e práticas de cooperação entre bibliotecas).

Será solicitada a autorização às professoras entrevistadas para gravar as entrevistas. Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, sendo os resultados comunicados às referidas professoras antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização destas entrevistas ainda no mês de maio, pelo que muito agradeço a brevidade possível da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

Gestora dos Cursos de Educação e Formação da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico de Santo António – Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice II - carta de autorização para a realização de entrevistas à delegada escolar de CL

Excelentíssima Senhora Delegada Escolar de Câmara de Lobos

Na sequência da autorização da Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, para realizar três entrevistas em escolas do 1.º Ciclo do ensino básico do Estreito - Município de Câmara de Lobos (uma na Vargem, uma na Marinheira, uma no Estreito de Câmara de Lobos), no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*, venho requerer a V. Exa. se digne autorizar-me a realizar as referidas entrevistas à Professoras Bibliotecárias, no mês de junho.

Será solicitada a autorização às professoras entrevistadas para gravar as entrevistas. Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, sendo os resultados comunicados às referidas professoras antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização destas entrevistas ainda no mês de junho, pelo que muito agradeço a brevidade possível da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

Gestora dos Cursos de Educação e Formação e Coordenadora da Biblioteca da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico de Santo António – Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice III - e-mail de autorização da realização das entrevistas à delegação escolar de CL

RE: Delegada Escolar de Câmara de Lobos - Autorização entrevistas - Tese: Sónia Jardim

Para ver mensagens relacionadas a esta, [agrupar mensagens por conversa](#).

08/06/2012

Responder 

Delegação Escolar de C^a Lobos

Para Sónia Garden

Boa Tarde!

Sou de parecer favorável ao seu pedido, pelo que deverá entrar em contato com as diretoras das escolas referidas, de modo a agendar as entrevistas.

Com os melhores cumprimentos,

Sónia Brazão

De: Sónia Garden [mailto:sonia-jardim@hotmail.com]

Enviada: sex 08-06-2012 12:26

Para: Delegação Escolar de Câmara de Lobos

Assunto: A/C: Delegada Escolar de Câmara de Lobos - Autorização entrevistas - Tese: Sónia Jardim

Boa tarde,

Como combinado, junto envio em Anexo, o pedido de autorização para a realização das entrevistas.
Atenciosamente,
Sónia Jardim

Apêndice IV – autorização das entrevistas pela SREC - I

(Havia uma escola que não foi autorizada pela SREC por engano, não era Escola das Romeiras mas sim Escola da Marinheira, se encontra no Anexo seguinte a autorização correta.)



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

C/conhecimento:

- à DLE de Câmara de Lobos
- EB1/PE da Vargem
- EB1/PE da Marinheira
- EB1/PE das Romeiras

Exm.^a Senhora

Professora Sónia Jardim

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência **1773/5**

Data

Proc. 5.70/12

25/05/2012

ASSUNTO: Autorização para a realização de entrevistas aos técnicos superiores de bibliotecas escolares da EB1/PE da Marinheira, da EB1/PE da Vargem e da EB1/PE das Romeiras

Por meu despacho de 25-05-2012, autorizo a professora Sónia Jardim a realizar entrevistas aos técnicos superiores de bibliotecas escolares da EB1/PE da Marinheira, da EB1/PE da Vargem e da EB1/PE das Romeiras, no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivos, ministrado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, intitulada *“Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais”*.

No entanto, para efeitos da operacionalização das entrevistas supra-citadas, deverá Vossa Excelência proceder à necessária articulação com a Senhora Delegada Escolar de Câmara de Lobos, com as direções das ditas escolas e obter a prévia autorização dos técnicos superiores de bibliotecas escolares selecionados.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor Regional

(João Manuel Almeida Estanqueiro)

BV/

Apêndice V – autorização das entrevistas pela SREC - II (Autorização correta)



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

C/ conhecimento:

- à DLE de Câmara de Lobos
- à EB1/PE da Vargem
- à EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos

Exma. Senhora
Professora Sónia Jardim

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	Data
		Of. 0951 Proc. 5.70/13	22-04-2013

ASSUNTO: Autorização para a realização de entrevistas aos técnicos superiores de bibliotecas escolares da EB1/PE da Marinhreira, da EB1/PE da Vargem e da EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos

Por meu despacho de 22-04-2013, autorizo a professora Sónia Jardim a realizar entrevistas aos técnicos superiores de bibliotecas escolares da EB1/PE da Marinhreira, da EB1/PE da Vargem e da EB1/PE do Estreito de Câmara de Lobos, no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivos, Ministrado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, intitulada *"Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais"*.

No entanto, para efeitos de operacionalização das entrevistas supra-citadas, deverá Vossa Excelência proceder à necessária articulação com a Senhora Delegada Escolar de Câmara de Lobos, com as direções das ditas escolas e obter a prévia autorização dos técnicos superiores de bibliotecas escolares selecionadas.

Com os melhores cumprimentos.

O Diretor Regional

(João Manuel Almeida Estanqueiro)

Na resposta indicar a «Nossa referência». Em caso infeliz indicar o seu arquivo

Apêndice VI – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 do Estreito

Excelentíssima Senhora Diretora da Escola do 1.º Ciclo do Estreito de Câmara de Lobos

Na sequência da autorização da Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, para realizar três entrevistas em escolas do 1.º Ciclo do ensino básico do Estreito - Município de Câmara de Lobos (uma na Vargem, uma na Marinheira, uma no Estreito de Câmara de Lobos), no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*, venho requerer a V. Exa. se digne autorizar-me a realizar a referida entrevista à Técnica Superior de Educação – carreira de animação sociocultural, no mês de junho. Solicitava ainda que se dignasse autorizar a cedência de um plano de atividades relativo a 2010/2011 e 2011/2012, juntamente com o relatório de atividades anual de 2010/2011.

Será solicitada a autorização à técnica entrevistada para gravar a entrevista. Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, sendo os resultados comunicados à referida técnica antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização desta entrevista ainda no mês de junho, pelo que muito agradeço a brevidade da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

Gestora dos Cursos de Educação e Formação e Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico de Santo António– Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice VII - e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Marinheira

Excelentíssima Senhora Diretora da Escola do 1.º Ciclo da Marinheira

Na sequência da autorização da Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, para realizar três entrevistas em escolas do 1.º Ciclo do ensino básico do Estreito - Município de Câmara de Lobos (uma na Vargem, uma na Marinheira, uma no Estreito de Câmara de Lobos), no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*, venho requerer a V. Exa. se digne autorizar-me a realizar a referida entrevista à Professora Bibliotecária da V. Escola, no mês de junho. Solicitava ainda que se dignasse autorizar a cedência de um plano de atividades relativo a 2010/2011 e 2011/2012, juntamente com o relatório de atividades anual de 2010/2011.

Será solicitada a autorização à Professora entrevistada para gravar a entrevista. Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, sendo os resultados comunicados à referida professora antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização desta entrevista ainda no mês de junho, pelo que muito agradeço a brevidade da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

Gestora dos Cursos de Educação e Formação e Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico de Santo António– Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice VIII – e-mail de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Marinheira

Ações
escola da marinheira Câmara de Lobos

08/06/2012

Para: sonia-jardim@hotmail.com



Dr.ª Sónia Jardim:

Em resposta ao seu email, passo a informar-lhe a possibilidade de entrevistar a Técnica Superior de Biblioteca Mariela Brito no dia 12 de junho, pelas 9h30m.

Cumprimentos
A Diretora
Eduarda Silva

Apêndice IX – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na EB1 da Vargem

Excelentíssima Senhora Diretora da Escola do 1.º Ciclo da Vargem

Na sequência da autorização da Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, para realizar três entrevistas em escolas do 1.º Ciclo do ensino básico do Estreito - Município de Câmara de Lobos (uma na Vargem, uma na Marinheira, uma no Estreito de Câmara de Lobos), no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*, venho requerer a V. Exa. se digne autorizar-me a realizar a referida entrevista à Professora Bibliotecária da V. Escola, no mês de junho. Solicitava ainda que se dignasse autorizar a cedência de um plano de atividades relativo a 2010/2011 e 2011/2012, juntamente com o relatório de atividades anual de 2010/2011.

Será solicitada a autorização à Professora entrevistada para gravar a entrevista. Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, sendo os resultados comunicados à referida professora antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização desta entrevista ainda no mês de junho, pelo que muito agradeço a brevidade da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

Gestora dos Cursos de Educação e Formação e Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico de Santo António– Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice X – resposta de e-mail com autorização para a realização da entrevista na EB1 da Vargem

escola da vargem câmara de lobos

Mestrado

escola da vargem câmara de lobos

06/06/2012

Para: sonia-jardim@hotmail.com



Cara Sónia,

Venho assim autorizar a sua entrevista e terei muito gosto em ceder um plano e relatório de atividades. Esclareça-me, por favor, este plano é relativo às atividades de Biblioteca, não é?

Até para a semana e bom feriado!

Cláudia Henriques

Apêndice XI – e-mail de pedido de autorização para a realização de entrevista na BMCL

Excelentíssima Senhora Diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos

Venho requer a V. Exa. se digne conceder-me uma entrevista no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Arquivo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa, intitulada, *Práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspectiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais*. Solicitava ainda a cedência de uma cópia do plano de actividades da Biblioteca Municipal relativo a 2010/2011 e 2011/2012, juntamente com o relatório de actividades anual de 2010/2011.

Proceder-se-á ao tratamento e análise dos dados para fins da investigação do mestrado, comprometendo-me a comunicar-lhe os resultados antes da entrega do trabalho nos serviços académicos da Universidade.

Gostaria de agendar a realização desta entrevista ainda no mês de maio ou início de junho, pelo que muito agradeço a brevidade da resposta de V. Exa. para o meu email abaixo indicado.

Respeitosos cumprimentos

Sónia Jardim

Mestranda em Ciências Documentais, Bibliotecas e Arquivo - Universidade Lusófona

- Gestora dos Cursos de Educação e Formação da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico de Santo António – Funchal
- Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico de Santo António – Funchal

Tel: 961609337

Email: sonia-jardim@hotmail.com

Apêndice XII – pergunta e resposta de e-mail com pedido e autorização para a realização da entrevista na BMCL

Ações

Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos BMCL (bibmcl@gmail.com)

Adicionar aos contatos

27/06/2012

Para: Sónia Garden

Boa tarde!

Às 2as estou ocupada entre as 11h e as 12h. Durante o mês de Julho encerramos às 13h. Portanto, veja a sua disponibilidade: ou antes das 11h ou depois das 12h.

Cumprimentos,

Alexandra

Ações

Sónia Garden

27/06/2012

Documentos

Para: BMCL Novo, BMCL

Outlook Exibição Ativa

1 Anexo (14,8 KB)



ntrevista - BMCL Sónia Jardim-Mestrado.docx

Exibir online

Baixar como zip

Boa tarde Dr.^a Alexandra,

Junto envio em Anexo, o ofício que enviei há dias relativo ao pedido de entrevista para a minha tese em bibliotecas da Universidade Lusófona. Segunda feira era um bom dia para fazermos a entrevista? Gostava de receber resposta para este e-mail com a hora que mais lhe der jeito, de manhã era ótimo.

Atenciosamente,
Sónia Jardim

Apêndice XIII - carta de apresentação da investigadora – introdução às entrevistas

Apresentação da investigadora

Sónia Jardim, mestranda em Ciências Documentais, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, variante Bibliotecas e Arquivo, pretende entrevistar as professoras bibliotecárias das escolas do 1.º Ciclo do ensino básico acima referidas e a diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, no âmbito da sua tese de mestrado.

Sónia Jardim, com nacionalidade portuguesa, 32 anos, começou a sua formação superior no Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação (ESES), onde cursou a licenciatura em Animação Cultural e Educação Comunitária. Criou o projeto inter-geracional *Histórias de Passagem* (objeto de um programa da RTP – Madeira em Direto), na Cidade de Câmara de Lobos. Detém duas pós-graduações em Ciências Documentais, uma em Bibliotecas e outra em Arquivo, pela Universidade Lusófona, tendo realizado os seus estágios na Biblioteca Pública Regional da Madeira e no Gabinete do Secretário Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira.

Participou em diversas ações de formação promovidas pela ESES e fora desta, participou em colóquios, seminários e encontros em diversas áreas ligadas à animação do livro e das bibliotecas, assim como programas interculturais internacionais (Comenius).

Trabalhou como animadora no Centro Nacional de Exposições de Santarém (CNEMA), durante 3 anos. Implementou o projeto “O Ambiente Espera um Gesto Seu”, na Câmara Municipal de Santarém. Realizou dois estágios curriculares de licenciatura, um no “Banco do Tempo”, Lar de Idosos de São Domingos, Santarém; e outro na coordenação do projeto museológico da ESES, no museu “Escolas e Infâncias d’Outrora”.

Detém o curso de Língua Gestual Portuguesa, pela escola CLINICFALA. Possui dois cursos de informática na ótica do utilizador. É detentora do Certificado de Aptidão Profissional (CAP) da Direção Regional de Formação Profissional (DRQP). Tem um curso de Técnicas de Iniciação de Animação, na empresa de Animação e Inovação - Mais+. Trabalhou como

monitora de Campos de Férias para a Casa da Cultura de Câmara de Lobos (tendo o Curso de Monitora de Tempos Livres), dinamizando ateliers de expressão plástica, teatral e conto tradicional. Coordenou o projeto infantil “ConstruIR”, na Casa da Cultura de Câmara de Lobos. Publicou artigos na *Revista Girão*, escritos de índole cultural e regional acerca do Município de Câmara de Lobos. Foi presidente da Assembleia-Geral da APDASC (Associação para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural da Região Autónoma da Madeira).

A título de convite participou no CD “O Gato”, suporte digital de conteúdos multimédia para a educação pré-escolar, do Plano Nacional de Leitura, da SREC. Desde então, tem trabalhado sempre na área da animação em bibliotecas, desde Diretora das Bibliotecas Municipais de Câmara de Lobos e atualmente Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola dos 2º e 3º Ciclos e Santo António, Funchal, onde é também coordenadora e gestora dos procedimentos administrativos dos cursos CEF (Cursos de Educação de Formação), programa RUMOS, da mesma escola.

Tem lecionado em diversas escolas da RAM, cursos de formação profissional em diversas áreas e sobretudo lecionou cursos técnico-profissionais de animação sociocultural e orientou as Provas de Aptidão Profissional (PAP) destes mesmos cursos, na Escola Profissional Atlântico, Funchal.

Fez parte integrante da mesa de júri no final de cursos de animação sociocultural da escola supracitada. Foi professora de cursos das Novas Oportunidades, Fundação da Juventude da RAM e professora de espanhol no Instituto Inocenter, no Funchal. Tem desenvolvido projetos de leitura, como contadora de histórias em diversas instituições (centros de dia, lares e escolas). Voluntária como animadora, na Casa de Saúde Câmara Pestana, Funchal e Centro Social e Paroquial, em Santo António. Trabalhou como relações públicas, na empresa Cellullem Block, e como coordenadora de animação dos jogos de futebol da Liga Sagres, através da empresa Cheerleaders, em duas temporadas. É gerente da empresa de animação infantil “Festinhas e Companhia” sediada no Funchal. Desenvolve atualmente um projeto em parceria com a BPRM, sendo animadora da Biblioteca do Instituto Prisional da Cancela, Funchal.

Apresentação do problema da pesquisa

Pretende-se investigar as práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais. O trabalho consistirá, no estudo de práticas de animação que estão a ser desenvolvidas em três bibliotecas escolares e na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, Município onde a mestranda desenvolveu entre 2005 e 2010 vários projetos de animação de bibliotecas.

Justificação da entrevista

Os dados recolhidos através das entrevistas virão completar a investigação teórica nas áreas do estudo, assim como a análise dos planos de atividades relativos a 2010/2011 e 2011/2012 e do relatório de atividades anual de 2010/2011, que a mestranda também solicitará às bibliotecas objeto do estudo.

Aplicação da entrevista

Entrevista oral, com a duração de aproximadamente 30 a 40 minutos, dependendo da disponibilidade da entrevistada. Solicitar-se-á às entrevistadas autorização escrita para fazer uma gravação áudio da entrevista. A gravação das 4 entrevistas em suporte áudio estarão disponíveis nos CD's que farão parte de toda a documentação/informação integrante da entrega desta dissertação.

Antes do início da entrevista, serão pedidos os planos das atividades e relatórios das bibliotecas inquiridas, previamente solicitados, através de correio eletrónico e/ou telefone, aquando da marcação da data e hora da realização das entrevistas.

Apêndice XIV - guião das entrevistas às EB1 da Marinheira/Estreito/Vargem

Guião de Entrevista à professora bibliotecária das escolas do 1.º Ciclo da Escola Básica da Marinheira, Estreito e Vargem (Freguesia do Estreito de Câmara de Lobos).

Estratégia: Entrevista oral (com gravação áudio)		
BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
I. Caracterização da entrevistada	• Identificar e caracterizar a entrevistada	1) Nome? 2) Formação Profissional – Tem formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural? Qual? 3) Tem experiência como professora bibliotecária? Quantos anos e onde? 4) Cargo (s) que desempenha na instituição? 5) Duração do(s) cargo(s)?
II. Caracterização da Biblioteca Escolar (BE)	• Recolher informação sobre características e funcionamento da BE	6) Qual é o papel do professor de bibliotecário na BE? Que tipo de formação tem diferente da formação de outros professores? 7) Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na vossa

	• Conhecer os horários e recetividade dos alunos e professores em relação às atividades de animação • Conhecer o tipo de atividades realizadas dentro e fora da BE • Verificar relação entre a instituição e outras do exterior	BE? Gostaria de ter um animador na sua equipa? 8) A Biblioteca Escolar faz parte da Rede das Bibliotecas Escolares? Desde Quando? 9) Quem mais frequenta a Biblioteca Escolar, para além dos alunos? Professores? Encarregados de educação? Pessoas da comunidade? Para quê? Em que ocasiões? 10) Que alunos/as frequentam a BE? De que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BE? Porquê? 11) Quem integra a equipa da BE e quais as respetivas funções? 12) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam atividades em conjunto? 13) Que tipos de atividades realizam mais com alunos no início do 1.º Ciclo e no final do 1.º Ciclo? 14) De que atividades os alunos mais gostam? E os professores? 15) Que tipo de livros lá há? Estão classificados? 16) Os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola? Trazem livros de casa para a escola? Trocam os livros da escola com os de outra(s) escola(s)? 17) Que parcerias tem a BE com outras instituições? 18) Qual é o horário da BE? 19) Qual é o sistema de classificação documental?
--	---	--

		20) Que áreas e subáreas existem na BE? 21) Que recursos financeiros dispõe a BE?
III. Caracterização das Práticas de Animação da BE	• Compreender a percepção da entrevistada relativamente aos conceitos de Biblioteca Escolar e de Animação de Biblioteca • Caracterizar as práticas de animação da BE • Saber se existe trabalho realizado na área da animação da biblioteca, pertinente e inovador • Avaliar a procura/possibilidade de atividades de animação na BE • Avaliar se as práticas de animação utilizadas são	22) O que é para si uma BE? Quais são as diferenças em relação a uma Biblioteca Pública? 23) Para si o que são práticas de animação da BE? 24) O que entende por animação da biblioteca? 25) Como avalia a importância das práticas de animação? 26) Que atividades realizam fora da BE? 27) Que tipos de atividades de animação são realizadas com os alunos dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê? 28) Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições? 1. Se sim, qual/quais? 2. Se não, porquê? 29) Existem pequenas bibliotecas, ou estantes com livros nas salas de aula? Os professores fazem atividades de animação com esses suportes? 30) Que tipo de atividades ou jogos de animação da leitura/do livro fazem as professoras na biblioteca, na sala de aula, noutros espaços da escola?

	positivas e precisas para o sucesso do funcionamento da BE • Identificar especificamente o que é realizado na área da animação de bibliotecas com os alunos • Conhecer o balanço do trabalho desenvolvido da mestranda no passado nestes espaços de biblioteca	31) E fora da escola, que atividades desenvolve a BE? Com alunos? Professores? Com encarregados de educação? Outros? 32) Há prática de frequência da BE regular e sistemática por parte de professores com as turmas? 33) Trabalham com todas as turmas da escola? Quantas horas por semana dedicam a cada turma? Que anos/turmas frequentam mais a BE? Que anos/turmas lhe parecem mostrar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE? 34) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência? 35) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Os professores da escola participam? 36) Fazem avaliação das atividades? 37) A Vossa BE possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os alunos/professores ou outros técnicos possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano letivo em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes? 38) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem da equipa participa na elaboração do relatório? Mais alguém do exterior à equipa ou à escola participa? 39) No passado ano letivo, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano? 40) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à
--	--	---

		concretização dos planos de atividades. 41) Julga pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto “Histórias de Passagem”, desenvolvido aquando da minha licenciatura, em 2005? 42) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o trabalho desenvolvido foi pertinente, diferente e inovador? Porquê? 43) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais?
IV. Caracterização de práticas de cooperação entre bibliotecas e a comunidade local	• Conhecer/identificar as práticas de cooperação desenvolvidas com outras bibliotecas escolares e com a BM de Câmara de Lobos • Conhecer/identificar práticas de cooperação com outras entidades locais e regionais	44) Trabalham com outras BE ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer? 45) Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE e BM? 46) Que tipo de cooperação existe entre a BE e a BM de Câmara de Lobos? 47) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.) 48) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas? 49) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação? 50) Com que instituições faria mais sentido cooperar?

V. Opiniões/sugestões	• Recolher informação adicional relativa à investigação levada a cabo e opiniões suplementares sobre o papel do professor bibliotecário	51) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a professora bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional
--	---	--

Apêndice XV – guião da entrevista BMCL

Guião de Entrevista à Diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos – Dr.^a Alexandra Marques

Estratégia: Entrevista oral (com gravação áudio)		
BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
I. Identificação da entrevistada	Identificar e caracterizar a entrevistada	1) Nome 2) Formação Profissional – Tem formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural? Qual? 3) Tem experiência na área das bibliotecas? Quantos anos? Onde? 4) Cargo (s) que desempenha na instituição? 5) Duração do (s)cargo (s)?
II. Caracterização da Biblioteca Municipal (BM)	- Recolha informação sobre características e funcionamento da BE - Conhecer os horários e recetividade dos utilizadores em relação às atividades de	6) Qual o papel do profissional de biblioteca na BM? Que tipo de formação tem diferente da formação de outros profissionais? 7) Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na Vossa BM? Gostaria de ter na sua equipa um animador sociocultural? ou vários? 8) A BM faz parte da Rede de Bibliotecas Nacionais? Desde quando? 9) Público-alvo mais assíduo? Que idades? De onde?

	animação • Conhecer o tipo de atividades realizadas dentro e fora da BM • Verificar a relação entre a instituição e outras	10) Quem mais frequenta a BM? Para quê? Em que ocasiões? 11) Que tipo de leitores frequentam a BM? Que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BM? Porquê? 12) Quem integra a equipa da BM e quais as respetivas funções? 13) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam as atividades em conjunto? 14) Que tipo de atividades realizam com os diversos públicos? Qual/quais a/as atividades que mais gostam? E os técnicos? Que atividade gostam mais de implementar? 15) Que tipo de livros existe na Vossa BM? Estão todos classificados/catalogados? 16) Qual é o sistema de classificação/catalogação documental? 17) Que áreas e subáreas existem na BM? 18) Costumam utilizar o serviço de empréstimo de livros com outras instituições? Quais? Utilizam o serviço de empréstimo inter-bibliotecas? É muito solicitado? 19) Que parcerias tem a BM com outras instituições? 20) Que espaços possuem? 21) Qual é o horário da BM? Abre aos Sábados como a Biblioteca Pública Regional da Madeira? Ou abrangem o horário pós-laboral? 22) Que recursos financeiros dispõe a BM?
--	--	--

III. Caracterização das Práticas de Animação da BM	• Compreender a percepção da entrevistada relativamente aos conceitos de Biblioteca e de Animação de Biblioteca • Caracterizar as práticas de animação da BM • Saber se existe trabalho realizado na área da animação da biblioteca, pertinente e inovador • Avaliar a procura/possibilidade de atividades de animação na BM • Avaliar se as práticas de animação utilizadas são positivas e precisas para o sucesso do funcionamento da BM	23) O que é para si uma BM? Quais são as diferenças em relação a uma BE ou outra? 24) Para si o que são práticas de animação numa BM? 25) O que entende por animação da biblioteca? 26) Como avalia a importância das práticas da animação? 27) Que atividades realizam fora da BM? 28) Que tipo de atividades de animação são realizadas com os utilizadores dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê? 29) Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições? 1. Se sim, qual/quais? 2. Se não, porquê? 30) Há práticas de frequência da BM regular e sistemática por parte da vossa equipa de animação? 31) Trabalham com públicos de que idades? 32) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência? 33) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem participa na elaboração? 34) Fazem avaliação das atividades? 35) A vossa equipa está distribuída por que setores? a quem e que tarefas
--	---	--

	• Identificar especificamente o que é realizado na área da animação de bibliotecas com os utilizadores • Conhecer o balanço do trabalho desenvolvido da mestranda no passado nestes espaços de biblioteca	desempenham? Trabalham em equipa ou distribuem as tarefas isoladamente? Exemplifique, se faz favor. 36) A Vossa equipa de animação de biblioteca está afeta ao serviço? Quantos elementos possuem? Usufruem de pessoal estagiário, pessoal do fundo desemprego, destacamentos de outros serviços ou outro programa a nível temporário? Quantos elementos e que duração de tempo têm o seu serviço? 37) Existem animadores espacializados na BM? 38) Julga pertinente a mudança de profissionais ou equipas de trabalho? Ou acha que o trabalho fixo/contínuo é mais rentável e produtivo a longo prazo? 39) Qual o espaço mais frequentado pelos Vossos utilizadores? Qual a atividade de animação mais solicitada? 40) As Vossas atividades de animação precisam de ser anunciadas às instituições participantes ou elas por si próprias procuram inscrever-se na Vossa programação anual? Por e-mail, via telefone ou através de ficha de inscrição em suporte de papel, na própria BM? 41) Que tipo de biblioteca considera ser a BM de Câmara de Lobos? 42) Trabalham com outras escolas ou outras entidades extra-curriculares? Se sim, Qual/quais? Elas procuram os Vossos serviços de animação por si sós? 43) Que atividades realizam fora da BM? Que práticas de animação utilizam? Acha que são importantes para o funcionamento de uma biblioteca da atualidade? 44) Qual o horário das atividades de animação fixas? E as
--	--	--

		pontuais/temporárias? Quais as que têm melhores resultados finais? 45) Que atividades de animação bibliotecária têm no Vosso plano anual de animação de 2012? Quem o faz? 46) Qual o número de participantes, consoante a atividade? (Mais ou menos). 47) Com que tipo de públicos trabalham? Qual o mais participativo? 48) As Vossas atividades de animação são dirigidas à comunidade envolvente, o Município de Câmara de Lobos? Ou para fora deste também? Se é dirigido para o exterior, para quem? A procura é relevante? 49) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência? 50) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Quem os avalia? Planifica atividades com a sua equipa de trabalho? De quem é a última palavra? 51) A Vossa BM possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os utilizadores possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes? 52) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem participa na elaboração do relatório? Tem sugestões do exterior? 53) No passado ano, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?
--	--	--

		54) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades. 55) Julga pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto “Histórias de Passagem”, desenvolvido aquando da minha licenciatura, em 2005? 56) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o trabalho desenvolvido foi pertinente, diferente e inovador? Porquê? 57) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais? 58) Pensa que o leque de atividades desenvolvido para todas as escolas básicas e secundárias e outras instituições do Município foi uma mais-valia para o Município em geral e para as bibliotecas? Enuncie alguma ou algumas atividades ou projeto que se recorde. 59) As atividades desenvolvidas por esta serviram de exemplo, de como é importante o papel da animação e dos profissionais de animação dentro de uma biblioteca moderna e atualizada? 60) Que atividades têm tido seguimento?
--	--	--

IV. Caracterização de práticas de cooperação entre bibliotecas e a comunidade local	• Conhecer/identificar as práticas de cooperação desenvolvidas com outras bibliotecas • Conhecer/identificar práticas de cooperação com outras entidades locais e regionais	62) Trabalham com outras bibliotecas ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer? 63) Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE e BM E BP? 64) Que tipo de cooperação existe entre as BE e a BM de Câmara de Lobos? 65) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.) 66) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas? 67) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação? 68) Com que instituições faria mais sentido cooperar?
VI. Opiniões/sugestões	• Recolher informação adicional relativa à investigação levada a cabo e opiniões suplementares sobre o papel do professor bibliotecário	69) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a professora bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional

Apêndice XVI - entrevista EB1 ECL

– Isabel Medeiros (Técnica Superior de Animação da Biblioteca Escolar)

52) Nome

Maria Isabel Medeiros de Barros

53) Formação Profissional – Formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Portugueses. Especialização em Animação Sociocultural de Bibliotecas Escolares.

54) Experiência como professora bibliotecária

9 anos no Estreito

55) Cargo (s) que desempenha na instituição

Técnica Superior de Biblioteca

56) Duração do(s) cargo(s)

9 anos

57) Papel do professor de bibliotecário na BE? Tipo de formação diferente da formação de outros professores?

Dentro de uma escola de 1.º Ciclo, o papel da biblioteca e do animador sociocultural de biblioteca é bastante importante, porque a biblioteca vai ao encontro da escola e a escola também vai ao encontro da biblioteca. Ou seja, é um trabalho de parceria. Começamos logo pela formação base, normalmente os professores que estão nas escolas do 1.º Ciclo têm a sua formação única em 1.º Ciclo e nós temos sempre uma licenciatura que poderá ser em Estudos Portugueses, em Português/Francês, Português/Inglês, mas maioritariamente em Línguas e Língua na variante de Português. 02:19

58) Opinião pertinente sobre a existência de um animador sociocultural na BE da escola em que exerce? Gostaria de ter um animador na sua equipa

Sim muito, muito pertinente, a partir do momento em que eu fui para escola como técnica superior de biblioteca, a partir do momento que cheguei a escola notei que era um ponto de viragem, a biblioteca até ao momento era um espaço uma sala de aula, que diferente apenas tinha estantes com livros completamente desorganizados, não estavam nem sequer registados e ali decorriam aulas de biblioteca mas com um professor de 1.º Ciclo que trabalhava aquilo que sabia, fazia parte da sua área, mas não seguia as técnicas da animação sociocultural nem seguia as metodologias, pronto, trabalhava a escrita a leitura e pouco mais. Poderia ter mas de momento acho que não é essencial nem pertinente, tendo que o meu serviço é suficiente para a escola em questão.

59) A Biblioteca Escolar faz parte da Rede das Bibliotecas Escolares? Desde Quando?

Não, não faz.

60) Quem mais frequenta a Biblioteca Escolar, para além dos alunos? Professores? Encarregados de educação? Pessoas da comunidade? Para quê? Em que ocasiões?

Maioritariamente como é normal são os alunos, os professores também recorrem à biblioteca para pedirem obras que estão a trabalhar na sala com os seus alunos ou não, os pais também através dos alunos ou diretamente a mim, pedem ou perguntam se temos alguma obra e os funcionários da escola também as vezes, porque tem um neto, ou um sobrinho, também vêm pedir-me uma obra e conselhos dentro e sempre dentro da área da literatura.

61) Que alunos/as frequentam a BE? De que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BE? Porquê?

Na minha escola cerca de 95% os outros 5% são aqueles alunos que recorrem à escola pela curricular e não usufruem porque não querem das atividades de enriquecimento onde consta a biblioteca e normalmente esses alunos não têm contacto, a menos que desenvolvamos um projeto diferente ou maior, como por exemplo a feira do livro e aí então todos os alunos de uma forma ou outra são levados a colaborar.

62) Quem integra a equipa da BE e quais as respetivas funções?

Sou que eu que integro a equipa de animação da biblioteca.

63) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam atividades em conjunto?

É assim, cada professor da escola, quer seja das atividades, quer seja da curricular, mas debruçemo-nos nas atividades, tem o seu plano anual. E o plano anual do professor da extracurricular deve ir sempre ao encontro, porque é para isso que serve enriquecer o currículo do aluno. Vai sempre ao encontro do programa de conteúdos que o professor da curricular irá desenvolver. Como tal, é necessário e pertinente que haja um diálogo, que haja uma comunicação sobre temas a desenvolver quer na curricular, mas com parceria das atividades. Eu é que planifico, mas em coordenação. Por exemplo, se estão a trabalhar na língua portuguesa os adjetivos eu também, a pedido dos colegas, ou eu também proponho, trabalho um texto onde tenham que explorar esse tema.

64) Que tipos de atividades realizam mais com alunos no início do 1.º Ciclo e no final do 1.º Ciclo?

São sempre atividades relacionadas com o livro e com a leitura. Normalmente, dividimos por 2 blocos, isto se esquecermos a pré, que não somos obrigados entre aspas a trabalhar com a pré, mas eu já trabalhei e gosto e se voltar a ser necessário também trabalho e aí, claro, aí é um trabalho bastante primário entre aspas, normalmente começo por sensibilizá-los. Normalmente, os alunos do 1.º Ciclo, do 1.º ao 4.º ano, eu divido em dois grupos, o 1º em primeiro e 2º ano com atividades mais simples e o grupo do 3º e 4º anos com atividades mais complexas destinadas aos conteúdos deles, às idades deles, aos conteúdos que eles estão a desenvolver na curricular, com a respetiva professora. **07:08**

65) De que atividades os alunos mais gostam? E os professores?

Os alunos gostam muito de jogos de leitura e da hora do conto. Os professores da curricular. Os professores da curricular ficam mais na sala. No caso de me pedirem colaboração, pedem ajuda mas não impingem nada, não dizem gostava que fizesses isto e isto e isto, não. Estão a trabalhar este tema e, na medida do possível, mas não obrigatório. Dentro do possível, gostava da tua

colaboração e eu peço gostavas que incidisse mais nisto ou naquilo e dizem: estás à vontade e confiam no nosso trabalho, porque é um trabalho diferente. **Os alunos gostam de jogos de leitura, de explorar os contos, de darem outros finais, selecionarem os momentos preferidos e/ou menos apreciados e justificarem, ilustrar, dramatizar o conto, etc**

66) Que tipo de livros há na vossa BE? Estão classificados?

Existem muitos contos tradicionais e muitas versões como é normal, mas também temos, a pouco e pouco livros que vamos adquirindo. Alguns de escritores mais atuais, de escritores madeirenses, portugueses e não só. Não estão classificados, estão simplesmente registados e já estou a separá-los por temas e assuntos.

As obras estão registadas (em livro próprio) e separadas de acordo com os campos do saber, faltam catalogar a nível individual.

67) Os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola? Trazem livros de casa para a escola? Trocam os livros da escola com os de outra(s) escola(s)?

Sim podem, eles têm, portanto, a biblioteca tem um horário e esse horário tem horas para as turmas e para biblioteca aberta, para tratamento documental e, nas horas de biblioteca aberta, que são normalmente às horas de almoço, os alunos têm essa facilidade e essa possibilidade de irem à biblioteca. Sim, também quando nós trabalhamos um tema, os alunos dizem: Professora eu tenho um livro que fala disso e logo eu aproveito para eles trazerem o livro porque é um incentivo à leitura à pesquisa e podemos retirar 5 a 10 minutos da aula para explorar o livro do colega. Se for uma colega minha de outra escola, nós emprestamos o livro sem problema nenhum mas não é uma prática corrente. **9:40**

68) Que parcerias tem a BE com outras instituições?

Atualmente, podemos trabalhar com a biblioteca Municipal que é o pólo do Estreito de Câmara de Lobos, podemos trabalhar com o Centro de Dia, podemos também desenvolver projetos com outras escolas, já desenvolvemos um projeto de lendas. Há anos atrás desenvolvemos um projeto com a Sónia que era histórias de passagem e pronto, sempre que é possível, nos entramos e participamos com todo o gosto em projetos que vêm de fora e nós também lançamos projetos para fora e normalmente são aceites. **10:10** Anualmente temos um projecto regional onde todos os técnicos superiores exploram temas variados, nomeadamente lendas da Madeira e do qual surgiu um livro lançado em 2011.

69) Qual é o horário da BE?

A BE tem o horário que eu tenho. Normalmente, o nosso horário é de 35 horas. Sempre que é dividido por 5, mais 5 e mais 5. Regra geral: 25 horas por semana a biblioteca está aberta.

70) Qual é o sistema de classificação documental?

CDU

71) Que áreas e subáreas existem na BE?

Áreas a nível de cantinhos? [não por área documental, livros]. Ahh, literatura infanto juvenil, geografia, história, mas como disse estão mais ou menos arrumados, mas não estão catalogados.

72) De que recursos financeiros dispõe a BE?

11:03 Sim, a feira do livro é uma forma de adquirir novas obras.

73) O que é para si uma BE? Quais são as diferenças em relação a uma Biblioteca Pública?

A BE, modéstia à parte, é o centro da escola, porque eu parto do princípio que, a partir da biblioteca, se conhece a escola e, a partir da escola, se conhece a biblioteca. Isto é como uma família, é um espaço um pouco diferente, mas, ali na biblioteca, podemos encontrar tudo aquilo o que é desenvolvido dentro da escola nas diferentes áreas. Por isso, acho muito importante que exista uma biblioteca e que seja nesta fase, na fase do pré-escolar e do 1.º Ciclo que nós, animadores socioculturais, tenhamos a possibilidade de desenvolver o nosso trabalho. Porque, desde pequenino, como diz o ditado, se torce o pepino. É ali que são desenvolvidas atividades com diferentes técnicas e metodologias, etc., etc., que incentivam o gosto e prazer pela leitura, que no fundo é o objetivo do nosso trabalho. As diferenças em relação a uma BP e BE... são várias. A BP, como o próprio nome indica, é mais para o público. Claro que a biblioteca do 1.º Ciclo também pode ser direcionada para o público e deve incidir mais nas crianças, no público infantil, que é o nosso público-alvo. A biblioteca de uma escola do 1.º Ciclo desenvolve a maior parte dos seus trabalhos para a escola, mas sempre com o cuidado de trazer outras pessoas para a escola, os encarregados de educação, a comunidade envolvente. Podemos por exemplo preparar uma conferência, trazer uma pessoa por exemplo da área da saúde ou de outras áreas, trazendo pais e outra comunidade envolvente. Claro que isso também acontece numa biblioteca pública, mas na biblioteca pública é mais, como posso dizer, generalista, e os alunos estão ali, no caso dos leitores da biblioteca, são mais de

passagem. Os nossos são mais assíduos, mais frequentes e mais presentes.**13:18**

74) Para si o que são práticas de animação da BE?

As práticas de animação da biblioteca escolar é tudo o que nós fazemos para promover o gosto e o prazer da leitura.

75) O que entende por animação da biblioteca?

Animação da biblioteca é tudo aquilo que eu faço tendo como ponto de partida o livro ou mesmo que esteja escondido, mas que eu trabalhe e desenvolva atividades para que os alunos percebam, queiram, procurem ou sejam estimulados. Que no fundo é o centro do nosso trabalho.**13:59**

76) Como avalia a importância das práticas de animação?

As práticas de animação sociocultural são muito importantes, porque, ao meu ver, dentro da biblioteca de uma escola, não era por acaso que eu dizia há pouco que a biblioteca era o centro de uma escola e ria-me e continuo-me a rir, mas com alguma razão porque na biblioteca, na biblioteca para além de promover diferentes atividades também tem tudo aquilo que, entre aspas, porque nunca tem tudo, mas quase tudo o que se passa dentro da escola, na área da matemática, da área da cidadania, da área dos valores. A biblioteca é um centro e tudo o que é centro é fulcral.

77) Que atividades realizam fora da BE?

Desenvolvemos projetos que são propostos por exemplo pelas câmaras municipais, por outras instituições, sei lá, estou a me lembrar do centro, agora não me recordo do nome... A área do ambiente, por exemplo, muitas vezes vão a bibliotecas e promovem conferências, encontros, partilhas, experiências como plantar uma árvore, como cuidar uma planta. Nós, eles trabalham para fora e nós ajudamos a desenvolver esses projetos.

78) Que tipos de atividades de animação são realizadas com os alunos dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê?

A feira do livro, nós trabalhamos imenso as efemérides, estou a me lembrar que de aqui a nada começa o não letivo e já podemos trabalhar o outono, o Pão por Deus, que é uma prática e tradição de aqui da madeira e que é bastante explorada dentro

da escola. A feira do livro, que é um projeto anual, o encontro com escritor que não tem que ser forçosamente no âmbito da feira do livro, trazer um avó à escola para contar uma história, etc. Todas as atividades são importantes, porque qualquer uma delas tem o seu lugar e o seu objectivo, que é o contato da criança com o livro, promover o livro e a leitura.

79) Já participaram nalgum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições?

1. Se sim, qual/quais?

2. Se não, porquê?

Sim, já participámos em vários, estou a me lembrar por exemplo dum projeto que foi desenvolvido, salvo erro em 2005, com a Sónia que foi o projeto Histórias de Passagem que foi um projeto bastante interessante, onde os alunos ouviam histórias. Num sábado de cada mês, íamos ao Centro de Dia local (biblioteca) e tínhamos a vinda de um escritor e o encontro das crianças, neste caso do leitor, e do escritor e ainda vinham os pais. Era um encontro muito interessante para eles, porque muitas vezes conhecemos o escritor de novo mas conhecer a cara dele, ver a postura dele, conversar com ele e partilhar algumas experiências com ele, convidá-lo. Também tivemos essa experiencia na Câmara Municipal de Câmara de Lobos. Foi um projeto bastante interessante.17:41

80) Existem pequenas bibliotecas, ou estantes com livros nas salas de aula? Os professores fazem atividades de animação com esses suportes?

Muito pouco. A biblioteca é que tem todos os livros. O professor longe... isto é o professor também é um animador, mas não tem o papel do animador que estamos aqui a conversar. Mas claro, isso depende muito do professor, há professores que desenvolvem muitas atividades na área da leitura e fazem por exemplo uma biblioteca de sala, que é cada aluno é desafiado a trazer um livro de casa. Ora a turma tem 25 alunos a sala fica com 25 livros um de cada aluno e esses livros vão rodando de semana a semana ou dia a dia, depende e, no final do ano, cada aluno deu a possibilidade de o seu livro ser lido por todos os seus colegas, mas também teve a possibilidade de ler todos os livros dos seus colegas.

81) Que tipo de atividades ou jogos de animação da leitura/do livro fazem as professoras na biblioteca, na sala de aula, noutros espaços da escola?

Muito pouco, quando muito, fazem um trabalho dentro da sala, porque a curricular trabalha muito dentro da sala e expõem no hall de aceso a essas salas e outras turmas têm oportunidade de ver, mas não é um trabalho muito visível.

82) E fora da escola, que atividades desenvolve a BE? Com alunos? Professores? Com encarregados de educação? Outros?

É assim, há fora da escola, nós algumas vezes, tou a me lembrar da biblioteca Municipal, se a BM estiver a desenvolver um tema e que desafia, que convida escola, nós normalmente... recentemente não têm feito convites. Quando a Sónia estava no pólo do Estreito (biblioteca) é que tínhamos muitos convites, agora é mais nós a pedir e eles são bastantes simpáticos e desenvolvem, mas com a frequência e com o profissionalismo claro que não são pessoas da área e não desenvolvem o trabalho como nós desenvolvemos, porque o trabalho deles também é diferente e nós não sabemos como eles o fazem. A feira do livro é o maior projecto e o que abrange maior público.

A Biblioteca Municipal também tem actividades que podem abraçar as nossas turmas, normalmente é combinado e agendado com a pessoa responsável pela actividade e levamos alunos da nossa escola. Recordo uma sessão de poesia realizada o ano passado sobre a primavera, os pais foram convidados e vieram á escola, num final de tarde, assistir. Também pedimos colaboração dos pais para , quando necessário, elaborarem alguns trabalhos, destaco elaboração de flores com matérias à escolha para construção de placare alusivo à mãe.

83) Há prática de frequência da BE regular e sistemática por parte de professores com as turmas?

Não, por norma, aqui na região, as turmas têm a biblioteca como extracurricular. Algumas escolas, nas horas da curricular, ou seja nas cinco horas da curricular, também têm 45 min, têm um bloco de biblioteca e aí é o técnico de biblioteca que vai às curriculares, mas também, se houver espaços físicos se houver..., porque é bastante difícil fazer os horários, porque temos poucas salas e várias atividades também há a ida das turmas à biblioteca, mas é mais na hora da extracurricular. **20:54**

84) Trabalham com todas as turmas da escola? Quantas horas por semana dedicam a cada turma? Que anos/turmas frequentam mais a BE? Que anos/turmas lhe parecem mostrar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE?

Sim, sim, incluindo a pré, mas o pré-escolar é mais quando... porque nós não temos formação nessa área infelizmente, mas acontece quando no nosso horário ainda tem horas. E então nós convidamos a pré e elas aceitam muito bem. Normalmente, dedicamos 1h30m por turma, mas depende sempre do número de turmas da escola. Aqui há uns anos atrás, a minha escola tinha 12 turmas ou seja 3 turmas por cada ano. Atualmente, estamos com duas turmas, logo, a capacidade de carga horária de cada turma aumenta um bocadinho. Todas frequentam por igual. É uma pergunta pertinente, mas a resposta é difícil porque às vezes é

mesmo a turma, nós olhamos para uma turma que aceita melhor. Por exemplo, estou a lembrar-me de um 1.º ano, há uma turma com características um pouco diferentes e aceitam muito bem as atividades de biblioteca. A outra turma, ou porque no final do dia, já estão muito cansados ou já é no final da semana ou também são mais desmotivados, não aceitam, e parece que estão ali a fazer algo que não querem. Cada caso é um caso, mas regra geral aceitam bastante bem e até batem palmas no final da aula e encontram o técnico no corredor e perguntam, qual o tema desta semana? Por isso, mostram bastante interesse. **23:05**

85) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?

Nós temos reuniões na escola e as atas são feitas portanto na hora da reunião, portanto há 30 professores e há uma lista e em cada ata é um professor da lista a fazer a ata e, quando chega ao fim, começa novamente, é rotativo. Faço atas, há pouco falava que a minha carga horária era 25, mais 5, mais 5, mais 5. Um desses blocos em 5, que é a quinta-feira à tarde, é-nos destinado para termos reuniões e, dessas reuniões, saem sempre, mas essas reuniões são feitas fora da escola, normalmente em espaços que nós, técnicos do Município, pedimos à câmara. Por exemplo, continuamos às terças-feiras, de quinze em quinze dias, porque à terça se reúnem todos os técnicos de Câmara de Lobos e, nos outros 15 dias, são os mini grupos onde fazemos discussão de projetos, onde colocamos ideias, troca... uma vez por semana. Todas as terças à tarde, os técnicos superiores de biblioteca de toda a região têm a terça-feira à tarde no seu horário destinado para reunião, temos mesmo no horário. Mas na escola nós também temos as reuniões administrativas, as reuniões de grupo e nós técnicos também participamos.

86) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Os professores da escola participam?

Sim, no início de cada ano letivo, no meu caso tenho que apresentar um plano anual de atividades a desenvolver com todas as turmas e esse plano deverá seguir, sempre que possível e pertinente, os conteúdos que estão a ser desenvolvidos, os temas que estão a ser explorados na turma da curricular. Eu faço o meu plano mas, claro, também peço não o plano, mas o programa do 1.º Ciclo. Imagine que um professor da escola vai trabalhar o corpo humano, mas tem tão poucas horas destinadas a esse tema que ele pensa: “vou pedir ajuda ao técnico de biblioteca, também vou pedir ajuda ao professor de informática para mostrar umas imagens e trabalhamos em grupo”. **25:46**

87) Fazem avaliação das atividades?

Sim, fazemos, no final de cada período, fazemos um relatório desse período. Entregamos à direção da escola e outro igual entregamos à professora da curricular relativamente à sua turma. **26:00**

88) A Vossa BE possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os alunos/professores ou outros técnicos possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano letivo em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes?

Neste momento, vou ser sincera, não tenho, mas já tive a caixinha das sugestões. Sim, são tidas em conta porque, mesmo que eu não tenha essa caixinha de sugestões, ou essas folhinhas ou qualquer uma dessas coisas, eu tenho em conta o que falha este ano para eu melhorar no próximo ano, ou então aumentar a capacidade, o tempo de exploração desse tema, porque às vezes destinamos duas horas a um tema e, quando chegamos ao fim, oh meu Deus, havia tanta coisa para desenvolver, tanta coisa para explorar. No próximo ano, vou trabalhar este tema, deverá ser 3 horas. A animação é um trabalho inacabado, com princípio mas sempre sem fim. **27:06**

89) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem da equipa participa na elaboração do relatório? Mais alguém do exterior à equipa ou à escola participa?

Sou eu que faço o meu relatório relativo ao ano e entrego à direção da escola e também entrego à coordenação dos técnicos superiores de biblioteca. Quem participa na elaboração sou eu. **27:21**

90) No passado ano letivo, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?

Sim, sim foi positivo. Alcancei os objetivos propostos inicialmente. É preciso ter em conta que, quando nós elaboramos o plano anual de atividades, pomos lá sempre uma parte onde dizemos que sempre que se justifique e sempre que pertinente podemos alterar parte do plano. Recordo que este ano nós sabíamos que eramos candidatos para termos o fado como património imaterial mas não sabíamos se íamos conseguir. Então, nessa altura, eu achei pertinente e alterei o plano. Trabalhei essa semana a ver a sensibilidade que os alunos teriam sobre esse tema e então aí faço em adenda o meu plano. Foi positivo. **28:25**

91) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades.

Ai..., se calhar, a maior dificuldade, são várias as dificuldades, mas para aquilo que costumamos dizer, os animadores são um bocadinho semelhantes aos mágicos. Têm que ter sempre um truque na manga, não conseguem por aqui, mas entretanto conseguem por ali, entretanto, a querermos fazer e concretizar. Por ex., uma das grandes dificuldades que eu tenho é trabalhar as

obras que eu quero, não quero trabalhar mais uma vez um conto tradicional e então procuro uma obra alternativa que até explora muito melhor o tema, pronto, n fatores. E muitas vezes tenho que ir à livraria e comprar esse livro, é uma dificuldade. Sempre questões de dificuldade monetária. **29:18**

92) Julga pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto “Histórias de Passagem”, desenvolvido aquando da minha licenciatura, em 2005?

Sim, sim foi bastante pertinente. É assim, tirar os alunos da escola é sempre produtivo e mais produtivo se torna quando o projeto é bastante interessante e este projeto era de facto bastante interessante, porque os alunos gostam muito de histórias, mas este projeto não se tratava só de histórias tradicionais/contos tradicionais, tratava-se de outro tipo de contos e isso era uma mais-valia para eles e até para nós adultos. Isso, para eles, desenvolveu-lhes a partilha, as experiências, também ficaram a conhecer os acessos, os valores, os escritores, conheceram pessoas mais velhas entre aspas e a partilha foi bastante, a experiência foi bastante importante. E depois, claro, a resposta deles: “quando vai ser a próxima vez??? será no próximo mês, até que um dia tive que dizer não haverá próxima vez. É claro que eles não gostaram disso. Quando eles gostam, gostam de repetir e ir muitas mais vezes. Eu levei dois alunos de 4º ano à televisão. O Leonardo foi falar do projeto histórias de passagem e representou muito bem o projeto, a escola e os alunos. Na RTP Madeira, acho que se chamava Atlântida não era a Atlântida... agora é o Madeira Viva, a Bruna Melin e com a Sílvia, salvo erro. **31:07**

93) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o trabalho desenvolvido foi pertinente, diferente e inovador? Porquê?

É assim o trabalho tem sido diferente porque eu há pouco dizia, os animadores têm o seu próprio trabalho e também têm as suas técnicas e sua metodologias que são diferentes porque fizeram uma formação diferente de um professor normal. Agora nós continuamos a ter atividades mas em pequeno número, porque claro que já não está uma pessoa com as capacidades e aquela área específica, agora torna-se um pouco mais difícil com menos qualidade, é normal. Foi muito pertinente o trabalho desenvolvido, a Sónia trabalhava com as escolas tínhamos a nível de transporte era uma mais valia porque a Sónia quando nós convidava dizia, nós temos transporte, que é uma condicionante q as escolas têm é um problema gravíssimo do Município, alias em todos os municípioss da região é o transporte muitas vezes queremos nós participar nos projetos queremos desenvolvemos e existe sempre o ultimo degrau q é aquele que normalmente não se consegue atingir que é o do transporte. Então assim sendo não e pode participar nos projetos. **32:30**

94) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais?

Hora do conto, jogos de leitura, puzzles, estafetas literárias, entre outras, cinema, tínhamos também sessões de cinema. **32:51**

95) Trabalham com outras BE ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer?

Sim, nós ultimamente temos desenvolvido atividades com outras escolas. Lembro-me por exemplo um projeto que desenvolvemos nas escolas do município, nas catorze escolas que era estafetas literárias. Também já desenvolvemos contos, já fizemos uma obra o ano passado que foi editada, uma obra que se chamava Pequenos Leitores Grandes Escritores. Cada município tinha a seu cargo a elaboração de contos e cada escola tinha uma parte do conto. Ah... E esse conto era feito a partir de uma lenda do Município, o meu grupo a lenda de Bandemoiro e a partir dessa lenda nós contávamos aos alunos e elaborávamos construíamos uma história que foi depois editada nesse livro. Foi o projeto anual de todos os técnicos superiores da região. Biblioteca municipal, centro de dia. No projecto “pequenos leitores, grandes escritores” participaram as escolas do concelho, todos os concelhos da Ram exploraram lendas. Nas escolas os técnicos superiores contavam , os alunos ouviam e a partir das mesmas (sempre com cooperação do adultos e pesquisas) construíram-se contos, criaram-se dramatizações...nasceu um livro. Este projecto era desenvolvido e cooperação com outras escolas e eram feitas reuniões para acompanhar o desenvolvimento do projecto. No final todos os concelhos juntaram-se para o lançamento do livro onde houve exposição de trabalhos de todas as escolas envolvidas e dramatizações de algumas lendas. **34:19**

96) Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE e BM?

Sim, é bastante, porque a BM, quem está lá, na área de animação, precisa dos seus clientes que são os alunos, são as crianças e as crianças como têm uma carga horária bastante pesada para alguém que esteja a desenvolver um trabalho num município, na biblioteca do município, trazer os alunos. Por isso, o município precisa muito das escolas e as escolas também, para poderem sair, para poderem desenvolver atividades diferentes, também precisam muito dessa colaboração do município. É um trabalho de parceria em que uns precisam dos outros. **35:06**

97) Que tipo de cooperação existe entre a BE e a BM de Câmara de Lobos?

Muito pouca...

98) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.)

Sim, com o Arquivo Regional da Madeira também tem algumas atividades, mas o problema é sempre o mesmo: o transporte. Hora do conto

99) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas?

O transporte, só se conseguirmos levar a pé, aí conseguimos desenvolver. O leque de atividades a oferecer depende sempre das pessoas que estão lá. Como já disse, quando estava a Sónia, havia um maior leque de atividades. Agora há um menor leque de atividades. Mas também temos que ter em conta que também a nível de transporte tudo piorou e claro que isto tudo é uma bola de neve.

100) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação?

Para já, haver muito diálogo, haver de vez em quando uma reunião para discutirmos, para lançarmos desafios, para apercebermo-nos das carências de cada escola, porque cada escola tem o seu meio, tem as suas dificuldades e tem diferentes objetivos e a comunicação seria uma mais valia, porque assim poderíamos trabalhar todos em maior união sempre em prol do sucesso dos alunos. 36:46

101) Com que instituições faria mais sentido cooperar?

A Câmara Municipal é sempre uma instituição que vale a pena.

102) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a professora bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional.

É assim, isto falar do meu trabalho é sempre... (risos), é muito sensível... Sim, é muito importante. Sim muito mais Estreito, em vez de estarmos separados, devíamos estar cada vez mais juntos: cooperar, juntar, unir, desenvolver. Tudo em prol dos alunos e tudo em prol do sucesso da animação, porque um professor é um professor, um animador é um animador. Trabalhamos todos

para o sucesso dos alunos, mas através de um trabalho bastante diferente e, se a escola tem um animador e a câmara também tem um animador, excelente é uma relação perfeita. Sim, esta tese poderá iluminar as mentes, agora é preciso que este trabalho seja escrito, mas é preciso haver do outro lado boa vontade, haver um leitor, mas um leitor atento, não é uma pessoa, “ah, é interessante e vou ler na oblíqua”. Não, a animação é um trabalho bastante sério e acho que este trabalho final deve ser lido com muita atenção e muito respeito porque a animação é uma área que não começou assim há muito tempo, mas é uma área que tem um longo caminho pela frente. É, como se dizia há pouco, se começou mas não se consegue acabar. É como uma biblioteca, se me perguntarem a “biblioteca está organizada?”, a resposta deverá ser uma biblioteca nunca está organizada. Está organizada, mas não plenamente, porque é um trabalho que está sempre a desenvolver, é um trabalho muito minucioso e que demora muito tempo, moroso e que merece todo o respeito e dedicação, porque não se tem uma biblioteca completamente arrumada, organizada. Ela pode estar arrumada, mas não está organizada. E isso cabe ao técnico ou ao animador que são pessoas com essas habilitações, destinadas a fazer esse tipo de trabalho. É assim, eu acho que, cada vez mais, o nosso papel está cada vez mais a ser bem aceite pela escola. Em 1.º lugar, pela escola, porque há dez anos atrás, há doze anos atrás, quando os meus colegas chegaram à escola, éramos entre aspas mal vistos, porque éramos interpretados como palhaços, passo a expressão. Porque animávamos alguém, nós somos animadores, mas não estamos aqui para divertir as pessoas, estamos aqui para pegar num livro e fazer de conta que ele tem pernas e asas, porque é assim estamos no mundo da magia. É claro que, a pouco e pouco, a gente vê a área da animação melhorar, ser mais respeitada, mas é um longo caminho e durará ainda mais uma, duas, ou quem sabe, três décadas, que é um problema de mentalidade também. No futuro, espero continuar a ter dificuldades, porque só assim é que posso evoluir no meu trabalho, não espero em cada ano que seja mais fácil, quero que seja um pouco mais difícil, porque só assim poderei evoluir, porque, apesar de eu estar com nove anos completos nesta área, às vezes, sinto-me uma completa ignorante, mas não me importo, porque gosto de ser como o Sócrates, longe de me comparar a ele, só sei que nada sei e acho que, na área da animação, eu sei muito pouco e há muito para se explorar, para se aprender e sobretudo para se oferecer aos outros. Que é o mais difícil porque, se eu não tenho, também não posso dar e então tenho de me formar, tenho de ter interesse, tenho de ter motivação. Esta é uma área muito ampla, muito diversificada e só assim poderei oferecer a alguém, neste caso aos alunos do 1.º Ciclo.

Apêndice XVII – entrevista à EB1 da Vargem

QUESTÕES

1) Nome

Dina Figueira

2) Formação Profissional – Tem formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural? Qual?

Bem, tenho a licenciatura em Línguas e Literaturas Anglo-Germanísticas. Mas é a científica, não o ramo de ensino. Formação específica, depois, fiz uma pós-graduação em animação sociocultural de biblioteca escolares aqui na Madeira, em 2002. **1:25**

3) Tem experiência como professora bibliotecária? Quantos anos e onde?

Bem, nós não usamos o termo professora bibliotecária, nós somos técnicos superiores, somos do quadro da Secretária Regional de Educação (SREC) e somos técnicos superiores. A nossa área é fazer animação em bibliotecas escolares. Não usamos o termo de professora bibliotecária, mas temos funções de animação com os alunos e funções de bibliotecário, por assim dizer, nós fazemos o tratamento documental dos livros, temos horas com os alunos e horas sem alunos. **02:05**

4) Cargo (s) que desempenha na instituição?

Bem, eu estou na escola desde 2003, portanto vai fazer 9, sempre cá na escola. Sofreu algumas alterações, antigamente era técnico superior de educação, salvo erro, mas agora mudou e é só técnica superior. **02:36**

5) Duração do(s) cargo(s)?

Comecei no ano letivo 2003-04, 9 anos.

6) Qual é o papel do professor de bibliotecário na BE? Que tipo de formação tem diferente da formação de outros professores?

Temos tanta coisa, o nosso principal objetivo é que os alunos gostem da leitura, comecem a gostar de ler, não por obrigação como acontece na curricular: “vais ler este livro que é para apresentar no próximo dia.” Aqui não, aqui é uma leitura mais de prazer, mais lúdica e pedagógica. Outros professores, os professores daqui da escola são formados em 1.º Ciclo. A minha área não tem nada a ver com o 1.º Ciclo, eu sou formada em Línguas e Literatura Anglo Germanísticas. Já lecionei no secundário, já dei inglês, já dei alemão, não gostei muito. E depois decidi fazer a pós-graduação. É essa mesmo a diferença, é que eles são mesmo professores do 1.º Ciclo e eu não. Foi por não ter gostado muito de dar aulas no secundário que decidi vir para esta área, talvez por serem muito grandes, não sei se eu era muito nova, não faço ideia. Eu fui para uma escola na altura e eu dava aulas no secundário a miúdos de 18 e 19 anos, repetentes, era por isso que eram repetentes e eu tinha 22 e era por isso que não achava muita piada, queria mesmo os mais pequeninos, foi por isso que decidi fazer a pós-graduação. **04:50**

7) Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na vossa BE? Gostaria de ter um animador na sua equipa?

Sem dúvida nenhuma, quando eu cheguei à biblioteca, não tinha nome de biblioteca, era um espaço onde colocavam os livros, colocavam os livros ali de lado, mas não tinham o tratamento documental, não estavam organizados por temas. Tudo isso, depois, os alunos nem sabiam manusear livros, não tinham por hábito vir à biblioteca, fazer requisição, não se sentavam para ler, porque não havia ninguém cá a frente para fazer esse trabalho. Na minha escola, não é necessário, não é pertinente ter aqui mais um. Há muitas escolas que... o professor que trabalha cá não tem nada a ver com a minha área, temos horários diferentes e cada tem o seu espaço. A minha escola, como tem poucos alunos e falo a sério, não é mesmo necessário outro animador, agora há outras escolas aí na Região Autónoma que têm 500 e tal alunos, que às vezes o horário do técnico superior não dá para cobrir para todos e alguns ficam sem usufruir dessa... **06:23**

8) A Biblioteca Escolar faz parte da Rede das Bibliotecas Escolares? Desde Quando?

É assim, faz parte não sei desde quando, não faço ideia... **06:35**

9) Quem mais frequenta a Biblioteca Escolar, para além dos alunos? Professores? Encarregados de educação? Pessoas da comunidade? Para quê? Em que ocasiões?

É mais os alunos. Encarregados de educação, os funcionários cá da escola, também gostam muito de vir cá pedir uma opinião à

técnica, porque têm filhos se calhar mais velhos e querem um livro para os meninos lerem e às vezes requisitam até e os professores também costumam vir muito cá, porque eu além de ter os livros também tenho o material didático e eles vêm cá muitas vezes para fazer a requisição de material para a própria aula. **07:17**

10) Que alunos/as frequentam a BE? De que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BE? Porquê?

Portanto, são todos os alunos do 1.º Ciclo. A pré não, a pré provavelmente vai começar a frequentar, porque nós estamos a perder muitos alunos, estamos sempre a... começa a haver falta de meninos. Todas as escolas de aqui da zona todos os anos perdem uma turma, entram menos, perdemos uma turma. Não sei se este ano vamos conseguir abrir duas turmas de 1.º ano, se não conseguirmos abrir duas turmas, provavelmente, para o ano, iremos ter as prés como turmas na biblioteca. Mas este ano estão todos os meninos desde os seis aos dez anos. Eles vêm cá... nós temos cá na biblioteca horas de animação de biblioteca e podem fazer o que quiserem. É claro que tenho sempre uma planificação onde pretendo desenvolver algum tema sempre partindo do livro, partimos sempre de uma história, onde podemos fazer um cartaz para pôr lá fora. Eles podem pintar desenhos sobre um tema qualquer, isso em relação à área de animação da biblioteca, mas depois nós temos uma hora e meia de clube de leitura, também é cá na biblioteca.

No clube de leitura, lemos obras mais extensas para eles começarem a se habituar a um certo ritmo de leitura, para quando forem para o quinto ano, já é diferente e então começo a partir do 3.º ano a dar clube de leitura. São os mesmos do 3.º e do 4.º ano que têm clube de leitura e aí já fazemos leituras mais extensas. Começamos, começo sempre por Sophia de Mello Breyner, que eles gostam muito, pois claro que agora estão já ler e eles gostam muito dos livros de Ana Maria Magalhães, os livros de uma aventura. Eu vejo um evoluir no gosto da leitura, desde o 1.º ano e depois a partir do 3.º, no clube de leitura, vejo uma evolução pelo clube de leitura. Quem não frequenta é só a pré, não é falta de horário, é assim, a formação que eu fiz é só para o 1.º Ciclo, não incluía pré e, quando cheguei cá à escola, eu disse mesmo que fazia animação a partir do 1.º Ciclo. Há colegas que optaram também por fazer também a pré, mas essas escolas são escolas que têm poucos alunos e que, para completarem horário, trabalham com a pré, era o que eu estava a dizer há pouco. Depois também os apanho todos, porque todas as turmas vêm da pré. Sou eu, o professor de educação física, de inglês que conhecem de facto todos os alunos, toda a gente. **11:00**

11) Quem integra a equipa da BE e quais as respetivas funções?

Sou eu.

12) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam atividades em conjunto?

Meu trabalho é independente, mas faço parte do conselho escolar e no conselho escolar cada um dá a sua opinião e da curricular, também pedem-me ajuda, querem que os meninos leiam determinada obra e então nós, aqui na biblioteca, fazemos isso. Trabalhamos aqui muito em parceria, mas o meu trabalho é muito independente, eu sigo às vezes os conselhos dos colegas, vejo o que os colegas pretendem de mim, ou o que querem que os meninos leiam aqui e assim trabalhamos em parceria. Sim, planificamos assim, com os professores da curricular. **12:10**

13) Que tipos de atividades realizam mais com alunos no início do 1.º Ciclo e no final do 1.º Ciclo?

É uma grande dificuldade que eu tenho, porque gosto muito de trabalhar com os mais velhos. Porque os mais velhos já sabem ler, já sabem escrever. A diferença é que, para os primeiros anos, o 2.º já nem tanto, que já sabem ler, já sabem escrever bem, já me desenrasco bem com eles. Mas, para o 1.º ano, encontro uma dificuldade, porque eles estão a começar a ler e o meu trabalho é fazer com que eles gostem da leitura, dos livros e então o que mais faço é a hora do conto. Vamos pintar o conto que ouvimos agora, vamos depois fazer colagens sobre aquele conto. Parto sempre de um livro de um conto para contar uma história. Por vezes, em power point, para ser diferente, porque eles gostam muito, às vezes é na televisão, uma história que ouvimos na televisão e vamos fazer um trabalho acerca disso. Mas não é tanto, pronto... o 1.º não lê tanto mas, para o final do ano, já vão começando a ler. Agora, com os terceiros e quartos anos, é uma maravilha trabalhar.

14) De que atividades os alunos mais gostam? E os professores?

Gostam de todas...

15) Que tipo de livros lá há? Estão classificados?

Os livros estão classificados, temos livros ali na estante, tenho enciclopédias, tenho livros sobre a Natureza, sobre Artes, sobre História de Portugal e depois o resto é tudo Literatura Portuguesa e temos também os manuais escolares que estão aqui separados e os alunos também utilizam. **14:15**

16) Os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola? Trazem livros de casa para a escola? Trocam os livros da escola com os de outra(s) escola(s)?

Sim, podem levar para casa e não trazem de casa. Isso fazem na sala da curricular, quando não têm algum trabalhinho para fazer, nada por fazer a professora gosta de fazer a biblioteca por turma e aí eles trazem os livros de casa, arranjam um cantinho

que é a biblioteca de turma. Cada um traz um livrinho. Quando terminam os trabalhos, vão para aquele cantinho e vão lendo. Aqui não funciona assim, aqui na biblioteca, levam o livro, fazem uma requisição de uma semana e, na próxima semana, trocam o livro e levam outro novo. Não trocam com outras escolas. Existem CD áudio e DVD na biblioteca que podem ser requisitados pelos professores para apoio nas aulas. Além destes materiais existem outros materiais não livro como por exemplo, cartazes e jogos didático pedagógico.

17) Que parcerias tem a BE com outras instituições?

Temos parceria com a BM, às vezes, fazemos coisas em conjunto. Tenho parcerias com outras escolas, fazemos muitas coisas em conjunto, temos agora um projeto que é enviar uma carta a um amigo em que eles fazem troca de correspondência. E isso a gente está a manter ao longo do ano e é uma coisa muito engraçada. Às vezes, é trocas de postais, às vezes cartas, ou em forma de avião ou barquinho ou algo relacionado com o nosso Município. Portanto, há dias, fizemos um barquinho que é típico cá de Câmara de Lobos, um barquinho com molas de roupa para enviar a outra escola, a outra enviou um puzzle em forma de aeroporto, porque é uma escola de Santa Cruz, trabalhamos fora e dentro do concelho, eu trabalho mais fora do concelho porque tenho muitas colegas fora do concelho com quem me dou muito bem. **16:18** Já tivemos parcerias com a BM, mas este ano não. Já trabalhamos em conjunto, como por exemplo a biblioteca emprestava livros para trabalhar na escola, depois elaborávamos trabalhos para expor na biblioteca municipal.

18) Qual é o horário da BE?

O meu horário por acaso é muito bom, ou faço manhãs ou tarde, está muito bem dividido. É um hora e meia por semana para cada turma, uma hora e meia de animação de biblioteca, uma hora e meia de clube de leitura para cada turma, a partir do 3.º ano e 4.º ano. Além de terem uma hora e meia de animação, têm uma hora e meia de clube de leitura. São seis turmas, duas de cada... tenho uma planificação anual e gosto de deixar as atividades preparadas semanalmente, é essa a minha base de trabalho e depois claro que tenho que arranjar os materiais, mas isso tudo faz parte do horário do técnico superior. Porque o nosso horário é de trinta e cinco horas mas são vinte e cinco presenciais, as outras dez podem ser presenciais ou não e nessas dez outras horas nós temos tempo para preparar materiais. **17:50**

19) Qual é o sistema de classificação documental?

20) Que áreas e subáreas existem na BE?

Eu, neste momento, não tenho espaço suficiente para fazer as diferentes áreas. Há dias falei com a minha diretora que gostava de colocar uns tapetes, uns pufs fazer um cantinho para o cantinho do conto, mas não tenho espaço, porque eu divido o espaço com o meu colega de música. Se a sala fosse só minha, podia fazer imensas coisas, a área dos teatrinhos de fantoches, um biombo, tenho cá fora porque não tenho espaço dentro, o espaço da hora do conto, mas não tenho... **19:04** O material não livro está dividido e organizado de acordo com as diferentes temáticas. Tenho diferentes subáreas como por exemplo, 8Leitura/Escrita; 3Viver em conjunto/Ciências Sociais; 7Criar/ Divertir/ Jogar; 9Povos/ Países/ Costumes; 0Dicionários/Enciclopédias e 5Observar a Natureza.

21) Que recursos financeiros dispõe a BE?

[risos] Era bom, é assim, eu consigo sempre algum dinheirinho para comprar algum livro ou acabar alguma coleção que está por acabar, fazendo uma feirinha do livro na escola todos os anos. Embora a feira seja muito pequenina, os pais gostam de levar algum livro para casa. Este ano já fiz, consegui um bom dinheirinho, quer dizer não é nada por aí além. Para trabalhar, não tenho uma livraria específica, o ano passado, posso dizer? Trabalhei com o Planeta Azul na Ponta do Sol,, mas disseram-me que este ano havia outra livraria que dava uma percentagem maior para a nossa escola e este ano aproveitei, experimentei e gostei, que é a Papelaria do Colégio. Gostei muito, trouxeram livrinhos em conta, baratinhos que são os que se vendem muito. Nós temos poucos alunos, a Senhora Diretora é que sabe bem, penso que cento e setenta e tal. Não sei se todos compraram, porque existem aqui famílias com muitas dificuldades económicas, mas conseguimos seiscentos e tal euros que já não foi mau. Para uma escola pequenina foi muito bom, consegui mais que o ano passado. 21:05

22) O que é para si uma BE? Quais são as diferenças em relação a uma Biblioteca Pública?

Não é fácil... [risos]. É uma espaço onde estão os livros, onde estão os materiais didáticos, é um espaço onde o aluno pode, sempre que precisa de um espaço para acabar um trabalho, para ler quando quer ler, o que posso dizer mais... é o espaço cultural da nossa escola, onde tudo acontece. Tudo a nível escolar. Numa Municipal vai muita gente diferente e a escolar vai

mais os alunos da escola, é um público familiar, têm mais confiança, mais informal. 22:30

23) Para si o que são práticas de animação da BE?

É difícil [risos]. É fazer tudo o que eu faço. É fazer teatrinhos, dramatizar vários contos, é fazer cartazes e expor lá fora, é ler, é cantar, porque também muitas vezes cantamos, uma canção que tenha a ver com determinado tema, nós fazemos joguinhos, sei lá, é tanta coisa... 23:15

24) O que entende por animação da biblioteca?

Animação da biblioteca é fazer as práticas de animação, é tentar com que os alunos gostem de ler, utilizando formas lúdicas que os levem aonde eu quero, a prática da leitura. 23:50

25) Como avalia a importância das práticas de animação?

Acho que são muito importantes numa escola. Quando cheguei cá, os alunos nem sabiam se comportar numa biblioteca, não tinham calma nem sabiam que fazer, depois começaram a gostar. Acho que foi de uma grande importância. Lembro-me quando era pequena, a minha mãe, quando ia ao Funchal, gostava de me trazer aqueles livros pequeninos da coleção da Formiguinha, trazia-me dois, três e eu sempre, desde pequenina, gostei de ler, gostei muito. E eu já reparei que, hoje em dia, os pais não compram muitos livrinhos, é mais jogos para a Playstation e outro tipo de coisas. Eu reparei que, quando eu cheguei cá, eu fui como que a primeira pessoa a lhe colocar livrinhos nas mãos, não digo a primeira pessoa, mas foi uma coisa diferente e começaram a achar diferente, hoje em dia é diferente, pelo prazer de ler é esse o objetivo. 25:11

26) Que atividades realizam fora da BE?

Fora da biblioteca, dentro do espaço escolar, participam quando há teatrinho, feira do livro, alguma poesia que vão declamar, muitas vezes somos convidados por outra escola que vai realizar a feira do livro, tenho também outro projeto que é com a paróquia da Encarnação, o Centro de Dia. Para aproveitar o Natal, que é o Natal de outros tempos, troca de experiências com os idosos, talvez colocar lá afixado. Eles vão contar como é o seu Natal e os idosos como era o Natal de antigamente. É uma troca de experiências e é uma festa quando saem da escola. Há dois anos, fizemos um projeto concelhio em CL que era: nós íamos contar histórias, nós íamos à Escola do Foro e a Escola do Foro ia à da Fonte da Rocha e andámos de escola em escola. Quem fazia o conto eram os alunos e algum se oferecia a contar o livro sem livro, podiam ter objetos, era como uma maratona de

contos. No ano passado, tivemos com a região toda, que foi a criação de um livro que se chama Meninos de Hoje Histórias para Sempre. Nós editamos, não foi só a nossa escola, foi de todos do concelho. Fizeram a história e ilustração das próprias histórias, o objetivo era, os concelhos maiores escreviam duas histórias e os mais pequenos uma. Como é que começava, começava... nós aqui tínhamos que escrever duas histórias, do Estreito para cima e do Estreito para baixo. E tínhamos que partir de uma lenda do nosso concelho, contávamos uma lenda aos alunos e a partir dessa lenda criávamos uma história completamente diferente. E passava de escola em escola e uma escola fez a ilustração, juntámos tudo e fizemos um livro. Eles adoraram, a minha escola, foi a escolhida para fazer a ilustração. Aliás foi a nossa que ganhou também o concurso do projeto da Sónia na CMCL. 31:28

27) Que tipos de atividades de animação são realizadas com os alunos dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê?

Dramatizações, leitura, teatrinho de fantoches, ilustrações, visualização de filmes, desenho, hora do conto, mais... tanta coisa... audição de histórias em CD, como se chama livros digitais, trabalho de pesquisa. Infelizmente, não temos computador, tínhamos um. Pelo ao professor de informática, quando estamos a trabalhar determinado tema para irem à Internet fazerem a pesquisa para um trabalho. Pesquisa de algum tema, que estão a trabalhar na curricular. Acho que são todas importantes, não consigo me decidir por nenhuma, acho que são todas importantes. São todas diversificadas, não gosto de fazer sempre a mesma coisa, porque eles ficam fartos e tenho que diversificar, acho que todas têm o seu papel. 34:27

28) Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições?

1. Se sim, qual/quais?

2. Se não, porquê?

Sim, a BM mais... outras escolas, o grupo de todos os superiores, reunimos todas as semanas, quinze em quinze dias... continuamos todos a reunir na BM como quando a Sónia arranjou. Sim, a BM mais... outras escolas, o grupo de todos os superiores, reunimos todas as semanas, quinze em quinze dias...continuamos todos a reunir na BM como quando a Sónia arranjou.

Sim. Todos os anos o grupo dos técnicos superiores desenvolve um projeto em conjunto. No ano passado editamos um livro que foi escrito e ilustrado pelos alunos. Foi um projecto elaborado ao longo do ano. Cada concelho escolheu uma ou duas lendas do

seu concelho. Estas lendas foram trabalhadas com os alunos e posteriormente os alunos criaram uma história baseada na lenda estudada. Todas as histórias foram escritas a várias mãos, ou seja, foram passando de escola em escola. No final os alunos fizeram as ilustrações e o livro foi editado. O nome do livro é: *Meninos de hoje...histórias para sempre*.

29) Existem pequenas bibliotecas, ou estantes com livros nas salas de aula? Os professores fazem atividades de animação com esses suportes?

Sim, a biblioteca de turma. As salas não têm estantes, mas arranjam tipo uma estante, não é um armário... As bibliotecas de turmas são feitas com os livros dos alunos e têm bibliotecas de turma de inglês e a professora gosta de muito de vir cá buscar, porque tenho livros de inglês/português e leva para a sala dela, são os livros da biblioteca. Nas outras bibliotecas de sala são todos os alunos. Eles agora, a SREC, não obriga mas de uma certa maneira não impõe, aconselha a terem acho que é uma hora de leitura na curricular e esse papel passou para mim, no clube de leitura porque os professores às vezes não têm tempo e passam para mim. 38:24

30) Que tipo de atividades ou jogos de animação da leitura/do livro fazem as professoras na biblioteca, na sala de aula, noutros espaços da escola?

Eles fazem. Fazem mais dramatizações de livros que tenham lido e vamos mostrar, gostam muito de fazer. Entra eu e o professor da curricular e fazemos uma pequena dramatização, mas de resto, não, não. Tenho uma colega que ela própria faz a requisição dos livros para turma dela e depois os alunos têm de apresentar, cada menino com prazo de um dia, com dia marcado, apresentam aos seus colegas. Contar a história aconselhar a história, dizer porque gostou, por que razão aconselha esse livro aos colegas. 39:34

31) E fora da escola, que atividades desenvolve a BE? Com alunos? Professores? Com encarregados de educação? Outros?

Fora da escola fazemos as nossas festas aqui no Salão Paroquial, levamos histórias, teatrinhos, declamação de poesia. 40:00

32) Há prática de frequência da BE regular e sistemática por parte de professores com as turmas?

Com as turmas não, os professores vêm muito à procura de material, os alunos vêm à biblioteca porque têm hora de biblioteca e hora de Clube de Leitura. O professor com o aluno, nem por isso, quando há a feira do livro, trazem os alunos para visitarem a

feira, ver livros, mas de resto não. 40:33

33) Trabalham com todas as turmas da escola? Quantas horas por semana dedicam a cada turma? Que anos/turmas frequentam mais a BE? Que anos/turmas lhe parecem mostrar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE?

Sim, com todas, menos com pré, uma hora e meia com cada turma. Todas frequentam, mas mais os terceiros e quartos anos. É na hora do almoço, na hora de biblioteca aberta, vêm cá, os mais pequeninos gostam mais de ir lá para fora brincar, os maiores que já têm o vício da leitura, gostam de vir cá para dentro. Os mais velhos são os mais motivados e apresentam mais gosto. 41:22

34) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?

Eu como faço parte do concelho escolar vou à reunião do concelho escolar que é uma vez por mês e a ata é rotativa. Faço também reuniões com todos os técnicos do concelho. Nós fazemos de quinze em quinze dias com os técnicos superiores do concelho é a reunião concelhia e nas outras semanas fazemos reuniões de minigrupo, com o grupinho que a gente gosta mais de trabalhar, fazemos reunião, troca de material, elaboramos materiais novos, trocamos ideias que é muito importante e fazemos também reunião com todos os técnicos superiores da RAM, que são as reuniões gerais, nós somos oitenta e esas reuniões são no início do ano ou no final do ano. Nós temos um representante, aliás, dois e falamos do que esperamos que vamos fazer no ano letivo, que aconselham fazer, que espera a secretaria de nós, no final do ano como correu o ano, se correu bem em todas as escolas. 43:05

35) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Os professores da escola participam?

Eu faço a planificação e pergunto aos professores se querem incluir alguma obra em especial para ao longo do ano, eles dão as suas opiniões e quem faz sou eu. 43:31

36) Fazem avaliação das atividades?

Fazemos a avaliação das atividades no final, como correu como não correu, também costumo fazer com os alunos o que gostaram mais de fazer o que gostaram mais de trabalhar. 43:53

37) A Vossa BE possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os alunos/professores ou outros técnicos possam dar

a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano letivo em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes?

Por acaso não existe mas é uma boa ideia, uma caixinha de sugestões e ideias... eu costumo é falar com os professores...

38) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem da equipa participa na elaboração do relatório? Mais alguém do exterior à equipa ou à escola participa?

Sou eu. Só eu participo, ninguém de fora é interno. Na nossa última reunião, toda agente a diretora pede para fazer um pequeno resumo do relatório para toda a gente ouvir. 45:28

39) No passado ano letivo, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?

Não nem todas, o plano existe mas as vezes não precisa de se seguir a risca. Nós temos a base, mas às vezes dependendo dos alunos que nós temos, temos que mudar alguma coisa, uma atividade que não estão a gostar e podemos alterar. Conforme... Foi muito positivo e este ano também estamos no bom caminho (risos). 46:10

40) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades.

O espaço, a minha grande dificuldade é o espaço queria que está sala fosse só minha. Dinheiro, mas de fato a feira é uma grande ajuda para comprar materiais, livros... não estou a ver os outros obstáculos, os colegas não se opõem, pais não se opõem, os colegas, tenho ótimos colegas, sempre estão prontos para ajudar e eu também ao contrário. 47:17

41) Julga pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto “Histórias de Passagem”, desenvolvido aquando da minha licenciatura, em 2005?

Sem dúvida nenhuma foi uma mais-valia para as escolas que participaram, viram-se integrados num projeto, os miúdos gostaram bastante, saiu lá para fora e muita gente viu o que se estava a passar e foi muito importante.

42) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o trabalho desenvolvido foi pertinente, diferente e inovador? Porquê?

Foi pertinente, foi inovador sempre que eu precisava de alguma coisa, alguma ideia, eu telefonava quando precisava estava sempre disponível, fizemos várias coisas em conjunto, fomos várias vezes à biblioteca onde a Sónia nós recebeu sempre muito bem, fez sempre atividades muito boas com os alunos, eu achei o trabalho excelente durante a altura que a Sónia esteve lá em baixo eu adorei trabalhar com a BMCL, por acaso foi e eu estou a falar a sério. 49:28

43) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais?

Gostei muito daquele projeto que era para aprender com o cinema, a Sónia trazia o livro, nós trabalhamos o livro e depois fizemos um trabalho de ilustração do livro em cartolinas, fizemos as várias etapas da história e levamos para a biblioteca acho que era para afixar na biblioteca e depois fomos lá ver em exposição. E gostei também de uma atividade que foi um encontro com escritores que foi lá em baixo na biblioteca. Esta primeira que referi foi no Estreito a segunda foi em Câmara de Lobos, adoreei!! Ainda tenho fotografias dessas atividades. O Jorge Letria não foi, era bom... (risos) Convidamos o ano passado o José Viale Moutinho ele é muito acessível e Anabela Machado como ilustradora porque ela ilustrou o *ogima* de Francisco Fernandes ela como ilustradora e o Francisco Fernandes como escritor. Gostei muito. 51:55

44) Trabalham com outras BE ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer?

Nós trabalhávamos com bibliotecas de cá do concelho como com outras de fora do concelho, Santa Cruz, etc. aquele pequeno projeto do aeroporto, etc. como já havia respondido. 45:17

45) Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE e BM?

É assim, nós nunca conseguimos ir, há muita gente que consegue, nós nunca conseguimos transporte. É verdade quando a Sónia lá estava lá em baixo dizia: não se preocupe com o transporte nós temos transporte.

46) Que tipo de cooperação existe entre a BE e a BM de Câmara de Lobos?

À BP não conseguimos ir lá quando têm animação. Os horários que eles pedem nós não conseguimos ir lá e nunca há transporte é um desencontro. Para dizer a verdade desde que a Sónia foi embora não temos feito, verdade nós temos é feito parcerias é com outras bibliotecas escolares. 54:58

47) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.)

Vou-me embora (risos) não...55:13 com outras BE

48) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas?

Não há dificuldades nós entendemos muito bem, quando é para nós encontrarmos para fazermos alguma coisa é às mil maravilhas, nós trabalhamos sempre muito bem. 55:23

49) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação?

A BM poderia promover atividades como antes promovia. Gostava que desenvolvessem mais atividades. Os alunos já têm as suas atividades então a BM têm de nós informar o que têm. Agora há uma coisa que fazem bem, enviam para o meu e-mail e devem enviar para os colegas também, semanalmente por e-mail o que fazem semanalmente, isso já é bom, mas antigamente convidavam e havia mais cooperação convidavam mesmo, e diziam que havia autocarro. Eu acho que havia a sexta-feira autocarro disponível todo o dia para as escolas. Eu na altura eu aproveitei muito o autocarro da sexta-feira que eu sabia as horas que havia autocarro e eles gostavam era uma coisa diferente. Levava sempre uma turma diferente para que todos fossem e sentia que na altura havia mais cooperação. Eu por acaso gostava e motivava os meus alunos para eles gostarem, que havia um cartão de biblioteca como há aqui, e eles perguntavam se podiam fazer o cartão e posso levar para casa? Por acaso eles gostavam muito ir e eu também. 1:01

50) Com que instituições faria mais sentido cooperar?

Com a BM sem dúvida, com o Centro de Dia que vou iniciar aquele tal projeto, com BE e mais...

51) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a professora bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional

O tema é sugestivo, faz todo o sentido: práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspetiva de cooperação entre

bibliotecas escolares e municipais. Uma biblioteca fechada não se aprende nada, não trás nada de novo aos alunos, os alunos ficam mais empenhados quando sabem que é para mostrar algo para fora, quando vão conhecer outros alunos, vão conhecer outro local, outras pessoas. Acho muito pertinente e acho bem que se faça isto nas escolas, fundamentalmente nas várias da região. No futuro espero continuar nesta área, gosto muito. Os bibliotecários de óculos de garrafa. Gosto muito desta área porque antigamente era um espaço, a uma biblioteca era um espaço onde não se podia fazer barulho, era uma área com um espaço fechado, um espaço onde não se transmitia nada lá para fora, o saber estava todo cá dentro. Hoje em dia, é tudo completamente diferente, as atividades que nós fazemos aqui não são pacatas, são atividades onde eles podem fazer barulho, podem falar, podem rir, podem desenvolver o seu gosto pela leitura, falar alto, partilhar ideias com os outros e com outras escolas. Tento sempre todos os anos desenvolver algo com outras escolas, com outras instituições, acho isso muito muito muito importante. O que espero para o futuro? Espero continuar nesta área que eu adoro esta área, gosto muito do trabalho que desenvolvo nas escolas, gosto de sentir que os alunos gostam do meu trabalho. Sinto-me realizada, por assim dizer, é isso. Sinto-me realizada nesta área, portanto sinto-me bem.

Apêndice XVIII - entrevista à EB1 da Marinheira

12 de junho – escola da marinheira

1) Nome?

Mariela Brito

2) Formação Profissional – Tem formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural? Qual?

Literatura Românicas variante Estudos Portugueses e Franceses e a Especialização em Animação de Bibliotecas. **1:00**

3) Tem experiência como professora bibliotecária? Quantos anos e onde?

Sim, nove anos. Sete anos no Jardim da Serra e agora é o meu 2.º aqui na escola da Marinheira. **1:22**

4) Cargo (s) que desempenha na instituição?

Técnica superior, professora de biblioteca. **1:33**

5) Duração do(s) cargo(s)?

Nove anos.

6) Qual é o papel do professor de bibliotecário na BE? Que tipo de formação tem diferente da formação de outros professores?

Portanto, para além de tratar do acervo da biblioteca tem o papel mais importante que é dinamizar a biblioteca, portanto motivar

os alunos para a leitura. A especialização em animação sociocultural de biblioteca **2:11**

7) Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na vossa BE? Gostaria de ter um animador na sua equipa?

Sim, sem dúvida. Não se justifica porque só temos seis turmas do 1.º Ciclo, não, não se justifica mais um animador. Se tivéssemos mais turmas... **2:40**

8) A Biblioteca Escolar faz parte da Rede das Bibliotecas Escolares? Desde Quando?

Não.

9) Quem mais frequenta a Biblioteca Escolar, para além dos alunos? Professores? Encarregados de educação? Pessoas da comunidade? Para quê? Em que ocasiões?

Portanto, é assim, a biblioteca é mais frequentada pelos alunos, pelos professores, pelos pais mas através dos filhos. **03:09**

10) Que alunos/as frequentam a BE? De que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BE? Porquê?

Portanto, os alunos do 1.º Ciclo, a pré não. Do 1.º ano ao 4.º ano.

11) Quem integra a equipa da BE e quais as respetivas funções?

Sou só eu.

12) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam atividades em conjunto?

Sou eu, anualmente, mensalmente. Planifico, organizo projetos... **04:01**

13) Que tipos de atividades realizam mais com alunos no início do 1.º Ciclo e no final do 1.º Ciclo?

Com os pequeninos é mais a base de jogos, da hora do conto. Não dominam tanto as competências de leitura e de escrita. Com os maiores já fazem trabalhos de pesquisa de investigação, fazem mais dramatizações, escolhidos para essas atividades. **04:37**

14) De que atividades os alunos mais gostam? E os professores?

Os alunos? a hora do conto, sempre, desde os mais pequeninos até aos maiores gostam sempre de ouvir histórias. Dramatizações, ver vídeos, gostam de ler. Os professores. hum... são mais os meninos. **05:15**

15) Que tipo de livros lá há? Estão classificados?

Portanto praticamente é assim, temos todas as áreas do saber, exceto a filosofia. Claro que em maior número são as enciclopédias e os livros de literatura, nomeadamente literatura infantil. Sim, estão classificados pela CDU, alguns já estavam classificados pela outra pessoa eu estou a organizar de outra forma a nível de cores e etiquetas, gosto de ir fazendo, porque a minha prioridade são os alunos. 06:07

16) Os alunos podem levar para casa livros que pertencem à escola? Trazem livros de casa para a escola? Trocam os livros da escola com os de outra(s) escola(s)?

Sim, requisições. Alguns oferecem livros à escola. Trocam livros só no projeto do baú da leitura, de escola para escola. 06:31

17) Que parcerias tem a BE com outras instituições?

Nos fazemos intercâmbios com outras bibliotecas.

18) Qual é o horário da BE?

É um horário misto, de manhã e de tarde. É consoante as turmas. **06:55**

19) Qual é o sistema de classificação documental?

CDU.

20) Que áreas e subáreas existem na BE?

Portanto, aquelas dos zero? Do zero ao nove. Menos a filosofia como tinha dito...

21) Que recursos financeiros dispõe a BE?

(risos) poucos, muito poucos. É assim, se não organizar... algumas instituições, de tempos a tempos, oferecem algum livrinho. Mas tento organizar a feira do livro todos os anos, para ganhar alguns livritos. Porque isto está cada vez mais difícil. Por acaso, organizei a feira este ano e venda de livros foi inferior. 07:49

22) O que é para si uma BE? Quais são as diferenças em relação a uma Biblioteca Pública?

Portanto, para além ser um espaço onde os alunos podem vir consultar livros, ler, estudar é aquele, portanto, é onde, é o centro da... para mim isto é um culto. É o culto da leitura e é mais do que, pronto. E depois, sentem-se bem, felizes, estão sempre interessados pelos livros, pelas novidades. Não é curricular, mais lúdica, mais livre. Podem ... gosto de deixá-los livres, faço muitos trabalhos com eles livres. Porque estão habituados a aquelas regras a nível do curricular. Aquele.. ir a sala de aula, dar matéria, fichas, pronto é aquela pronto... e a biblioteca é um espaço onde podem ser livres, podem fazer aqueles trabalhos que mais gostam de fazer. As diferenças para além de ser uma dimensão mais concorrida, a BE é um espaço mais acolhedor, mais informal. 09:39

23) Para si o que são práticas de animação da BE?

São estratégias, atividades realizadas para motivar os alunos de uma forma mais lúdica, mais criativa. Para motivá-los à leitura. 09:59

24) O que entende por animação da biblioteca?

Torna a biblioteca um espaço mais dinâmico, portanto é... (risos)

25) Como avalia a importância das práticas de animação?

Muito importante mesmo. 10:37

26) Que atividades realizam fora da BE?

Os tais projetos de baú de leitura, nós sempre fazemos todos os anos ou o projeto concelhio, já chegamos a fazer em parceria coma BM de CL também fazemos um projeto geral. Fizemos um sarau de histórias, fomos às escolas para ver o melhor contador

de histórias e então depois para juntar todos os alunos que participaram, fizemos um sarau lá na biblioteca de CL. Cada um contou uma história. Este ano foi um projeto mesmo com todos os técnicos da RAM, bookzania, parecido com o kidzania, trata o livro, a evolução do livro. E cada concelho tinha uma época, desde a antiguidade até ao renascimento, tem várias. O ano passado editamos um livro, este não, criamos um livro: *lendas de hoje e história para sempre*. Cada concelho tinha... cada ano vamos fazendo um projeto diferente. 12:21

27) Que tipos de atividades de animação são realizadas com os alunos dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê?

(risos) desde a hora do conto, concursos de leitura, criação de textos de historias, a feira do livro que é um projeto de aqui da escola, tanta coisa... as mais importantes? são todas... a feira do livro... apesar de não compensar a nível monetário, mas para eles é tao importante, nem que seja comprar um livrinho de um euro, ficam tao felizes. Compensa só pela felicidade deles (risos). 13:24

28) Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições?

1. Se sim, qual/quais?

2. Se não, porquê?

Sim, mas... (risos), algumas. As da câmara por exemplo, mais na sua altura participamos em algumas atividades. Fomos consigo ver cinema, algumas peças. Vai aparecendo sempre algo, desde que haja transporte. Agora é um bocadinho diferente, de quando a Sónia, já não temos transporte todo o ano. 14:22

29) Existem pequenas bibliotecas, ou estantes com livros nas salas de aula? Os professores fazem atividades de animação com esses suportes?

Há um ou outro que tem uma biblioteca pequena. Professores... não sei... 14:46

30) Que tipo de atividades ou jogos de animação da leitura/do livro fazem as professoras na biblioteca, na sala de aula, noutros espaços da escola?

Normalmente sou eu.

31) E fora da escola, que atividades desenvolve a BE? Com alunos? Professores? Com encarregados de educação? Outros?

Fora da escola são aqueles intercâmbios que vamos fazendo com os outros colegas. Portanto, é preciso nomear? E também com outros colegas de outros concelhos. Aqui em Câmara de Lobos somos 15 ou 16 escolas ou mais.

32) Há prática de frequência da BE regular e sistemática por parte de professores com as turmas?

Não há muita, não é habitual. Eles devem ter programas para cumprir, portanto, devem tratar a criação de texto de leitura mas mais curricular. 16:16

33) Trabalham com todas as turmas da escola? Quantas horas por semana dedicam a cada turma? Que anos/turmas frequentam mais a BE? Que anos/turmas lhe parecem mostrar mais gosto e mais motivação para frequentar a BE?

Todas as turmas exceto pré, cerca de uma hora e meia. Entretanto tenho outras atividades relacionadas com a área da biblioteca, temos o clube de teatro, já tive o clube de leitura. Todas frequentam. É assim, neste momento, os do 4.º ano, também tenho os do 2.º ano, começam a requisitar mais a nível do segundo ano. Eu noto os pequeninos a nível da assiduidade. Na sei que aconteceu antes, noto os mais pequeninos mais motivados a nível da assiduidade. 17:48

34) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?

Nós realizamos reuniões todas as semanas, estou a falar entre os meu colegas, lá em baixo. Todas as semanas. Na altura que a Sónia arranhou na sala de sessões da BMCL...temos reuniões de minigrupo de quinze em quinze dias e as concelhias também de quinze em quinze dias, portanto todas as semanas. Aqui na escola também temos reuniões de concelho escolar. 18:35

35) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Os professores da escola participam?

Sim, sou eu que os faço. Anuais e mensais. Nós temos o nosso plano mensal que estão relacionadas com algumas áreas curriculares. 19:05

36) Fazem avaliação das atividades?

Sim.

37) A Vossa BE possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os alunos/professores ou outros técnicos possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano letivo em curso? Ou existem outras estratégias? As sugestões são tidas em conta nos planos de atividades dos anos seguintes?

Sim. Ainda não temos caixinhas ou outro. Mas já tive um caderninho na outra escola. Claro, sempre. Também depende das ideias. 19:50

38) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem da equipa participa na elaboração do relatório? Mais alguém do exterior à equipa ou à escola participa?

Eu. Eu. Não. 20:05

39) No passado ano letivo, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?

Todas não, é difícil, é flexível. É assim, o ano passado foi um ano de adaptação para mim. Mas foi positivo. Mas a nível de alunos está inserido num meio muito complicado. 20:44

40) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades.

É assim, não é que sejam obstáculos. Eu trabalho numa escola, também trabalho em equipa com outros os colegas e eles têm outras atividades que fazem a nível geral geral. E às vezes tenho que me adaptar e também tenho que trabalhar para, nomeadamente o carnaval, o natal. Portanto, tenho que fazer sempre as coisas... E às vezes acontece quando um professor falta e tenho sempre que me adaptar. Também consoante os gostos dos alunos, as vezes não estão assim muito inclinados para fazer uma atividade que eu planeei. Então portanto, há sempre... e às vezes há que ter capacidade de me adaptar às situações e circunstâncias. E dificuldades financeira, muitas... 21:58

41) Julga pertinente o trabalho que foi desenvolvido no projeto “Histórias de Passagem”, desenvolvido aquando da minha licenciatura, em 2005?

Não acompanhei, era outra professora que estava nesta escola.

42) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o trabalho desenvolvido foi pertinente, diferente e inovador? Porquê?

Sim, foi muito, para além de ser muito pertinente foi muito engraçado. Tentou sempre abranger todas as escolas. Acho que isso é que tenhas faltado agora isso um bocadinho.

43) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais?

Foi a hora do conto, já não me lembro. Não conseguimos ir a todas, não era possível.

44) Trabalham com outras BE ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer?

Sim nós... já tinha dito anteriormente trabalho em conjunto, para além de, sou coordenadora do concelho de CL e nós fazemos atividades em conjunto, faço outros projetos com os meus colegas e também não só juntamos com outros colegas do concelho os mini grupos e nomeadamente, que é que fizemos, nós fizemos um projeto de histórias com chapéu no natal, que era nós fazíamos uma história e oferecíamos a outra escola. E agora estamos a fazer um de fábulas, este é a nível concelhio, nós vamos a uma escola contar uma fábula aos alunos e eles vêm cá. É um projeto a nível de baú de leitura concelhio.

45) Considera pertinente o trabalho em colaboração entre BE e BP?

Sim...

46) Que tipo de cooperação existe entre a BE e a BM de Câmara de Lobos?

A BM neste momento está a participar no projeto baú, existe um baú de temático. É um baú da biblioteca e vai rodando para as escolas.

47) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.)

Não.

48) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas?

Para além das monetárias, o transporte, está cada vez mais difícil de conseguir. 26:28

49) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação?

Haver dinheiro, acho que tudo passa pela falta de verbas, recursos.

50) Com que instituições faria mais sentido cooperar?

As casas do povo, juntas de freguesia, BM e outras BP

51) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que a professora bibliotecária representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional

É assim, acho portanto, que faz muito bem que se estude que se explore, seria bom, um país (risos) imitar outro país como Espanha não sei se já ouviu falar, nas palavras andarilhas há isso é em Évora. Mas não tem acontecido por causa das verbas, faziam muitas atividades e vinham muitos escritores. Deviam fazer intercâmbios, tentar promover a animação em outros países, o tipo de atividades que realizam, que promovem, fazem muita coisa. Digo Espanha porque se for pesquisar... Como professora bibliotecária é muito muito importante. Espero no futuro que a crise passe, estamos a perder muitas coisas por causa das verbas. Há muitas dificuldades e os alunos são os que sentem mais, as crianças são as que sentem mais, são as que tem menos culpa mas têm falta desse apoio. É assim, não só fazemos tudo o que está ao nosso alcance mas se não tem apoio e acompanhamento em casa é muito complicado, é muito complicado. E faz muito bem (o seu estudo).

Apêndice IXX – entrevista à BMCL

I. Identificação da entrevistada

1) Nome?

- Alexandra Marques. (00:58)

2) Formação Profissional – Tem formação específica na área das bibliotecas ou da animação sociocultural? Qual?

- Sou licenciada em Literaturas Modernas, na variante Inglês/Francês e depois tenho pós-graduação em Biblioteconomia e Ciências documentais. (01:09)

3) Tem experiência na área das bibliotecas? Quantos anos? Onde?

- Tenho experiência em vários, agora precisava de uma listagem... (risos) assim de cor. Comecei o estágio em Lisboa, portanto nas bibliotecas de Lisboa mesmo, Telheiras, depois passei aqui pela Biblioteca Pública Regional e estou agora em Câmara de Lobos, portanto já há três anos. (01:37)

4) Cargo (s) que desempenha na instituição?

- Coordenadora/coordenação. (01:42)

5) Duração do (s) cargo (s)?

- Três anos. (01:46)

II. Caracterização da Biblioteca Municipal (BM)

6) Qual o papel do profissional de biblioteca na BM? Que tipo de formação tem diferente da formação de outros profissionais?

- Para já às vezes as pessoas pensam que uma instituição como uma biblioteca até pode ser gerida por qualquer pessoa. Porquê? Porque uma biblioteca implica uma organização do conhecimento, não é? Uma biblioteca não é simplesmente um espaço onde pomos as coisas nas prateleiras e fica ali e as pessoas estão sentadas à secretaria a ler uma revista... há uma organização do conhecimento e para isso é preciso noções básicas dessa organização de

conhecimento, porque há uma organização geral. Todas as bibliotecas trabalham com uma classificação decimal universal (CDU). Portanto, há princípios e há normas que temos que seguir e que portanto é preciso essa formação. Depois toda a parte de hoje em dia os profissionais têm que sair preparados para a parte de gestão, para a parte de marketing, para a parte de animação, para a parte de organização do conhecimento, portanto, isto é uma área mais abrangente, daí a necessidade da formação que nós aprendemos no curso, está incluído no que nós temos que aplicar no dia-a-dia. **(03:00)**

7) A BM faz parte da Rede de Bibliotecas Nacionais? Desde quando?

- Desde 2009, desde o início deste edifício, porque eu nunca tinha lá entrado na Casa da Cultura, desde 2009. **(03:14)**

8) Público-alvo mais assíduo? Que idades? De onde?

- No princípio eram as crianças dos 0 aos 13, quando a Sónia estava cá então salvo erro que eram as crianças. Agora neste momento, nós estamos a notar uma grande diferença, não sei se é por causa da escola a tempo inteiro e também do trabalho das bibliotecas escolares, porque as bibliotecas escolares têm estado a fazer um trabalho muito, muito bom, de dinamização não é? E as crianças estão muito atraídas para esse espaço, já que estão na escola obviamente vão para a biblioteca escolar. Nós notamos que aqui o nosso público durante o período letivo, tem diminuído bastante e nós compreendemos, que dizer, agora nas férias, uii... nós vamos do oito para o oitenta. Durante o ano letivo é muito calminho, depois aparece de repente uma enchente, por isso agora nós temos notado muito público da sala de adultos, principalmente estudantes universitários, que tem sido fantástico, portanto a sala de adultos tem tido um aumento de público. Portanto é também uma variante, não é? Nós já tivemos aquela resposta do público infantil, agora temos uma resposta do juvenil e estudantes, portanto, é bom. **(04:21)**

9) Quem mais frequenta a BM? Para quê? Em que ocasiões? Em cima...

10) Que tipo de leitores frequentam a BM? Que idades? E para quê? Se não frequentam nem recorrem à BM? Porquê?

- Então lá está, o público então que agora começamos a ter mais, é a partir dos 16/17 anos até aos 21/22 anos e se calhar isto tem a ver com aquele projeto que nós temos com a Fundação Calouste Gulbenkian, que está um pouco mais direcionado para os jovens e que estamos a dinamizar o espaço e temos agora banda desenhada, temos espaço com vista para a praia, onde podem ficar a namoriscar e tal, depois temos mp3 e leitores pdf e a consola de jogos. Por isso mesmo é que nós temos cativado mais o público juvenil. Os que não vêm, mas isso é daquelas coisas que é complicado, o público mais adulto, quer dizer isso, nós agora temos é que começar a trabalhar com o público infantil e juvenil para depois no futuro esse público adulto se tornar um público adulto frequentador de bibliotecas, porque agora com o público adulto já, é um pouco difícil e não vamos obrigar ninguém, não vamos puxar pelo braço, venha à biblioteca. As pessoas têm que começar a vir porque querem, não é? Nós oferecemos palestras, nós temos aqui o jornal, nós temos as revistas, mas as pessoas também têm a sua vida, não é? Portanto, temos que compreender. (05:37)

11) Quem integra a equipa da BM e quais as respetivas funções?

- Portanto, sou eu na coordenação, temos três técnicos profissionais de BAD e neste momento temos uma estagiária, mas em setembro vai embora. Portanto, só temos três técnicos. (05:53)

12) Como trabalham? A equipa reúne regularmente? Planificam as atividades em conjunto?

- Sim, nós temos uma reunião pelo menos, pelo menos, portanto, às vezes até é mais, de três em três meses temos uma reunião para preparar o trimestre seguinte e depois mensalmente temos uma reunião de avaliação e ver o que está a funcionar bem naquele mês, o que não está, para ver os pontos altos e os pontos baixos de cada mês e o que podemos melhorar. (06:19)

13) Que tipo de atividades realizam com os diversos públicos? Qual/quais a/as atividades que mais gostam? E os técnicos? Que atividade gostam mais de implementar?

- Por acaso este ano, nós dividimos um bocadinho as tarefas, que no princípio nós tínhamos a Sónia, estava mais concentrada na área mais específica, porque tinha formação em animação, que era fantástico, depois nós tivemos que começar também a puxar a brasa à sardinha, não é? Tivemos nós também que começar a fazer e então este ano, nós tivemos que nos redistribuir, mais virados para a atividade com as crianças, portanto, eu acho que nós temos feito um trabalho, eu acho que é fantástico, a equipa está mesmo..., depois têm que ser tudo muito bem separadinho, porque, lá está, naquelas reuniões que temos lógica disso, então a Márcia

apresenta propostas para as crianças e para as escolas, tudo o que é 1.º Ciclo ela faz. Eu faço atividades para as escolas do segundo Ciclo, o Hélder está a trabalhar com os jovens e a Dona Edite está a fazer atividades para os idosos, porque acho que ela tem tudo a ver com o público mais sénior e ela tem muito jeito para falar com as pessoas e a esse nível estou muito, muito surpreendida com as atividades que a Dona Edite tem apresentado, nós tivemos, já tivemos aqui sessões de fado, já tivemos aqui culinária, veio aqui um senhor da escola hoteleira, passou aqui a tarde toda, doces de páscoa, teve a fazer amêndoas de chocolate, teve a fazer bolo preto, teve a fazer arroz doce, bem as pessoas ficaram... e depois as pessoas podiam ir comendo, foi espectacular. Reciclagem de roupa, a Dona Edite tem preparado tudo isto, tem sido para o público sénior, nós temos tido atividades muito giras a esse ponto, é uma forma de dinamizar o espaço e chegar a outros públicos, que é de onde nós tiramos, no 1.º ano nós pensamos mais no público infantil, porque é também aquele público que aparecia mais, depois começamos a ver que o público juvenil não estava a responder tanto, então tivemos que fazer qualquer coisa, por isso é surgiu o projeto da Gulbenkian. Este ano achamos que temos que chegar a outros públicos mais adultos, e neste caso o sénior é mais fácil de trabalhar porque temos os centros de dia aqui no concelho, portanto, então acho que estamos a conseguir captar cada uma das atenções e chegar a cada pessoa, tem sido muito giro, muito giro. (08:39)

14) Que tipo de livros existe na vossa BM? Estão todos classificados/catalogados?

- Isto é uma biblioteca generalista, nós temos livros de todas as classes, de todas as áreas, claro que não temos é uma área muito... porque numa biblioteca especializada teria se calhar mais especialização daquela biblioteca, que não é o caso, é universal, generalista e portanto há uma abrangência nesse aspeto. Claro que sim, incidimos um bocadinho mais nas literaturas, então uma biblioteca que está a trabalhar para um público de carácter geral, as pessoas gostam de ler, gostam de ler romances, ficção, portanto, literaturas é a nossa prioridade e livros infantis, portanto, tentamos sempre nas compras e nas ofertas que nos dão, darmos prioridade à catalogação das literaturas infantis e de adultos. A nível de aquisições, isto pronto, está complicado, porque sabemos que a crise chega a todos e se antes fazíamos aquisições, cerca de duas aquisições por ano e este ano ainda não fizemos nenhuma, mas temos tido muitas ofertas, portanto a esse nível lá vamos. De várias instituições, tivemos da embaixada da Venezuela, temos tido de particulares mesmo, portanto pessoas que vêm cá e oferecem, ainda hoje eu vou buscar então esse conjunto de livros que são perto de três mil livros, porque foi uma herança de família, foi um senhor que morreu, que tinha uma biblioteca particular e a

família vai-nos ceder essa biblioteca, o que é fantástico. É de cá do concelho e por isso mesmo, o senhor achou por bem ficar aqui na biblioteca e depois já fui lá a casa visitar e aquilo está tudo organizadinho também na biblioteca por assunto, epah... temos que começar depois a organizar tudo internamente. Depois temos também o centro da mãe no que no outro dia enviou-nos uma série de livros novos, novos mesmo que fiquei impressionada, portanto é o que nos tem compensado, são as ofertas, que têm corrido bem. **(10:45)**

15) Costumam utilizar o serviço de empréstimo de livros com outras instituições? Quais? Utilizam o serviço de empréstimo inter-bibliotecas? É muito solicitado?

- Não, nunca aconteceu! Hum... Sei que na Casa da Cultura ainda houve um caso ou outro, pois, eu acho que sim, porque lembro-me da Márcia falar disso, que foi com a Sónia... mas aqui as pessoas quando nos vêm procurar também como temos um pólo no Estreito e do Curral, quando não temos aqui, ou temos no pólo do Estreito, ou no do Curral, portanto nós trazemos, o pólo do Curral está a funcionar. Está a Cristina! Ela está em pleno, também tem que preparar as coisas a seguir à viagem, ela está bem, aquilo às vezes é um pouco complicado, visto que aqui à um mês estive de baixa, mas pronto é aquela coisa. Mas ela ali é que tem que ser polivalente, ela nas atividades para crianças é a única, tem que gerir os diversos, tem tratar da organização dos livros, fazer a burocracia toda, a estatística e isso tudo. É um espaço mais pequeno, claro que sim, mas com outras bibliotecas externas, nunca nos tem acontecido, porque também eu acho que aqui a nível regional, isto é tudo tão pequeno, o que nós fazemos é encaminhar, portanto, eu até quando é comigo e com os colegas, às vezes acontece nós consultamos outros catálogos, eu costumo ir muito à biblioteca pública regional, nós aqui não temos o que a biblioteca pública regional tem, é uma questão de passar lá e as pessoas nunca nos dizem, ah não posso... Não! As pessoas até mostram vontade em ir, é aqui pertíssimo, eu acho que aqui na região não faz muito sentido o empréstimo interno das bibliotecas, só se fosse algum livro que existisse a nível nacional. À bibliotecas que cobram, mas outras não. Mas a biblioteca pública regional, como tem pessoas educadas, recebe a maior parte dos livros, o que pode acontecer é não estar em base, porque estão em código ainda à espera dessa autorização. Portanto, de certeza que a biblioteca pública regional há de ter todos os livros que as pessoas precisam, podem é não estar tratados. **(12:59)**

16) Que parcerias tem a BM com outras instituições?

- Nós temos estado a trabalhar agora com as bibliotecas escolares aqui do concelho num projeto de leitura, portanto, temos estado a fazer esse trabalho que tem sido, muito, muito engraçado, a propósito do tal projeto da Gulbenkian, no espaço jovem. Temos uma parceria também com a editora nova delti, eles têm feito palestras para falar sobre as novas tecnologias, dos Ipad's, ebook's, porque também esse projeto tem essa vertente de apontar para novas formas de ler, a FNAC também foi nossa parceira, aliás foi a FNAC que nos deu a consola, portanto temos trabalhado também em conjunto, hoje em dia é assim, se nós não conseguimos comprar, temos que trabalhar com parcerias e telefonar para aqui e para acolá a pedir, olhe, ajude-nos ou vamos trabalhar em conjunto, agora que tivemos o aniversário da biblioteca, o bolo foi oferecido pela penha d'aguia e em troca eles vieram cá fazer um pouco da divulgação da pastelaria, tem que ser assim, tu cá tu lá. A FNAC também é parceira do espaço jovem, portanto, nós fazemos as aquisições dos livros lá e eles em troca têm-nos feito descontos, temos descontos tanto nos dvd's como nos livros e eles ofereceram a consola e o jogo. Tem que ser, lá está, é uma troca, não é? Eles garantem que nós vamos lá comprar os livros, ainda por cima temos descontos, depois recebemos esta oferta da consola, não é brincadeira, é um grande negócio. **(14:34)**

17) Que espaços possuem?

- Temos portanto o espaço infantil, espaço dos adultos e depois a área aqui mais aberta do átrio, a esplanada, sala de estudo e as áreas de trabalho, claro. **(14:55)**

18) Qual é o horário da BM? Abre aos Sábados como a Biblioteca Pública Regional da Madeira? Ou abrangem o horário pós-laboral?

- Neste momento estamos com o horário de verão, portanto, vamos das 10h às 13h, abrimos às 14h até às 18h, no resto do ano é continuo das 10h às 18h sem fechar para hora do almoço, exceto às quartas-feiras que isso então nós fechamos para tratamento técnico, quer dizer, se temos três técnicos que durante o resto da semana está concentrados no balcão, o trabalho técnico ficaria muito atrasado, então na quarta-feira de manhã é quando nos conseguimos concentrar nessas questões e abrimos às 13h30. **(15:22)**

Abrimos agora no Estreito ao sábado, agora o Estreito está a abrir só ao sábado, porque o centro cívico como tem atividades ao sábado, a biblioteca quase que por arrasto abriu, mas também para ver se conseguimos captar quase como que um estudo, portanto, estamos a fazer

uma avaliação para ver se conseguimos perceber se faz sentido por exemplo, nós aqui também termos esse horário, porque há sempre aquela componente das famílias, que durante a semana não podem, não é? Então estamos em fase de avaliação.

Não, este ano vamos estar abertos, só fechamos no ano passado, mas este ano vamos estar abertos. Sim, temos um horário de verão de julho, agosto e setembro, portanto, durante esse período, fechamos na hora do almoço, das 13h às 14h. Fazemos das 10h às 13h e depois das 14h às 18h, porque também é uma forma de não haver aquela rotatividade nos balcões que implicava que uns fossem na hora do almoço e para substituir outros, não tínhamos capacidade para isso, porque há pessoas que preferem ainda por cima neste período e então assim vai toda a gente na hora do almoço, almoçar das 13h às 14h e não há questão da substituição, portanto... E não só, porque depois os miúdos vinham para aqui e nós notávamos isso e muitos não iam para casa, ficavam aqui das 10h às 18h, quer dizer, que temos aqui crianças que têm de comer, assim dá para perceber que a biblioteca está fechada e vou ali num instantinho a casa para comer. Portanto, até é uma forma de os educar para isso. (17:30)

19) De que recursos financeiros dispõe a BM? 17:35

- Nos não temos autonomia financeira e nem sei, poderá haver alguma eventualmente alguma biblioteca Municipal que assim o tenha, algum orçamento, mas isto está cada vez que... com alguns colegas que falo não há essa gestão nem essa autonomia, as bibliotecas municipais são muito dependentes do trabalho das câmaras e nos aqui não temos, quando precisamos, apresento a proposta à Dr.^a Dulce (à sr.^a vereadora) e pode ser ou não aceite. (18:03)

20) O que é para si uma BM? Quais são as diferenças em relação a uma BM ou outra?

Nos aqui nas bibliotecas municipais, durante o período letivo notamos uma grande quebra e se há um trabalho que acaba por ser quase conjunto, não vou dizer que é sobreposto e que não estamos a fazer com regularidade que não faz sentido ninguém estar a trabalhar por ninguém, acho que haverá é um trabalho no futuro a pensar ... (eu: o que se faz nas BM e nas BE é cruzar dados) e a Sónia como tem feito lá o curso em Lisboa e não sei se a nível do continente conhece mais pessoas, tem-se notado uma grande rivalidade entre bibliotecas escolares e bibliotecas municipais precisamente porque se acha que para já a nível do continente, aqui não é tanto, porque separam as águas? Por que as bibliotecas escolares estão quase fechadas lá no continente para os professores, isso não faz sentido, uma biblioteca escolar não poder ter um técnico de biblioteca e sim um professor com formação em bibliotecas obviamente e isso lá no continente em relação à separação das BM e BE tem sido assim uma questão um pouco

picante resolver isso. Tem que ser um professor bibliotecário, nos não podemos candidatar a lá no continente aqui é diferente... e lá no continente têm essa coisa... há ali qualquer coisa assim... e perceber de onde é que surgiu essa questão do professor bibliotecário ou do técnico superior. E ainda bem que está a fazer este trabalho de cooperação entre bibliotecas. É preciso começar a trabalhar. No continente fazem muito trabalho de apoio às bibliotecas escolares, portanto, há um apoio técnico que é de louvar. (23:33)

Repete a pergunta: A BM é aquela q tem um caracter muito mais especifico para o publico em geral porque temos q servir uma comunidade. Hoje em dia as bibliotecas já têm um carácter tao abrangente, tao abrangente que acaba por ser centros cívicos. Portanto, e se antes havia aquele carácter muito pesado da leitura, hoje em dia já não é só isso, não é bibliotecas com livros é mais fácil haver bibliotecas com espaços de lazer, espaços de encontro, onde as pessoas podem passar uma tarde em resposta a diferentes.... aqui há vários tipos de bibliotecas, as bibliotecas universitárias são muito mais viradas nos estudantes que dependo da área ou são integradas na área das artes, na área das ciências como a fundação Gulbenkian, fundação para a ciência que são viradas aos estudantes e lá está, é sempre a trabalhar conforme o público que se tem, neste caso se há um público em geral, uma BM também tem que ter um serviço geral, tem que ter um serviço para cada público e para cada candidato que frequenta. (26:15)

21) Para si o que são práticas de animação da BE?

As práticas de animação é precisamente dar este lado de lazer ao espaço de bibliotecas e cultural e não podemos esquecer que muitas vezes a biblioteca pode ter um lugar educativo, se falamos especialmente no caso das crianças, estamos a construir cidadãos. Não é só a escola que tem esse papel, aliás a escola tem um carácter mais formativo de ensinar, embora hoje é uma opinião muito pessoal, as escolas hoje já estão a controlar outras áreas não a sobrepor o trabalho das bibliotecas, mas na minha altura quando estava na primária e não me lembrava de fazer pecinhas de teatro ou atividades sobre o dia do mar, estava lá pra aprender português, matemáticas e ciências e hoje em dia já se faz muita coisa nas escolas e é isso que temos que pensar no futuro, que tarefas é que correspondem a cada pessoa e as bibliotecas é que teriam este papel do lazer, da animação e portanto vamos ver se conseguimos recuperar isso é o papel do bibliotecários e recuperar esse papel da animação da biblioteca. (27:40)

22) O que entende por animação da biblioteca?

É isto que acabei de dizer, nós concentrarmos no lado do livro, a leitura e porque a animação pode ser um meio para muita coisa, não é? E se nos queremos construir cidadãos temos que construir pessoas que tenham capacidade para adquirir conhecimentos e para ensinar aquilo que é bom e se tornarem pessoas mais participativas e ativas. **(28:23)**

23) Como avalia a importância das práticas de animação?

É importante haver essas práticas, perdi-me... na questão da leitura antes as escolas tinham aquele carácter formativo, é quase obrigar os miúdos a ler e nos não estamos para dar, como hei-de dizer, estamos a dar um lado positivo à leitura e a biblioteca pode dar esse prazer da animação, porque se nos mostrarmos aos miúdos que ler, aprender, adquirir com conhecimentos, ser um cidadão participativo, poder ser feito através de formas divertidas animadas é importante nós ... nessa questão para depois termos melhores resultados, e ... temos que estar sempre a avaliar se o publico gosta, quem gosta. **(29:30)**

24) Julga pertinente a existência de um animador sociocultural na vossa BM, porquê?

Gostaria de ter na sua equipa um animador sociocultural? ou vários?

Neste momento vários obviamente, porque há vários públicos. O animador sociocultural tem que também trabalhar para várias áreas e faria sentido como eu disse no principio, dividirmos a equipa por vários público-alvo porque lá está, acho que é importante haver atividades direcionadas para determinadas faixas etárias, pois têm necessidades diferentes. Se eu tiver um animador sociocultural para as atividades das crianças, se eu tivesse um animador SC para os jovens e para idosos era o ideal, fantástico tinhas aqui uma biblioteca com atividade ate mais não. **(30:25)**

25) Se existe uma equipa de animação na BM aplicam respetivas práticas regulares e sistemáticas?

Nos não temos formação em animação o que nos temos, o que eu tenho é algumas bases de animação no curso que tive, não tenho nem pouco ou mais ou menos as bases completas os restantes colegas, fazem-no por gosto portanto, não têm aqueles conhecimentos técnicos, existe uma equipa, claro que é uma equipa de animação, estou a trabalhar para isso, não estou a desvalorizar o trabalho dos colegas mas não é como aquelas práticas que deveriam de ser. **(31:08)**

26) Que tipo de atividades de animação são realizadas com os utilizadores dentro da instituição? Dessas que enumerou, quais pensa serem as mais importantes? Porquê?

Nos temos várias, temos as atividades de animação e educação, temos as palestras e ações de formação, temos as exposições, temos o programa de atividades da escola e neste momento, o conjunto geral de atividades dentro daquele tal projeto da Fundação Gulbenkian que se chama precisamente espaço jovem - espaço de irreverências lugar de leituras radicais, portanto costumo sempre dividir por estas secções. E depois dentro das atividades de animação da educação das palestras e das exposições e por aí adiante dividimos sempre por faixas etárias, se subdividem pelas faixas etárias.

27) Que atividades realizam fora da BM?

Fora não conseguimos fazer muito, nós temos 3 técnicos e temos 3 balcões, temos que pensar às vezes o que acontece, sou eu que vou pelas capelinhas todas, nós no Estreito temos uma atividade e como não há neste momento, neste temos uma estagiária que é mesmo da educação e tem feito algumas coisas com as crianças como não tínhamos, era eu que ia fazer uma atividade com o público sénior que é dar voz a leitura que foi recuperar aquelas peças radiofónicas que faziam antigamente e fazíamos leituras encenadas para rir e as senhoras adoram. É interno, embora eu me vá deslocar ao Estreito ou ao Curral, agora em outras instituições não.

28) Já participaram em algum projeto/atividade de animação organizado por outras instituições?

1. Se sim, qual/quais?

2. Se não, porquê?

Outros projetos, é o baú de leitura que nos temos agora com as bibliotecas escolares e trabalhamos muito com o serviço social da câmara, estamos a preparar em grande o dia dos avós e vamos ter uma tenda grande para representar a biblioteca. Um trabalho conjunto também, eu gostava de trabalhar em conjunto com outras bibliotecas, mas infelizmente ainda se nota que assim, cada uma faz as suas coisas, mas eu entendo se os recursos internos já são complicados quanto mais trabalhos externos, portanto compreendo essa separação. (33:55)

29) Trabalham com públicos de que idades?

Dos 0 aos 80/90 e então com essas atividades com o público sénior temos tido muitos idosos e depois como agora temos a bebeteca agora temos alguns... alguns pais já trazem os bebezinhos, mas ainda está em pezinhos de lã, ainda quero mais.

30) Realizam reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?

Reunimos com a equipa de animação mensalmente.

31) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem participa na elaboração?

Sim fazemos, foi a equipa toda este ano, o ano passado estava mais concentrada em mim.

32) Fazem avaliação das atividades?

Tem que ser, aliás para as escolas ate existe mesmo uma ficha já a semelhança com o que a Sónia fazia e depois as pessoas dão a sua opinião e depois internamente um relatório final do ano e todos os colegas tem que fazer um relatório final e até que faz parte das avaliações de desempenho.

33) A vossa equipa está distribuída por que setores? a quem e que tarefas desempenham?

Trabalham em equipa ou distribuem as tarefas isoladamente? Exemplifique, se faz favor.

Lá está é uma biblioteca um bocado compartimentada, temos os balcões, o espaço das crianças, o espaço dos adultos e o átrio e depois cada pessoa que está nesse balcão acaba por ter uma responsabilidade por esse espaço, essas reuniões acabam por servir para reunir para trabalharmos em equipa e não haver sobre posição de atividades e o que nos fazemos é: naquele mês há uma efeméride, por isso tenho ali sempre a lista das efemérides, qualquer uma atividade, qualquer todas as salas, vão trabalhar em conjunto sobre aquela efeméride e criar uma atividade para o público infantil, sénior ou juvenil.

34) A vossa equipa de animação de biblioteca está afeta ao serviço? Quantos elementos possuem? Usufruem de pessoal estagiário, pessoal do fundo desemprego, destacamentos de outros serviços ou outro programa a nível temporário? Quantos elementos e que duração de tempo tem o seu serviço?

Sim, sim. Neste momento temos 2 estagiários do fundo desemprego em ciências da cultura e outra em ciências da educação

35) Existem animadores especializados na BM?

Não.

36) Julga pertinente a mudança de profissionais ou equipas de trabalho? Ou acha que o trabalho fixo/contínuo é mais rentável e produtivo a longo prazo?

Claro que isto dos estagiários é muito bom porque nos temos um apoio só que depois também é muito complicado, porque no início temos uma fase de adaptação, nessa fase de adaptação há também um período que nos temos que dar de nós para explicar, outras entram mais cedo que outros e depois também a adaptação da própria pessoa, portanto, nossa da equipa já cá está como da outra que vem é esse membro novo nem sempre corre bem, há uns que corre bem outros não corre. Envolve com a dinâmica da equipa porque estamos a trabalhar muito bem e depois entra alguém que cria um certo atrito, não é bom. Vai complicar o funcionamento e todo o processo, esta questão dos estágios é muito bonito porque dá realmente uma bengalazinha, mas não há uma continuidade. (38:20)

37) Qual é o espaço mais frequentado pelos vossos utilizadores? Qual é a atividade de animação mais solicitada?

O espaço neste momento é o espaço dos adultos, as atividades neste momento mais solicitadas, temos agora a parte das consolas, vai ser muito solicitado, então nos temos um dossier, porque para eles participarem na consola têm que fazer a leitura de um livro pra depois fazer um resume, portanto temos um dossier cheios de resumes, portanto é bom sinal. E depois as escolas também têm procurado bastante, as escolas também gostam, também gostam de participar.

38) As vossas atividades de animação precisam de ser anunciadas às instituições participantes ou elas por si próprias procuram inscrever-se na vossa programação anual? Por e-mail, via telefone ou através de ficha de inscrição em suporte de papel, na própria BM?

Nos fazemos sempre publicação mensalmente através de um panfleto, no site da câmara também é divulgado o programa de atividades e por e-mail às vezes um pouco mais regular, porque quem faz o marketing sou eu, depende da carga de trabalho pelo menos semanalmente, tento sempre fazer uma divulgação por e-mail do que está a acontecer nessa semana na biblioteca. Portanto estamos a notar que agora as pessoas que nos procuram e que no principio nos tínhamos que ir atras das escolas e perguntar, olhe vamos ter esta atividade venha, nós agora logo que lançamos um e-mail ou divulgamos eles próprios ligam e dizem

estamos interessados em ir. Portanto não somos nós que ligamos, mas sim, elas é que nos telefonam.

39) Que tipo de biblioteca considera ser a BM de Câmara de Lobos?

E gostava e espero que as pessoas tenham essa visão que nós estamos a dar o nosso melhor e o nosso máximo e que a vejam como uma biblioteca dinâmica e bastante divertida com um espaço aberto... porque é isso que queremos transmitir com o que fazemos com o número de atividades que temos por mês, que a Sónia vai ver pelos nossos planos de atividades que há quase que não há mês que não tenhamos eventos, há sempre qualquer coisa de dinâmico a acontecer. Esperamos que as pessoas tenham essa visão. E o feedback das outras bibliotecas tem sido ... no outro dia tivemos aqui as colegas da biblioteca do Funchal e ficaram espantadíssimas com o que nós fazemos só com estes membros da equipa porque eles são muito mais. E acham que em termos de animação não se comparam connosco e que não tem tantas atividades, eles também têm um acervo documental muito maior e talvez se ocupam mais na parte da biblioteconomia do que na parte da animação que também são coisas que complementam a biblioteca atualmente. (41:15)

40) Trabalham com outras escolas ou outras entidades não escolares (locais, regionais, nacionais)? Se sim, Qual/quais? Elas procuram os vossos serviços de animação por si sós?

Pra além das escolas temos os centros de dia e principalmente agora nas épocas de verão e tivemos aqui na Páscoa uma equipa, agora não sei, não me lembro do nome, de meninos que durante as férias escolares e em período não escolar vieram aqui à biblioteca e depois veio há bem pouco tempo o ginásio de São Martinho, portanto há outras instituições de fora que têm procurado bastante. Procuram os serviços por si só? Exatamente.

41) Que atividades realizam fora da BM? Que práticas de animação utilizam? Acha que são importantes para o funcionamento de uma biblioteca da atualidade?

Fora da biblioteca não temos capacidade, não temos, não dá.

42) Qual o horário das atividades de animação fixo. E as pontuais/temporárias? Quais têm melhores resultados finais?

Isso varia muito, quando é o programa de atividades para as escolas é consoante as necessidades das escolas, as escolas dizem-nos o dia que pretendem e nós depois fazemos uma preparação que tem que ser antecipada por causa da questão do transporte, obviamente, pois fazemos sempre a repetição do transporte mensal, agora de mês a mês envio ao Sr. Ilídio com uma lista dos dias que preciso e ele diz me, tá disponível, é assim, logo se está disponível. Tentamos sempre fazer às quartas-feiras, mas às quartas-feiras de manhã não podem como estamos fechados, era uma boa oportunidade para nos fazermos internamente atividades, mas tem sido normalmente em outros dias no período de manhã. As que nós temos aqui na biblioteca é no período da tarde é quando somos mais solicitados pelo público, depois têm horários muito variados, isso depende de cada atividade.

43) Que atividades de animação bibliotecária têm no vosso plano anual de animação de 2012? Quem participa na elaboração do plano anual de atividades?

Mas isso é muito... temos muita coisa, não consigo. Por ex. consoante as efemérides, posso dizer: as efemérides. Temos várias, as fixas, temos o bibliotecário por um dia, agora temos uma nova atividade, alias acho que já estava na altura da Sónia, a sacola, 7 dias 7 histórias, agora temos a consola que vêm jogar X box que é todos os dias, temos o ler mais no verão que agora alargamos o período de empréstimo, e depois as atividades temporárias que é a nível de palestras, exposições que vão variando, tivemos por causa da elevação do fado a património da humanidade, tivemos essa sessão de fados, a semana da arte e da cultura, e temos que ter uma programação muito mais específica e muito mais geral e dinamizada, temos que programar essa semana, agora também estamos no projeto da Gulbenkian, no ano passado fizemos e talvez este ano fazemos a semana da juventude, portanto ter um espaço mais dedicado aos jovens, sei lá... não me lembro de mais.

44) Qual o número de participantes, consoante a atividade? Qual a média? (Mais ou menos).

Nós por média temos 30 a 49 pessoas que participam.

45) As vossas atividades de animação são dirigidas à comunidade envolvente, o Concelho de Câmara de Lobos?

Ou para fora deste também? Se é dirigido para o exterior, para quem? A procura é relevante?

Não, nós prioritariamente trabalhamos a comunidade de Câmara de Lobos, as pessoas que nos procuram externamente como este ginásio de São Martinho, até a escola da Ribeira Brava, vêm porque acabam por ser também atividades para o público em geral, mas é principalmente para aqui para o concelho. (46:34)

46) Quem realiza reuniões e respetivas atas, com quem? Com que frequência?

Atas, notas pessoais.

47) Fazem planos anuais das atividades de animação? Quem os faz? Quem os avalia e como? Planifica atividades com a sua equipa de trabalho? De quem é a última palavra?

Sim, eu é que faço o relatório final e este ano com o contributo dos colegas. E depois é entregue à vereação. (47:07)

48) A vossa BM possui uma ficha de sugestões/melhoramento para que os utilizadores possam dar a sua opinião sobre as atividades de animação desenvolvidas durante o ano em curso? Ou existem outras estratégias? Quais são as sugestões mais frequentes?

Temos mesmo uma ficha de sugestão e que muitas vezes é dada a conhecer à vereação, por exemplo: quando alguma coisa pretendemos melhorar, mas internamente não nos compete a nós e então temos que enviar mesmo à vereação para autorização superior. (47:36)

49) Elaboram o relatório anual das atividades desenvolvidas? Quem o faz? Quem participa na elaboração do relatório? Tem sugestões do exterior?

Não só da animação, do serviço em geral, portanto é um relatório mais abrangente. Mas o relatório sou eu que faço. Quando as escolas vêm cá, podem deixar uma ou outra sugestão não é muito comum quando ficam satisfeitos, aconteceu uma vez aqui no jardim quando fizemos uma atividade e sugeriram um jogo adicional. (48:34)

50) No passado ano, concretizaram as atividades propostas no plano de atividades? O resultado/balanço foi positivo e alcançaram os objetivos propostos inicialmente? E este ano?

O ano passado foi mais positivo porque acabamos por fazer mais atividades que até não estavam no plano, portanto... **(48:56)**

51) Poderia indicar as três principais dificuldades/obstáculos à concretização dos planos de atividades.

As vezes é mesmo uma questão de gestão de recursos humanos e questão financeira, porque às vezes temos uma atividade programada e nesse período tenho alguém que pode faltar, uma baixa ou período de férias ou assim e fica tudo em águas de bacalhau. **(49:20)**

52) Julga pertinente o trabalho que desenvolvi no projeto “Histórias de Passagem”, aquando da minha licenciatura, em 2005?

Não estava cá na altura...

53) E entre 2005 e 2010, como diretora da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos considera que o meu trabalho foi pertinente, diferente e inovador? Porquê?

Claro que foi porque era muito mais específico e porque era uma pessoa que podia dar uma vivacidade e uma animação muito maior porque tinha as bases para o fazer. E depois criava-se as condições para tal, porque se era uma pessoa que estava a fazer só animação, tem muito mais capacidade para dar o seu máximo, agora nós aqui a fazer catalogação indexação a fazer a gestão de todo o funcionamento qualquer coisa fica para trás, obviamente. **(51:07)**

54) Lembra-se de algumas atividades realizadas nesses anos/projetos? Quais?

Portanto, começamos logo com aquele projeto de verão que foi fantástico, criamos aqueles folhetos para divulgação, o clube os lobinhos que ainda continuamos, começou aí, as histórias, já não me lembro o nome, fazíamos uns ateliers de escrita com os meninos, portanto esse foi logo o grande começo, a biblioteca também abriu em maio, junho ainda foi uma altura de organização pois na época de verão foi o grande arranque e tivemos mesmo muitos meninos. Infelizmente em janeiro foi embora, mas sempre até ao final a trabalhar com as escolas. E em setembro começava o ano letivo, e lá esta era a Sónia que falava com o Sr. Ilídio e que conseguia transporte semanalmente para fazermos atividades com as escolas o que era fantástico. **(52:20)**

55) Pensa que o leque de atividades desenvolvido para todas as escolas básicas e secundárias e outras instituições do Município foi uma mais-valia para o Município em geral e para as bibliotecas? Enuncie alguma ou algumas atividades ou projeto que se recorde.

Sim a Sónia tinha mesmo um programa e as pessoas podiam escolher, havia um envio por fax para a listagem que tinha das escolas. Até me lembro de recebermos aqui inúmeros faxes e que depois para gerirmos aqui tudo em atas foi um bocado complicado. E depois cada escola tinha a autonomia de escolher a atividade que queria, portanto não era só visitas guiadas havia uma serie e outras. Estatisticamente é muito bom, era uma forma de trazer mais públicos à biblioteca e dá-la a conhecê-la. (53:25)

56) As atividades desenvolvidas serviram de exemplo, de como é importante o papel da animação e dos profissionais de animação dentro de uma biblioteca moderna e atualizada?

Sim claro, nem tem resposta é claro.

57) Que atividades têm tido seguimento?

(Já respondeu) atividades para as escolas acabaram por continuar naqueles moldes que a Sónia tinha, entretanto surgiram outros mas prontos acaba por ser também geral. (53:56)

58) Trabalham com outras bibliotecas ou outras entidades locais? Em que consiste a cooperação? Se sim, Qual/quais? Se não, porquê? Se não, gostariam de o fazer?

Com bibliotecas municipais como já disse não e gostaria de o fazer, com as bibliotecas escolares de aqui do município é com o baú de leitura e não é propriamente uma parceria, é com os centros de dia, eles é que vêm cá a biblioteca. (54:26)

59) Considera pertinente o trabalho de cooperação entre BE e BM E BP?

Claro que sim, lá esta é aquele trabalho que nós falamos antes, tem que haver uma colaboração para que não haja sobreposição de tarefas, porque senão acabamos por todos a fazer o mesmo e parece que estamos aqui a puxar públicos de um lado para outro e não e não tem que haver um trabalho de cooperação. (54:50)

60) Que tipo de cooperação existe entre as BE e a BM de Câmara de Lobos?

É um baú mesmo...

61) Há algum tipo de cooperação com outras bibliotecas (Regional, Nacional, etc.)

Não.

62) Quais são as principais dificuldades da cooperação entre bibliotecas?

É aquela questão das pessoas, nós não temos internamente forma de trabalhar com as entidades de fora e trabalhar em cooperação envolve isso não é? Recursos humanos... isso neste momento não dá. (55:28)

63) Se pensa que deveria haver mais cooperação entre bibliotecas e outras instituições locais, o que se poderia fazer para promover essa cooperação?

Haver dinheiro.

64) Com que instituições faria mais sentido cooperar?

Era com as bibliotecas municipais, podíamos fazer tantas coisas engraçadas, os técnicos de animação podiam partilhar as atividades que fazem, por exemplo: as bibliotecas virem cá mostrar o que fazem e nós irmos lá mostrar também. Podia haver tanta coisa...

65) Gostaria de lhe pedir ainda alguns comentários ou sugestões relativamente a esta investigação, ou em relação às funções que os bibliotecários representa nos dias de hoje e o que espera no futuro como profissional

A esse nível não tenho muitos conhecimentos, porque bibliotecas escolares lá está é o tal ambiente formativo o da escola, é um bocadinho... os bibliotecários hoje em dia têm que fazer tudo, antes a biblioteca tinha uma tarefa, como hei-de dizer, muito mais concentrada no papel dos livros, muito mais séria, não mais séria, é séria é uma profissão séria mas ser um bocadinho mais chata entre aspas, naturalmente não é uma atividade muito dinâmica e as pessoas não compreendem isso. Se a biblioteca não for dinâmica as pessoas nem querem cá aparecer quando se diz que uma pessoa é bibliotecária ihhhh... mas que seca de profissão, nem sabem o que é que a gente faz, o que é que andamos aqui a correr a mil, fazemos muito.

Apêndice XX entrevistas – tabela de descrição comparativa

A tabela, que se apresenta abaixo, confere os dados sumariamente das entrevistas realizadas às técnicas de biblioteca dos locais do Município de Câmara de Lobos. Pretende-se apresentar a informação de forma comparativa, entre as quatro bibliotecas. Convém referir que a transcrição da coluna referente à BM está desigual do das colunas das BE, em algumas situações. Isto deve-se ao facto de algumas perguntas serem diferentes entre os dois tipos de instituições bibliotecárias (BM e BE), por serem espaços diferentes na sua essência geral.

A escolha dos cinco blocos e respetivas perguntas implementadas teve em conta o conhecimento que a mestrande já tinha destas bibliotecas, do tempo em que trabalhou, como animadora nestas instituições (entre 2005 a 2010). A seleção das perguntas teve assim em conta, de uma forma geral, as características dos espaços e dos públicos, características, de práticas de animação utilizadas, a cooperação entre bibliotecas ou outros espaços e entidades locais de opiniões e sugestões gerais sobre a área em estudo, parecer acerca da animação, dos animadores e dos profissionais de biblioteca no futuro.

Descrição Comparativa

	EB 1.º Ciclo Estreito	EB 1.º Ciclo Vargem	EB 1.º Ciclo Marinheira	BMCL
I. Caracterização da entrevistada	Maria Isabel Medeiros de Barros - Formação profissional - Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Portugueses.	Dina Figueira - Formação profissional - Licenciatura em Línguas e Literaturas anglo-Germanísticas, via científica.	Mariela Brito - Formação profissional - Licenciatura em Literaturas Românicas variante Estudos Portugueses e Franceses.	Alexandra Marques - Formação profissional - Licenciada em Literaturas Modernas, na variante Inglês/Francês.
	- Especialização de 1 ano em Animação Sociocultural de Bibliotecas Escolares.	- Especialização de 1 ano em Animação Sociocultural de Bibliotecas Escolares.	- Especialização de 1 ano em Animação de Bibliotecas.	- Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciências Documentais.
	- Cargo: Técnica Superior.	- Cargo: Técnica superior, Técnica de Biblioteca.	- Cargo: Técnica de biblioteca.	- Cargo: Coordenadora/coordenação da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos.
	- Duração/local - 9 anos - Estreito	- Duração/local - 9 anos - Vargem.	- Duração/local - 9 anos - 7 anos na escola do Jardim da Serra e 2 anos na Marinheira.	- Duração/local - Estágio em Bibliotecas: Telheiras, Biblioteca Pública Regional e em Câmara de Lobos.
II. Caracterização da Biblioteca Escolar (BE) / (BM)	- O papel da biblioteca e do animador sociocultural de biblioteca é <u>bastante importante</u> , porque a biblioteca vai ao encontro da escola e a escola também	- O principal objetivo é que os alunos <u>gostem da leitura</u> , comecem a gostar de ler.	- Tratar do acervo da biblioteca. O papel mais importante que é <u>dinamizar a biblioteca</u> , portanto, <u>motivar os alunos para a leitura</u> . A especialização	- Uma biblioteca implica uma <u>organização do conhecimento</u> . Todas as bibliotecas trabalham com uma classificação decimal universal (CDU). Os profissionais têm

	vai ao encontro da biblioteca. Os técnicos de biblioteca maioritariamente são formados em Línguas e Literaturas, os professores que estão nas escolas do 1.º Ciclo têm a sua formação mesmo em 1.º Ciclo.		em animação sociocultural de biblioteca.	que sair preparados para a parte de gestão, marketing, animação, organização do conhecimento, é uma área mais abrangente, daí a necessidade da formação que nós aprendemos no curso, está incluído no que nós temos que aplicar no dia a dia.
	- É <u>muito</u> <u>pertinente</u> a <u>existência de um animador sociocultural</u> na biblioteca. <u>Não é necessário mais um animador</u> , eu sou suficiente.	- É <u>muito</u> <u>importante</u> a <u>existência de um animador sociocultural</u> na biblioteca. <u>Não é necessário mais um animador</u> , eu sou suficiente.	- <u>Muito</u> <u>importante</u> a <u>existência de um animador sociocultural</u> . <u>Não se justifica mais</u> um porque só temos seis turmas do 1.º Ciclo.	- Um animador sociocultural nas BM é muito importante e pertinente , uma vez que a formação em animação é fundamental para o desenvolvimento de atividades dentro destas instituições. Neste momento não existe qualquer animador sociocultural .
	- A BE <u>não faz parte</u> da Rede das Bibliotecas Escolares .	- A BE <u>não faz parte</u> da Rede das Bibliotecas Escolares não sei desde quando, não faço ideia.	- A BE <u>não faz parte</u> da Rede das Bibliotecas Escolares .	- BM <u>faz parte</u> da Rede de Bibliotecas Públicas , desde 2009.
	- Quem mais frequenta a BE são os <u>alunos</u> que vêm pedir obras e conselhos, os <u>pais</u> , os <u>funcionários</u> e os <u>professores</u> .	- Quem mais frequenta a BE são os <u>alunos</u> , <u>encarregados de educação</u> , <u>professores</u> e <u>funcionários</u> .	- Quem mais frequenta a BE são os <u>alunos</u> , os <u>professores</u> e os <u>pais</u> .	- O público mais assíduo da BM <u>no princípio eram as crianças dos 0 aos 13</u> , quando a Sónia estava cá, com as BE, <u>agora são mais os adultos, público juvenil e estudantes</u> .
	- Os alunos que frequentam a BE são cerca de <u>95%</u> os outros <u>5%</u> são aqueles alunos que recorrem à escola pela curricular e não usufruem porque não	- Os alunos que frequentam a BE são todos os <u>alunos do 1.º Ciclo</u> . A <u>pré não</u> , a pré provavelmente vai começar a frequentar, fazemos <u>animação de</u>	- Os alunos que frequentam a BE são os <u>alunos do 1.º Ciclo</u> , a pré não.	- O tipo de leitores que frequentam a BM é o público a partir dos <u>16/17 anos até aos 21/22</u> anos, através do projeto da Fundação Calouste Gulbenkian.

	querem as atividades de enriquecimento, onde consta a biblioteca.	<u>biblioteca, clube de leitura, pintura de desenhos, cartazes.</u>		
	- Quem integra a equipa da BE sou <u>eu</u> .	- Quem integra a equipa da BE sou <u>eu</u> .	- Quem integra a equipa da BE sou só <u>eu</u> .	- Quem integra a equipa da BM sou <u>eu</u> na coordenação, <u>três técnicos</u> profissionais BAD e dois <u>estagiários</u> de ciências da educação e ciências da cultura, durante 12 meses. Não são animadores.
	Planificações - Cada professor tem o seu plano anual , há um diálogo de comunicação sobre temas a desenvolver na curricular com parceria das atividades. <u>Eu é que planifico, mas em coordenação.</u>	- Planificamos com os professores da curricular: cada um dá a sua opinião, pedem-me ajuda e assim trabalhamos em <u>parceria</u> , mas <u>meu trabalho é independente</u> . Faço parte do conselho escolar.	- Quem planifica sou <u>eu</u> , anualmente, mensalmente organizo projetos.	- Sim planificamos , temos Reunião pelo menos de <u>três em três meses</u> e, depois, <u>mensalmente</u> , temos uma reunião de avaliação para preparar o trimestre.
	Atividades 1.º Ciclo - As atividades são relacionadas com o <u>livro</u> e com a <u>leitura</u> . O 1.º e 2.º ano com atividades mais simples e o grupo do 3.º e 4.º ano com atividades mais complexas.	Atividades 1.º Ciclo - Gosto muito de trabalhar com os <u>mais velhos</u> , porque já sabem ler, já sabem escrever. Com o <u>1.º ano</u> , faço é a hora do conto, pintar, colagens, ver filmes na televisão.	Atividades 1.º Ciclo - Com os <u>pequeninos</u> é mais a base de jogos, da hora do conto, não dominam tanto as competências de leitura e de escrita. Os <u>maiores</u> já fazem trabalhos de pesquisa, de investigação, fazem mais dramatizações.	
	Atividades - <u>Gostam muito de jogos de leitura</u> . Os professores da curricular ficam mais <u>na sala</u> .	Atividades - <u>Gostam de todas as atividades</u> .	- As atividades de que os alunos mais <u>gostam</u> são <u>hora do conto</u> , <u>dramatizações</u> , <u>vídeos</u> , <u>ler</u> .	- Nas atividades , dividimos um bocadinho as tarefas, que no princípio nós tínhamos. <u>A Sónia</u> estava mais concentrada na área mais específica,

				porque <u>tinha formação em animação</u>, que era fantástico. A <u>Márcia</u> para as <u>crianças</u> e para as escolas, eu faço atividades para as <u>escolas</u> do 2.º Ciclo, o <u>Hélder</u> está a trabalhar com os <u>jovens</u> e a Dona <u>Edite</u> para os <u>idosos</u>.
	- Existem muitos <u>contos tradicionais</u>, livros de alguns escritores mais atuais, de escritores madeirenses, portugueses <u>e não só</u>.	- <u>Os livros estão classificados</u>, temos enciclopédias, livros sobre a <u>natureza</u>, <u>artes</u>, <u>história de Portugal</u>, <u>literatura portuguesa e manuais escolares</u>.	- <u>Todas as áreas do saber</u>, em maior número <u>Enciclopédias</u> e os <u>livros</u> de literatura, nomeadamente <u>literatura infantil</u> exceto, a filosofia.	- Temos livros de todas as classes, de todas as áreas. <u>Romances</u>, <u>ficção</u>, <u>literaturas</u>. A nossa prioridade são livros infantis. Temos tudo bem organizado, por assunto.
	- Podem levar para casa livros, também <u>trazem</u> livros de casa. Uma colega de uma <u>outra escola</u> também pode pedir um livro à biblioteca.	- Podem levar livros para casa e não trazem de casa. <u>Não</u> trocam livros com outras escolas. Podem <u>levar para casa</u>, e não <u>trazem de casa</u> isso fazem na sala da curricular. Existem CD áudio e DVD na biblioteca que podem ser requisitados pelos professores para apoio nas aulas. Além destes materiais existem outros materiais não livro como por exemplo, cartazes e jogos didático pedagógico.	- Os alunos <u>podem levar para casa livros</u>. Alguns <u>oferecem livros à escola</u>. <u>Trocam livros</u> só no projeto do baú da leitura, <u>de escola para escola</u>.	- Empréstimo de livros a outras instituições – não, só aconteceu com a Sónia na altura da outra biblioteca na Casa da Cultura. Podem passar nas outras bibliotecas que até são de fácil acesso.
	- Parcerias com a <u>BM</u>, <u>polo do ECL</u>, <u>Centro de Dia</u>, outras <u>escolas</u>, projeto com a Sónia -	- Temos parceria com a <u>BM</u>, com <u>escolas</u> do município e de fora deste. Já <u>tivemos parcerias</u>	- <u>Fazemos intercâmbios com outras bibliotecas</u>.	- Parcerias com <u>bibliotecas escolares</u> num projeto de leitura, parcerias com a editora <u>Nova Delfi</u>,

	<u>Histórias de Passagem</u> -, e projetos que vêm de fora e nós também lançamos projetos para fora.	com a BM, mas este ano não. Já trabalhamos em conjunto, como por exemplo a biblioteca emprestava livros para trabalhar na escola, depois elaborávamos trabalhos para expor na biblioteca municipal, na altura da Sónia. Já tivemos parcerias com a BM, mas este ano não. Já trabalhamos em conjunto, como por exemplo a biblioteca emprestava livros para trabalhar na escola, depois elaborávamos trabalhos para expor na BM.		através de palestras, com a <u>FNAC</u> que deu a consola, o bolo foi oferecido pela <u>Penha d'Águia</u> no aniversário da biblioteca.
	- A BE tem o horário que eu tenho 35 horas, <u>25 horas</u> por semana a BE está aberta.	- O horário é uma 1h30 de animação de biblioteca e 1h30 de clube de leitura para cada turma, a partir do 3.º ano e 4.º ano. São <u>35 horas</u>, mas são 25 presenciais e essas 10 outras horas é tempo para preparar materiais.	É um horário misto, de manhã de tarde, consoante as turmas.	- Neste momento estamos com o horário de verão, das <u>10h às 13h</u> e das <u>14h às 18h</u>, no resto do ano é contínuo, das 10h às 18h, exceto às <u>quartas-feiras</u> de manhã, fechamos para tratamento técnico e abrimos às <u>13h30</u>. Abrimos agora no Estreito ao <u>sábado</u>. Horário das atividades fixas - é consoante as necessidades das escolas, como têm horários muito variados isso depende de cada atividade.
	CDU	CDU	CDU	CDU
	- As áreas e subáreas:	- As áreas e subáreas:	- As áreas e subáreas vão do	Tipo de livros/catalogados

	Literatura infanto-juvenil, geografia, história. Como disse, estão mais ou menos arrumados, mas não estão catalogados.	8Leitura/Escrita; 3Viver em conjunto/Ciências Sociais; 7Criar/ Divertir/ Jogar; 9Povos/ Países/ Costumes; 0Dicionários/Enciclopédias e 5Observar a Natureza.	<u>zero ao nove,</u> menos a filosofia.	e classificados - é uma biblioteca generalista, temos livros de todas as classes, de todas as áreas, incidimos um bocadinho mais nas literaturas, então uma biblioteca que está a trabalhar para um público de carácter geral, as pessoas gostam de ler, gostam de ler romances, ficção, portanto, literaturas é a nossa prioridade e livros infantis, tentamos sempre nas compras e nas ofertas que nos dão, darmos prioridade à catalogação das literaturas infantis e de adultos.
	- <u>Não</u> existem recursos financeiros .	- <u>Não</u> há recursos financeiros , consigo dinheiro através da feira do livro.	- Existem <u>muito poucos recursos financeiros</u> , algumas <u>instituições</u> oferecem algum livro, através da <u>feira do livro</u> consegue-se algum dinheiro	- Recursos financeiros , somos dependentes das câmaras. Não temos autonomia financeira. Espaços - o espaço infantil, o espaço dos adultos, o átrio, a esplanada, a sala de estudo e as áreas de trabalho. Espaços mais utilizados – Neste momento é o espaço dos adultos, por causa das consolas.
III. Caracterização das Práticas de Animação da BE	- <u>A BE é o centro da escola, é uma família, tem</u> animadores socioculturais que desenvolvem atividades para o público infantil	- <u>Uma BE</u> é um espaço onde estão os livros, os materiais didáticos, para ler, para acabar um trabalho. É o <u>espaço cultural da nossa escola</u> , onde	- <u>Uma BE</u> é um espaço onde os alunos podem consultar livros, ler, estudar. <u>É um culto, o culto da leitura</u> . Não é curricular, mais	- <u>A BM tem um carácter muito mais específico para o público em geral, servimos a comunidade</u> . Têm um carácter tão abrangente que

	com diferentes técnicas e metodologias, incentivam o gosto e prazer pela leitura A diferença entre a BP e a BE é que a BP é mais generalista, de passagem. Os nossos alunos são mais assíduos.	tudo acontece. É tudo a nível escolar. Numa BM, vai muita gente diferente e, na escola, vão mais os alunos. É um público familiar, têm mais confiança, é mais informal.	lúdica, mais livre, as diferenças entre uma BE e BP é que a BE é um espaço mais acolhedor, mais informal.	acabam por ser centros cívicos. Não é bibliotecas com livros, é mais fácil haver bibliotecas com espaços de lazer espaços de encontro. Há vários tipos de bibliotecas, as bibliotecas universitárias são muito mais viradas nos estudantes que dependo da área ou são integradas na área das artes na área das ciências como a fundação Gulbenkian fundação para a ciência que são viradas aos estudantes e lá está, é sempre a trabalhar conforme o público que se tem neste caso se há um público em geral uma BM também tem que ter um serviço geral tem q ter um serviço para cada público e para cada candidato q frequenta.
	As práticas de animação da biblioteca escolar <u>é tudo o que nós fazemos para promover o gosto e o prazer da leitura.</u>	As práticas de animação... É difícil (risos) <u>é fazer tudo o que eu faço.</u> É fazer teatrinhos, dramatiza de vários contos, é fazer cartazes e expor lá fora, é ler, é cantar porque também muitas vezes cantamos, uma canção que tenha a ver com determinado tema, nós fazemos joguinhos, sei lá, é tanta coisa...	As práticas de animação são <u>estratégias, atividades</u> realizadas para motivar os alunos de uma forma mais lúdica, mais criativa. Para motivá-los à leitura.	As práticas de animação são precisamente dar este <u>lado de lazer</u> ao espaço de bibliotecas e cultural a biblioteca pode ter um lugar educativo vamos ver se conseguimos recuperar isso é o papel do bibliotecários e recuperar esse papel da animação da biblioteca.
	Animação da	Animação da	Animação da	Animação da

	<u>biblioteca é tudo aquilo que eu faço tendo como ponto de partida o livro</u> e desenvolva atividades para que os alunos percebam, queiram, procurem ou sejam estimulados.	<u>biblioteca é fazer as práticas de animação</u> , é tentar com que os alunos gostem de ler utilizando formas lúdicas que os levem a onde eu quero, a prática da leitura.	<u>biblioteca é torna a biblioteca um espaço mais dinâmico</u> , portanto é... (risos)	<u>biblioteca é</u> construir pessoas que tenham capacidade para adquirir conhecimentos e para ensinar aquilo que é bom e se tornarem pessoas mais participativas e ativas.
	As práticas de animação são <u>muito importantes</u> . Para além de promover diferentes atividades, também promovem quase tudo o que se passa dentro da escola, na área da matemática, da área da cidadania, da área dos valores. A biblioteca é um centro e tudo o que é centro é fulcral.	<u>Importância das práticas de animação</u> , são <u>muito importantes</u> numa escola, pelo prazer de ler é esse o objetivo.	<u>Importância das práticas de animação</u> , <u>muito importante</u> mesmo.	<u>Importância das práticas de animação</u> – permite aprender, adquirir com conhecimentos, ter um cidadão participativo pode ser feito através de formas divertidas animadas.
	<u>Atividades fora da BE</u> - Desenvolvemos projetos que são propostos por exemplo pelas camaras municipais e por outras instituições.	<u>Atividades fora da BE</u> - Dentro do espaço escolar, participam quando há teatrinho, feira do livro, alguma poesia que vão declamar, muitas vezes somos convidados por outra escola que vai realizar a feira do livro. Para aproveitar o Nata, troca de experiências com os idosos. Há dois anos fizemos um projeto conchelho em CL que era nós íamos contar historias, de escola em escola.	<u>Atividades fora da BE</u> - No ano passado, editámos um livro, já chegámos a fazer em parceria coma BM de CL também fazemos um projeto geral. Fizemos um sarau de histórias, fomos às escolas para ver o melhor contador de história.	<u>Pertinência de um animador na BM</u> - Se eu tiver um animador sociocultural para as atividades das crianças, um animador para os jovens e para idosos era o ideal, fantástico. Tinha aqui uma biblioteca com atividade ate mais não.

		Criação de um livro que chama: <i>Meninos de hoje histórias para sempre</i>, nós editámos, não foi só a nossa escola foi de todos, do concelho, fizeram a história e ilustração das próprias histórias E passava de escola em escola e uma escola fez a ilustração juntamos tudo e fizemos um livro. Eles adoraram, a minha escola, foi a escolhida para fazer a ilustração. Foi também a nossa escola que ganhou também o concurso do logotipo do projeto da Sónia na CMCL.		
	Atividades de animação - Feira do livro, efemérides. O objetivo é o contacto da criança com o livro, promover o livro e a leitura, o encontro com escritor da feira do livro, trazer um avó à escola para contar uma história, o outono, o Pão por Deus.	Atividades de animação - Dramatizações, leitura, teatrinho de fantoches, ilustrações, visualização de filmes, desenhos, hora do conto, audição de histórias em CD, livros digitais, trabalho de pesquisa. Infelizmente não temos computador São todas diversificadas, tenho que diversificar. Acho que todas têm o seu papel.	Atividades de animação Hora do conto, concursos de leitura, criação de textos de histórias, a feira do livro. Para eles, é muito importante.	Equipa de animação - não temos formação em animação, os restantes colegas fazem-no por gosto, não têm aqueles conhecimentos técnicos. Existe uma equipa, claro que é uma equipa de animação, estou a trabalhar para isso, não estou a desvalorizar o trabalho dos colegas mas não é como aquelas práticas que deveriam de ser.
	Participação em projetos de animação - Sim, já participámos em vários, estou a me lembrar por	Participação em projetos de animação - Sim, a BM mais... outras escolas, o grupo de todos os superiores,	Participação em projetos de animação - Sim, mas...algumas. As da câmara por exemplo, mas na	Atividades de animação/práticas - A Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos possui tipologias de

	exemplo num projeto que foi desenvolvido, em 2005, com a Sónia que foi o projeto <i>Histórias de Passagem</i> que foi um projeto bastante interessante onde os alunos ouviam histórias e também num sábado de cada mês íamos ao centro de dia local (biblioteca) e tínhamos a vinda de uma escritor e o encontro das crianças, neste caso do leitor, e do escritor e ainda vinham os pais. Era um encontro muito interessante para eles porque muitas vezes conhecemos o escritor de nome mas conhecer a cara dele, ver a postura dele, conversar com ele e partilhar algumas experiências com ele, convidá-lo. Também tivemos essa experiência na câmara Municipal de Câmara de Lobos. Foi um projeto bastante interessante.	reunimos todas as semanas, quinze em quinze dias... continuamos todos a reunir na BM como quando a Sónia arranhou. Sim, todos os anos o grupo dos técnicos superiores desenvolve um projeto em conjunto. No ano passado editamos um livro que foi escrito e ilustrado pelos alunos. Foi um projeto elaborado ao longo do ano. Cada concelho escolheu uma ou duas lendas do seu concelho. Estas lendas foram trabalhadas com os alunos e posteriormente os alunos criaram uma história baseada na lenda estudada. Todas as histórias foram escritas a várias mãos, ou seja, foram passando de escola em escola. No final os alunos fizeram as ilustrações e o livro foi editado. O nome do livro é, <i>Meninos de hoje...histórias para sempre</i>.	sua altura participámos em algumas atividades. Fomos consigo ver cinema, algumas peças. Vai aparecendo sempre algo, desde que haja transporte. Agora é um bocadinho diferente, de quando a Sónia, já não temos transporte todo o ano.	atividades diversas, para diferentes públicos-alvo. Para as crianças, recorremos às Horas do Conto, Oficinas, atividades com novas tecnologias (iPad), jogos educativos...; para os mais jovens, possuímos o projeto “Espaço jovem, espaço de irreverência: lugar de leituras radicais” com uma série de valências apelativas a esta faixa etária – BD, novas tecnologias, ações de sensibilização, peddy-papers, formações de utilizadores...; para o público sénior, temos tido uma aposta muito forte através das exposições, ações de sensibilização, partilha de conhecimento (“Nunca é tarde para aprender”), gastronomia (“Saberes e sabores”)... Em acréscimo, destaco o Programa de Promoção da Leitura e do Conhecimento para Escolas e outras Instituições “Leituras e aventuras”. São estas atividades que dão visibilidade à Biblioteca e revelam a importância que espaços culturais como este têm na
--	--	---	--	--

				promoção da leitura, da educação e, em última instância, da cidadania.
	Bibliotecas na sala de aula – fazem uma biblioteca de sala e podem trazer um livro de casa o professor também é um animador mas não tem o papel que do animador que estamos aqui a conversar cada aluno é desafiado a trazer 25 livros e ficam com esses 25 para ir rodando por todos. Mas a biblioteca é que tem todos os livros.	Bibliotecas na sala de aula - Sim, a biblioteca de turma. As salas não têm estantes, mas arranjam tipo uma prateleira, são feitas com os livros dos alunos, mais a professora de inglês os outros professores deixam para mim esse tipo de atividades.	Bibliotecas na sala de aula - Há um ou outro que tem uma biblioteca pequena. Professores... não sei...	
	Atividades de animação dos professores - Muito pouco, quando muito fazem um trabalho dentro da sala, porque a curricular trabalha muito dentro da sala e expõem no hall de acesso a essas salas e outras turmas têm oportunidade de ver, mas não é um trabalho muito visível.	Atividades de animação dos professores - Fazem mais dramatizações de livros que tenham lido e vamos mostrar, gostam muito de fazer. Entra eu e o professor da curricular e fazemos uma pequena dramatização. Tenho uma colega que ela própria faz a requisição dos livros para turma dela e depois os alunos têm de apresentar.	Atividades de animação dos professores – Normalmente, sou eu.	Atividades de animação – Palestras, ações de formação, exposições, programa de atividades da escola e neste momento, o conjunto geral de atividades dentro daquele tal projeto da Fundação Gulbenkian.
	Atividades da BE fora da escola - Há fora da escola algumas vezes, na biblioteca	Atividades da BE fora da escola - Fora da escola, fazemos as nossas festas aqui no salão	Atividades da BE fora da escola - Fora da escola são aqueles	Atividades de animação fora da BM – Fora, não conseguimos fazer muito, nós temos 3

	municipal. Recentemente não têm feito convites quando a Sônia estava no polo do Estreito (biblioteca) é que tínhamos muitos convites, agora é mais nós.	paroquial, levamos histórias, teatrinhos, declamação de poesia.	intercâmbios que vamos fazendo com os outros colegas. E também com outros colegas de outros concelhos. Aqui em câmara de Lobos somos 15 ou 16 escolas ou mais.	técnicos e temos 3 balcões. Eu é que às vezes me desloco aos outros polos da BM mas não a outras Bibliotecas. Não dá mesmo, não temos capacidade mesmo para trabalho fora.
	Práticas de animação dos professores - Não, por norma aqui na região, as turmas têm a biblioteca como extra curricular. Algumas escolas nas horas da curricular, ou seja nas cinco horas da curricular também têm 45 min, têm um bloco de biblioteca e aí é o técnico de biblioteca que vai às curriculares mas também se houver espaços físicos se houver.. porque é bastante difícil fazer os horários porque temos poucas salas e várias atividades também há a ida das turmas à biblioteca mas mais é mais na hora da extra curricular.	Práticas de animação dos professores - Com as turmas não, os professores vem muito a procura de material, os alunos vêm à biblioteca porque têm hora de biblioteca e hora de clube de leitura. O professor com o aluno, nem por isso, quando há a feira do livro, trazem os alunos para visitarem a feira, ver livros, mas de resto não.	Práticas de animação dos professores - Não há muita, não é habitual. Eles têm programas para cumprir, portanto, devem tratar a criação de texto de leitura mas mais curricular.	Projeto com outras instituições - O baú de leitura que nos temos agora com as BE e trabalhamos muito com o serviço social da camara. Gostava de trabalhar em conjunto com outras biblioteca mas infelizmente ainda se nota que cada uma faz as suas coisas, mas eu entendo se os recursos internos já são complicados quanto mais trabalhos externos, portanto compreendo essa separação. Atividades/publicidade – Fazemos sempre publicação mensalmente através de um panfleto, no site da camara também é divulgada o programa de atividades e por e-mail as vezes um pouco mais regular, porque quem faz o marketing sou eu, depende da carga de trabalho pelo menos semanalmente, tento

				sempre fazer uma divulgação por e-mail do que está a acontecer nessa semana na biblioteca. Portanto estamos a notar que as pessoas nos procuram BM é - temos feito pelo melhor e temos tido reconhecimento das atividades por parte de uma BP do funchal.
	Trabalham com todas as turmas, quanto tempo, quem, gostam - Sim, incluindo a pré, mas o pré-escolar é mais quando dedicamos 1h30m por turma na minha escola tinha 12 turmas ou seja 3 turmas por cada ano. Aceitam muito bem as atividades de biblioteca.	Trabalham com todas as turmas, quanto tempo, quem, gostam – Sim, com todas, menos com a pré, 1h30m com cada turma. Todas frequentam, mas mais os terceiros e quartos anos. É na hora do almoço, na hora de biblioteca aberta vêm cá. Os mais pequeninos gostam mais de ir lá para fora brincar, os maiores que já têm o vício da leitura gostam de vir cá. Os mais velhos são os mais motivados e apresentam mais gosto.	Trabalham com todas as turmas, quanto tempo, quem, gostam - Os mais pequeninos são os mais motivados a nível da assiduidade. Todas as turmas exceto a pré, cerca de 1h30m. Entretanto tenho outras atividades relacionadas com a área da biblioteca: o clube de teatro, já tive o clube de leitura. Todas frequentam.	Trabalham com públicos de que idades - Dos 0 aos 80/90. Com atividades sénior e agora temos a bebeteca. Trabalho com outras entidades não escolares – centros de dia, meninos em período não escolar, um ginásio de São Martinho. Distribuição da equipa - Temos os balcões, o espaço das crianças, o espaço dos adultos e o átrio e cada pessoa que está nesse balcão acaba por ter uma responsabilidade por esse espaço. Mudança de pessoal técnico – se for bom elemento é bom, senão é muito mau. Não há continuidade de trabalho porque vão embora.

				Equipa de animação afeta ao serviço/estagiários –Temos estagiários do fundo de desemprego, formados nas áreas de ciências da cultura e ciências da educação. Animadores especializados. Não.
	Reuniões/atas - Temos na escola reuniões administrativas, reuniões de grupo e nós técnicos também participámos, as atas são feitas na hora da reunião, portanto há 30 professores e é rotativa a realização destas por estes 30. Também temos reuniões fora da escola, continuamos as terças-feiras de quinze em quinze dias, porque à terça se reúnem todos os técnico de camara de lobos e nos outros 15 dias são os mini grupos onde fazemos discussão de projetos onde colocamos ideias, uma vez por semana. Todas as terças a tarde os técnicos superiores de biblioteca de toda a região tem a terça-feira a tarde no seu horário	Reuniões/atas - Como faço parte do concelho escolar eu vou à reunião do concelho escolar que é uma vez por mês e a ata é rotativa. Faço também reuniões com todos os técnicos do concelho, nós fazemos de quinze em quinze, é a reunião concelhia. E nas outras semanas fazemos reuniões de minigrupo, com o grupinho que a gente gosta mais de trabalhar, fazemos reunião, troca de material, elaboramos materiais novos, trocamos ideias que é muito importante e fazemos também reunião com todos os técnicos superiores da RAM toda que são as reuniões gerais, nós somos oitenta e essas reuniões são no início do ano ou no final do ano. Nós temos um representante, aliás dois e falam do que	Reuniões/atas - Nós realizamos reuniões todas as semanas, entre os meus colegas. Na altura que a Sónia arranhou na sala de sessões da BMCL... Temos reuniões de minigrupo de quinze em quinze dias e as concelhias também de quinze em quinze dias, portanto todas as semanas. Aqui na escola também temos reuniões de concelho escolar	Reuniões/atas – reunimos com a equipa mensalmente. Atas e notas pessoais.

	destinado para reunião, Temos mesmo no horário.	esperamos fazer no ano letivo, que aconselham fazer, que espera a secretaria de nós, no final do ano como correu o ano, se correu bem em todas as escolas.		
	Planos anuais – Sim, no início de cada ano letivo, tenho que apresentar um plano anual de atividades a desenvolver com todas as turmas. Esse plano deverá ser sempre que possível pertinente, os conteúdos que estão a ser desenvolvidos, os temas que estão a ser explorados. Eu faço o meu plano mas também peço o programa do primeiro ciclo.	Planos anuais - Eu faço a planificação e pergunto aos professores se querem incluir alguma obra em especial para ao longo do ano, eles dão as suas opiniões e quem faz sou eu.	Planos anuais - Sim, sou eu que os faço. Anuais e mensais. Temos o nosso plano mensal que está relacionado com algumas áreas curriculares.	Planos anuais – sim, fazemos. Com toda a equipa, o ano passado era mais eu. Depois é entregue à vereação. Atividades do plano anual - Nas fixas, temos o bibliotecário por um dia, agora temos uma nova atividade, alias acho que já estava na altura da Sónia, a sacola, 7 dias 7 histórias, agora temos a consola que vem jogar X box que é todos os dias, temos o ler mais no verão que agora alargamos o período de empréstimo, e depois as atividades temporárias que é a nível de palestras, exposições que vão variando, tivemos por causa da elevação do fado a património da humanidade, tivemos essa sessão de fados, a semana da arte e da cultura, e temos que ter uma programação muito mais especifica e muito mais geral e dinamizada, temos que programar essa semana, agora também estamos no

				projeto da Gulbenkian, no ano passado fizemos e talvez este ano fazemos a semana da juventude, portanto ter um espaço mais dedicado aos jovens. Nº de participantes por atividade – por média 30 a 49 pessoas. Atividades dirigidas à comunidade e fora desta – não só com o concelho de CL.
	Avaliação - Sim, fazemos no final de cada período, fazemos um relatório desse período. Entregamos à direção da escola e outro igual para a professora da curricular relativamente à sua turma.	Avaliação - Fazemos a avaliação das atividades no final. Também costumo fazer com os alunos o que gostaram mais de fazer.	Avaliação - Sim.	Avaliação - Existe mesmo uma ficha já a semelhança com o que a Sónia fazia e depois as pessoas dão a sua opinião. Internamente um relatório final do ano e todos os colegas tem que fazer um relatório final e até faz parte das avaliações de desempenho.
	Sugestões na BE – Não tenho ficha de sugestões..., mas já tive a caixinha das sugestões. Sim, são tidas em conta porque mesmo que eu não tenha essa caixinha de sugestões, ou essas folhinhas ou qualquer uma dessas coisas eu tenho em conta o que falha este ano para eu melhorar no próximo ano ou então aumentar a capacidade, o tempo de	Sugestões na BE - Por acaso, não existe mas é uma boa ideia, uma caixinha de sugestões e ideias... Costumo é falar com os professores.	Sugestões na BE - Sim. Ainda não temos caixinhas ou outro. Mas já tive um caderninho na outra escola. As sugestões são sempre tidas em conta mas também depende das ideias.	Sugestões na BM – Temos uma ficha de sugestões e é a vereação que decide tudo.

	exploração desse tema porque às vezes destinamos duas horas a um tema e quando chegamos ao fim, havia tanta coisa para desenvolver mais, tanta coisa para explorar, no próximo ano vou trabalhar este tema deverá ser 3 horas. A animação é um trabalho inacabado com principio mas sempre sem fim.			
	Relatório anual - Sou eu que faço o meu relatório relativo ao ano e entrego à direção da escola e também entrego à coordenação dos técnicos superiores de biblioteca. Quem participa na elaboração sou eu.	Relatório anual - Sou eu. Só eu participo, ninguém de fora é interno. Na nossa última reunião, toda agente a diretora pede para fazer um pequeno resumo do relatório para toda a gente ouvir.	Relatório anual - Eu.	Relatório anual - Não só da animação do serviço em geral, portanto é um relatório mais abrangente. Mas o relatório sou eu que faço. Quando as escolas vêm cá, podem deixar uma ou outra sugestão.
	Resultado/Balanço - Sim, sim foi positivo. Alcancei os objetivos propostos inicialmente. É preciso ter em conta que quando nós elaboramos o plano anual de atividades pomos lá sempre uma parte onde dizemos que sempre que se justifique e sempre que pertinente podemos alterar parte do plano. Recordo que este ano nós sabíamos que eramos candidatos para termos o fado	Resultado/Balanço - Não realizamos todas as atividades propostas. O plano existe mas às vezes não precisa de se seguir à risca. Nós temos a base, mas às vezes dependendo dos alunos que nós temos, temos que mudar alguma coisa, uma atividade que não estão a gostar e podemos alterar. Foi muito positivo e este ano também estamos no bom caminho.	Resultado/Balanço - Todas não, é difícil é flexível. O ano passado foi um ano de adaptação para mim, mas foi positivo. Mas a nível de alunos está inserido num meio muito complicado.	Resultado/Balanço - o ano passado foi mais positivo, tivemos mais atividades.

	como património imaterial mas não sabíamos se íamos conseguir, então nessa altura eu achei pertinente e alterei o plano. Foi positivo.			
	Dificuldades - Por ex. uma das grandes dificuldades que tenho é trabalhar as obras que eu quero, não quero trabalhar mais uma vez um conto tradicional e então procuro uma obra alternativa que até explora muito melhor o tema. E muitas vezes tenho que ir a livraria e comprar esse livro, é uma dificuldade. Sempre questões de dificuldade monetária.	Dificuldades - O espaço, a minha grande dificuldade é o espaço queria que está sala fosse só minha. Dinheiro, mas de facto a feira é uma grande ajuda para comprar materiais, livros... não estou a ver os outros obstáculos, os colegas não se opõem, pais não se opõem, tenho ótimos colegas, sempre estão prontos para ajudar e eu também ao contrário.	Dificuldades - Às vezes, tenho que me adaptar e trabalhar para o carnaval, o natal. E às vezes acontece quando um professor falta tenho sempre que me adaptar. Também consoante os gostos dos alunos, as vezes não estão assim muito inclinados para fazer uma atividade que eu planeei. E às vezes há que ter capacidade de me adaptar às situações e circunstâncias. E dificuldades financeira, muitas.	Dificuldades – na gestão de recursos humanos e questão financeira.
	Projeto Histórias de Passagem da mestranda - Sim foi bastante pertinente. Tirar os alunos da escola é sempre produtivo e mais produtivo se torna quando o projeto é bastante interessante e este projeto era de fato bastante interessante porque os alunos gostam muito de histórias, mas este	Projeto Histórias de Passagem da mestranda - Sem dúvida nenhuma, foi uma mais-valia para as escolas que participaram, viram-se integrados num projeto, os miúdos gostaram bastante, saiu lá para fora e muita gente viu o que se estava a passar e foi muito importante.	Projeto Histórias de Passagem da mestranda - Não acompanhei, era outra professora que estava nesta escola.	Projeto Histórias de Passagem da mestranda – não estava cá na altura.

	projeto não se tratava só de histórias tradicionais/contos tradicionais, tratava-se de outro tipo de contos e isso era uma mais-valia para eles e até para nós adultos. Isso para eles desenvolveu-lhes a partilha, as experiências, também ficaram a conhecer os acessos, os valores, os escritores, conheceram pessoas mais velhas entre aspas e a partilha foi bastante, a experiência foi bastante importante e depois claro a resposta deles quando vai ser a próxima vez seria no próximo mês, até que um dia tive que dizer não havia próxima vez. É claro que eles não gostaram disso. Quando eles gostam, gostam de repetir e ir muitas mais vezes. Eu levei dois alunos de 4.º ano à televisão. O Leonardo foi falar do projeto <i>Histórias de Passagem</i> e representou muito bem o projeto a escola e os alunos. Na RTP Madeira, acho que se chamava atlântida			
--	---	--	--	--

	não era a atlântida... agora é o Madeira Viva, a Bruna Melin e com a Sílvia salvo erro.			
	Trabalho na BM da mestranda como diretora - É assim o trabalho tem sido diferente porque eu há pouco dizia, os animadores têm o seu próprio trabalho e também têm as suas técnicas e suas metodologias que são diferentes porque fizeram uma formação diferente de um professor normal. Agora nós continuamos a ter atividades mas em pequeno número, porque claro que já não está uma pessoa com as capacidades e naquela área específica, agora torna-se um pouco mais difícil com menos qualidade, é normal. Foi muito pertinente o trabalho desenvolvido, a Sónia trabalhava com as escolas, tínhamos a nível de transporte, era uma mais-valia porque a Sónia quando nós convidava dizia, nós temos transporte, que é uma condicionante que as escolas têm é um problema	Trabalho na BM da mestranda como diretora - Foi pertinente, foi inovador, sempre que eu precisava de alguma coisa, alguma ideia, eu telefonava. Quando precisava, estava sempre disponível. Fizemos várias coisas em conjunto, fomos várias vezes à biblioteca onde a Sónia nos recebeu sempre muito bem, fez sempre atividades muito boas com os alunos, eu achei o trabalho excelente durante a altura da Sónia esteve lá em baixo eu adorei trabalhar com a BMCL, por acaso foi e eu estou a falar a sério.	Trabalho na BM da mestranda como diretora - Sim foi muito, para além de ser muito pertinente foi muito engraçado. Tentou sempre abranger todas as escolas. Acho que isso é que tenha faltado agora um bocadinho.	Trabalho na BM da mestranda como diretora - Claro que foi muito importante, porque era muito mais específico, e porque era uma pessoa que podia dar uma vivacidade e uma animação muito maior porque tinha as bases para o fazer. E depois criava-se as condições para tal, porque se era uma pessoa que estava a fazer só animação, tem muito mais capacidade para dar o seu máximo, agora nós aqui a fazer catalogação indexação a fazer a gestão de todo o funcionamento qualquer coisa fica para trás, obviamente.

	gravíssimo do concelho, alias em todos os concelhos da região é o transporte muitas vezes queremos nós participar nos projetos queremos desenvolvemos e existe sempre o ultimo degrau q é aquele que normalmente não se consegue atingir que é o do transporte. Então assim sendo não e pode participar nos projetos.			
	Atividades - Hora do conto, jogos de leitura, puzzles, estafetas literárias, entre outras. Cinema, tínhamos também sessões de cinema	Atividades - Gostei muito daquele projeto que era para aprender com o cinema, a Sónia trazia o livro, nós trabalhamos o livro e depois fizemos um trabalho de ilustração do livro em cartolinas, fizemos as várias etapas da história e levamos para a biblioteca acho que era para afixar na biblioteca e depois fomos lá ver em exposição. Gostei também de uma atividade que foi um encontro com escritores que foi lá em baixo na biblioteca. Esta primeira que referi foi no Estreito a segunda foi em Câmara de Lobos, adoreeei!! Ainda tenho fotografias dessas atividades.	Atividades - Foi a hora do conto, já não me lembro... Não conseguimos ir a todas, não era possível.	Atividades - Começamos logo com aquele projeto de verão que foi fantástico, criamos aqueles folhetos para divulgação, o clube os lobinhos que ainda continuamos, começou aí. As histórias, já não me lembro o nome, fazíamos uns ateliês de escrita com os meninos, portanto esse foi logo o grande começo, a biblioteca também abriu em maio, junho ainda foi uma altura de organização pois na época de verão foi o grande arranque e tivemos mesmo muitas meninos. Infelizmente em janeiro foi embora, mas sempre ate ao final a trabalhar com as escolas. E em setembro começava o ano

				letivo, e lá esta era a Sónia que falava com o Sr. Ilídio e que conseguia transporte semanalmente para fazermos atividades com as escolas, o que era fantástico. Mais-valia - a Sónia tinha mesmo um programa e as pessoas podiam escolher, havia um envio por fax para a listagem que tinha das escolas. Até me lembro de recebermos aqui inúmeros faxes e que depois para gerirmos aqui tudo em atas foi um bocado complicado. E depois cada escola tinha a autonomia de escolher a atividade que queria. Portanto, não era só visitas guiadas havia uma série e outras. Estatisticamente é muito bom, era uma forma de trazer mais públicos à biblioteca e dá-la a conhecer. Exemplo positivo/importância da animação – sim claro. Continuidade – sim todas, nos moldes da Sónia e surgiram outras.
IV. Caracterização de práticas	Cooperação - Sim, nós ultimamente	Cooperação - Nós trabalhávamos com bibliotecas de cá do	Cooperação - Sim nós... já tinha dito	Cooperação - Com biblioteca municipais como já

de cooperação entre bibliotecas e a comunidade local	temos desenvolvido atividades com outras escolas. Lembro-me por exemplo um projeto que desenvolvemos nas escolas do concelho, nas catorze escolas que era estafetas literárias, também já desenvolvemos contos, já fizemos uma obra o ano passado que foi editada, uma obra que se chamava pequenos leitores grandes escritores que cada concelho tinha a seu cargo a elaboração a seu cargo de contos e cada escola tinha uma parte do conto. Ah... E esse conto era feito a partir de uma lenda do concelho, o meu grupo a lenda de Bandemoiro e a partir dessa lenda nós contávamos aos alunos e construíamos uma história, depois foi editado o livro. Foi o projeto anual de todos os técnicos superiores da região.	concelho como com outras de fora do concelho, Santa Cruz, etc. aquele pequeno projeto do aeroporto, etc. como já havia respondido.	anteriormente trabalho em conjunto, para além de técnica da BE, sou coordenadora do concelho de CL e nós fazemos atividades em conjunto, faço outros projetos com os meus colegas e também não só juntamos com outros colegas do concelho os mini grupos e nomeadamente, que é que fizemos, nós fizemos um projeto histórias com chapéu no natal, que era nós fazíamos uma história e oferecemos a outra escola. E agora estamos a fazer um de fábulas, este é a nível concelhio, nós vamos a uma escola contar uma fábula aos alunos e eles vêm cá, é um projeto a nível de baú de leitura concelhio.	disse não e gostaria de o fazer, com as bibliotecas escolares de aqui do concelho é com o baú de leitura e não é propriamente uma parceria, é com os centros de dia, eles é que vêm cá a biblioteca.
	Pertinência da Cooperação BM e BE - Sim é bastante porque a BM quem está lá. Na área de animação precisa dos seus clientes que são os alunos,	Pertinência da Cooperação BM e BE - É assim, nós nunca conseguimos ir, há muita gente que consegue, nós nunca conseguimos transporte. É verdade quando a	Pertinência da Cooperação BM e BE - Sim...	

	são as crianças e as crianças como têm uma carga horária bastante pesada para alguém que esteja a desenvolver um trabalho num município, na biblioteca do município trazer os alunos. Por isso, o município precisa muito das escolas e as escolas também para poderem sair, para poderem desenvolver atividades diferentes também precisam muito dessa colaboração do município. É um trabalho de parceria onde em que uns precisam dos outros.	Sónia lá estava lá em baixo dizia: não se preocupe com o transporte nós temos transporte.		
	Tipo de Cooperação BM e BE - Existe Muito pouca...	Tipo de Cooperação BM e BE - À BM, não conseguimos ir lá quando têm animação. Nos horários que eles pedem, nós não conseguimos ir lá e nunca há transporte, é um desencontro. Para dizer a verdade, desde que a Sónia foi embora, não temos feito. Nós temos feito parcerias é com outras bibliotecas escolares.	Tipo de Cooperação BM e BE - A BM neste momento está a participar no projeto baú, existe um baú de temático. É um baú da biblioteca e vai rodando para as escolas.	Tipo de Cooperação entre BM e BE – Só o baú.
	Tipo de Cooperação com outras Bibliotecas - Sim com o arquivo regional da Madeira. Também	Tipo de Cooperação com outras Bibliotecas - Vou-me embora (risos) não...com outras BE.	Tipo de Cooperação com outras Bibliotecas – Não.	Tipo de Cooperação com outras bibliotecas – Não.

	tem algumas atividades, mas o problema é sempre o mesmo, o transporte.			
	Dificuldades da cooperação - O transporte, só se conseguirmos levar a pé aí conseguimos desenvolver. O leque de atividades a oferecer depende sempre das pessoas que estão lá, como já disse quando estava a Sónia havia um maior leque de atividades agora há um menos leque de atividades. Mas também temos que ter em que também a nível de transporte tudo piorou e claro que isto tudo é uma bola de neve.	Dificuldades da cooperação - Não há dificuldades nós entendemos muito bem, quando é para nós encontrarmos para fazermos alguma coisa é às mil maravilhas, nós trabalhamos sempre muito bem.	Dificuldades da cooperação - Para além das monetárias, o transporte, está cada vez mais difícil de conseguir.	Dificuldades da cooperação – recursos humanos.
	Promoção da cooperação - Haver muito diálogo, reuniões para discutirmos, para lançarmos desafios para apercebermo-nos das carências de cada escola, porque cada escola tem o seu meio tem as suas dificuldades e têm diferentes objetivos e comunicação seria uma mais-valia porque assim poderíamos trabalhar todos em maior união	Promoção da cooperação - A BM poderia promover atividades como antes promovia. Gostava que desenvolvessem mais atividades. Os alunos já têm as suas atividades então a BM têm de nós informar o que têm. Agora há uma coisa que fazem bem, enviam para o meu e-mail e devem enviar para os colegas também, semanalmente por e-mail o que fazem semanalmente, isso já é bom, mas	Promoção da cooperação - Haver dinheiro. Acho que tudo passa pela falta de verbas, recursos.	Solução da dificuldade da cooperação – Mais dinheiro.

	sempre em prol do sucesso dos alunos.	antigamente convidavam e havia mais cooperação convidavam mesmo, e diziam que havia autocarro. Eu acho que havia a sexta-feira autocarro disponível todo o dia para as escolas. Eu na altura eu aproveitei muito o autocarro da sexta-feira que eu sabia as horas que havia autocarro e eles gostavam era uma coisa diferente. Levava sempre uma turma diferente para que todos fossem e sentia que na altura havia mais cooperação. Eu por acaso gostava e motivava os meus alunos para eles gostarem, que havia um cartão de biblioteca como há aqui, e eles perguntavam se podiam fazer o cartão e posso levar para casa? Por acaso eles gostavam muito de ir e eu também.		
	Instituições a cooperar - A Câmara Municipal é sempre uma instituição que vale a pena.	Instituições a cooperar - Com a BM sem dúvida, com o Centro de Dia que vou iniciar aquele tal projeto, com BE e mais...	Instituições a cooperar - As casas do povo, juntas de freguesia, BM e outras BP.	Mais sentido cooperar - Com as bibliotecas municipais, podíamos fazer tantas coisas engraçadas, os técnicos de animação podiam partilhar as atividades que fazem, por exemplo as bibliotecas virem cá mostrar o que fazem e nós irmos lá mostrar também. Podia haver tanta

				coisa...
V. Opiniões/sugestões	Sugestões/comentários à investigação – Funções futuras do professor bibliotecário/animador- É muito importante. Devíamos estar cada vez mais juntos: cooperar, juntar, unir, desenvolver. Tudo em prol dos alunos e tudo em prol do sucesso da animação porque um professor é um professor, um animador é um animador. Trabalhamos todos para o sucesso dos alunos mas através de um trabalho bastante diferente e se a escola tem um animador e a câmara também tem um animador, excelente é uma relação perfeita. Esta dissertação poderá iluminar as mentes, agora é preciso que este trabalho seja escrito mas é preciso haver do outro lado boa vontade, haver um leitor mas um leitor atento, não é uma pessoa, ah é interessante e vou ler na oblíqua, não a animação é um trabalho bastante e sério e acho que este trabalho final deve ser lido com muito atenção e	Sugestões/comentários à investigação – Funções futuras do professor bibliotecário - O tema é sugestivo, faz todo o sentido: práticas de animação do livro e da biblioteca numa perspectiva de cooperação entre bibliotecas escolares e municipais. Uma biblioteca fechada não se aprende nada, não trás nada de novo aos alunos, os alunos ficam mais empenhados quando sabem que é para mostrar algo para fora, quando vão conhecer outros alunos, vão conhecer outro local, outras pessoas. Acho muito pertinente e acho bem que se faça isto nas escolas, fundamentalmente nas várias da região. No futuro espero continuar nesta área, gosto muito. Os bibliotecários de óculos de garrafa. Gosto muito desta área porque antigamente era um espaço, era uma biblioteca era um espaço onde não se podia fazer barulho, era uma área com um espaço fechado, um espaço onde não se transmitia nada lá para fora o saber estava todo cá dentro. Hoje eme	Sugestões/comentários à investigação – Funções futuras do professor bibliotecário - Acho que faz muito bem que se estude que se explore, seria bom, um país (risos) imitar outro país como Espanha não sei se já ouviu falar, nas palavras andarilhas (é em Évora). Mas não tem acontecido por causa das verbas, faziam muitas atividades, e vinham muitos escritores. Deviam fazer intercâmbios, tentar promover a animação em outros países, o tipo de atividades que realizam, que promovem, fazem muita coisa. Digo Espanha porque se for pesquisar... Como técnica bibliotecária é muito muito importante. Espero no futuro que a crise passe, estamos a perder muitas coisas por causa das verbas. Há muitas dificuldades e os alunos são os que sentem mais, as crianças são as que sentem mais,	Sugestões/comentários à investigação – Funções futuras do bibliotecário – Considero que a temática levantada pela presente investigação é deveras atual, pois a cooperação entre instituições é fundamental em tempos de crise. Para mais, entre bibliotecas públicas e escolares, que têm a mesma missão. Os profissionais têm que deixar de se fechar nos seus mundos (professores-bibliotecários para um lado e bibliotecários para outro) e trabalhar em prol da comunidade, criando raízes para que esta se torne mais sólida, crítica, informada e interventiva. Aliás, não entendo a existência das duas carreiras, todos somos profissionais da informação, educação e do conhecimento. Para além disso, há toda uma vertente social que acredito ser o futuro/rumo da nossa profissão. Sugiro, pois, que a investigação reflita sobre esta questão. A esse nível não tenho muitos conhecimentos, porque bibliotecas

	muito respeito porque a animação é uma área que não começou assim há muito tempo mas é uma área que tem um longo caminho pela frente. É como se dizia há pouco se começou mas não se consegue acabar. É como uma biblioteca, se me perguntarem a biblioteca está organizada? A resposta deverá ser uma biblioteca nunca está organizada, está organizada mas não plenamente porque é um trabalho que está sempre a desenvolver é um trabalho muito minucioso e que demora muito tempo, demoroso e que merece todo o respeito e dedicação porque não se tem uma biblioteca completamente arrumada, organizada. Ela pode estar arrumada mas não está organizada. E isso cabe ao técnico ou ao animador que são pessoas com essas habilitações, destinadas a fazer esse tipo de trabalho. Eu acho que cada vez mais o nosso papel está cada vez mais a	dia, é tudo completamente diferente, as atividades que nós fazemos aqui não são pacatas, são atividades onde eles podem fazer barulho, podem falar, podem rir, podem desenvolver o seu gosto pela leitura, falar alto, partilhar ideias com os outros e com outras escolas. Tento sempre todos os anos desenvolver algo com outras escolas, com outras instituições, acho isso muito muito importante. Espero continuar nesta área que eu adoro esta área, gosto muito do trabalho que desenvolvo nas escolas, gosto de sentir que os alunos gostam do meu trabalho. Sinto-me realizada, por assim dizer, é isso. Sinto-me realizada nesta área, portanto sinto-me bem.	são as que tem menos culpa mas têm farta desse apoio. É assim, não só fazemos tudo o que está ao nosso alcance mas se não tem apoio e acompanhamento em casa é muito complicado, é muito complicado. E faz muito bem (o seu estudo).	escolares lá está é o tal ambiente formativo o das escola, é um bocadinho... os bibliotecários hoje em dia têm que fazer tudo, antes a biblioteca tinha uma tarefa, como hei de dizer, muito mais concentrada no papel nos livros muito mais seria, não mais seria, é séria é uma profissão seria mas ser um bocadinho mais chata entre aspas, naturalmente não é uma atividade muito dinâmica e as pessoas não compreendem isso. Se a biblioteca não for dinâmica as pessoas nem querem cá aparecer quando se diz que uma pessoa é bibliotecária ihhhh... mas que seca de profissão, nem sabem o que é que a gente faz, o que é que andamos aqui a correr a mil, fazemos muito.
--	--	--	---	---

	ser bem aceite pela escola, em primeiro lugar pela escola porque há dez anos atrás, há doze anos atrás quando os meus colegas chegaram à escola eramos entre aspas mal visto porque eramos interpretados como palhaços, passo a expressão. Porque animávamos alguém, nós somos animadores mas não estamos aqui para divertir as pessoas estamos aqui para pegar num livro e fazer de conta que ele tem pernas e asas porque é assim estamos no mundo da magia. É claro que, a pouco e pouco, a gente vê a área da animação melhorar, ser mais respeitada mas é um longo caminho e durará ainda mais uma duas ou quem sabe três décadas, que é um problema de mentalidade também. No futuro, espero continuar a ter dificuldades porque só assim é que posso evoluir no meu trabalho, não espero em cada ano que seja mais fácil quero que seja um pouco mais difícil porque			
--	--	--	--	--

	só assim poderei evoluir, porque apesar de eu estar com nove anos completos nesta área, às vezes sinto-me uma completa ignorante, mas não me importo, porque gosto de ser como o Sócrates, longe de me comparar a ele, só sei que nada sei e acho que na área da animação eu sei muito pouco e há muito para se explorar, para se aprender e sobretudo para se oferecer aos outros. Que o mais difícil porque se eu não tenho também não posso dar e então tenho de me formar, tenho de ter interesse, tenho de ter motivação de que esta é uma área muito ampla muito diversificada e só assim poderei oferecer a alguém neste caso aos alunos do primeiro ciclo.			
--	---	--	--	--